



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Kamilla Oliveira do Amaral

Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-STE} na página Tal Qual
Dublagens

Florianópolis
2020

Kamilla Oliveira do Amaral

Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-STE} na página Tal Qual
Dublagens

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de Mestre em
Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski

Coorientadora: Profa. Dra. Carla Regina Martins Valle

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Amaral, Kamilla Oliveira do
Emergência de usos, variação e identidade : o caso de {
STE} na página Tal Qual Dublagens / Kamilla Oliveira do
Amaral ; orientadora, Edair Maria Görski, coorientadora,
Carla Regina Martins Valle, 2020.
255 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Sociolinguística Variacionista. 3.
Gramaticalização. 4. Identidade. I. Görski, Edair Maria. II.
Valle, Carla Regina Martins . III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV.
Título.

Kamilla Oliveira do Amaral

Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-STE} na página Tal Qual
Dublagens

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Daniel do Nascimento e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Dr.(a) Maria Alice Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes
Universidade de São Paulo

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Linguística.

Prof. Dr. Atílio Butturi Junior
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Dr.(a) Edair Maria Görski
Orientador(a)

Florianópolis, 2020

À minha mãe, Francilene Chagas de Oliveira,
que é o amor da minha vida, que é minha alma gêmea,
que sonha todos os meus sonhos comigo e que me
conduziu até aqui.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

À querida Edair Maria Görski, que me orientou nessa jornada tão importante na minha vida. A essa mulher incrível que tanto me ensinou sobre profissionalismo, comprometimento, ética e amor, minha gratidão eterna.

À Carla Regina Martins Valle, que me coorientou e me inspirou com sua humanidade, sensibilidade, intensidade e competência.

Ao professor Daniel do Nascimento e Silva, que me acompanhou durante o estágio docência e que sempre confiou no meu trabalho.

Aos professores Daniel do Nascimento e Silva e Raquel K.O Freitag, pela leitura do projeto de dissertação e pelas valiosas contribuições.

Aos professores Daniel do Nascimento e Silva, Maria Alice Tavares e Ronald Beline Mendes, por gentilmente aceitarem participar da banca de defesa da dissertação.

À família VARSUL, que me acolheu da melhor forma e que eu tenho muito orgulho e gratidão de fazer parte.

Às amigas Vanessa Grando, Ana Beatriz Ribeiro, Helena Gouveia, Juliana Flores, Cecília Augusta, Érica Marciano, Ana Elisa, Heliene Arantes e Narjara Reis, pelo apoio, amizade, conselhos e parceria.

Aos meus amigos de longa data Pâmela, Gabriel, Raphael, Gisele, Ana Caroline, Valeska, Yara, Emely, Joanderson, Rodrigo, Àdria e Maique, que, mesmo de longe, me inspiram a ser melhor e que sonham meus sonhos junto comigo.

Aos meus avós Raimunda e Francisco, que acreditam em mim e me guiam sempre, mesmo que seja lá do outro plano.

Aos meus tios, Francisco e Ileana, pelo apoio, carinho, zelo e amor. Minha eterna gratidão por estarem comigo nessa jornada, vocês são meus pais do coração.

À minha irmã do coração, Ana Beatriz Albuquerque, por quem eu agradeço simplesmente por existir e mesmo tão nova me inspirar tanto.

Aos meus familiares, minha bisavó, meu pai, minha irmã, minha sobrinha, meus primos, primas, tios, e aos meus amigos e vizinhos, por torcerem por mim.

A todos os meus professores da UFSC e da UEA, por resistirem e lutarem pela educação e pela ciência.

Aos 21 sujeitos que aceitaram fazer parte desta pesquisa.

À CAPES, pelo suporte financeiro.

A todas os elementos do universo, que me trouxeram até aqui.

RESUMO

Esta dissertação trata da emergência e expansão de novos usos do item {-STE} – interpretados como um caso de gramaticalização – e sua realização variável na página Tal Qual Dublagens, constituída por um grupo formado pela “títia Tal Qual” e seus seguidores e entendida como uma Comunidade de Práticas (CP) (ECKERT, 2006), na linha do que se tem chamado como Etnografia Virtual (HINE, 2000). Foi realizada uma análise em perspectiva sincrônica a partir da proposta de Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017) a respeito de uma interface variação-gramaticalização, situando o fenômeno num domínio funcional-simbólico, que envolve aspectos de ordem gramatical/funcional e de ordem social. Da abordagem variacionista, foi acionada a perspectiva dos estudos de terceira onda (ECKERT, 2006, 2008, 2012, 2016; SCHILLING, 2013, KIESLING, 2013, entre outros). Já da gramaticalização, foram considerados os princípios de Hopper (1991), os parâmetros de Heine e Kuteva (2007) e, sobretudo, a abordagem de Traugott (1999 [2003], 2002, 2008, 2010a, 2010b). A análise se deu a partir de uma amostra principal, que conta com 1.049 dados gerados de *posts* e comentários da página Tal Qual Dublagens no Instragram; e uma amostra complementar, que consiste em um conjunto de perguntas, e respectivas respostas, aplicado via Formulários Google a 21 sujeitos, podendo ou não ser seguidores da referida página. A partir dos dados da amostra principal, verificou-se que (i) {-STE} se realiza através de treze diferentes formas com alterações morfofonéticas e possui nove novas configurações gramaticais (ou tipos de uso), que emergem a partir de sucessivas e gradativas quebras de restrição de traços que caracterizam o uso canônico do item; (ii) essas configurações estão vinculadas a quatro diferentes bases contextuais a que {-STE} pode se agregar (base verbal canônica; base verbal não canônica; base não verbal; e palavras de origem estrangeira); (iii) o referido item assume duas outras categorias morfológicas além de sufixo flexional (DNP standard), nomeadas como espécie de clítico e espécie de sufixo derivacional; (iv) {-STE} exerce concomitantemente duas funções: função comunicativa (referência ao interlocutor) e função socialmente simbólica (expressão de identidade), entretanto quanto mais inovadora é a base contextual mais proeminente se torna a função socialmente simbólica; (v) a função socialmente simbólica é composta por três camadas de significado socioidentitário, os quais indexalizam: identidade macrossociológica, identidade regional e identidade gay; (vi) esses significados, associados ao de referência ao interlocutor, constituem um significado mais amplo – denominado *identidade de grupo social* –, que é indexalizado pelas treze formas de realização de {-STE}, sendo *-rtes* a forma mais saliente, uma vez que carrega mais traços socioidentitários; e (vii) *-stes* é a forma mais frequente da amostra, possivelmente devido ao fato de que o uso de {-STE} ainda está fortemente associado a formas menos inovadoras e que remetem mais diretamente à variante standard (*-ste*). Além disso, os dados da amostra complementar sugerem, de um modo geral, que os significados indexalizados por {-STE} estão acima do nível de consciência dos sujeitos testados; no caso daqueles que se afiliam à comunidade Tal Qual Dublagens, {-STE} adquire valor positivo, independentemente de ser usado em contexto canônico ou em contextos mais inovadores, uma vez que esse item expressa tanto uma identidade coletiva (relativa à comunidade), quanto traços mais individuais (específicos de alguns sujeitos). Conclui-se que motivações socialmente simbólicas estão fortemente correlacionadas à disseminação desse uso de {-STE} na comunidade, o que conduz o referido item a uma maior expansão contextual e a uma maior variabilidade de formas.

Palavras-chave: Emergência e expansão de uso. Variação. Significado socioidentitário.

ABSTRACT

This dissertation deals with the emergence and expansion of new uses of the item {-STE} – interpreted as a case of grammaticalization – and its variable realization in the page Tal Qual Dublagens, constituted by a group formed by "titia Tal Qual" and its followers and understood as a Community of Practice (CP) (ECKERT, 2006), in line with what has been called Virtual Ethnography (HINE, 2000). A synchronic perspective analysis was carried out from the proposal of Tavares and Görski (2015) and Görski and Tavares (2017) regarding a variation-grammaticalization interface, placing the phenomenon in a functional-symbolic domain, which involves grammatical/functional and social aspects. The perspective of the third wave studies (ECKERT, 2006, 2008, 2012, 2016; SCHILLING, 2013, KIESLING, 2013, among others) was activated from the variationist approach. As for grammaticalization, the principles of Hopper (1991), the parameters of Heine and Kuteva (2007) and, above all, the Traugott approach (1999 [2003], 2002, 2008, 2010a, 2010b) were considered. The analysis was based on a main sample, which includes 1,049 data generated from posts and comments on the Tal Qual Dublagens page in Instagram; and a complementary sample, which consists of a set of questions, and their answers, applied via Google Forms to 21 subjects, who may or may not be followers of that page. From the data of the main sample, it was verified that (i) {-STE} is carried out through thirteen different forms with morphological alterations and has nine new grammatical configurations (or types of use), which emerge from successive and gradual breaks in the restriction of traces that characterize the canonical use of the item; (ii) these configurations are linked to four different contextual bases to which {-STE} can be added (canonical verbal base; non canonical verbal base; non-verbal base; and words of foreign origin); (iii) this item assumes two other morphological categories in addition to the flexion suffix (DNP standard), named as a kind of clitic and a kind of derivative suffix; (iv) {-STE} simultaneously performs two functions: communicative function (reference to the interlocutor) and socially symbolic function (expression of identity), however the more innovative the contextual basis, the more prominent the socially symbolic function becomes; (v) the socially symbolic function is composed of three layers of socio-identitarian meaning, which they index: (vi) these meanings, associated with that of reference to the interlocutor, constitute a broader meaning - called expression of social group identity - which is indexicalized by the thirteen forms of realization of {-STE}, being *-rtes* the most prominent form, since it carries more socio-identitarian traits; and (vii) *-stes* are the most frequent form of the sample, possibly due to the fact that the use of {-STE} is still strongly associated with less innovative forms that refer more directly to the standard variant (-ste). Moreover, the data from the complementary sample suggest, in general, that the meanings indexed by {-STE} are above the level of consciousness of the subjects tested; in the case of those who are affiliated to the community Tal Qual Dublagens, {-STE} acquires positive value, regardless of being used in a canonical context or in more innovative contexts, since this item expresses both a collective identity (relative to the community) and more individual traits (specific to some subjects). It is concluded that socially symbolic motivations are strongly correlated to the dissemination of this use of {-STE} in the community, which leads the item to greater contextual expansion and greater variability of forms.

Keywords: Emergence and expansion of use. Variation. Socio-identitarian meaning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representações de {-STE}	21
Figura 2 – Logo da Tal Qual Dublagens	22
Figura 3 – Distribuição dos subsistemas dos pronomes de segunda pessoa no PB.....	29
Figura 4 – Escalas de traços de personalidade	33
Figura 5 – Campo indexical da hiperarticulação de /t/ no inglês	53
Figura 6 – Modelo metafórico-metonímico de GR	80
Figura 7 – PrintScreen do feed da página.....	106
Figura 8 – Procedimento de coleta de dados	110
Figura 9 – Post da página Tal Qual Dublagens	127
Figura 10 – Perfil dos sujeitos (amostra complementar	131
Figura 11 – Trajetória de expansão da configuração gramatical de uso de {-STE}	149
Figura 12 – Publicação na página de Leona Vingativa no Facebook.....	175
Figura 13 – Domínio funcional-simbólico de {-STE}	196
Figura 14 – Trajetória de expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica de {-STE}	222
Figura 15 – Valores atribuídos a características de quem usa {-STE}.....	231
Figura 16 – Nuvem de palavras associadas ao uso de {-STE}.....	232

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados ilustrativos das bases contextuais a que {-STE} se agrega	20
Quadro 2 – Itens lexicais do Bajubá/Pajubá.....	38
Quadro 3 – Sistematização das motivações semântico-pragmáticas na GR	84
Quadro 4 – Grupos de Fatores.....	124
Quadro 5 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 0	135
Quadro 6 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 1	136
Quadro 7 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 2	137
Quadro 8 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 3	138
Quadro 9 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 4	139
Quadro 10 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 5	140
Quadro 11 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO β	141
Quadro 12 – Valores dos traços gramaticais do TIPO Υ	142
Quadro 13 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 6	143
Quadro 14 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 7	144
Quadro 15 – TIPOS de uso e categorias morfológicas de {-STE}.....	146
Quadro 16 – Significados indexicalizados por {-STE} e seus traços constitutivos.....	197
Quadro 17 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 0	199
Quadro 18 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 1	202
Quadro 19 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 2	205
Quadro 20 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO β	207
Quadro 21 – Valores dos traços gramaticais de {-STE} nos TIPOS 3, 4, 5, 6 e Υ	208
Quadro 22 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 3	210
Quadro 23 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 4	212
Quadro 24 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 5	213
Quadro 25 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 6	215
Quadro 26 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência da expressão de identidade de grupo social no TIPO Υ	217
Quadro 27 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e grau de saliência da expressão de identidade de grupo social no TIPO 7	220

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência de {-STE} em relação aos contextos de base/TIPOS de uso.....	152
Tabela 2 – Correlação entre tipos de base e TIPOS de uso.....	155
Tabela 3 – Correlação entre pessoa do discurso e TIPOS de uso.....	157
Tabela 4 – Correlação entre tempo e modo da base verbal e TIPOS de uso.....	161
Tabela 5 – Correlação entre categoria morfológica de {-STE} e TIPOS de uso.....	163
Tabela 6 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação às ocorrências gerais.....	166
Tabela 7 – Distribuição das macroformas de {-STE} em relação às bases contextuais.....	168
Tabela 8 – Distribuição das formas de realização de <-ste> em relação às bases contextuais.....	169
Tabela 9 – Distribuição das formas de realização de <-rte> em relação às bases contextuais.....	169
Tabela 10 – Distribuição das macroformas de {-STE} e TIPOS de uso.....	170
Tabela 11 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e os tipos de base.....	172
Tabela 12 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e a classe gramatical da base não verbal.....	174
Tabela 13 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e a pessoa do discurso.....	176
Tabela 14 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e o e tempo e modo da base verbal.....	178
Tabela 15 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e a categoria morfológica.....	179
Tabela 16 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e o item lexical.....	181
Tabela 17 – Correlação entre macroformas de {-STE} e origem do dado.....	182
Tabela 18 – Correlação entre macroformas de {-STE} e gatilho.....	183
Tabela 19 – Correlação entre macroformas {-STE} e conteúdo do post.....	185
Tabela 20 – Correlação entre macroformas de {-STE} e natureza do comentário.....	186
Tabela 21 – Correlação entre macroformas de {-STE} e data de publicação.....	188
Tabela 22 – Distribuição das formas de realização no TIPO 0.....	198
Tabela 23 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 1.....	202
Tabela 24 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 2.....	204
Tabela 25 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO β	206
Tabela 26 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 3.....	210
Tabela 27 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 4.....	211
Tabela 28 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 5.....	213
Tabela 29 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 6.....	214
Tabela 30 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO \forall	217
Tabela 31 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 7.....	219

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	18
2.1	DETALHAMENTO DO OBJETO.....	18
2.2	O <i>LOCUS</i> DA PESQUISA.....	22
2.3	ESTUDOS SOBRE A VARIEDADE MANAUARA.....	24
2.3.1	A realização variável das fricativas.....	25
2.3.2	Uso dos pronomes de segunda pessoa	29
2.3.3	Léxico Regional.....	31
2.4	ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM GAY.....	32
2.4.1	Traços fonéticos-fonológicos: intervalo e variabilidade de pitch, duração de sibilantes e de vogais orais tônicas, e produção dos formantes	32
2.4.2	Diminutivo	35
2.4.3	Superlativo sintético: o uso dos sufixos –íssimo, –ésimo e –érimo	35
2.4.4	Bajubá/Pajubá: o dialeto gay.....	37
2.5	OBJETIVO, QUESTÃO E HIPÓTESE CENTRAL.....	39
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	42
3.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	42
3.1.1	As ondas da sociolinguística variacionista.....	43
3.1.2	A terceira onda: o foco na prática estilística	46
3.1.3	Indexicalidade	48
3.1.4	Identidade.....	54
3.1.5	Discutindo aspectos constitutivos da CP	62
3.2	GRAMATICALIZAÇÃO.....	65
3.2.1	Definição	65
3.2.2	Princípios e parâmetros da gramaticalização	72
3.2.3	Motivações semântico-pragmáticas na GR	76
3.2.4	Discutindo outras questões na GR	85
3.3	VARIAÇÃO-GRAMATICALIZAÇÃO: AMPLIANDO A PERSPECTIVA DA INTERFACE	88
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	97
4.1	METODOLOGIAS PARA A PESQUISA NO TERRITÓRIO ON-LINE.....	97
4.1.1	Sites de Redes Sociais	97
4.1.2	A Etnografia e a pesquisa no ambiente virtual.....	100
4.2	DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE	105
4.2.1	A dinâmica e o perfil da comunidade	105
4.3	A COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA.....	109

4.4	OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES: DESDOBRAMENTOS.....	111
4.5	DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DE ANÁLISE	116
4.5.1	Primeira etapa de análise.....	116
4.5.2	Segunda etapa de análise.....	122
4.5.3	Terceira etapa	129
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	133
5.1	Emergência e expansão de novos usos de {-STE}: motivações gramaticais	133
5.1.1	Um olhar qualitativo	133
5.1.2	Um olhar quantitativo	150
5.2	O uso variável de {-STE}	166
5.3	Expansão e variação: motivações semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas.....	190
5.3.1	Base verbal canônica	198
5.3.2	Base verbal não canônica	201
5.3.3	Base não verbal	219
5.3.4	Amarrando as pontas	221
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	234

1 INTRODUÇÃO

A emergência de usos inovadores na gramática de uma comunidade pode ser desencadeada a partir de inovações de um único indivíduo em determinados contextos. Em situações dialogais, por exemplo, acredita-se que a atuação de pressões comunicativas e socialmente simbólicas (de natureza identitária e ideológica) pode conduzir essa inovação a um uso mais recorrente entre uma maior quantidade de sujeitos. Quanto mais a inovação linguística é propagada, esses novos usos passam a poder ser utilizados em mais e mais contextos além de seu contexto (morfofossintático e pragmático) prototípico, o que parece apontar para a ocorrência de um processo gradual de mudança, denominado gramaticalização (GR).

Como GR produz variabilidade na gramática (TAGLIAMONTE, 2003), acredita-se que estudos que se desenvolvem a partir de um duplo interesse nesses dois processos (gramaticalização e variação) podem trazer importantes contribuições para as pesquisas sobre variação e mudança linguística. Tendo isso em vista, esta dissertação pretende discutir sobre o caso do item {-STE} na página Tal Qual Dublagens, o qual envolve processo de emergência e expansão de novos usos do referido item – que interpretamos como um caso de GR em perspectiva sincrônica – e de variação, como evidenciam as ocorrências a seguir¹.

- (1) *Mana, tu arrasaste*
- (2) *Farrétempo que queria vestes e arrasastes*
- (3) *botartes a cara no sol mesmo né cachorra leprosentá? Lindo!*
- (4) *Ela menstruastexxx [...] kkkkkkk*
- (5) *Eu já compreistes o meu fuleira!!!! [...] ... Traaaaahhhh*
- (6) *[...] tô com ódio, vou esculhambartes![...]*
- (7) *piseistes no bodortes pelo amor de deustis [...]*
- (8) *Cadeeestes demoniia!?!? [...]*
- (9) *[...] hazourtess. O sonho dela devia ser dançarinartes da Joelmartes*
- (10) *Okeste bb*
- (11) *Manaa acho que tey boystes já terminou o serviço! [...]*

¹ Dados extraídos da página Tal Qual Dublagens, conforme detalhado adiante.

(12) *Enquanto a nova temporada não começa, vamos lembrar a @anapaularenault enkaralhando no BBBêrtes . Vamos marcá-la pra ela ver???*

Para oferecer maiores informações a respeito do que se trata esta pesquisa, no próximo capítulo, apresentamos uma contextualização mais detalhada sobre o fenômeno, sobre o *locus* e sobre alguns outros pontos que acreditamos estarem relacionados com o objeto. Ao final, retomamos o objetivo geral do estudo e apresentamos a questão e a hipótese central da pesquisa.

Além do Capítulo 1, que é este, e do Capítulo 2, mencionado acima, esta dissertação conta ainda com mais quatro capítulos (além de Referências e Apêndice).

O Capítulo 3 contempla o aporte teórico que embasa esta investigação. Ele está dividido em três seções descritas a seguir. A primeira corresponde aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; SCHILLING, 2013; ECKERT, 2005, 2012), em que abordamos as chamadas ondas da Sociolinguística Variacionista, com foco na perspectiva de terceira onda à qual esta pesquisa está alinhada e de onde emergem discussões sobre estilo e identidade e conceitos correlacionados, como indexicalidade, ordem indexical, *stance*, construção de *personae* e comunidade de práticas (ECKERT, 2006, 2008, 2012, 2016; IRVINE, 2001; JAFFE 2009; KIESLING, 2013; SILVERSTEIN, 2003, 2009).

A segunda seção desse capítulo corresponde aos pressupostos da Teoria da Gramaticalização, acionados para lidar com o processo de expansão de contextos de uso pelo qual acreditamos que o item {-STE} esteja passando. Essa seção conta com uma breve discussão sobre as duas principais abordagens teóricas sobre Gramaticalização (GR como expansão ou redução) e com conceitos centrais da teoria, que estão expressos através dos princípios de Paul Hopper (1991, 2003) e dos parâmetros de Bernd Heine e Tania Kuteva (2007). Além disso, nos detemos mais fortemente nos fundamentos propostos por Elizabeth Traugott (2002, 2003, 2008, 2010), que apresenta uma perspectiva de gramaticalização como expansão, fortemente associada a aspectos pragmáticos, que estão mais alinhados ao objeto desta pesquisa. No final dessa seção discutimos ainda sobre outras motivações associadas à GR, mais especificamente as de natureza estilístico-identitárias.

A terceira seção desse capítulo conta com uma discussão a partir da proposta de interface Variação-Gramaticalização apresentada por Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017), em que questionamos sobre o lugar do significado/função social. Nesse sentido, sugerimos um alargamento da noção de domínio funcional assumida pelas autoras,

tendo em vista que parece não contemplar a atuação de motivações socialmente simbólicas sobre fenômenos que se envolvem simultaneamente em processos de gramaticalização e de variação, como o objeto desta pesquisa.

O Capítulo 4 conta com os procedimentos metodológicos adotados para a análise. Nele são apresentados uma descrição (i) da abordagem metodológica que nos orientou para o processo de geração dos dados; (ii) da comunidade de práticas analisada; (iii) do processo de seleção da amostra; (iv) dos desdobramentos do objetivo, da questão e da hipótese central da pesquisa e (v) das etapas de análise.

O Capítulo 5 refere-se à análise e discussão dos resultados e está dividido em três seções. Na primeira, investigamos que motivações gramaticais, sobretudo de natureza morfossintática e semântico-pragmática estão correlacionadas com a emergência e a expansão de novos usos de {-STE}. Na segunda seção, analisamos a realização variável do referido item a partir do controle de doze grupos de fatores, descritos no capítulo 4. E na última seção, discutimos sobre as motivações semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas envolvidas na expansão e variação do referido item na amostra.

O Capítulo 6 corresponde às Considerações Finais, em que retomamos os principais resultados apresentados na análise e apontamos alguns encaminhamentos futuros.

Descrita a estrutura desta dissertação, passemos agora para o Capítulo 2.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo trata-se de uma contextualização mais aprofundada sobre o objeto desta pesquisa, contemplando detalhamentos sobre o fenômeno em questão, a caracterização do *locus* de pesquisa e uma breve revisão de estudos sobre a variedade manauara e a linguagem gay. Feito isso, no final deste capítulo, retomamos o objetivo geral da pesquisa, mencionado no Capítulo 1, e apresentamos a questão e a hipótese central que nortearam a pesquisa.

2.1 DETALHAMENTO DO OBJETO

O interesse em aprofundar as discussões sobre o funcionamento de {-STE} surgiu há alguns anos, durante as observações para a minha pesquisa de conclusão de curso na graduação (TCC), na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) (AMARAL, 2016). Na época, o objetivo era investigar como se dava a realização variável das fricativas na fala manauara projetada numa rede social, mais especificamente na *FanPage* da Tal Qual Dublagens² no Facebook. Nesse contexto, percebemos que, entre outros, o morfema flexional {-STE}, um dos fatores que compõem a variável independente³ *status morfológico do segmento*, mostrou-se favorecedor para a realização da variante inovadora aspirada, como por exemplo: *grelhartes*, *arrasarte*, *ficartes*.

A forma como os dados foram tratados naquele estudo me parecia insuficiente e sempre me inquietou. As angústias sempre pairavam sobre mim e por várias vezes pensei em desistir e encontrar outro objeto de estudo que me empolgasse tanto quanto os fenômenos da página Tal Qual Dublagens fizeram. Mas isso não aconteceu. Por mais que eu procurasse algo novo, as ocorrências das formas de {-STE} permaneciam na minha cabeça. E mesmo como iniciante no vasto mundo da pesquisa e com milhares de dúvidas e incertezas, decidi aceitar o desafio de analisar esse fenômeno, que emerge em contextos interacionais de um grupo, e fazer dele

² A Tal Qual Dublagens é um perfil/página/canal presente nas redes sociais (Instagram, Facebook e Youtube) destinado ao entretenimento, que se dá, sobretudo, através da natureza cômica presente nas dublagens de vídeos, realizadas pelo manauara Gustavo Libório. Maiores informações serão apresentadas na seção Locus da pesquisa (Seção 2.1).

³ Ao longo deste texto, os termos “variável independente”, “grupo de fatores” e “contexto” podem ser utilizados alternadamente no sentido de “condicionadores”. Entendemos que “[u]m grupo de fatores representa uma das variáveis independentes, seja ela linguística ou social, que o pesquisador deseja testar como uma possível influência no comportamento da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 238). No caso deste estudo, na análise quantitativa variacionista a “variável dependente” é representada por {-STE} e suas diferentes realizações. Em uma análise quantitativa, dizemos, então, que um fator ou um contexto tal tem efeito condicionador sobre a realização tal.

objeto de estudo no mestrado.

É claro que, no início do desenvolvimento da dissertação, minhas limitações teóricas impediram que aspectos de natureza pragmática e, sobretudo, o olhar para um único indivíduo e para a relação dele com outros indivíduos como uma forma possível de analisar a variação e mudança, pudessem ser contemplados.

Ao ter delimitado minhas observações ao Instagram da Tal Qual Dublagens e ter observado como se davam as realizações de {-STE} dentro do grupo formado pela “titia Tal Qual” e seus seguidores, percebi que poderia haver uma relação entre o objeto desta pesquisa e questões de identidade linguística, reflexões que construí a partir das leituras sobre estudos de terceira onda variacionista na disciplina de Sociolinguística, cursada no mestrado, durante o segundo semestre de 2018.

Ao longo de aproximadamente dois anos, acompanhei a dinâmica interacional da página, mais especificamente de seu perfil no Instagram e isso possibilitou, de uma forma geral, traçar o perfil dos seguidores; identificar que tipos de assuntos são objetos de *posts*; que tipos de *posts* geram mais engajamento e interação; como, por um lado, a página é um espaço mais transitório para uns e mais permanente para outros, estabelecendo, dessa forma, relações de afeto, identidade e pertencimento e; por outro, como esse “microcosmo” virtual pode refletir a instabilidade, a incerteza, a movência e a liquidez da sociedade pós-moderna (BAUMAN, 2005; HALL, 2006).

Tendo isso em vista, esse processo de observação parece caracterizar nosso trabalho como um tipo de pesquisa de natureza etnográfica, alinhando-o mais especificamente ao que se tem chamado de Etnografia Virtual (HINE, 2000, 2005) (ver Seção 4.1). E como um dos resultados dessa experiência “em campo”, acreditamos ser possível dizer que a Tal Qual Dublagens, entendida aqui como um grupo formado pela “titia Tal Qual” – personagem criado para a interação com seu público – e seus seguidores, configura-se como uma *comunidade de práticas não prototípica* (DAVIES, 2005).

Quanto ao fenômeno linguístico, durante as observações, verificamos algumas particularidades e constatamos as situações descritas a seguir.

O referido item é empregado em quatro diferentes contextos linguísticos de uso, seja pelo criador, seja pelos seus seguidores. Esses contextos estão mais diretamente relacionados às bases contextuais a que {-STE} se agrega. Tais bases são ilustradas com ocorrências extraídas da amostra no Quadro 1. O primeiro tipo, que chamamos de *base verbal canônica*, respeita a seguinte configuração: Sujeito P2 (tu) + verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo

(PP), em que {-STE} corresponde a sufixo flexional de uso privativo a PP e concorda necessariamente com P2 (tu), como em (1), (2) e (3). O segundo, chamado de *base verbal não canônica*, é caracterizado pela ausência dos traços morfossintáticos que configurariam o uso canônico do item (relacionados à pessoa do discurso, tempo e modo verbal e função sintática), como em (4), (5) e (6). O terceiro, chamado de *base não verbal*, corresponde ao emprego de {-STE} em outras classes de palavras que não o verbo, como em (7), (8) e (9). E a quarta base corresponde ao emprego do item em *palavras de origem estrangeira*, como em (10), (11) e (12).

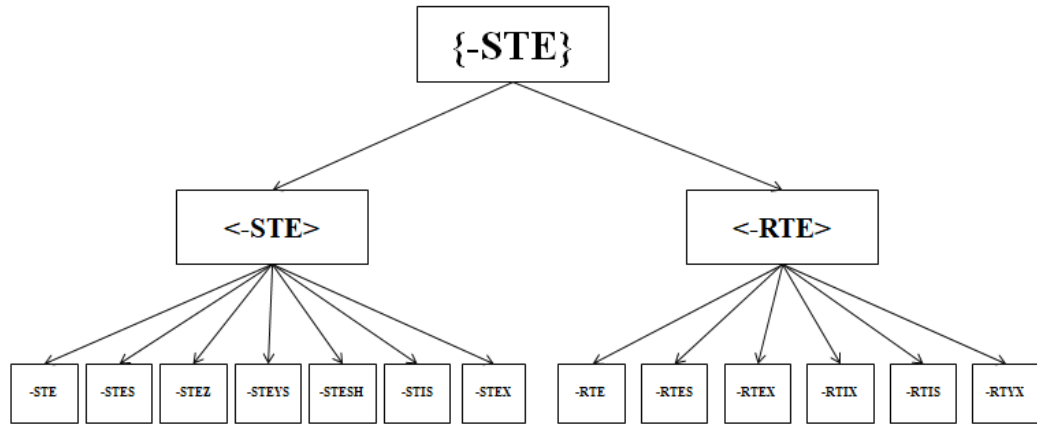
Quadro 1 – Dados ilustrativos das bases contextuais a que {-STE} se agrega

Base Verbal Canônica	Base Verbal Não Canônica	Base Não Verbal	Palavras de origem estrangeira
(1) <i>Mana, tu arrasaste</i>	(4) <i>Ela menstruastexxx</i>	(7) <i>piseistes no bodortes pelo amor de deustis</i>	(10) <i>Okeste bb</i>
(2) <i>Farrétempo que queria vestes e arrasastes</i>	[...] kkkkkkk	[...]	(11) <i>Manaa acho que tey boystes já terminou o serviço!</i>
(3) <i>botartes a cara no sol mesmo né cachorra leprosentá? Lindo!</i>	(5) <i>Eu já compreistes o meu fuleira!!!! [...] ... Traaaaahhhh</i>	(8) <i>Cadeestes demoniia!?!? [...]</i>	[...]
	(6) <i>[...] tô com ódio, vou escolhambartes![...]</i>	(9) <i>[...] hazourteess. O sonho dela devia ser dançarinartes da Joelmartes</i>	(12) <i>Enquanto a nova temporada não começa, vamos lembrar a @anapaularenault enkaralhando no BBBêrtes . Vamos marcá-la pra ela ver???</i>

Fonte: elaborado pela autora

Além disso, observamos ainda que {-STE} possui treze formas alternativas de realização (*-ste, -stes, -stez, steys, stesh, -stis, -stex, -rte, -rtes, -rtis, -rtex, -rtix, -rtyx*), que podem estar presentes nas quatro diferentes bases contextuais a que o item pode ser agregado. Essas treze formas foram agrupadas em duas macroformas (<-ste> e <-rte>), sendo as sete primeiras alternâncias de <-ste> e as demais de <-rte>. Considerando tal cenário, ao longo deste texto, quando o item “-ste” estiver entre chaves ({}), significa que o segmento corresponde a uma forma matriz que engloba treze formas de realização, que estão notadas em itálico, e duas macroformas, que estão representadas pelos sinais < e >. Para uma melhor visualização dessa representação, conferir Figura 1.

Figura 1 - Representações de {-STE}



Fonte: elaborado pela autora

A partir dessas observações, chegamos ao entendimento que as diferentes maneiras em que {-STE} é usado – que incluem tanto uma expansão das bases contextuais a que pode ser agregado, como sua realização variável – pode ser interpretada como uma hipótese de gramaticalização, tendo em vista a expansão de seus contextos de uso, e de variação, tendo em vista as diversas formas em que pode ser usado em cada um desses contextos.

Além disso, em uma análise prévia dos dados, observamos algumas evidências de que o uso de {-STE} pode veicular, além de um significado referencial de *expressão de número e pessoa do singular* – associado a sua função comunicativa (semântico-pragmática) prototípica de *referência ao interlocutor* e categorizado morfológicamente como *sufixo flexional* –, um significado social que parece funcionar como uma *marca de identidade linguística* dessa comunidade, como observamos em (13) e (14).

(13) [...] *nosso stes rompendo fronteiras*

(14) *talqualdublagnenseu te amostes! Eu e minhas bailarinas cabocas como eu falamos esse dialeto o fds todostes. Obrigadastes*

Essas informações, ainda que tenham sido expostas aqui de forma mais abrangente, foram importantes pontos norteadores para o estabelecimento do objetivo, da questão e da hipótese central desta pesquisa, que são apresentados mais adiante (Seção 2.5).

Tendo apresentado essa contextualização sobre o objeto, na seção a seguir, discorreremos sobre o *locus* da pesquisa.

2.2 O LOCUS DA PESQUISA

Esta seção objetiva apresentar uma contextualização sobre a Tal Qual Dublagens que consideramos como *locus* desta pesquisa.

Figura 2 – Logo da Tal Qual Dublagens



Fonte: <http://talqualoficial.instagram.com>

A página Tal Qual Dublagens foi criada em novembro de 2011 pelo manauara Gustavo Libório e surge como uma brincadeira para entreter seus amigos e familiares. Como diferencial de outros vídeos de dublagens que já havia visto no Youtube, Gustavo afirma em entrevista ao *Portal Amazônia* (<http://portalamazonia.com/cultura/tal-qual-sucesso-da-internet-faz-stand-up-comedy-em-manauas>) que teve a ideia de fazer dublagens com gírias da região, “aquelas gírias bem caboquinha, que só a gente fala”. Nesse sentido, Gustavo, inicialmente, selecionava alguns vídeos disponíveis na Internet, fazia uma dublagem por cima das vozes dos personagens desses vídeos, com um toque de humor, ironia e sarcasmo, envoltos por uma linguagem predominantemente regional e coloquial e postava em seu canal no Youtube sem se identificar.

Pouco tempo após a criação do canal, a Tal Qual Dublagens passa a alcançar uma maior visibilidade e reconhecimento, sobretudo entre o meio GLS⁴ (acrônimo de Gays, Lésbicas e

⁴ O termo GLS é usado aqui em conformidade com a fala de Gustavo Libório em entrevista ao *Portal Amazônia*, embora se saiba que essa sigla entrou em desuso, sendo substituída por outras denominações. Ao longo da dissertação, assumimos a sigla LGBT. Sabe-se que há outras formas de representação mais inclusivas, como

Simpatizantes), porque, além de retratar questões de regionalidade, as dublagens refletem também muitos usos linguísticos do universo gay, como uma forma de expressar a própria sexualidade de Gustavo, que, ao revelar sua identidade em 2015, se assume como homossexual.

Dublagens de brigas entre vizinhos, de cenas de novela e da tradicional rixa existente entre as “mucuras” (termo que ele atribui às “gays” amazonenses) e as “cavalo manco” (termo atribuído às “gays” paraenses) são os principais tópicos dos vídeos. Através das dublagens, Gustavo cria e interpreta vários personagens concomitantemente. Esses personagens podem ser mais permanentes, como a “titia Tal Qual”, criado para interagir com seus inscritos/seguidores nas redes sociais, ou mais transitórios e líquidos, que podem aparecer somente em vídeos específicos e depois desaparecer.

Cada personagem que é construído por Gustavo – que deve atender ao objetivo central do papel social que desempenha como humorista – carrega também traços que se fundem a suas próprias características pessoais, como o fato de utilizar nas dublagens traços que coincidem com sua naturalidade (peculiaridades do falar manauara) – como por exemplo o uso de expressões como *já mesmo, até o tucupi, até o talo* – e com sua sexualidade (características de uma “fala/dialeto gay”) – como por exemplo o uso de expressões do bajubá/pajubá⁵ como *fazer a chuca, viado, boy*.

Com o crescimento do canal e da diversificação dos conteúdos das dublagens, a Tal Qual Dublagens se expande para outras redes sociais como o Facebook e o Instagram, para propiciar uma maior interação com seus seguidores. Com a entrada nesses territórios virtuais mais amplos, o público-alvo, que inicialmente compreendia a comunidade GLS e os amazonenses, mais especificamente, os manauaras, é ampliado, fazendo com que a Tal Qual Dublagens adquirisse alcance nacional e até internacional. No último levantamento quantitativo que fizemos⁶, a Tal Qual Dublagens contava com mais de 249 mil inscritos no Youtube, mais de 43 milhões de visualizações e mais de 873 mil seguidores juntando o Facebook e o Instagram.

Os conteúdos produzidos pela Tal Qual Dublagens, seja por meio de seu canal no Youtube, sua *FanPage* no Facebook ou sua página no Instagram, geram um contexto

LGBTQIA, LBTT+, por exemplo, no entanto, como nosso objetivo não é discutir especificamente sobre isso, utilizamos a primeira por ser mais usualmente referenciada.

⁵ Expressões criadas por homossexuais a partir de sua inserção nos ritos afro-brasileiros (SILVA; PALHETA, 2008).

⁶ Levantamento realizado dia 22 de outubro de 2019.

interacional altamente produtivo em termos de usos linguísticos inovadores. Para esta pesquisa, decidimos observar somente as dinâmicas interacionais da Tal Qual Dublagens no Instagram, que estamos entendendo tanto como ambiente virtual quanto como comunidade de práticas, ambos definidos como nosso *locus* de pesquisa. Enquanto ambiente virtual, consideramos a Tal Qual Dublagens como um importante meio de comunicação para se observar não somente diferentes e novas formas com que as pessoas podem se comunicar, mas, sobretudo, como essas pessoas constroem suas relações sociais. Esse espaço não físico, que tem características próprias, gramáticas e linguagens próprias, é um lugar onde os sujeitos podem criar e manter relações, onde podem aprender e conhecer uns aos outros, onde podem compartilhar valores, atitudes e crenças, onde podem criar e recriar suas identidades. E é nesse cenário que acreditamos que a CP Tal Qual Dublagens pode se estabelecer.⁷

Tendo isso em vista, acreditamos que a análise de fenômenos linguísticos que emergem de contextos e situações comunicativas em ambientes típicos da pós-modernidade – como o ambiente virtual – e que, de certa forma, refletem marcas de grupos minorizados – como o grupo gay – e de uma variedade ainda pouco estudada no cenário da Sociolinguística Brasileira – a fala manauara – mereça essa visibilidade científica.

Reconhecer que tais aspectos podem estar correlacionados com o fenômeno linguístico que é objeto desta dissertação, não significa que estamos realizando necessariamente um estudo sobre a variedade manauara, muito menos sobre a fala gay. Mas, em certa medida, traçar um breve panorama sobre as pesquisas que se têm realizado a respeito dessas duas temáticas nos ajuda a entender melhor o funcionamento do objeto e a construir hipóteses mais bem fundamentadas. É o que fazemos na seção a seguir.

2.3 ESTUDOS SOBRE A VARIEDADE MANAUARA

Conforme atesta Martins e Martins (2014, 2019), Manaus é uma cidade com uma grande densidade populacional, formada por uma diversidade de etnias, raças, nacionalidades e naturalidades. Apesar dessa diversidade sociocultural, há traços e características em comum que são compartilhados pelos indivíduos da região, e, quando em conjunto, podem formar o que comumente se denomina como “dialeto manauara”.

⁷ Aprofundamos as discussões sobre CP nas Subseções 3.1.4.1.2 e 3.4.5 adiante, sobretudo no que se refere às noções de CP não prototípica e formação de CP no mundo virtual.

Tendo em vista seu processo de formação, o dialeto manauara possui particularidades que podem, muitas vezes, refletir traços dos diferentes grupos e culturas que o integram e, portanto, estudos sobre essa variedade nos possibilitam conhecer não somente o português falado/escrito em parte da Região Norte do país, como os sujeitos que fazem parte dessa comunidade.

Sobre a questão de particularidades da variedade manauara, desde 2009 pesquisadores do projeto Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC)⁸ se dedicam à investigação de fenômenos linguísticos na cidade de Manaus. Durante esses onze anos de pesquisa, muitos estudos sobre aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais foram realizados, contribuindo para a compreensão do contexto de formação histórico-cultural e sociolinguística dos manauaras.

Dentre as principais características apontadas por Martins e Martins (2014), coordenadores do projeto, destacamos (i) o /s/ chiado do manauara em posição final de sílaba ou de palavra, como em [paʃ] ‘paz’ e [gaʃtu] ‘gasto’; (ii) a ocorrência da fricativa glotal /h/, em substituição a outras fricativas, em algumas palavras, em posição final de sílaba, como em [‘mehmʊ] ‘mesmo’ e [‘cahtʃiɡʊ] ‘castigo’; (iii) a predominância da forma ‘você’ em situações de formalidade e do ‘tu’ em situações de informalidade e menor monitoramento e (iv) a presença significativa de palavras de origem indígena no dialeto dos manauaras, como por exemplo: “igarapé, igapó, bubuia”, apontadas no trabalho de Freire (2011).

Considerando que essas características destacadas, em certa medida, possam dialogar com o objeto desta pesquisa, apresentamos a seguir resultados de alguns estudos, dentre os quais: Martins e Margotti (2012), Berçot-Fernandes (2014), Amaral (2016) e Vasconcelos (2017), que tratam sobre a realização variável das fricativas; Martins e Martins (2014), Babilônia e Martins (2015) e Scherre et al. (2015), que apresentam algumas particularidades no uso das formas pronominais de segunda pessoa; e Franco e Martins (2019), que tocam na questão do léxico regional.

2.3.1 A realização variável das fricativas

⁸ O projeto Fala Manauara Culta e Coloquial (FAMAC) foi criado em 2009 pelos professores doutores Valteir Martins e Silvana Martins e está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Linguísticas Aplicadas à Educação (NEPLAE) da Universidade do Estado do Amazonas. O FAMAC “tem por objetivo fomentar a pesquisa sobre fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus e compor um banco de dados digitais da fala manauara com arquivos sonoros e transcrição grafemática” (ARAÚJO, MARTINS, MARTINS, 2019, p. 07).

O primeiro trabalho selecionado é a pesquisa de Martins e Margotti (2012), que tem como objetivo investigar o comportamento fonético-fonológico do arquifonema /S/ pós-vocálico em posição de coda medial e final, na cidade de Manaus. O *corpus* de análise dessa pesquisa é composto por dados coletados dos questionários do Alib (Atlas Linguístico do Brasil). Esses questionários foram aplicados por meio de entrevistas com 08 informantes nascidos na cidade de Manaus, estratificados socialmente por sexo/gênero (04 homens e 04 mulheres), faixa etária (de 18 a 30 anos e 45 a 60 anos) e grau de escolaridade (ensino fundamental completo ou incompleto e ensino superior completo ou incompleto).

Do total de 641 dados coletados, 355 dados referem-se à realização de /S/ em posição medial de vocábulo e, desse quantitativo, as fricativas alveolar e pós-alveolar são as mais recorrentes, com 50,1% e 47%, respectivamente. Já no que se refere à fricativa glotal/aspirada, verifica-se que é a forma menos recorrente, havendo baixa significância na amostra.

Em posição final de vocábulo há 286 dados, sendo a maioria das ocorrências relativas à variante alveolar, com 67,1%. Quanto aos fatores sociais, constatou-se que a fricativa alveolar e a pós-alveolar são produzidas com maior recorrência pelos homens com ensino fundamental completo e pelas mulheres com ensino superior (completo ou não), respectivamente.

Ainda que na amostra do estudo de Martins e Margotti (2012) a fricativa glotal/aspirada não tenha sido usada com frequência pelos informantes – possivelmente porque dentre as três variantes observadas, ela é a que carrega mais estigma social – outros estudos, como o de Berçot-Fernandes (2014), Amaral (2016) e Vasconcelos (2017), têm mostrado a presença dessa variante na fala e também na escrita manauara, trazendo evidências de que essa forma, ainda que estigmatizada socialmente, pode ser uma importante marca linguística dessa variedade.

A dissertação de Berçot-Fernandes (2014), intitulada *A realização da fricativa glotal na fala manauara*, cujo objetivo é investigar que fatores linguísticos e sociais podem estar correlacionados com a substituição de determinadas consoantes fricativas pela fricativa glotal [h, h̥], traz resultados significativos para a construção de um painel sociolinguístico e descritivo do uso dessa variante na cidade de Manaus.

O *corpus* de análise é composto por dados coletados de um questionário fonético-fonológico, elaborado pelo próprio autor, conversações livres semidirigidas e a leitura de frases e de um texto. Tais instrumentais foram aplicados por meio de entrevistas para 24 falantes nascidos ou residentes há mais de 20 anos em Manaus. Os 24 informantes foram

socialmente estratificados em sexo/gênero (12 homens e 12 mulheres), faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais) e nível de escolaridade (até o 9º ano do ensino fundamental e ensino superior).

Dentre as seis consoantes fricativas, – a fricativa labiodental surda [f], a labiodental sonora [v], a alveolar surda [s], a alveolar sonora [z], a pós-alveolar surda [ʃ] e a pós-alveolar sonora [ʒ] –, verifica-se que somente [f] não apresentou nenhuma substituição pela fricativa glotal. Em relação aos fatores sociais, o autor observou que a variante não standard, isto é, a fricativa glotal está mais presente na fala (i) dos homens; (ii) do grupo C (de 56 anos em diante); e (iii) do ensino fundamental completo.

Além de Berçot-Fernandes, os trabalhos de conclusão de curso de Amaral (2016) e de Vasconcelos (2017) também investigaram as motivações sociais e linguísticas no uso da variante glotal/aspirada na variedade manauara, ambos com o foco na escrita.

O primeiro deles, intitulado *O enfraquecimento das fricativas na fala manauara retratado na página Tal Qual Dublagens*, tem como objetivo analisar o comportamento variável das fricativas bucais [v], [z], [s], [ʃ] e [ʒ] na fala manauara, com enfoque na comunidade formada por seguidores da página Tal Qual Dublagens. A amostra da pesquisa foi constituída a partir dos conteúdos produzidos na página Tal Qual Dublagens⁹. Para isso, foram selecionados 40 *posts* da *FanPage* da página no Facebook e cinco vídeos de seu canal no Youtube, dentre os quais estão: A lagoa azul: Virando moça; Gatisbleuda lavando louça; Macacleuza no buzão parte 2; Maria do Bairro: Soraya vai pra Belém de barco e Previsão do tempo: vida inteligente em Manaus.

Os resultados do estudo parecem indicar que a frequência do uso é a principal atuante para que ocorra o processo de enfraquecimento das fricativas. Essa frequência – sobretudo em itens específicos, como a conjunção *mas* (*marrohem a tia Tal Qual* [mas olhem a tia Tal Qual]); o advérbio de intensidade *mais* (*em especial aos alunos marrinteligentes da aldeia!* [em especial aos alunos mais inteligentes da aldeia]); os derivados do verbo *ir e ver* (*marru*

⁹ A “Tal Qual Dublagens”, criada em 2011, é um espaço virtual destinado ao entretenimento, para isso, o manauara e criador Gustavo Libório aborda, entre outros, aspectos relacionados à sua vida e a situações do cotidiano, deixando o tom de comédia a cargo da linguagem utilizada. Segundo ele, em uma entrevista ao programa Amazônia Revista, embora a “titia tal qual” tenha sido criada como um personagem, a linguagem utilizada nas dublagens e nas postagens são reflexos da fala manauara e, portanto, como ele faz parte dessa comunidade, ele e o personagem são a mesma pessoa. Quanto às construções linguísticas que ele produz, na maioria das vezes, há a exaltação de variantes linguísticas de menor prestígio, por exemplo, conforme ele pontua na entrevista, a troca do “s” pelo “r”, o que fonologicamente falando, configura um processo de aspiração, fenômeno tratado neste trabalho. (AMARAL, 2016, p. 10)

que djabo vocês rão farrê hoje [mas o que diabo vocês vão fazer hoje] e *vcs rão rê a tia Tal Qual???* [vcs vão ver a tia Tal Qual???]; o advérbio *já* (rá sei [já sei]); além dos morfemas gramaticais *-ava* (*eu tarra cuma vontade era de jantar* [eu tava com uma vontade era de jantar]) e *-stes* (*eu acertertes, marreu acertertes foi cuns karáleo e tudo!* [eu acertei, mas eu acertei foi com os caráleo e tudo!]) – parece ser potencializada durante a situação de interação entre o criador da página e seus seguidores.

Seguindo a investigação sobre a fricativa glotal, temos ainda o estudo de Vasconcelos (2017), intitulado *A interferência dialetal na representação gráfica das fricativas na escrita de manauaras*, que se propõe a analisar a ocorrência de substituição de [ʃ] e [ʒ] pela fricativa [h] no contexto escolar, o que é representado ortograficamente pela troca de -s por -r, como em *castigo* > *cartigo*, por exemplo.

A autora selecionou um grupo de alunos de uma unidade de um Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA, da cidade de Manaus, para a aplicação de um teste diagnóstico. Esse teste simulava uma lista de questões, contendo frases e perguntas que estimulassem como resposta a ocorrência de 13 palavras: São elas: *leste, oeste, afastar, mais, dois, três, desfazer, mesmo, castigo, poste, elástico, desde e mastigar*. O teste foi aplicado para 91 alunos, sendo 40 do Ensino Fundamental e 51 do Ensino Médio, 44 do sexo masculino e 47 do sexo feminino.

No que se refere à ocorrência de -r, 46 alunos (50,54% do total) fizeram uso dessa letra em substituição a -s. Além disso, das 13 palavras selecionadas para a análise, somente em *dois, três* e *desfazer* não houve a substituição. Das 10 palavras que sofreram a aspiração da fricativa palatal, representada na escrita através da letra -r, como em *mesmo* > *mermo*, por exemplo, em quatro delas (*poste, castigo, mastigar* e *elástico*) a fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ antecede a oclusiva alveolar surda /t/. Tal contexto fonético-fonológico parece ter favorecido a ocorrência da aspiração, cuja representação escrita se dá por -r.

Quanto aos fatores extralinguísticos, conclui-se que o perfil social dos que mais realizaram o fenômeno de interferência da fala na escrita entre os estudantes da EJA que participaram dessa pesquisa foi: sexo feminino, do Ensino Médio, pertencente à faixa etária mais jovem (15 a 26 anos de idade).

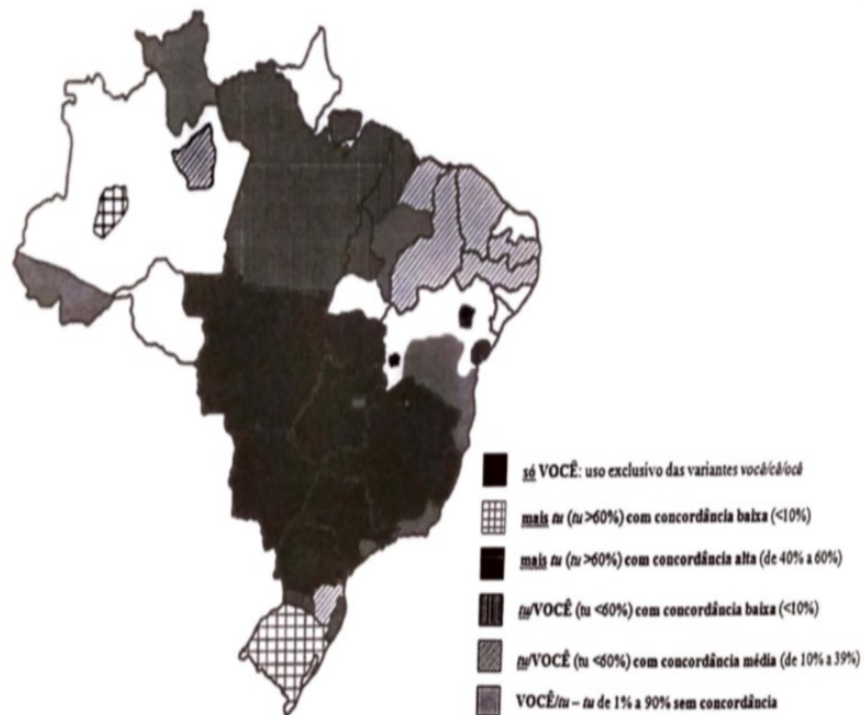
Além do estudo sobre a fricativa glotal, consideramos importante ressaltar outro traço significativo do falar manauara: o uso dos pronomes de segunda pessoa.

2.3.2 Uso dos pronomes de segunda pessoa

Muitos pesquisadores têm se dedicado à investigação sobre o uso de pronomes de referência de segunda pessoa em diversas variedades do PB. Destacamos a pesquisa de Scherre et al (2015), que apresenta resultados dos principais estudos realizados na atualidade, fornecendo um mapeamento no que se refere à distribuição pronominal de segunda pessoa nas regiões do país, como evidencia a Figura 3.

No levantamento realizado pelos autores, o uso das formas pronominais de segunda pessoa pode ser realizado de seis formas diferentes, denominado como subsistemas.

Figura 3 – Distribuição dos subsistemas dos pronomes de segunda pessoa no PB



Fonte: Scherre et al (2015, p. 142)

O primeiro, em que ocorre exclusivamente a forma *você*, apresenta alta produtividade em quase todas as regiões, mantendo, no entanto, uma grande concentração nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul (Região Centro-Oeste), Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo, os quais configuram uma zona mais central do país. Já no que se refere aos subsistemas mais *tu* com concordância baixa e mais *tu* com concordância alta, temos como representante duas regiões geograficamente opostas, a Região Norte, mais

especificamente os estados do Amazonas e do Pará; e a Região Sul, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Quanto aos subsistemas mistos, isto é, em que há a realização das duas formas variantes, temos (i) *tu/você* com concordância baixa no Maranhão, Tocantins e Santa Catarina; (ii) *tu/você* com concordância média em grande concentração em estados da Região Nordeste (Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba e Pernambuco), no Amazonas e em Santa Catarina; e (iii) *você/tu* sem concordância nas áreas mais centrais do país como o Distrito Federal (Região Centro-Oeste), Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais (Região Sudeste), no Maranhão e na Bahia (Região Nordeste) e em Roraima e no Acre (Região Norte).

Para os interesses deste estudo, nosso foco está nos dados da Região Norte, sobretudo do Amazonas. Nesse sentido, conforme Scherre et al. (2015) evidenciam, o referido estado representa dois dos seis subsistemas apresentados, o mais *tu* com concordância baixa em Tefé e o *tu/você* com concordância baixa na cidade de Manaus.

Afim de investigar mais detalhadamente sobre o comportamento pronominal na variedade manauara, a qual está mais relacionada com esta pesquisa, apresentamos a seguir os trabalhos de Martins e Martins (2014) e Babilônia e Martins (2015) cujo objetivo, de uma forma geral, é elucidar as particularidades no uso dos pronomes de referência ao interlocutor no português falado em Manaus, analisando os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem as ocorrências das variantes *tu* e *você* (T/V).

Esse estudo elenca como particularidades da fala manauara: (i) a existência do par T/V, cuja seleção se realiza pelo enquadramento da situação discursiva nos três tipos de registro analisados – diálogo [D2], entrevistas [DID] ou elocuições formais [EF] –, caracterizados no contínuo do grau de formalidade/monitoramento. Desse modo, *tu* ocorre em diálogos [D2] e *você* é utilizado em elocuições formais [EF] e entrevistas [DID]; (ii) as variáveis gênero, faixa etária e grau de escolaridade não se mostraram pertinentes como condicionadores na seleção de T/V; (iii) *tu* não ocorre com concordância canônica na fala dos manauaras com baixa escolaridade e, entre os falantes graduados, apresenta baixa concordância e (iv) na indeterminação do sujeito, preferencialmente se emprega a forma *você*.

Quanto à questão da marcação de concordância verbal com P2 (*tu*), Babilônia e Martins (2015) analisam os dados coletados no projeto FAMAC, mais especificamente gravações de 30 informantes nascidos e/ou residentes na cidade de Manaus há pelo menos 20 anos, e observam as situações descritas a seguir.

Em termos percentuais, falantes de 56 anos em diante, fazem mais a marcação da concordância canônica. Os autores observam que quanto mais jovens são os informantes,

mais frequente se torna o uso da forma inovadora, a não marcação de concordância. E isso parece indicar que a marcação canônica está sendo suprimida à medida que a idade dos informantes diminui, configurando-se como uma situação de mudança em progresso.

2.3.3 Léxico Regional

O último trabalho selecionado para esta seção é o artigo de Franco e Martins (2019), que consiste em um estudo da variedade do português falado no Amazonas, que é popularmente conhecida como amazonês. O *corpus* de análise dessa pesquisa foi composto a partir de 16 letras de músicas pertencentes à MPA¹⁰ (Música Popular Amazonense). O intuito dessa coleta de dados, que incluiu uma entrevista com 18 amazonenses, em sua maioria manauaras ou naturais de áreas metropolitanas, foi organizar um dicionário digital ilustrado. As autoras destacam ainda que algumas palavras registradas no *corpus* dessa pesquisa não são utilizadas somente por amazonenses, portanto, o que caracteriza essas palavras como pertencentes ao *amazonês* são os significados que os falantes dessa variedade linguística atribuem a elas dentro de determinados contextos.

Dessa amostra, foram destacadas todas as palavras e expressões regionais encontradas, resultando numa lista de 137 itens lexicais. Desse total, 105 já foram mencionadas por Freire (2011) como pertencentes ao amazonês. As demais, isto é 32 palavras, é que constituem o dicionário ilustrado desenvolvido pelas autoras. Dessas 32 palavras, 19 receberam a mesma atribuição de todos os informantes. As palavras são: *bananeira, castanha, correnteza, couro, emprenhar, escarrado e cuspidor, lambada, ligeiro, mormaço, parir, peixe-boi, piaba, piraíba, pirão, tambaqui, tracajá, tucumã, uirapuru e vinagrete*. Quanto à frequência dos itens nas músicas, a maior ocorrência foi da palavra *tucumã*, que foi citada quatro vezes. As palavras *correnteza* e *mari-mari* ocorrem duas vezes no total. Todas as outras palavras ocorrem com frequência única. Levando em conta que dois itens lexicais (*churrasco de gato* e *larica*) fazem partes das letras de música mais atuais, pode-se dizer que se trata de termos criados recentemente. Portanto, tais palavras não compõem o léxico mental das pessoas mais velhas.

¹⁰A MPA é caracterizada por retratar o regionalismo amazônico através de versos musicados. Esse segmento musical resgata em suas letras o modo de viver caboclo carregado do léxico amazonês (a escolha dos temas que se referem sempre a um contexto regional e por analogia ao estado do Amazonas e à cidade de Manaus).

Os estudos apresentados nesta seção evidenciam as principais particularidades de fenômenos linguísticos presentes na variedade manauara, que são pertinentes a esta dissertação. Na seção a seguir, apresentamos alguns estudos sobre a linguagem gay.

2.4 ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM GAY

Nesta seção elencamos alguns dos principais estudos sobre usos linguísticos realizados por sujeitos cuja identidade sexual é orientada pela homoafetividade, concepção essa que tomamos para lidar com a noção de linguagem gay. Entre eles estão: o estudo de Levon (2016) e Barbuio (2016), que investigam não um fenômeno, mas um conjunto de traços fonético-fonológicos que estariam associados a uma fala gay; Gonçalves (2000) e Felix (2016), que analisam a marcação do superlativo sintético; Mendes (2012), que investiga a expressão do diminutivo; e Silva Filho e Palheta (2008) e Barroso (2014), que, de uma forma geral mapeiam e discutem sobre a questão do dialeto gay, também conhecido como bajubá/pajubá.

2.4.1 Traços fonéticos-fonológicos: intervalo e variabilidade de pitch, duração de sibilantes e de vogais orais tônicas, e produção dos formantes

Mendes (2006) aponta que no inglês vários pesquisadores têm se dedicado à investigação de fenômenos que possam ser identificados como característicos de uma linguagem gay e a grande maioria dos estudos realizados têm associado a duração das fricativas sibilantes /s/ e /z/, a variação do contorno entonacional (*pitch*) e a taxa de flutuação de *pitch* como traços de uma identidade gay masculina. Em relação ao PB, o estudo de Mendes (2007), que se deu a partir de entrevistas com 107 paulistanos, revela que o alongamento das vogais, o dinamismo de pitch estão associados a uma fala que soa mais gay, de acordo com a avaliação dos entrevistados em questão. Além desses, aspectos de natureza morfológica, como o diminutivo, por exemplo, também foram evidenciados como fatos linguísticos que conduzem a uma percepção de que um determinado falante possa ser gay. A seguir, apresentamos resultados de alguns estudos sobre a linguagem gay, inclusive sobre os fenômenos acima referidos.

Sobre a influência das variáveis intervalo de *pitch* e duração de sibilantes na percepção da identidade sexual de um falante do sexo masculino, apresentamos aqui o trabalho de Levon (2016).

Levon (2016) elaborou um experimento que consistiu na redução da duração das sibilantes (/s/, /z/ e /ʃ/) e dos intervalos de *pitch*, na leitura de um texto de pouco mais de um minuto de duração realizada por um homem branco por volta de 25 anos. A leitura foi gravada e apresentada a um grupo de 121 estudantes de graduação em linguística na Universidade de Nova York, com idades entre 18 e 45 anos, que deveriam avaliar o falante em 10 escalas de personalidade, atribuindo valores de 1 a 7, conforme a Figura 4 .

Figura 4 – Escalas de traços de personalidade

1 = extremamente 4 = neutro 7 = extremamente									
1.	generoso	1	2	3	4	5	6	7	ganancioso
2.	preguiçoso	1	2	3	4	5	6	7	trabalhador
3.	pudico	1	2	3	4	5	6	7	promiscuo
4.	efeminado	1	2	3	4	5	6	7	masculino
5.	indiferente	1	2	3	4	5	6	7	amigável
6.	hétero	1	2	3	4	5	6	7	gay
7.	ordeiro	1	2	3	4	5	6	7	bagunceiro
8.	astuto	1	2	3	4	5	6	7	ingênuo
9.	afável	1	2	3	4	5	6	7	maldoso
10.	genuíno	1	2	3	4	5	6	7	falso

Fonte: Levon (2016, p. 171)

No entanto, para esse experimento, tais fatores não se mostraram estatisticamente significativos, sugerindo que somente a duração das sibilantes e o intervalo de *pitch* não contribuem para as percepções dos ouvintes sobre a sexualidade do falante, o que contradiz resultados de pesquisas anteriores sobre essas variáveis. Por outro lado, Levon lança a hipótese de que a manipulação de outras variáveis como a duração das vogais, o *pitch* médio, as frequências dos formantes, por exemplo, que também são identificados como traços de uma fala gay, pudessem evidenciar resultados mais significativos.

No Brasil, Barbuio (2016), que se dedicou a investigar características fonéticas que podem estar associadas à identificação de um falante do sexo masculino como gay ou heterossexual, encontrou diferenças significativas, sobretudo, quanto à duração das vogais

orais tônicas e da fricativa /s/ em posição de coda final, quanto à produção dos formantes e quanto à variabilidade do *pitch*.

Diferentemente do trabalho anterior, Barbuio analisou a produção dessas variáveis em dois grupos, o primeiro formado por sete informantes autodeclarados homossexuais e o segundo, por sete heterossexuais autodeclarados, todos residentes da cidade de Recife-PE. O registro da fala desses informantes foi submetido à escuta de 75 pessoas (25 homens héteros, 25 homens gays e 25 mulheres, cuja orientação sexual se desconhece) que deveriam avaliar cada um dos 14 falantes no que diz respeito à orientação sexual, podendo avaliá-los em cinco escalas: (1) heterossexual, (2) parece heterossexual, (3) não identificado, (4) parece gay e (5) gay.

A média geral dos valores de escala atribuídos pelos 75 juízes ao primeiro grupo (sete informantes homossexuais autodeclarados) foi de 3,51 e 2,61 para o segundo grupo (sete informantes heterossexuais autodeclarados). Tais dados parecem sugerir que ainda que a percepção dos avaliadores esteja em conformidade com a real orientação dos indivíduos dos dois grupos em análise, essas médias, por estarem muito próximas de 3, “representam uma indefinição em relação à percepção sobre a orientação sexual a que os falantes pertencem” (BARBUIO, 2016, p. 95).

Quanto às variáveis *vogais orais tônicas; produção das formantes, fricativa /s/ em posição de coda final; e variabilidade de pitch*, Barbuio conclui que os homens gays produzem as vogais com uma maior abertura do maxilar e um maior deslocamento da língua para a frente no plano horizontal, o que explica porque todas as vogais realizadas pelos homens gays possuem médias superiores às produzidas pelos homens héteros. Além disso, a média dos formantes F1 e F2, que se mostrou mais alta para homens gays, configura-se como uma importante marca da fala de seus informantes gays. Em relação à produção de /s/ em coda final e à variabilidade de *pitch*, notou-se que a duração desse fonema na fala dos homens gays é mais longa que na dos homens héteros e que a média de variabilidade de *pitch* é 46% maior do que a média dos homens héteros.

Além de traços fonéticos, alguns pesquisadores brasileiros têm se ocupado com o estudo de outros fenômenos em níveis linguísticos mais complexos, como o morfológico e o semântico-lexical, verificando em que medida tais usos podem ser tomados como uma fala gay.

2.4.2 Diminutivo

A partir de dados de 84 entrevistas realizadas com 42 homens e 42 mulheres nascidos e residentes na cidade de São Paulo e de 20 entrevistas com paulistanos – sendo 5 mulheres lésbicas e 5 mulheres heterossexuais; 5 homens gays e 5 homens heterossexuais, Mendes (2012) analisa qualitativa e quantitativamente o uso do diminutivo. De um modo geral, os resultados do estudo mostram que há uma forte correlação entre o uso do diminutivo no PB e a fala de mulheres e homens gays. Da análise quantitativa, verifica-se que o uso de diminutivos é relativamente mais frequente na fala de mulheres do que de homens, o que significa que mulheres 1,7 vezes a mais que os homens.

Em relação à análise qualitativa, os resultados parecem confirmar a hipótese do autor de que o uso de diminutivos pode cumprir a função de marcação de categorias de sexo/gênero. Mendes chega ao entendimento ainda que, na busca pela marcação de uma masculidade, possivelmente homens heterossexuais e, em alguns casos algumas mulheres lésbicas, evitam o uso do diminutivo uma vez que ele indexicaliza certas características, como a feminilidade, pessoa exagerada, por exemplo; e aponta para um certo perfil de pessoa, como homens gays e mulheres patricinhas; que tais sujeitos não querem estar associados.

Além do diminutivo, no nível morfológico, apresentamos a seguir os estudo de Gonçalves (2000) e de Felix (2016) sobre o uso do superlativo sintético.

2.4.3 Superlativo sintético: o uso dos sufixos *-íssimo*, *-ésimo* e *-érimo*

Gonçalves (2000) propõe um estudo sobre os sufixos *-íssimo*, *-ésimo* e *-érimo*, trazendo algumas evidências de que o uso desses morfemas serve a funções indexicais, mais especificamente no que se trata de indexicalizar a fala gay. O autor analisou 162 dados do *Corpus PEUL/RJ* (Recontato), constituído por 12 informantes, sendo seis de cada sexo (feminino e masculino), de onde retirou 31 ocorrências relativas à sufixação intensiva, objeto de análise dessa pesquisa. Dos 31 vocábulos, 20 foram afixados com *-íssimo*, 8 com *-érimo* e 3 com *-ésimo*.

Tendo em vista que as realizações de sufixos superlativos dessa amostra preveem a acentuação na primeira sílaba, o que caracteriza uma fala com alongamentos excessivos, houve uma baixa ocorrência de sufixação entre os homens, uma vez que tal alongamento não faz parte do conjunto de traços que integram o “sotaque masculino”. Desse modo, a hipótese

de Gonçalves é que o não uso dos sufixos *-íssimo*, *-ésimo* e *-érrimo* ou da acentuação prosódica por parte desse grupo é uma forma de se distinguir de outros falantes, uma vez que tais traços são considerados como características de outros falantes, mais especificamente o gay caricato.

Para Gonçalves, a escolha dos sufixos *-íssimo*, *-ésimo* e *-érrimo*, num conjunto relativamente grande de possibilidades para expressar intensificação no PB, significa optar pelo recurso mais enfático que a língua oferece, portanto, a hiperexpressividade de tais sufixos acaba sendo repassada para quem faz o uso deles. E essa questão poderia ser mais bem discutida se a interface a que esse trabalho se propôs (a morfopragmática) dialogasse também com a sociolinguística, de modo que as características do falante também fossem consideradas no âmbito das condições de produção. E foi sob essa perspectiva e direção que o estudo de Felix (2016) se orientou.

Felix investiga os adjetivos superlativos como um traço de fala gay, através de duas amostras: a amostra principal, formada a partir da análise de gravações de 24 informantes autodeclarados homossexuais e provenientes da cidade de Ribeirão Preto; e de uma amostra controle composta por dados provenientes do Banco de Dados Iboruna, relativos a entrevistas com 24 homens e 24 mulheres (todos de orientação heterossexual).

Os dados retirados da fala dos informantes gays foram analisados separadamente dos demais. Dos 3.170 dados retirados das entrevistas com informantes gays, somente 9% dos dados (288 ocorrências) representam o uso de adjetivos com derivação de grau superlativo absoluto sintético. No que se refere ao fator grau de escolaridade, das 288 ocorrências de superlativo sintético, 54,5% (157 ocorrências) foram produzidas por informantes com grau superior de ensino completo. Já com relação ao fator faixa etária, informantes mais novos, de 18 a 30 anos, produziram os superlativos com maior frequência, 38,54% (111 ocorrências).

A análise dos dados da amostra controle evidenciam que o baixo índice dos sufixos analisados na fala de indivíduos que se entendem como heterossexuais pode ter sido motivado pelo fato de que esses sufixos são mais marcados e mais fortemente associados à fala de homens gays, sobretudo um falar gay caricaturado, sendo atribuído um certo estigma ao uso do morfema. Portanto, comparando as duas amostras, o que podemos depreender dos resultados é que a verificação dos dados da amostra principal, que são referentes à fala de homens gays, não evidencia uma frequência de uso tão alta a ponto de indicar que os referidos sufixos caracterizam a fala desse grupo. Porém, quando comparados com os dados do grupo

de controle, os resultados podem sim indicar a existência de uma tendência de maior uso do superlativo absoluto sintético pelos gays.

Além dessas características, parece ser de senso comum a associação de determinadas palavras, expressões e gírias como próprias de uma fala gay, atribuindo-se ao nível lexical uma grande importância para a identificação e construção de uma linguagem gay.

2.4.4 Bajubá/Pajubá: o dialeto gay

Silva Filho e Palheta (2008) discutem em que medida as gírias utilizadas por homossexuais na cidade de Belém funcionam como mecanismo de construção de uma identidade gay, sobretudo como ferramenta de diferenciação entre gays e não gays.

Os autores observaram as dinâmicas interacionais de seis amigos gays em diversas situações de interação na cidade de Belém do Pará durante seis meses e, entre outras coisas, perceberam que o bajubá/pajubá – expressões criadas por homossexuais a partir de sua inserção nos ritos afro-brasileiros – tem um significado muito importante para esses indivíduos, haja vista que se caracteriza como um elemento fundamental para a construção da identidade gay. O Quadro 2 é uma adaptação de Silva Filho e Palheta (2008) e mostra alguns dos principais itens lexicais do bajubá/pajubá registrados nesse estudo.

Assim como Silva Filho e Palheta (2008), a pesquisa de Barroso (2017) também se dedica ao estudo do bajubá/pajubá e às complexidades socioculturais imbricadas no seu processo de formação e de uso.

Quadro 2 – Itens lexicais do Bajubá/Pajubá

Significante	Significado
A tia	Aids; estar com a doença
Aqué	Dinheiro
Aquendar	Olhar. Verificar; pegar
Babado	Fofoca ou pode significar algum acontecimento
Catar	Pegar uma conversa no “ar”
Dar a Elza	Ato de roubar
Deserdar a Nena	Evacuar
Ejé	Sangue
Equê	Mentira
Fazer a chuca	Aplicar no canal retal uma “lavagem” para que o “passivo” venha “bordar” o companheiro
Frescar	Agir de modo exibicionista; agir de modo “gay”
Gay de buceta	Mulher que assume trejeitos gays e fala, inclusive, o bajubá
Mala	Pênis; volume que o mesmo faz nas roupas íntimas
Mapô	Mulher
Mapodre	Mulher (forma pejorativa)
Mona	Bicha
Ocó	Homem
Pencas	Muito; bastante
Truque	Disfarçar; pode significar, também, montagem; arrumar-se

Fonte: Adaptado de Silva Filho; Pallheta (2008)

Os resultados trazidos por Barroso são provenientes da sua dissertação de mestrado, intitulada *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*, que se propõe a discutir e refletir sobre a relação entre língua, identidade e resistência.

Tais discussões foram subsidiadas por dados registrados durante a realização de a) entrevistas (estruturadas e semiestruturadas) com 20 sujeitos nascidos e/ou residentes da cidade de Manaus, autoidentificados de acordo com sua identidade de gênero, de faixas etárias diferentes, de diferentes graus de escolaridade e profissão; b) de enquete virtual com 423 pessoas de lugares variados do Brasil (327 LGBT's e 96 heterossexuais) e c) de debates em dois grupos, contando, igualmente, com seis participantes em cada um, totalizando 12 pessoas.

A análise desses instrumentais permitiu que Barroso observasse que o bajubá/pajubá (i) é entendido, tanto pela comunidade LGBT, quanto pelos heterossexuais dessa pesquisa, como

gíria para a comunidade LGBT; (ii) é transmitido e incorporado na sua linguagem através de amigos gays e pela mídia; (iii) é visto, por grupos compostos em sua maioria por homossexuais, como uma forma de defesa, principalmente contra a homofobia; e (iv) é compreendido como um modo de reafirmação da condição do homossexual em se orgulhar do seu papel na sociedade. Tais questões parecem corroborar para o entendimento desse código linguístico como mecanismo de (re)construção, manutenção e difusão da identidade da comunidade e dos sujeitos que fazem uso desse recurso linguístico.

Além disso, Barroso (2017) faz referência ao morfema verbal (-TES), usado no final de palavras, sobretudo de verbos no infinitivo – como em “...*poxa mana, tu me humilhartes agora*” (op.cit. p.61) – como uma das categorias linguísticas que constituem o pajubá-bajubá usado pela comunidade LGBT de Manaus. O autor aponta ainda que o uso do morfema resulta em uma caricatura, remetendo a linguagem utilizada pelo personagem “titia Tal Qual”, criado pelo manauara Gustavo Libório, criador da página Tal Qual Dublagens, o que alude ao objeto desta pesquisa.

Como já mencionado, os estudos apresentados nesta seção e na anterior, ainda que não tratem diretamente sobre o fenômeno a que nos propomos analisar neste trabalho, podem reverberar ou suplementar nossas discussões em algum momento, haja vista que traços da variedade manauara e da fala gay estão incorporados na linguagem utilizada na página Tal Qual Dublagens, *locus* desta pesquisa.

Tendo feito essa contextualização, na seção a seguir, apresentamos o objetivo, a questão e a hipótese central da pesquisa.

2.5 OBJETIVO, QUESTÃO E HIPÓTESE CENTRAL

- Objetivo Geral

Discutir sobre motivações morfossintáticas, semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas envolvidas na emergência de novos usos de {-STE} e na sua realização variável na página Tal Qual Dublagens.

- Questão e Hipótese central da pesquisa

Em que medida é possível dizer que a emergência e expansão de novos usos de {-STE} e sua realização variável, presente em *posts* e comentários na página Tal Qual Dublagens, são atravessadas por motivações morfossintáticas, semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas, configurando-se como um fenômeno em gramaticalização e em variação?

Considerando nossos dados, a realização variável de {-STE}, que se distribui em treze formas alternativas, mencionadas anteriormente, está vinculada a uma expansão de contextos de uso do item. Canonicamente, o referido item corresponde a um sufixo flexional de uso privativo do pretérito perfeito do indicativo (PP), o que implica a presença de desinência modo-temporal (DMT) zero. Além disso, seu uso está associado a uma base verbal, mais especificamente ao tema do verbo (radical + vogal temática da conjugação correspondente) e a P2 (tu) que funciona sintaticamente como sujeito.

Acreditamos que há pressões morfossintáticas, semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas que resultam no rompimento gradativo de regras que restringem a configuração gramatical canônica de {-STE}. Com a quebra dessas restrições, o referido item (i) passa a ser usado em contextos de uso não prototípicos, o que implica na expansão de uso do item. Nesse sentido, {-STE} pode ser agregado a uma base além da *base verbal canônica*; (ii) passa a assumir outras categorias gramaticais, além de *sufixo flexional* e (iii) passa a desempenhar outras funções/significações, além de *referência ao interlocutor/expressão de segunda pessoa do singular*.

Essa expansão consiste em um processo gradual e simultâneo de enfraquecimento/atenuação e fortalecimento que atravessa a categoria gramatical e a função comunicativa/significado que o item exerce na amostra. Nesse sentido, a categoria gramatical de *sufixo flexional* vai sendo gradativamente atenuada, desencadeando também o enfraquecimento da sua funcionalidade prototípica de *referência ao interlocutor*, associada a P2 (tu) (função semântico-pragmática). Enquanto isso acontece, o item passa a assumir uma nova categoria gramatical, a de *espécie de sufixo derivacional*, e as outras funções e significados que o item desempenha concomitantemente com a função prototípica são fortalecidos.

Acreditamos que mesmo quando {-STE} é usado de forma canônica, o que remete ao contexto de *base verbal canônica*, há significado(s) social(is) que são veiculados concomitantemente ao significado referencial do item. Com base nisso, nosso entendimento é

que, como os usos de {-STE}, seja o canônico ou os mais inovadores, e sua realização variável emergem em uma comunidade de práticas, o referido item (e aqui incluímos todas as suas treze formas alternativas de realização) desempenham ao longo dessa expansão *funções socialmente simbólicas ou estilísticas* (TRAUGOTT, 2001), as quais indexalizam, nesse caso, significados sociais identitários negociados entre os membros da comunidade.

Nesta seção, apresentamos o objetivo, a questão e a hipótese que nos orientou aos caminhos teórico-metodológicos que seguimos nesta pesquisa. Entretanto, o objeto desta dissertação conta com algumas especificidades que são aprofundadas nos desdobramentos do objetivo, da questão e da hipótese, apresentados no Capítulo 4, *Procedimentos Metodológicos*.

No capítulo a seguir, apresentamos os pressupostos teóricos que orientam nosso estudo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo consiste na apresentação dos pressupostos teóricos que nortearam a análise e a discussão sobre o objeto de estudo desta dissertação. O capítulo é constituído por três seções. A primeira corresponde aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (SV), em que abordamos as chamadas ondas da SV, com foco na perspectiva de terceira onda com a qual esta pesquisa está alinhada (Seção 3.1). A segunda trata sobre a Teoria da Gramaticalização, que utilizamos para lidar com o processo de expansão de contextos linguísticos de uso pelo qual acreditamos que o item {-STE} esteja passando (Seção 3.2). E a terceira conta com uma discussão sobre as articulações trazidas por Tavares e Görski (2015) Görski e Tavares (2017) no que se refere à interface Variação-Gramaticalização. Nessa seção questionamos alguns conceitos assumidos nessa perspectiva de interface e sugerimos uma ampliação na proposta (Seção 3.3)

3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Nesta seção discorreremos sobre a Sociolinguística Variacionista (SV) e as chamadas *ondas*, que correspondem a uma sistematização dos diferentes focos e abordagens que vêm sendo trabalhados nos estudos variacionistas desde a década de 1960 até os dias atuais a respeito do significado social da variação. Feito isso, damos enfoque à perspectiva dos estudos de terceira onda, com a qual acreditamos que o objeto desta pesquisa esteja alinhado.

A Sociolinguística Variacionista tem se revelado ao longo do tempo como um sedimentado campo de estudo da Linguística, sobretudo porque muitos estudos dessa vertente têm contribuído para a construção de um panorama descritivo do funcionamento variável das línguas no âmbito de comunidades de fala (CF). Havia, nos estudos variacionistas fundantes, um interesse muito grande em traçar padrões sociolinguísticos, através de tratamentos quantitativos e estatísticos que priorizavam, por um lado, a análise de fatores estruturais e macrossociológicos e secundarizavam, por outro, o papel do estilo.

Na perspectiva laboviana, o “grau de atenção a fala” (proposta de Labov, 2008 [1972]), é central para definir a variação estilística. Ao circunscrever o estilo nessa perspectiva, aspectos interacionais e identitários, por exemplo, que também são relevantes para explicar a variação estilística, são deixados de lado. Essa lacuna acabou abrindo espaço para novas perspectivas teórico-metodológicas nos estudos variacionistas comprometidas em olhar mais

amplamente para o estilo. Esses novos olhares para o estilo, e também para novas concepções acerca do significado social, geram novos interesses para a SV. E é nesse cenário que surge uma leva de estudos “para além de Labov” com o objetivo de analisar a variação e mudança por outros prismas, com foco mais social e individualmente situado.

Com o objetivo de diferenciar e sistematizar esses estudos, Eckert (2005, 2012, 2016) propõe um agrupamento deles em três fases distintas – ainda que não sejam sucessivas – com base na perspectiva teórico-metodológica sobre o *significado social* assumida em cada um. Essas três fases são denominadas pela autora como *ondas* dos estudos variacionistas e são brevemente apresentadas nas seções a seguir. Damos um enfoque maior na discussão sobre a terceira onda, tendo em vista que o nosso estudo está mais alinhado a essa tendência.

3.1.1 As ondas da sociolinguística variacionista

A *primeira onda* da SV está fortemente relacionada aos estudos labovianos e é inaugurada com a tese de doutorado de Labov (1966) sobre a estratificação social do /r/ pré-vocálico e pós-vocálico na cidade de Nova York. Nesse trabalho, o autor constata a influência de macrocategorias sociais, especialmente classe socioeconômica, sexo e faixa etária, no uso das variáveis, o que possibilita o delineamento de padrões de variação.

Nos estudos de primeira onda, a uniformidade com que os padrões estilísticos atravessam a hierarquia socioeconômica sugere um consenso sobre o significado das variáveis que se dá através da observação de padrões nas comunidades de fala. Desse modo, o *significado social* da variação é baseado nas categorias que serviram para selecionar e classificar os falantes e não no conhecimento direto dos próprios falantes e suas comunidades. Nesse sentido, as atividades linguísticas dos falantes parecem induzir a uma interpretação que estabelece, por um lado, valor de prestígio associado à fala de indivíduos de classes mais altas economicamente e, por outro, de estigma associado à fala dos de classes inferiores – valores esses correlacionados diretamente ao grau de monitoramento da fala, responsável, na visão laboviana, pela variação estilística.

Isso posto, para sintetizar a primeira onda, Eckert (2005) apresenta as principais características dessa tendência. São elas:

A primeira onda: desenvolvendo o cenário global
Grandes pesquisas sobre o estudo de comunidades definidas
geograficamente;

A hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social;
 Variáveis como marcadores de categorias sociais primárias e que carregam traços de prestígio/estigma;
 Estilo como atenção prestada à fala e controlada pela orientação direcionada ao prestígio/estigma. (ECKERT, 2005, p. 3)¹¹

Já a *segunda onda* é marcada, sobretudo, por uma mudança de natureza metodológica. Nesse sentido, os estudos dessa tendência utilizam métodos etnográficos para verificar como categorias macrossociais estão correlacionadas com os usos variáveis dos falantes. (ECKERT, 2012)

Nessa tendência, ainda que o foco continue sendo categorias estáticas dos falantes, o locus de análise da variação passa a ser redirecionado para comunidades menores, como as *redes sociais*¹², ou as *comunidades de prática*¹³. Ao assumir que a variação está situada nessas comunidades, é possível estabelecer que o valor social da variação está fortemente relacionado a dinâmicas sociais mais locais e menos globais, o que corrobora para o fornecimento de um retrato local das variáveis linguísticas. (ECKERT, 2012)

Entre os trabalhos mais relevantes da segunda onda, estão o estudo de Milroy (1981) sobre a variação fonológica em redes sociais em Belfast (Reino Unido) e o de Rickford (1986), sobre a variação crioulo/padrão no sistema pronominal em plantação de açúcar na Guyana. (ECKERT, 2012).

Em Belfast, Milroy observou que *redes densas multiplexas*¹⁴ – típicas da classe operária – teriam um forte poder de reforçar normas locais e correlacionou o tipo de redes dos indivíduos com seu uso de variáveis vernaculares. Já na Guyana, Rickford constatou que os falantes da classe dos camponeses usavam intencionalmente o crioulo no lugar do inglês padrão, “como um ato revolucionário e como forma de enfatizar a solidariedade social e autopromoção

¹¹“The First Wave: Developing the big picture • Large survey studies of geographically defined communities • The socioeconomic hierarchy as a map of social space • Variables as markers of primary social categories and carrying class-based prestige/stigma • Style as attention paid to speech, and controlled by orientation to prestige/stigma.”

¹²Rede relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida cotidiana e que geralmente envolvem relações de graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho) etc. (MILROY, 1980, 2002)

¹³O conceito de comunidade de práticas é apresentado mais adiante.

¹⁴As redes sociais apresentam diferenças em duas dimensões:

- densidade (estrutura da rede) refere-se aos contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas que se conhecem umas às outras numa certa rede, mais alta será a densidade dessa rede; quanto menor o número de pessoas, mais baixa será a densidade da rede
- plexidade (conteúdo da rede): refere-se à multiplicidade de conexões dos membros
- Rede uniplexa: indivíduos que se relacionam de uma única maneira (membros que sejam vizinhos).
- Rede multiplexa: indivíduos que se relacionam entre si em diversas situações (parentes e vizinhos, parceiros no trabalho e no lazer).
- Laços fortes: conectam amigos e parentes.
- Laços fracos: conectam conhecidos.” (adaptado de MILROY, 2002, p. 550)

individual e comunicar militância política em vez de acomodação”¹⁵ (RICKFORD, 1986, p. 218)¹⁶.

Tendo isso em vista, os estudos etnográficos parecem deixar ainda mais evidente que embora algumas variantes possam ser estigmatizadas em um nível mais geral de uma determinada língua, a sua associação com valores e práticas locais podem lhes conferir valor positivo. Nesse sentido, elas podem indicar um ato de engajamento com o grupo e conferem a esses falantes uma certa agentividade porque a sua forma de falar é também um modo de agir no mundo.

Tendo isso em vista, os estudos de segunda onda passam a considerar um leque mais amplo de significados para as variantes e, nesse movimento, apresentam uma noção de variação estilística mais ampliada em que a maneira como os indivíduos usam as variantes para transmitir uma variedade de afiliações, características e posturas tanto no grupo/comunidade local como em interações locais importa para explicar a relação entre língua e sociedade (SCHILLING, 2013).

Sintetizando a segunda onda:

A Segunda Onda: Desenvolvendo o cenário local
Estudos etnográficos de comunidades geograficamente definidas;
Categorias locais como um elo para as demográficas;
Variáveis como indicadores de categorias localmente definidas;
Estilo como atos de afiliação. (ECKERT, 2005, p. 15)¹⁷

Com características de segunda e de terceira onda, Eckert (2012) aponta o estudo de Labov realizado em 1963 na ilha de Martha’s Vineyard (2008 [1972]) e o estudo de Eckert (1989) em escolas da área suburbana de Detroit/USA. No primeiro estudo, Labov observou que o significado da variação dos ditongos /ay/ e /aw/ estava associado a fatores muito além dos aspectos de estratificação.

A forma de falar era um indicador de significado social. Nesse sentido, a escolha de uma ou outra variante, nesse caso, a forma centralizada, era feita pelo falante com base em

¹⁵A carga ideológica observada na investigação de Rickford (1986), em certa medida, já vincula o estatuto também à terceira onda.

¹⁶“EC speakers use creole rather than standard English as a matter of choice, as a revolutionary act, as a means of emphasizing social solidarity over individual self-advancement and communicating political militancy rather than accommodation.”

¹⁷“The Second Wave: Developing the local picture • Ethnographic studies of geographically defined communities • Local categories as links to demographics • Variables as indexing locally-defined categories • Style as acts of affiliation.”

aspectos identitários e de pertencimento à ilha, configurando uma forma simbólica de se posicionar ideologicamente perante os outros habitantes.

Já em relação ao segundo estudo, ao analisar a realização variável do ditongo /ay/ entre dois grupos de adolescentes em convívio escolar (os *jocks* e os *burnouts*), Eckert mostra que suas diferentes realizações veiculam valores sociais distintos de acordo com valores socioculturais do grupo.

O dois estudos acima mencionados introduzem alguns interesses atrelados mais especificamente ao empreendimento variacionista de terceira onda na medida em que a observação do significado social da variação passa a se situar em um espectro mais amplo de investigação. Nessa perspectiva, os padrões de variação são estabelecidos por *afiliação/pertencimento* a grupos sociais que refletem dinâmicas locais enraizadas em práticas e ideologias que formam e são formadas pela classe e relações identitárias. Nesse sentido, o uso das variáveis linguísticas passa a ser visto como parte da prática das comunidades, adquirindo aí significado social.

No caso do estudo em Detroit, Eckert observa que a variação também emerge como parte de um complexo estilístico mais amplo incluindo território e itens de consumo (acessórios, alimentos, gosto musical) – que *jocks* e *burnouts* exploravam na construção de uma oposição mútua e, portanto, os padrões de variação desses adolescentes não são estabelecidos na infância e muito menos são condicionados pela classe socioeconômica dos pais, mas servem como recursos na construção de suas identidades. (ECKERT, 2012)

Com base em cenários como esse, é possível dizer que os fenômenos em variação passam a ser vistos não mais a reboque das macrocategorias sociais – mais especificamente a classe socioeconômica – mas como elementos que passam a indexicalizar a relação entre língua e identidade, o que parece ter fornecido sustentação teórica e impulso metodológico inteiramente novo para os estudos variacionistas de terceira onda, que apresentamos na subseção a seguir.

3.1.2 A terceira onda: o foco na prática estilística

A variação estilística sempre esteve presente nos estudos de Sociolinguística Variacionista, entretanto a concepção de estilo em cada um desses estudos é o que define se ele será tratado como o foco, ou como um recurso secundário.

Nos estudos de primeira onda, a concepção de variação se viu “grudada” a uma definição de estilo como “diferentes formas de dizer a mesma coisa” (LABOV, 1972b, p. 323), que era operacionalizada pelo controle ao grau de atenção à fala dos informantes nas entrevistas sociolinguísticas. Essa definição era compatível com o foco da linguística no significado denotativo/referencial, numa perspectiva de variação como um marcador social e o estilo como um fenômeno auxiliar (COUPLAND, 2011). Na segunda onda, por outro lado, como mencionamos na subseção anterior, o estilo, por mais que ainda esteja correlacionado com categorias macrossociais, ganha um tratamento analítico e metodológico diferenciado à medida que passa a ser visto como ato de afiliação (ECKERT, 2005).

Na *terceira onda*, no entanto, a noção de estilo abarca questões ainda mais amplas que na segunda onda. Nesse sentido, o estilo passa a ser entendido como um “fenômeno multinível – uma configuração coordenada de características linguísticas, projetada e interpretada holisticamente”¹⁸ (COUPLAND, 2011, p. 140) e a *prática estilística*¹⁹ se torna fundamental para compreender a variação e mudança. E é sob essa perspectiva que esta tendência reconhece o estilo como o objeto de estudo da SV.

Eckert sumariza as principais características da terceira onda:

A Terceira Onda: A perspectiva estilística
Estudos etnográficos de comunidades de prática;
Categorias locais construídas através de posturas comuns;
Variáveis como índices de posturas, atividades, características;
Estilo como construção de persona. (ECKERT, 2005, p. 30)²⁰

O empreendimento variacionista de terceira onda surge com o interesse (i) no significado social da variação, considerando que as variáveis linguísticas não estão somente associadas às categorias sociais, mas principalmente às posturas (*stances*) e características dos sujeitos que constituem essas categorias e (ii) na contínua variação/mudança desses significados sociais tendo em vista que nem a língua, nem os sujeitos que a usam e criam sentidos para esses usos, devem ser tomados como fixos e imutáveis. Nesse sentido, esta tendência entende a variação como um *sistema sociosemiótico* em que a natureza do

¹⁸“Style is in fact a multi-level phenomenon – a coordinated configuration of linguistic features, designed and interpreted holistically.”

¹⁹Para Eckert, práticas estilísticas são tanto o processo de interpretação, quanto de produção de estilos, tendo em vista que ambos acontecem constante e iterativamente. “By stylistic practice, I mean both the interpretation and the production of styles, for the two take places constantly and iteratively.”

²⁰“The Third Wave: The stylistic perspective • Ethnographic studies of communities of practice • Local categories as built on common stances • Variables as indexing stances, activities, characteristics • Style as persona construction.”

significado social pode ser verificada a partir de três propriedades das variáveis linguísticas, descritas por Eckert (2008, 2016): a implicabilidade (*implicitness*), a subespecificação (*underspecification*) e a combinatividade (*combinativeness*).

A primeira propriedade, a implicabilidade, diz respeito ao fato de que o significado da variação é implícito, o que permite que os falantes digam coisas sobre eles mesmos e sobre o mundo social através de signos linguísticos sem precisar dizer tais coisas expressamente. Isso permite que aquilo que não é dito em palavras ainda se faça presente, implicitamente, através de pequenos movimentos indexicais.

A segunda propriedade, a subespecificação, diz respeito à variabilidade de interesses e propósitos sociais que uma única forma linguística pode indexicalizar. Essa propriedade está ligada mais especificamente a um dos conceitos-chaves tomados pelos estudos de terceira onda que é a noção de *mutabilidade indicial* sob a qual as variáveis linguísticas não podem ser vistas como marcadores consensuais de significados fixos. Pelo contrário, segundo Eckert (2005), há para cada variável um número considerável de significados que não são definidos *a priori*, mas que estão em emergência, sendo, portanto, criados e recriados durante a prática linguística e combinados e recombinaos através de processos contínuos de *bricolage*.

Por último, a propriedade de combinatividade, que se relaciona com a noção de que as variáveis não adquirem significado social isoladamente, mas sim através da sua relação com esses significados e deles com outros significados. Tal relação faz com que essas variáveis sejam entendidas como componentes estilísticos, que se interconectam no mundo social por meio das inúmeras *personae* que os sujeitos constroem. Como essas *personae* – que corresponde a parte de um processo no qual os sujeitos performam maneiras de se mostrar para o outro através de máscaras sociais (JUNG, 1975) – e o mundo que elas constroem não são estáticos, o campo indexical dos significados em potencial das variáveis é continuamente afetado por processos semióticos.

Com base nisso, os significados sociais das práticas estilísticas dos falantes emergem como produto do princípio semiótico da diferenciação linguística, que circunscreve a relação entre *signos icônicos, indiciais e simbólicos* (PEIRCE, 1932 apud IRIVINE; GAL, 2000). Para a terceira onda, o interesse está na propriedade indicial dos signos, mais especificamente no que se refere à noção de *indexicalidade*, que discutimos na subseção a seguir.

3.1.3 Indexicalidade

Para Silverstein (2009), a indexicalidade é revelada no modo como, gradativamente, os signos linguísticos refletem a relação entre os usuários desses signos e os contextos específicos nos quais esses signos são usados. São os significados indexicais presentes na língua que nos permitem fazer correlações entre o que é dito e as características de quem disse, por exemplo.

O estudo de Mendes (2016), que tem se dedicado à investigação de variáveis linguísticas na cidade de São Paulo, sobretudo no que se refere a questões de como os sujeitos percebem e avaliam certos usos, trazem resultados interessantes para se pensar sobre a dinâmica indexical dos signos linguísticos.

Mendes (2016) investiga a produção e a avaliação social da pronúncia ditongada da vogal /e/ nasal na cidade de São Paulo. Partindo do julgamento de 44 ouvintes sobre a fala de quatro informantes (dois homens e duas mulheres), os resultados desse estudo evidenciam que a ditongação de /e/, em geral, é percebida como uma característica de paulistanidade, de pertencimento a áreas mais centrais de São Paulo e de diferenciação de sexo/gênero. Em relação a essa última, a depender não somente de quem é o falante, mas, sobretudo, de quem é o avaliador (ouvinte), essa percepção pode não se dar de forma equilibrada, o que faz com que o mesmo falante seja avaliado como mais masculino por um ouvinte e como mais feminino por outro.

Essa evidência nos leva a pensar sobre a questão de que os significados sociais atribuídos à variante ditongada nesse estudo, por exemplo, ainda que tenham sido submetidos às mesmas situações de avaliação, não são e não podem ser os mesmos para todos os sujeitos porque os sujeitos são diferentes. Por mais que se almeje a verificação de padrões compartilháveis sobre as variáveis, os sujeitos veem e percebem o mundo social de formas diversas e, portanto, não cabe mais pensar que os significados são estáveis, homogêneos e unos, uma vez que a língua é dinâmica e mutável.

Não estamos dizendo que a multiplicidade de significados que um item pode ter não esteja associada, ainda que minimamente, a alguma forma de padronização. Pelo contrário, se os significados não fossem atribuídos com base em certas convenções comuns a outros sujeitos, não haveria a possibilidade de difusão desses significados e, portanto, a interlocução se tornaria dificultada ou até mesmo impossível. A questão a se pensar é que quando um sujeito estabelece uma relação entre uma forma linguística e um significado social há sempre motivações ideológicas imbricadas e tais motivações estão sempre circunscritas em relações

de poder, que estão relacionadas às formas com o que mundo social está estruturado (BLOMMAERT, 2005).

Nesse cenário, os diversos modos de usar a língua dizem muito sobre como estruturas microsociais podem estar relacionadas às macrosociais e para lidar com isso o conceito de *ordem indexical* é central. Para Silverstein (2003), a atribuição de significados aos signos indexicais está sujeita a uma certa adequação desses signos aos contextos em que podem ser usados. Esse constante processo de vinculação contextual na indexicalização reflete a forma com que os sujeitos culturalmente interpretam a relação dialética entre significados mais globais e mais locais, que estão relacionados com as macro e microformas de identificação social.

Essa interpretação é sempre um processo não arbitrário, motivado pelos graus de engajamento ideológico que os sujeitos manifestam em relação ao uso da ordem indexical, o que o autor (op.cit.) denomina como *etno-metapragmática* desse uso. Dentro dessa perspectiva, a ordem indexical é entendida como uma realização performática, de uma estrutura já constituída de valor semiótico. (SILVERSTEIN, 2003).

Considerando que a ordenação indexical dos signos se dá através de uma competição dialética entre eles, Silverstein os distingue em ordens, estabelecendo uma correlação com os três tipos de significado social que as variáveis linguísticas podem carregar: os indicadores, os marcadores e os estereótipos (LABOV, 2008[1972])²¹. Nessa perspectiva, os indicadores, entendidos por Labov (idem) como traços linguísticos socialmente estratificados de acordo com categorias macrosociológicas de identidade do falante, funcionam como índices de primeira ordem, enquanto os marcadores – traços sociais e estilísticos que revelam os efeitos do julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o falante – e estereótipos – traços linguísticos socialmente marcados de forma consciente pelos falantes – como índices de segunda ordem.

O estudo realizado por Johnstone et al. (2006) sobre o *Pittsburghese* – dialeto falado na cidade de Pittsburgh nos Estados Unidos – ilustra bem essa diferenciação.

Como *índice de primeira ordem*, que aponta para a identificação de variáveis dialetais que podem ser diferenciadas social ou demograficamente (ECKERT, 2008, 2018), temos o caso da monotongação do ditongo /aw/. Trata-se de uma variante regional do sudoeste da Pensilvânia, especialmente em Pittsburgh, cujo significado social indexicaliza ainda a fala da

²¹É importante ressaltar que, embora, Silverstein utilize os termos indicadores, marcadores e estereótipos de Labov, eles não podem ser entendidos com uma equivalência absoluta, pois são usados com diferentes acepções pelos dois autores.

classe trabalhadora e do sexo masculino. No entanto, os autores (op.cit) apontam que falantes que não têm muita mobilidade e que não fazem parte de redes sociais densas e multiplexas não percebem esses significados sociais, porque na perspectiva dessas pessoas “todo mundo fala desse jeito”. Isso indica, nesse caso, que se trata de um índice cujo significado opera abaixo do grau de consciência dos falantes, o que pode ser compreendido com um indicador laboviano (JONHSTONE et al., 2006)

Contudo, por mais que esses significados não sejam percebidos por esses falantes, “a avaliação social de uma população está sempre disponível para ser associada a um índice e ser internalizada na própria variabilidade dialetal dos falantes como um indexicalizador de elementos específicos de caráter” (ECKERT, 2018, p. 154)²². Nesse sentido, à medida que os falantes passam a usar esses índices de primeira ordem como estratégias de identificação e diferenciação social “em relação aos elementos de caráter selecionados para o uso interno” (idem), seja de forma interpretativa ou performativa, isto é, ativando ou não o nível de consciência, esses signos passam a funcionar como índices de segunda ordem (JONHSTONE et al., 2006).

Um ponto importante a se pensar é que como a ordem indexical é estabelecida mediante uma relação dialética entre os signos, a indexicalidade de segunda ordem consiste em uma variabilidade de significados que se sobrepõem etno-metapragmaticamente ao significado pressuposto do índice de primeira ordem. E é, sobretudo, através desse cenário que podemos dizer que os mecanismos sociossemióticos da língua permitem que os falantes combinem e articulem os fatos macro e micro de identificação, que não refletem somente aspectos sociais, mas também socioideológicos. (SILVERSTEIN, 2003)

Nesse sentido, como *índice de segunda ordem*, os significados sociais do uso monotongado de /aw/ em Pittsburgh passam a ser atribuídos por esses sujeitos com base em suas ideologias sobre classe e correção. Isto é, falantes que querem soar mais educados e cosmopolitas usam com menos frequência a variante em questão do que quando querem soar como homens da classe trabalhadora ou como os demais pittburgueses. É nesse movimento, de fazer (consciente ou inconscientemente) com que uma forma linguística desempenhe determinadas funções em certas situações comunicativas, que podemos considerar esse tipo de índice como um marcador laboviano. (JONHSTONE et al., 2006)

²² “[...] the social evaluation of a population is always available to become associated with the index and to be internalized in speakers’ own dialectal variability to index specific elements of character.”

Apesar de Silverstein (2003) não ter falado expressamente em indexicalidade de terceira ordem, o autor aponta que qualquer forma linguística que estabeleça relação com o mundo social por meio de indexicalidade está continuamente sujeita a reinterpretações que se dão nos e por causa dos contextos específicos de uso. Desse modo, em cada uma dessas novas interpretações, parece haver um *acréscimo de significado social* para a forma, e ela adquire, portanto, um novo valor indexical. Jonhstone et al. (2006) consideram que a monotongação de /aw/, que passa a ser usada de forma consciente pelos falantes que querem associar sua fala à identidade local da cidade, configura-se como um índice de terceira ordem uma vez que os falantes tenham atribuído esse novo significado social com base na percepção do significado que já estava disponível, expresso pela segunda ordem de indexicalidade.

Muitas vezes esse novo uso pode ser extremamente performativo, o que pode fazer com que a realização da variante seja considerada como um estereótipo laboviano. Um exemplo disso é o que acontece com o *manezês* – dialeto da cidade de Florianópolis – em que a representação do que se entende como o falar local é muitas vezes parodizada e estilizada em produções artísticas (literatura impressa, peças de teatro, *stand-up-comedy*) e midiáticas (blogs, perfis em sites de rede social e sites sobre a cultura local). Essa estilização da *fala do mané*²³ acaba funcionando como um “veículo de difusão e cristalização de certos valores e apreciações estereotipados do manezês e do manezinho da ilha” (SEVERO; NUNES, 2015, p. 23).

Eckert (2008, 2018) argumenta que embora essa ordenação indexical pareça implicar em uma linearidade quanto aos significados sociais dos signos, esse não é o objetivo de Silverstein (2003). Nesse sentido, tendo em vista que os tipos de significados sociais que as variáveis podem carregar não são estanques, a ordem indexical dos signos também não pode ser vista como tal. Precisamente porque os processos de reinterpretação dos signos, que geram novos significados a eles, “ocorrem dentro de um campo ideológico fluido e em constante mudança”²⁴ (SILVERSTEIN, 2003, apud ECKERT, 2018, p. 154), a ordem indexical pode se dar simultaneamente e ao longo do tempo em múltiplas direções, estabelecendo um conjunto de significados correlacionados, os quais, em dado momento, constituem o que Eckert denomina como *campo indexical* – “constelação de significados

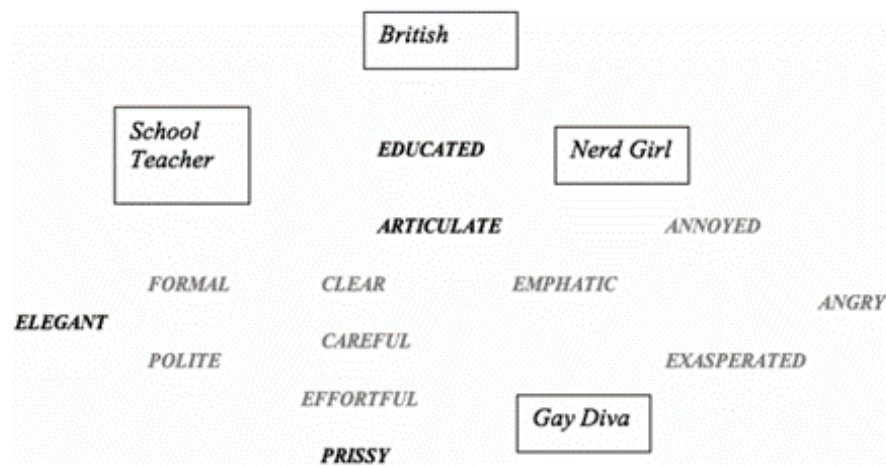
²³Mané ou manezinho é o termo usado para se referir à pessoa natural da ilha de Florianópolis.

²⁴“[...] they take place within a fluid and ever-changing ideological field.”

ideologicamente relacionados, os quais podem ser ativados nas situações de uso das variáveis” (ECKERT, 2008, p. 454)²⁵.

A Figura 5 mostra o campo indexical da produção de /t/ no inglês. Eckert (2008) compõe o campo indexical da produção de /t/ no inglês com base em resultados das pesquisas de Bucholtz (2001), Benor (2001) e Podesva, Roberts e Campbell-Kibler (2002). Nele, a autora evidencia que a hiperarticulação da forma /t/ no inglês americano está associada a três categorias sociais: garotas nerds, garotos judeus ortodoxos e homens gays.

Figura 5 – Campo indexical da hiperarticulação de /t/ no inglês



Fonte: Eckert (2008, p. 469)

Ao compor esse campo indexical, Eckert (2008) distingue o que pode ser considerado qualidades permanentes (em preto) e posturas (*stances*) (em cinza). Essa divisão não implica uma divisão clássica que separa uma categoria da outra, pelo contrário, o objetivo é mostrar que, na prática, há uma fluidez entre as categorias e uma relação entre características e *stances*.

Para a dinâmica da língua, a ocorrência de um signo indexical em contextos reais de uso permite que esses contextos sejam constantemente reconfigurados para atender aos interesses dos usuários e, conseqüentemente, os significados atrelados a esses signos também passam por ressignificações. Na Figura 5, por mais que as posturas sociais (*stances*) indexicalizadas nas variáveis sejam de natureza mais momentânea, elas podem tornar-se mais permanentes à medida que são reiteradas durante as práticas estilísticas. Quanto mais “acrécimo” de postura

²⁵ “[...] constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable.”

o indivíduo concebe a uma variável, mais essa postura passa a ser vista como uma característica e mais essa característica passa a ser vista como parte da identidade desse indivíduo.

Nesse sentido, segundo o olhar dos estudos de terceira onda, ao indexicalizar certos significados sociais às variáveis linguísticas, os indivíduos o fazem com base em aspectos identitários. E essa identidade é construída durante e através da prática estilística.

3.1.4 Identidade

Os estudos de terceira onda trabalham com uma concepção de variação em que os padrões variáveis de uso da língua são analisados a partir das práticas estilísticas de sujeitos inseridos em grupos. No entanto, o novo enquadramento da sociedade na pós-modernidade gera sujeitos fluidos, múltiplos, extremamente mutáveis, fragmentados, heterogêneos (BAUMAN, 2005; HALL, 2006) e conseqüentemente cada uma das características que os constituem reflete esses traços. A identidade como parte constitutiva do sujeito não seria diferente.

Mas afinal o que é identidade?

Hall (2006) argumenta que as concepções de identidade estão intimamente relacionadas às transformações histórico-culturais pelas quais os sujeitos têm sido atravessados ao longo do tempo. A primeira delas, o Iluminismo, gera um tipo de sujeito fechado em si mesmo, contínuo e idêntico a ele mesmo. Essa centralidade do sujeito desencadeia um entendimento de *identidade como essencial, fundamental e individual*. O segundo evento apontado por Hall é a Modernidade, que traz consigo o sujeito sociológico. Esse tipo de sujeito, diferentemente do anterior, passa a se entender como um indivíduo que pertence a algo mais amplo, um sujeito que se relaciona com outras pessoas. A partir dessa relação, sua identidade, que ainda está associada a uma *essência interior*, pode ser “modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’” (HALL, 2006, p. 11), suscitando uma concepção de *identidade como um fenômeno de autocompreensão interativa, coletiva, uma identidade cultural*.

A partir dessa concepção, pode-se concluir que a identidade é o fio condutor que sustenta as relações entre os sujeitos e as estruturas sociais e culturais do mundo. E, muitas vezes, essa noção acaba levando a uma interpretação de que tanto essas relações, quanto seus componentes, são estáveis, o que, nessa perspectiva, pode levar a entender a identidade como unificada, homogênea e fixa. Entretanto, as relações identitárias estão sempre encaixadas em

outros contextos que as colocam em movimento e perturbam a sua noção de estabilidade. (HALL, 2006)

Por mais que os sujeitos procurem coerência, harmonia e plenitude nos processos de identificação social, eles são insistentemente perturbados pela incoerência, pelo caos e pela incompletude – situação que parece ter sido introduzida pelas novas configurações socioeconômicas e culturais, desencadeadas, sobretudo, pelo fenômeno da globalização²⁶, responsável pela fabricação do sujeito pós-moderno. O impacto da globalização sobre as identidades culturais desencadeia, por um lado, a desintegração dessas identidades e, conseqüentemente o surgimento de novas identidades híbridas; e, por outro, o surgimento de movimentos de resistência a partir do reforço das identidades nacionais e outras identidades locais. (HALL, 2006)

Com a Pós-Modernidade, a terceira transformação apontada por Hall, a ideia de identidade como “plenamente unificada, completa, segura e coerente” (HALL, 2006, p. 13), é substituída por uma noção de incoerência e contradição, uma vez que ela não é fixa, não é essencial, muito menos homogênea, não é predeterminada biologicamente e sim historicamente e está em contínuo processo de construção. Essa concepção de identidade está alinhada a um tipo de sujeito global(izado) que é deslocado, desterritorializado, fragmentado e múltiplo. E é esse tipo de sujeito e essa concepção de identidade que a terceira onda busca para compreender a variação linguística e os significados sociais da variação.

3.1.4.1 A identidade na terceira onda

Na sociolinguística, a definição de Kiesling (2013) parece se alinhar bastante com o entendimento que buscamos assumir neste estudo. Para a autora, identidade é “*como os indivíduos se definem, se criam ou pensam sobre si mesmos em termos de suas relações com outros indivíduos e grupos* ainda que sejam reais ou imaginados” (p.450)²⁷. Essa definição nos interessa porque parece (i) deslocar o foco de indivíduos estáticos para o processo de como os falantes usam a língua para criar relações; (ii) capta a natureza dual individual e social da identidade; (iii) coaduna com a discussão de que as identidades não são definidas e

²⁶“A Globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado [Anthony Mc Grew, 1992].” (HALL, 2006, p. 67)

²⁷“identity is how individuals define, create themselves in terms of their relationships with other individuals and groups, whether these others are real or imagined.”

determinadas *a priori*, mas podem ser construídas em meio a outros processos semióticos e ideológicos, os quais podem ser estabelecidos durante a interação com outros indivíduos e grupos sociais, sejam reais ou imaginados.

Diferentemente das outras ondas, em que a identidade desempenha funções de identificação e categorização, estabelecendo distinções entre macrocategorias a partir das quais há um *posicionamento* do eu perante o outro (primeira onda); e reflete marcas de *subjetividade* na relação estável entre a autocompreensão de si e o lugar social (segunda onda); na terceira onda, a identidade está associada a um *alinhamento* que ocorre sobretudo a partir da relação entre o indivíduo e os grupos em que está inserido e na relação entre os graus de afiliação e pertencimento a esses grupos (BRUBAKER; COOPER, 2000).

Cada contexto define o tipo de interação envolvida entre locutor-interlocutor e parece induzir esses sujeitos a tomar certas posturas (*stances*) e construir *personae* por meio de práticas estilísticas fortemente entretecidas por componentes ideológicos.

Stance e estilos de *personae* são centrais para o processo de construção de identidade.

No que se refere à postura (*stance*), Du Bois a entende como

um ato público de um ator social, alcançado dialogicamente através de meios comunicativos evidentes (linguagem, gesto e outras formas simbólicas), através das quais os atores sociais avaliam simultaneamente os objetos, posicionam os sujeitos (eles mesmos e os outros) e alinham-se com outros sujeitos, com respeito a qualquer dimensão saliente do campo sociocultural (DU BOIS, 2007, p. 163).²⁸

A postura é uma propriedade que emerge da interação e, por isso, não é algo que é facilmente identificado sem olharmos para a própria situação de interação ou os contextos sociais e históricos relacionados. As posturas dos falantes são *performances* através das quais eles podem se alinhar ou se desalinhar e/ou ironizar associações estereotípicas com formas linguísticas particulares (JAFFE, 2009). Essas posturas podem, assim, expressar significados múltiplos ou ambíguos. Isso torna a postura um ponto crucial de entrada em análises que focalizam as maneiras complexas pelas quais os falantes gerenciam múltiplas identidades (ou múltiplos aspectos da identidade) através dos diferentes estilos que escolhem ‘usar’ na interação.

²⁸“a public act by a social actor, achieved dialogically through overt communicative means (language, gesture, and other symbolic forms), through which social actors simultaneously evaluate objects, position subjects (themselves and others), and align with other subjects, with respect to any salient dimension of the sociocultural field.”

Escolher um estilo em uma situação comunicativa de interação é eleger, considerando um número de possibilidades distintas, que *máscara social* usar em cada contexto. Nesse sentido, de acordo com Irvine (2001), o estilo, como parte de um *sistema de distinção*, surge a partir de relações de contraste com outros estilos, desencadeando o mesmo processo no que se refere aos seus significados sociais, que serão diferenciados na relação com os outros significados. Tendo isso em vista,

[...] os estilos, na fala, dizem respeito ao modo pelo qual os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos dentro de um sistema de distinções e possibilidades. Seus atos de fala são ideologicamente mediados, já que esses atos envolvem, necessariamente, os entendimentos do falante a respeito de grupos sociais, atividades e práticas, incluindo formas de falar. Tais entendimentos incorporam valorações e pesam de acordo com a posição social e interesses do falante. São também afetados por diferenças quanto ao acesso dos falantes a práticas relevantes. Atos sociais, incluindo atos de fala, são informados por um sistema ideologizado de representações, e não importando quão instrumentais possam ser para alguma meta específica, também participam do “trabalho de representação”. (IRVINE, 2001, p. 23-24)²⁹

Essas escolhas estilísticas configuram um processo contínuo e agentivo, em que a agentividade é concedida tanto ao falante quanto ao ouvinte haja vista que é na relação locutor-interlocutor, ou na autorepresentação do eu perante o outro, que os estilos e os significados são construídos e reconstruídos.

É através dos movimentos estilísticos dos sujeitos que as *personae*, ou *máscaras sociais*, são construídas. Tendo isso em vista, as *personae* não podem ser vistas nem como estáticas, muito menos como pré-determinadas. Elas são construídas e reconstruídas a todo momento, sobretudo quando o sujeito se depara frente a demandas e convenções socialmente estabelecidas (JUNG, 1975).

Para Kiesling (2013), essas *personae*, junto com *categorias de censo*, *papéis institucionais*, *posturas* e *características* interferem no processo de construção das identidades porque estão interconectadas, configurando um processo em multicamadas e multiníveis.

²⁹ “[...] styles in speaking involve the ways speakers, as agents in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions and possibilities. Their acts of speaking are ideologically mediated, since those acts necessarily involve the speaker’s understandings of salient social groups, activities, and practices, including forms of talk. Such understandings incorporate evaluations and are weighted by the speaker’s social position and interest. They are also affected by differences in speakers’ access to relevant practices. Social acts, including acts of speaking, are informed by an ideologized system of representations, and no matter how instrumental they may be to some particular social goal, they also participate in the “work of representation.”

Quando dizemos que as variáveis, em certa medida, indexicalizam traços e componentes identitários, automaticamente implica dizer que elas indexicalizam também as ideologias e os estereótipos em torno daquela identidade numa ideologia semiótica mais ampla. “É desse modo que os níveis de identidade se conectam através da variação: as posturas, personas e identidades de censo tornam-se alinhadas em ideologias semióticas que multiplicam seus efeitos” (KIESLING, 2013, p. 463)³⁰. Por causa disso, para Eckert,

[o] estilo de *personae* é o melhor nível para abordar o significado da variação, porque é nesse nível que conectamos estilos linguísticos com outros sistemas estilísticos como de vestuário e outros signos comoditizados e com os tipos de construções ideológicas que os falantes compartilham e interpretam e que, assim, povoam a imaginação social (ECKERT, 2008, p. 456).³¹

Os trabalhos de Podesva (2004, 2007) são referências em estudos de terceira onda no que diz respeito, mais especificamente, à análise dos estilos de *personae*. Podesva analisou a variação estilística na fala de vários profissionais gays e observou, particularmente, em Heath, um dos médicos analisados, que a depender do contexto comunicativo ele assume diferentes *personae*. No ambiente de trabalho, Heath precisa ser um profissional atencioso, educado e articulado. Mas, no churrasco, entre amigos, ele comportava-se como uma “diva gay” – “tão meticuloso, cheio de estilo, crítico e extravagante” (apud ECKERT, 2008, p. 468)³². Os recursos linguísticos que contribuem para a *persona* “diva gay” – por exemplo “falseto, tipo de emissão de /t/ – não são especificamente traços gay, mas figuram numa grande variedade de estilos que envolvem algumas das qualidades que a persona diva gay convoca”³³ (apud ECKERT, 2016, p. 7).

A identidade é construída por meio da relação entre variação linguística e significado social. Para Kiesling (2013), analisar a identidade como um componente estilístico ou o estilo como um componente identitário requer tanto (i) um olhar mais amplo para o contexto socio-histórico e cultural das identidades e a relação entre elas e as ideologias nas quais estão envolvidas; quanto (ii) um olhar mais direcionado para o uso de variantes em relação aos tipos

³⁰“It is in this way that the levels of identity get connected through variation: the stances, personae, and census identities become aligned in semiotic ideologies that multiply their effects.”

³¹“Persona style is the best level for approaching the meaning of variation, for it is at this level that we connect linguistic styles with other stylistic systems such as clothing and other commoditized signs and with the kinds of ideological constructions that speakers share and interpret and that thereby populate the social imagination.”

³²“as meticulous, style-conscious, critical, and flamboyant.”

³³“are not specifically “gay” features but figure in a wide variety of styles (e.g. Schoolteacher and Valley Girl) that involve some of the qualities that the diva and partier personae call up.”

de interação em que ocorrem, uma vez que, acredita-se, é no interior desses cenários de interação que os padrões mais amplos de variação se acomodam. Tendo isso em vista, compreender a identidade como uma construção socioideológica é entender que ela “não é só local, tampouco global, nem micro nem macro, mas se estabelece através de uma relação dialética entre esses níveis” (KIESLING, 2013, p. 465)³⁴.

Outra dimensão em que podemos pensar sobre as várias formas com as quais os indivíduos (re)constróem e mantêm suas identidades é em termos de afiliação a grupos, mais especificamente através das comunidades de práticas (CP).

3.1.4.2 A construção da identidade em comunidades de práticas

Uma comunidade de práticas corresponde a um grupo de pessoas que compartilham, entre outros, comportamentos, pontos de vistas, opiniões, valores e preceitos, relações de poder, formas de se comunicar. Uma CP configura-se como o *locus* de análise dos estudos de terceira onda porque se entende que é no interior desse grupo que os seus integrantes negociam e renegociam os significados de suas práticas estilísticas (ECKERT, 2006).

Se a comunidade de práticas é usada para observar padrões de variação, então surge uma certa necessidade no desenvolvimento de pesquisas cujo *locus* é uma CP em saber quais são os limites dessa comunidade. Quanto a isso, Eckert e McConnell-Ginet (1995), retomando o estudo de Eckert (1989), mencionado anteriormente, tocam no seguinte ponto:

Os leitores podem se perguntar quais são as comunidades de práticas. Garotas e garotos formam comunidades de prática separadas? Jocks and burnouts? O que dizer sobre os *in between*? Jocky Jocks? Burned-out Burnout? O corpo discente de toda a escola secundária constitui uma comunidade de práticas?

Questões como estas perdem um ponto crítico sobre as comunidades de prática: elas não são determinadas pela sua afiliação, mas pelos esforços que trazem esses membros [...] nas relações uns com os outros [...], e pelas práticas que desenvolvem e transformam estes esforços. (ECKERT e MCCONNEL-GINET, 1995, p. 204)³⁵

³⁴ “Identity construction is neither local nor global, micro nor macro, but represents a dialectic between them.”

³⁵ “Readers may wonder just what communities of practice exist. Do girls and boys form separate communities of practice? Do jocks and burnouts? What about in-betweens? Jocky jocks? Burned-out burnouts? Does the student body of the whole high school constitute a community of practice? Questions like these miss a critical point about communities of practice: they are not determined by their membership but by the endeavors that bring those members [...] into relations with one another [...], and by the practices that develop around, and transform these endeavors.”

Desse ponto de vista, entendemos que não há como traçar limites de onde começa e onde termina uma CP, porque elas são tão fluidas quanto os sujeitos que as constituem, o que pode configurar um desafio teórico-metodológico no que se refere a padronizações. Uma alternativa quanto a isso, e que os estudos de terceira onda tem feito, é flexibilizar essa ideia de CP fixa e delimitada para uma noção de *comunidades de práticas relacionadas* ou *sobrepostas* em que não há exatamente uma fronteira rígida entre CPs mais globais e CPs mais locais. As autoras (op.cit.) usam como exemplo o caso dos *burnouts* (CP global) e os *burned-out burnout* (CP local) observado no trabalho de Eckert (1989).

Garotos atletas jocks e garotas burned-out burnout, por exemplo, têm diferentes formas de associação nesta grande comunidade de práticas [a escola]. E no processo de perseguir as diferentes formas de associação, eles atendem às suas próprias comunidades de práticas, baseados na constituição de contextos específicos e pontos de vista da comunidade maior. (ECKERT e MCCONNEL-GINNET, 1995, p. 504)³⁶

A noção de CP oferece, portanto, uma nova lente para se entender o modo como os indivíduos constroem e mantêm suas identidades e relacionam modos de fala com modos de participação no mundo social (KIESLING, 2013).

Para ilustrar essa e outras questões, trazemos o estudo de Salomão-Conchalo (2015), retomado por Camacho e Salomão-Conchalo (2016), que analisa a concordância nominal (CN) a partir das dinâmicas e práticas sociais de duas comunidades de práticas – constituídas por dois grupos de estudantes, autodenominados como *funkeiros* e *ecléticos* – em uma escola pública de Ensino Médio da cidade de São José do Rio Preto/SP.

Esses grupos se opõem ideologicamente, principalmente em relação à visão que têm sobre a vida escolar. O grupo de funkeiros é composto por 15 adolescentes – que “têm em baixa conta a instituição escolar e que se identificam com a cultura do hip hop, funk e rap” (CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016, p. 51) – e o de ecléticos, composto por 10 adolescentes que passam a maior parte do dia na escola, desenvolvendo “atividades extracurriculares como cursos de idiomas” (p. 51) e que se importam com o futuro, sobretudo no que refere à carreira profissional ou acadêmica³⁷.

³⁶“Athletic boy jocks and burned-out burnout girls, for example, have different forms of membership in this large community of practice [the school]. And in the process of pursuing these different forms of membership, they attend to communities of practice of their own, based on and constituting specific places and points of view with in the larger community.”

³⁷Para esse estudo, os autores decidiram fazer um recorte e analisar quatro indivíduos por grupo, sendo três meninos e uma menina em cada um dos grupos.

Os resultados evidenciam que a aplicação da regra normativa de CN ocorreu em 92,3% dos casos (N = 228/247) para os *ecléticos* e em 62% (N = 146/236) para os *funkeiros*. Contudo, há algumas especificidades que devem ser levadas em conta. No grupo de *ecléticos*, Lara é uma das que mais estabelecem relações com outros grupos e mantém uma amizade com Manoel, membro mais periférico do grupo dos *funkeiros*. Ela é a que menos aplica a regra de CN. Já no grupo dos *funkeiros*, Ana e Ernesto são líderes do grupo e por isso mantêm forte relação com os outros integrantes e uma relação mais tênue com integrantes de outros grupos e José tem uma identidade bastante atrelada às características do grupo. José e Ana são os que menos aplicam a regra de CN, mas é Ernesto, o líder de todos, que mantém um índice relativamente mais alto de marcas de pluralidade, o que diverge do comportamento prototípico do grupo.

As práticas sociais coletivas que desencadeiam os processos de significação no interior das CPs podem muitas vezes levar a um entendimento de que as relações construídas nesses grupos são conduzidas por uma ideia de *identidade mestra* que unifica as identidades individuais de cada integrante (HALL, 2006). Contudo, ainda que os significados sejam convencionalizados com base na experiência e no conhecimento compartilhado de seus integrantes, a identidade, como um processo constitutivo que não finda em si, não se limita à *plena afiliação a uma dada comunidade*.

Para Scruton (1986 apud HALL, 2006), uma das principais motivações para formação de comunidades se dá pelo fato de que os sujeitos, ainda que se reconheçam como seres autônomos, buscam a todo momento sentir-se parte de algo mais amplo como um mecanismo de autoidentificação. Entretanto, o sentimento de unidade e plenitude trazido pelo pertencimento a um grupo não é suficiente para neutralizar a fragmentação e a multiplicidade do sujeito pós-moderno, o que fica evidente no estudo acima mencionado quando se trata do comportamento de Ernesto, um dos integrantes do grupo *funkeiros*. A alta frequência de marcação de CN por Ernesto, considerando que ele faz parte de um grupo que, de certo modo, posiciona-se de forma a não seguir os padrões impostos socialmente, possui um significado social atravessado por questões ideológicas, que são mais relevantes que as próprias características do grupo em que ele está inserido, como o fato de que ele deseja tornar-se desembargador e não seguir o mesmo caminho que o pai seguiu no tráfico.

Nesse caso, parece plausível dizer que, por um lado, Ernesto faz marcações de CN para que seja percebido como alguém que sabe e domina a variante standard da língua, o que o enquadra em certas categorias macrossociológicas, e ativa uma noção de identidade que é

comum a um número maior de pessoas, como uma identidade coletiva; e por outro, não abusa dessas marcações para que não seja igualado a um integrante do grupo oposto, ativando recursos linguísticos para marcar uma diferenciação social que está mais ligada ao individual do que ao coletivo.

Nessa perspectiva, a dualidade da identidade se revela. E para comportar esse aspecto dual e híbrido da identidade, o sujeito pode assumir vários posicionamentos no interior das variadas instituições nas quais ele vive.

Outro ponto importante a ser discutido aqui é a respeito dos aspectos constitutivos da CP, que apresentamos na subseção a seguir.

3.1.5 Discutindo aspectos constitutivos da CP

Para Wenger (1998), há três aspectos essenciais para a constituição de uma CP: (i) a participação e o engajamento mútuo, regular e face a face entre seus integrantes, que pressupõe o envolvimento das pessoas em ações, cujos significados são negociados; (ii) um empreendimento em conjunto, caracterizado pelo processo de produção de relações de responsabilidade, que se manifestam como uma habilidade para negociar ações e empreendimentos; e (iii) um repertório compartilhado que consiste, por exemplo, no uso de certos usos linguísticos, gestos, rotinas e símbolos pertencentes à comunidade de práticas.

Essa configuração de comunidade de práticas que Wenger propôs vem sendo seguida e aplicada na identificação do *locus* de muitas pesquisas, tanto em estudos sobre aprendizagem, para os quais o conceito de CP foi originalmente construído, quanto em estudos variacionistas de segunda e terceira onda. Contudo, considerando que a sociedade está em contínua mudança e que os indivíduos têm acesso, cada vez mais, a diferentes formas de se comunicar e interagir com o outro, acreditamos que alguns elementos constitutivos que Wenger propõe para a identificação de uma CP precisam ser revistos e adequados à realidade em que os sujeitos estão inseridos.

Tendo isso em vista, o primeiro ponto que questionamos é se é possível considerar a existência de uma CP ainda que não haja interação regular e face a face. Em relação a isso, Davies (2005) argumenta que a proximidade geográfica em si não é suficiente para envolver uma comunidade de práticas. Se partimos do ponto de que a existência de uma CP se dá porque as pessoas estão envolvidas em práticas cujos significados são negociados entre os próprios integrantes, a interação face a face não deve ser, necessariamente, um requisito para

que esses significados sejam construídos. Pensando na configuração de sociedade e nos recursos tecnológicos de que dispomos, a interação face a face atualmente é quase dispensável. Além disso, é ilusório exigir que haja uma regularidade em relação ao tempo em que os indivíduos passam interagindo uns com os outros, primeiro porque as relações sociais se dissolvem o tempo todo (BAUMAN, 2005) e segundo porque a concepção do que é regular não é homogênea, nem compartilhável por todos.

Não estamos dizendo que a configuração canônica de uma CP, sobretudo no que se refere a (i), não seja necessária para a sua criação, mas em termos de manutenção, há outros recursos, como os meios de comunicação digital, que possibilitam o envolvimento mútuo necessário a uma CP. Situações como essa, em que comunidades podem ser mantidas ou mesmo criadas a partir de ambientes que se diferem dos ambientes convencionais, como é o caso da dimensão on-line, caracterizam essas comunidades, de acordo com Davies (2005), como *comunidade de práticas não prototípicas*, como é o caso do *locus* desta pesquisa, a CP Tal Qual Dublagens. E é o que discutimos a seguir ao tratarmos de como são construídas as comunidades nos ambientes virtuais.

3.1.5.1 A construção de comunidades no ciberespaço

Ao longo deste estudo, assumimos que o *locus* desta pesquisa, por estar alinhada a uma perspectiva de terceira onda dos estudos variacionistas, é a comunidade de práticas que se forma na página Tal Qual Dublagens. Dedicamos a subseção anterior para tratar sobre alguns aspectos que estão em jogo na configuração de uma CP.

Tanto o conceito de Eckert (2006) sobre CP, quanto os aspectos que a constituem, elencados por Wenger (1998) e discutidos e repensados por Davies (2005), redesenham a noção que podemos tomar sobre comunidade de práticas. Essas novas nuances inseridas na compreensão sobre o alcance do termo parecem aproximar o conceito de CP – sobretudo aquelas que não são formadas e mantidas em espaços físicos e onde a interação não ocorre de forma presencial, mas virtual (como é o caso de uma CP não prototípica) – ao que se tem entendido como *comunidade virtual*, ou pelo menos como um tipo de.

Uma das primeiras definições sobre comunidade virtual é a de Rheingold, que é um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo. Nesse sentido, o pesquisador define comunidade virtual como

agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. (RHEINGOLD, 1995, p.20)³⁸

A existência de uma quantidade significativa de sentimentos, apontada por Rheingold (1995) como uma das condições para a formação e manutenção de relações sociais nos territórios virtuais, parece caracterizar uma comunidade virtual com o que Willmott (1986) entende por *comunidades de interesse e comunidades de apego*.

Ao discutir sobre os diversos tipos de comunidades que podem ser construídas através das diferentes formas com que as interações sociais podem ser mediadas, Willmott (1986) apresenta três categorias de comunidade: (i) comunidades territoriais ou comunidades de lugar; (ii) comunidades de interesse e (iii) comunidades de apego.

No primeiro caso, a formação de uma *comunidade de lugar* está relacionada com o fato dos integrantes residirem em áreas em comum, como por exemplo: pessoas que vivem em uma mesma cidade, ou em um mesmo bairro. Já no que se refere à segunda categoria, *comunidades de interesse*, a formação da comunidade está relacionada ao fato de que os integrantes compartilham características em comum, como por exemplo: pessoas que têm a mesma profissão ou pessoas que têm a mesma raça, etnia ou gênero (EVANS, 2004). E, no último caso, *comunidades de apego*, a formação da comunidade está relacionada ao fato de que os integrantes escolheram fazer parte desse grupo porque além de características em comum, que podem ser físicas ou de ordem macrossociológica, há aspectos mais complexos, que podem ser de natureza subjetiva, identitária ou ideológica, que aproxima as pessoas e faz com que, cada vez mais, esses sujeitos sintam-se como pertencentes a essa comunidade. (WELLMANN, 1999, 2000)

Antes dos novos meios de comunicação eclodirem, a formação de comunidades estava intimamente relacionada a aspectos de aproximações geográficas. Contudo, como aponta Castell (2001), o lugar onde moramos não é suficientemente definidor e limitador para a construção das relações sociais de um indivíduo. O que realmente está em jogo na formação de grupos ou comunidades é a existência de interesses em comum. Essa noção dialoga diretamente com a definição apresentada por Lemos (2003, p. 93), que entende que

³⁸“Virtual communities are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace.”

“comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”.

Desse modo, a partir do momento em que aspectos geográficos vão se tornando menos centrais para o estabelecimento de comunidades, sobretudo aquelas que são mediadas por computador, a quantidade de comunidades de interesse e de apego aumenta e, portanto, passam a ser vistas como o *locus* para a observação de como se dá a construção das relações sociais no mundo virtual (EVANS, 2004). Wellmann (2000) aponta que essas relações são vistas como altamente significativas uma vez que elas são constituídas por membros que escolheram fazer parte do grupo e, desse modo, o território dessas comunidades pode ter sido simbólica e culturalmente apropriado pelos seus integrantes a partir de elementos pelos quais os indivíduos se identificam uns com os outros.

Considerando que a forma como esses sujeitos interagem e os recursos linguísticos e semióticos que utilizam no cyberspaço têm muito a revelar sobre o processo de construção de identidades sociais, ressaltamos a relevância de olharmos mais especificamente para as comunidades que são formadas nesses “lugares virtuais”. Acreditamos que é a partir delas que podemos observar em que medida componentes ideológicos e identitários entram em jogo no processo de atribuição de significados sociais para certos usos linguísticos na Internet.

Apresentada a base teórica que fundamenta a análise sobre o significado social do uso variável de {-STE}, discorreremos, na seção a seguir, sobre a Teoria da Gramaticalização, elucidando, sobretudo, a perspectiva de Elizabeth Traugott.

3.2 GRAMATICALIZAÇÃO

Esta seção discorre sobre a definição, os princípios e os fundamentos imbricados ao processo de gramaticalização pelo qual acreditamos que o item {-STE} esteja passando. Isso posto, nos detemos mais fortemente na abordagem de Traugott (2002, 2003, 2008, 2010a, 2010b) para discutir sobre as forças semântico-pragmáticas que atuam na mudança via gramaticalização. Tendo em vista, a particularidade do objeto desta pesquisa, ao final desta seção, discutimos ainda sobre outras possíveis motivações na GR, mais especificamente as de natureza estilístico-identitária.

3.2.1 Definição

Embora os primeiros estudos linguísticos sob o rótulo de gramaticalização (GR) só tenham surgido a partir de Meillet em 1912, o interesse em analisar o processo de mudança das gramáticas já se manifestava muito antes, mais propriamente através de Humboldt (1822) ao tratar sobre os estágios evolutivos das gramáticas. A noção de evolução confere às gramáticas uma ideia de mudança não abrupta, e, portanto, contínua e gradual e dialoga diretamente com as definições que se têm traçado sobre GR.

Definir Gramaticalização não é uma tarefa exatamente fácil. Será que podemos sempre utilizar a definição clássica de Meillet que entende gramaticalização como um processo em que um item autônomo passa a exercer um papel de elemento gramatical (MEILLET, 1948 [1912])? Será que essa definição e tantas outras que surgem a partir dela recobrem todas as nuances do objeto a ser analisado? E se o fenômeno não apresentar exatamente as características previstas em certas definições, ele é excluído do escopo de GR? Ele configura necessariamente um outro processo?

Pesquisadores se deparam frente a esses e tantos outros questionamentos frequentemente quando lidam com fenômenos em gramaticalização. E, por isso, é necessário que sejam levados em consideração alguns pontos importantes na tarefa de conceituação de GR. Para Traugott (2010a), uma definição de GR é assumida com base na articulação de três fatores: (i) a concepção de gramática, (ii) a natureza do fenômeno em gramaticalização e (iii) os interesses e objetivos do pesquisador. Além disso, a depender da perspectiva que se assume em relação a tais fatores, a gramaticalização pode ser tomada como um processo de perda, redução e aumento de dependência ou como ganho e expansão (TRAUGOTT, 2010a). Essas duas diferentes perspectivas caracterizam os dois polos conceituais de GR que discutimos a seguir.

3.2.1.1 Gramaticalização como redução ou expansão?

Do ponto de vista de *Gramaticalização como Redução*, que surge como resultado do interesse em analisar as mudanças morfológicas das línguas indo-europeias, Traugott (2010a) evoca Lehmann que, (1995) entres outros autores, entende gramaticalização como um “processo em que o signo linguístico perde em autonomia, tornando-se mais sujeito a restrições do sistema linguístico³⁹” (LEHMANN apud TRAUGOTT, 2010a, p. 272). Tal

³⁹“a process in which it loses in autonomy by becoming more subject to constraints of the linguistic system.”

processo envolve *redução, congelamento e obrigatoriedade* dos itens à medida que se tornam cada vez mais dependentes de outros itens gramaticais.

Além de Lehmann, as definições mais recentes de GR tomam como ponto de partida a concepção de Kurylowickz, segundo a qual gramaticalização consiste no “[...] aumento do limite de um morfema que avança de um estado lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para um mais gramatical⁴⁰” (KURYLOWICKZ, 1972 [1965], apud TRAUGOTT, 2010a, p. 270). Essa definição re(introduz) a ideia, que é amplamente difundida em trabalhos posteriores e que é apresentada por Humboldt em 1822, de estágios de gramaticalização. Nesse sentido, o processo seria dividido em dois macro-estágios. O primeiro corresponde ao que se entende como GR primária que caracteriza a fase inicial do processo, isto é, quando há a passagem de um item lexical para um gramatical. E o segundo, denominado GR secundária que consiste no aumento de gramaticalidade de um item que já era gramatical. (TRAUGOTT, 2010a).

Nessa perspectiva, a GR configura um processo inversamente proporcional, em que o “ganho” de gramaticalidade implica o enfraquecimento e a perda de elementos que constituem um item. Desse modo, para Heine e Reh (1984), quanto mais gramaticalizado um item se torna, mais ele perde em: a) complexidade semântica, significância funcional e/ou valor expressivo; b) em significância pragmática, passando a adquirir significância sintática; c) em variabilidade paradigmática e sintagmática, o que, respectivamente, reduz o número de elementos que ocupam o mesmo paradigma morfossintático e torna fixa na oração a posição do item; d) em autonomia, fundindo-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades e e) em material fonético.

Nesse cenário, o item, antes autônomo, torna-se, cada vez mais dependente de outros itens através de um direcional *relativa liberdade > relativa dependência* (LEHMANN, 1985, 2002). Essa dependência confere ao item gramaticalizado a obrigatoriedade de estar presente em certos contextos, excluindo a possibilidade de variabilidade de certos elementos que compõem as línguas.

Outro ponto a se destacar sobre a perspectiva de GR como redução, é que muito dos aspectos relacionados ao processo de gramaticalização nessa abordagem foram alvo de intensas críticas ao longo dos anos, ressaltamos aqui mais especificamente a questão da unidirecionalidade. Conforme Lehmann (1985, 2002), o escopo do processo de GR deve ser

⁴⁰“Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status [...]”

bem delineado e definido e para isso a noção de unidirecionalidade – que prevê que um item só se gramaticaliza na língua por meio de uma única direção, do léxico para a gramática ou de autonomia para dependência – é fundamental. Contudo, essa noção tem sido bastante questionada nos estudos de mudança de gramáticas porque a unidirecionalidade, tomada nessa perspectiva como um princípio da GR, acaba deixando de fora o processo de mudança de muitos itens que não seguem exatamente a mesma direção.

Quanto a isso, Hopper e Traugott (2003) argumentam que, ainda que a unidirecionalidade dê conta de explicar e prevê a trajetória de mudança percorrida pelo item, ela deve ser tomada como uma tendência e não como um caminho obrigatório e, portanto, ela não seria um princípio da GR, mas uma hipótese. Por outro lado, segundo Traugott (2010a), o que sim deveria ser alvo de questionamentos é a noção de *aumento de dependência* atribuída a itens em gramaticalização na perspectiva de GR como redução.

Traugott (idem) argumenta que a grande maioria das pesquisas tem reduzido o estudo da gramaticalização a certos domínios da gramática que já pressupõem tal dependência, como os domínios de tempo, aspecto, modalidade, caso e concordância de número, por exemplo. Contudo, se partirmos de outros domínios, relacionados, por exemplo, com o uso de conectivos ou de marcadores discursivos, a gramaticalização poderia ser entendida como um processo em que itens se tornam mais gramaticais por meio de expansão de contextos e de reforço pragmático (TRAUGOTT, 2010a). Perspectiva essa defendida pelo segundo polo conceitual a que nos referimos anteriormente e que tratamos a partir de agora.

Himmelman (2004 apud TRAUGOTT, 2010a) argumenta que a gramaticalização, na perspectiva de *GR como expansão*, pode desencadear três tipos de expansão de contexto: (i) expansão da classe hospedeira; (ii) expansão sintática e (iii) expansão semântico-pragmática. E o caso de gramaticalização do *be going to* no inglês parece ser um exemplo bastante elucidativo em relação a essas expansões.

Durante o processo de GR, a construção *be going to* passa de verbo de movimento – por exemplo: “Vou correr daqui até campo de futebol” (*I’m going to run from here until football field*) – para construção perifrástica de tempo – por exemplo: “Eu vou apresentar o seminário amanhã” (*I’m gonna introduce the seminar tomorrow*). Em termos de expansão de classe hospedeira, o *be going to* passa a ser combinado com um número maior de itens, porque as restrições que impediam que ele pudesse ser usado com verbos mais estáticos, como o *apresentar*, por exemplo, são quebradas e, portanto, a gama de itens com os quais ele pode ser usado é ampliada. Em relação à expansão sintática, o escopo estrutural de *be going to* é

ampliado, o que permite que ele possa ser usado em outras configurações sintáticas além da Suj + *be going to* + adv – como por exemplo: “Vai ter uma tempestade” (*There is going to be a storm*). E quanto à expansão semântico-pragmática, *be going to* passa a vincular mais e mais sentidos, o que desencadeia a sua mudança de verbo pleno de movimento para auxiliar em perífrase de tempo futuro. (HEINE et al., 1991; TRAUGOTT, 2014)

Considerando que na perspectiva de GR como expansão os aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos passam não só a serem vistos como componentes, mas como centrais para explicar os processos dinâmicos de construção das gramáticas, o próprio entendimento do que é gramática também é ampliado. Na visão de GR como redução, Lehmann e Haspelmath, por exemplo, entendem a gramaticalização como uma mudança na forma e a gramática para eles é restrita aos níveis da sintaxe, morfologia e fonologia (TRAUGOTT, 2010a). Na GR como expansão, níveis mais complexos de análise, como a pragmática e o discurso, passam a ser entendidos como elementos da gramática, passando a ser considerados como forças atuantes no processo de mudança via GR.

É importante levar em consideração que, independentemente da perspectiva que se toma, o que fica evidente nos estudos, em geral, é que explicar a gramaticalização como uma evidência de que a gramática não pode ser vista como fixa, mas que está em pleno processo de construção, seja através de “perdas” ou “ganhos”, é também mostrar como esse dinamismo gramatical configura-se como um caminho para explicar como as línguas mudam.

Tendo em vista os interesses desta pesquisa e a natureza do fenômeno em análise, apresentado no Capítulo 2, este estudo está alinhado com a perspectiva de GR como expansão. Em convergência com essa noção, a seguir, apresentamos a concepção de gramática que assumimos para este estudo.

No que se refere à *concepção de gramática*, assumimos, assim como Givón (1995, 2001), Bybee e Hopper (2001) e Bybee (2006, 2010), que (i) a gramática é maleável e flexível e que serve a funções cognitivas e comunicativas (GIVÓN, 1995); que (ii) “a gramática não é fixa e absoluta [...] mas sim é variável e probabilística em sua essência.” (BYBEE; HOPPER, 2001, p. 19); e que (iii) a gramática é dinâmica em função de sua variabilidade e gradiência (BYBEE, 2006, 2010). Alinhamo-nos, ainda, à concepção de *gramática emergente*, proposta por Hopper (1987). Nesse sentido, o autor considera que

[a] noção de emergência é como uma grávida. Não no sentido padrão de origens ou genealogia, não como uma questão histórica de 'como' a gramática passou a ser da forma que 'é', mas em vez disso o adjetivo

emergente é tomado seriamente como um movimento contínuo para a estrutura, um adiamento ou 'diferimento' da estrutura, uma visão da estrutura como sempre provisória, sempre negociável e de fato como epifenômeno, isto é, tanto efeito como causa. (HOPPER, 1987, p. 142)⁴¹

Entendemos que a gramática está em constante (re)criação, que muda no seio das relações discursivo-pragmáticas, que são inerentes à língua enquanto mecanismo de comunicação e interação e, por isso, não há lugar para pensar em regularidades gramaticais como fixas e pré-determinadas e sim como emergentes, com base nos autores acima.

Em convergência com a visão de GR e a concepção de gramática que tomamos para analisar o processo de expansão de contextos de uso de {-STE}, apresentamos e comentamos três definições a seguir.

Gramaticalização é o processo pelo qual material lexical, em **contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos**, torna-se gramatical [...]. (TRAUGOTT, 1995, p. 1, grifo nosso)⁴²

[...] gramaticalização é a mudança através da qual construções e itens lexicais, em determinados contextos linguísticos, vêm a servir a funções gramaticais e, **uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais**. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 18, grifo nosso)⁴³

[Gramaticalização é] a mudança por meio da qual, em determinados contextos linguísticos, **os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical**. Ao longo do tempo a construção gramatical resultante pode continuar a assumir novas funções gramaticais [...]. (TRAUGOTT, 2008, p. 4, grifo nosso)⁴⁴

Cada uma das três definições de GR apresentadas acima carrega elementos que conversam mais diretamente com as particularidades do objeto de estudo nesta dissertação. Desse modo, no que se refere à primeira definição, como parte do processo de GR, nosso interesse está nos contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos em que a mudança ocorre. Acreditamos que contextos interacionais estão atravessados por aspectos pragmáticos que podem atuar diretamente no processo de mudança de itens.

⁴¹“The notion of emergence is a pregnant one. It is not intended to be a standard sense of origins or genealogy, not a historical question of 'how' the grammar came to be the way it 'is', but instead it takes the adjective emergent seriously as a continual movement towards structure, a postponement or 'deferral' of structure, a view of structure as always provisional, always negotiable, and in fact as epiphenomenal, that is at least as much an effect as a cause.”

⁴²“Grammaticalization is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical [...]”

⁴³“[...] grammaticalization is the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new functions.”

⁴⁴“The change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical construction may continue to be assigned new grammatical functions [...]”

As definições anteriores de GR, no âmbito da noção de gramaticalização como redução – por exemplo a de Kurylowickz (op.cit.) –, evocam uma noção de gramaticalização que implica ganho de gramaticalidade e, portanto, uma forma mais gramaticalizada deveria ser antecedida por formas menos gramaticais. Concepções como essa nos fizeram indagar se o fenômeno em análise se configuraria ou não como um processo de mudança via GR haja vista que a trajetória de mudança categorial de {-STE} parece indicar um percurso em que um item mais gramatical, como é o sufixo flexional, em (1) por exemplo, ao ser agregado a *base verbal não canônica*, a bases não verbais e a palavras de origem estrangeira como em (4), (7) e (10) respectivamente, passa a funcionar como uma espécie de sufixo derivacional, que seria considerado um item menos gramatical.

(1) *Mana, tu arrasaste*

(4) *Ela menstruastexxx [...] kkkkkkk*

(7) *piseistes no bodortes pelo amor de deustis [...]*

(10) *Okeste bb*

No entanto, como assumimos uma perspectiva de GR como expansão e não como redução, a questão da mudança categorial envolvida no fenômeno em estudo não inviabiliza a hipótese de gramaticalização. Nesse sentido, a definição de Hopper e Traugott (2003) introduz uma noção de mudança categorial mais ampliada. Para os autores, mudança de categoria implica mudança de função gramatical. Essa noção de que uma vez que um item/construção adquire função gramatical ele pode continuar a desenvolver ainda mais novas funções – e que essas funções não precisam ser necessariamente mais gramaticais que as anteriores – é central para entendermos que a expansão categorial de {-STE} no direcional *sufixo flexional > espécie de sufixo derivacional* pode ser entendida como uma hipótese de GR porque o que ocorre são contínuos rearranjos entre forma e função/significação, como evidenciamos no Capítulo 5 (*Análise e discussão dos resultados*).

A terceira definição apresenta um elemento novo nas definições de GR: o papel do falante na mudança. Nesse sentido, acreditamos, assim como Traugott (2002, 2008), que a GR pode ser desencadeada por usos inovadores de um único indivíduo em determinados contextos. Em situações dialogais, como a em que {-STE} ocorre, esses usos inovadores logo são espalhados para outros contextos e passam a ser utilizados por mais indivíduos.

Acreditamos que esse espraiamento é responsável pelas quebras de restrições que ampliam e expandem os contextos em que os itens/construções em GR podem ser usados.

Cada uma das definições acima apresenta elementos que nos interessam. Entretanto assumir uma ou outra faria com que características importantes do nosso objeto não fossem contempladas, deixando-as descobertas do escopo da GR. Para resolver isso, nos valemos da definição proposta por Valle (2014), que integra os pontos centrais que ressaltamos acima. Portanto, assim como a autora, entendemos gramaticalização como

a mudança através da qual construções e/ou itens lexicais, usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. (VALLE, 2014, p. 114)

Uma vez apresentada a definição de GR em cujo escopo situamos nosso objeto de pesquisa, bem como a concepção de gramática subjacente a essa definição, passamos para os princípios e parâmetros da GR.

3.2.2 Princípios e parâmetros da gramaticalização

A GR enquanto fenômeno⁴⁵ pode ser analisada tanto em perspectiva sincrônica, quanto diacrônica. Em relação a esta pesquisa, trabalhamos com um fenômeno em gramaticalização em uma abordagem sincrônica. Tendo isso em vista, e considerando que a gramaticalização é uma mudança linguística que ocorre de maneira gradual, é central para que possamos desenvolver uma análise coerente a identificação de: (i) aspectos que caracterizam as fases do processo de GR, sobretudo, com base nos interesses desta dissertação, nos estágios iniciais; bem como das (ii) características das formas em mudança.

Nesse sentido, quanto aos estágios iniciais do processo de mudança, aplicáveis também à GR, evocamos os cinco princípios formulados por Hopper (1991):

Estratificação: Dentro de um amplo domínio funcional, novas camadas estão surgindo continuamente. Enquanto isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer, coexistindo e interagindo com as novas camadas.

Divergência: Quando uma forma lexical muda para um clítico ou afixo, a

⁴⁵O termo gramaticalização costuma ser usado com diferentes acepções: como uma abordagem de estudo da língua que se interessa por compreender como as formas surgem e se desenvolvem no uso (como um paradigma); como um processo de mudança observado ao longo do tempo; ou mesmo como um fenômeno em estudo, observado sincrônica ou diacronicamente. Neste trabalho, transitamos entre o fenômeno e o processo de mudança envolvido.

forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns.

Especialização: Dentro de um domínio funcional, em um dado estágio, uma variedade de formas com nuances semânticas diferentes pode ser possível; à medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas formais se estreita e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.

Persistência: Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, desde que seja gramaticalmente viável, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em sua distribuição gramatical.

Descategorização: Formas que passam por gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e privilégios sintáticos característicos das categorias completas Substantivo e Verbo, e assumir atributos característicos de categorias secundárias como Adjetivo, Particípio, Preposição, etc. (HOPPER, 1991, p. 22, grifo nosso)⁴⁶

O primeiro princípio elencado por Hopper é o princípio da estratificação, que diz respeito à coexistência de camadas (novas e antigas) no mesmo domínio funcional⁴⁷. Essa noção de coexistência é central quando se trata de delinear uma interface Variação-Gramaticalização⁴⁸ uma vez que formas inovadoras e antigas passam a conviver e disputar espaço tanto na fala dos indivíduos quanto nas manifestações linguísticas observadas em comunidade (TAVARES, 2003).

Acreditamos que, por mais que as formas coexistam, os falantes escolhem uma ou outra com base na situação comunicativa, no tipo de relação locutor-interlocutor e nas características do próprio sujeito, por exemplo, o que põe em voga a relação entre GR e questões estilísticas, a qual pretendemos discutir de forma mais aprofundada na Seção 3.3.

O segundo princípio, da divergência, prevê a coexistência de uma forma fonte e uma forma gramaticalizada. Nesse sentido, há uma dupla possibilidade de caminhos para uma mesma unidade lexical da língua, a qual: (i) pode seguir uma rota de gramaticalização no

⁴⁶“(1) Layering. “Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and interact with the newer layers.” (2) Divergence. “When a lexical form undergoes grammaticization to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items.” (3) Specialization. “Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings.” (4) Persistence. “When a form undergoes grammaticization from a lexical to a grammatical function, so long as it is grammatically viable some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution.” (5) De-categorialization. “Forms undergoing grammaticization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the full categories Noun and Verb, and to assume attributes characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc.”

⁴⁷A noção de domínio funcional é apresentada na Seção 3.3.

⁴⁸Essa questão é aprofundada na Seção 3.3 mais adiante.

sentido léxico > gramática, desenvolvendo novas funções gramaticais e (ii) pode manter-se como elemento autônomo. Ou seja, um mesmo item lexical autônomo torna-se gramaticalizado em um contexto e não se gramaticaliza em outro. (HOPPER, 1991). Isso explica a existência de polissemias na língua em que a forma permanece a mesma mas as funções são distintas, como por exemplo o caso do “pas” (passo, pedaço) no francês que coexiste com sua forma gramaticalizada “pas” (partícula de negação); e o caso do “a gente” (substantivo) no português brasileiro (PB), que coexiste com sua forma gramaticalizada “a gente” (pronome). No caso do objeto desta pesquisa, acreditamos que o item fonte ({-STE} em contexto de *base verbal canônica*) coexiste com as novas funções do item ({-STE} em contexto de *base verbal não canônica*, *base não verbal* e *palavras de origem estrangeira*).

O terceiro princípio, da especialização, está relacionado com o fato de que determinadas formas ao adquirir significados mais abstratos passam a se especializar em determinados contextos (HOPPER, 1991). Essa especialização pode ocorrer de duas formas: por generalização ou, com base na proposta de Tavares (2003), por especificação. Ponto que deixamos para discutir na Seção 3.3.

O quarto princípio, da persistência, está associado ao fato de que durante alguns estágios do processo de GR é possível identificar certos traços semânticos em comum entre a forma fonte e a forma gramaticalizada. É através da permanência desses traços que conseguimos recuperar a trajetória de mudança dessas formas e, em certa medida, prever que funções gramaticais a forma destino pode vir a desempenhar com base nas características da forma fonte (HOPPER, 1991).

E por fim, o último princípio, a descategorização. Do ponto de vista da GR como expansão, esse princípio pode ser mais adequadamente entendido como recategorização à medida que, na passagem de uma categoria a outra, “o item em GR perde traços da categoria-fonte para ser recategorizado de acordo com as propriedades da categoria alvo” (VALLE, 2014 p. 120). Isso ocorre, por exemplo, no caso do objeto desta pesquisa, em que a expansão de contextos de uso de {-STE}, gerada por uma série de quebras de restrições desses usos, faz com que a função do item fonte (*sufixo flexional*) seja perdida à medida que esse item ganha novas função e se recategorize, por exemplo, como *espécie de sufixo derivacional*.

Outro ponto central para a identificação das características das formas em gramaticalização são os parâmetros de Heine e Kuteva (2007), apresentados abaixo:

- a. **extensão**, isto é, o surgimento de novos significados gramaticais quando expressões linguísticas são estendidas a novos contextos (interpretação

induzida pelo contexto)

b. **dessemantização** (ou “apagamento semântico”), isto é, perda (ou generalização) de significado

c. **decatégorização**, isto é, perda de propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou de outras formas menos gramaticalizadas

d. **erosão** (“redução fonética”), isto é, perda de substância fonética. (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 34, grifo nosso)⁴⁹

Os quatro parâmetros propostos integram aspectos pragmáticos (extensão), semânticos (dessemantização), morfossintáticos (decatégorização) e fonéticos (erosão) que emergem durante a mudança via GR. Os autores (op.cit.) acreditam que tais parâmetros afetam o processo de forma gradual a partir de um direcional extensão > dessemantização > decatégorização > erosão. Desse modo, a forma é afetada pelos parâmetros à medida que vai se tornando mais gramaticalizada. A passagem de um parâmetro para outro é diacrônica e resulta em mais e mais perda de propriedades, associada a ganhos em extensão. (HEINE; KUTEVA, 2007)

Como tais parâmetros, com exceção de *extensão*, são mais aplicáveis a uma noção de GR como redução, nos deteremos mais no primeiro parâmetro tendo em vista que (i) a perspectiva de GR como redução não converge com os interesses desta pesquisa, como mencionado em seções anteriores; e (ii) os parâmetros estão organizados diacronicamente e, por isso, a extensão é a mais indicada para explicar estágios iniciais de GR;

Dito isso, a extensão nos interessa para entender o processo de GR de {-STE} porque realoca o foco para os ganhos e não para as perdas e integra três elementos essenciais: a) *o componente sociolinguístico*: usos inovadores de formas/construções que podem dar início a um processo de GR são realizados por meio de práticas linguísticas de um único sujeito e espalhados, através da inserção desses usos nas práticas de outros falantes; b) *o componente pragmático-discursivo*: quanto mais funções pragmático-discursivas um item/construção passa a desempenhar, mais as regras que restringem alguns usos em determinados contextos são quebradas, fazendo com que emergjam novos contextos de uso e/ou contextos de uso mais gerais; c) *o componente semântico*: à medida que os contextos de uso são expandidos, os significados da forma passam a acompanhar a expansão através de movimentos de ressignificação. (HEINE; KUTEVA, 2007)

⁴⁹“a. extension, i.e. the rise of new grammatical meanings when linguistic expressions are extended to new contexts (context-induced reinterpretation); b. dessemanticization (or semantic bleaching), i.e. loss (or generalization) in meaning content; c. decategorialization, i.e. loss in morphosyntactic properties characteristic of lexical or other less grammaticalized forms; d. erosion (phonetic reduction), i.e. loss in phonetic substance.”

Tendo em vista uma maior preocupação e interesse em trazer à tona a discussão sobre os componentes semântico-discursivo-pragmáticos na GR, o escopo dessa abordagem passa a requerer remodelações, o que redireciona os enfoques. A partir do momento em que tais componentes são trazidos das periferias para o centro, muitas outras questões, que antes eram descartadas ou minimizadas na análise – sobretudo aquelas de natureza externa, tais quais o papel e o perfil tanto do falante quanto do ouvinte, a relação entre ambos, o tipo de situação comunicativa, entre muitas outras –, passam a importar para a explicação da GR. E é sobre isso que tratamos na subseção a seguir ao discutirmos sobre as motivações semântico-pragmáticas na mudança.

3.2.3 Motivações semântico-pragmáticas na GR

Heine et al. (1991) apontam que uma mudança via gramaticalização envolve alguns fatores que estão além de motivações linguísticas internas e estritamente gramaticais. Mais especificamente no que se refere à mudança semântico-pragmática, assim como Traugott (1988), acreditamos que há, pelo menos, dois tipos de processos que podem estar correlacionados e impulsionar tal mudança, dentre os quais: (i) processos metafóricos, que atuam no escopo de uma interface semântica-cognição e (ii) processos metonímicos, que evocam a análise de aspectos pragmático-comunicativos na GR. Embora sejam responsáveis por mudanças que estão situadas em diferentes eixos da linguagem, tais processos não são excludentes entre si, mas complementares e centrais para explicar porque os falantes ampliam o uso de um item já existente na língua, atribuindo-lhe novas funções e significados.

Segundo Traugott (1980 apud Heine et al., 1991), a clareza requerida pelos falantes para expressar suas experiências através da língua os direciona para a utilização de termos com uma menor complexidade conceitual que, por sua vez, possam expressar uma ideia mais concreta possível dessas experiências. Entretanto, ainda que a concretude das experiências seja infinita, os recursos linguísticos de que dispomos para expressá-la são limitados. Ao invés de criar novas palavras sempre que um falante desejar expressar uma ideia concreta nova, o que, na realidade, segundo Sapir (1921), seria impossível de acontecer nas línguas, o sistema conceitual humano permite a produção de “inúmeros conceitos sob a rubrica de certos

conceitos básicos, utilizando outras ideias concretas ou semi-concretas como mediadores funcionais”⁵⁰ (SAPIR, 1921 apud Heine et al., 1991, p. 27).

Lakoff & Johnson (1980) entendem que o sistema conceitual humano é formado a partir de correspondências metafóricas que são estabelecidas entre as percepções que os sujeitos têm sobre suas experiências cognitivas e emocionais internas e os mundos físico e cultural, que correspondem às suas experiências externas. Sweetser (1990) utiliza a metáfora MIND-AS-BODY para explicar isso. Para a autora, há uma tendência generalizada nas línguas indo-europeias, que permite que falantes sejam capazes de realizar transferências semânticas a um item já existente no sistema. Essas transferências geram significados cada vez menos concretos à medida que sua conceituação parte de algo mais acessível do mundo físico para se referir a algo mais inacessível no mundo das ideias. Tais correspondências são realizadas em uma direção que se dá de um domínio experiencial (corpo) para um domínio conceitual (mente), conforme Sweetser (1990), ou, na perspectiva de Lakoff (1993), de um domínio fonte a um domínio alvo.

Tendo isso em vista, conceitos mais complexos que emergem no domínio alvo são descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos provenientes do domínio fonte. Durante a gramaticalização, essas transferências conceituais seguem uma trajetória de mudança semântica que leva cada novo significado atribuído ao item se tornar mais e mais abstrato à medida que passa a ser compreendido no domínio alvo com base na relação de similaridade que mantém com o domínio fonte (HEINE et al., 1991).

Heine et al. (1991) propõem pensarmos a transferência metafórica em GR com base no seguinte *continuum*: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade. Cada uma dessas categorias representa um domínio que pode ser definido com base nas propriedades conceituais da categoria que compõe o domínio anterior (à direita), porque a relação que os interconecta é metafórica. O caso da construção *go to* no inglês, apresentado em Heine et al. (1991) e do verbo *chegar* no PB, objeto de estudo de Ferreira (2011), parecem ser exemplos bastante elucidativos. Em ambos os casos, as formas passam a serem compreendidas como uma experiência de tempo (domínio alvo) por meio de uma experiência de movimento espacial concreta (domínio fonte), como em (a) e (a’) e (b) e (b’), o que ocorre através da relação de similaridade entre os dois domínio envolvidos.

⁵⁰ “[...] It must perforce throw countless concepts under the rubric of certain basic ones, using other concrete or semi-concrete ideas as functional mediators.”

(a) The rain is going to come [A chuva vai chegar]

(a') The oscar goes to Mary [O oscar vai para Maria]

(b) João chegou aos 30 anos sem saber ler e escrever

(b') João chegou a São Paulo

Nesse sentido, indicações temporais, que são experiências mais abstratas, podem ser conceituadas por meio de indicações espaciais, que estão no escopo de experiências mais concretas, o que nos leva a criar uma imagem conceitual do tipo TEMPO é ESPAÇO, por exemplo (LAKOFF, op.cit.)

Além de processos metafóricos, durante a GR, na transferência conceitual de um domínio A para um domínio B ($A > B$) pode ocorrer ainda correspondências semânticas que não são mais estabelecidas por meio da relação de similaridade entre os domínios, e sim através de associações de contiguidade, que se dá a partir de processos metonímicos.

Heine et al. (1991) destacam a importância da metonímia no processo de mudança semântica via GR porque ela, assim como a metáfora, possui propriedades conceituais que são reveladas no modo como os falantes expressam linguisticamente suas experiências. Entretanto, diferentemente de como ocorrem os processos metafóricos, as transferências conceituais através da metonímia não são estabelecidas através da relação direta entre ($A > B$), e sim a partir de expansões semânticas dentro de um único domínio funcional híbrido (AB).

Como o papel da metonímia não é gerar a compreensão de um domínio com base em outro, ela atua, substancialmente, de modo que sejamos capazes de projetar conceitualmente uma experiência interna com base na expansão de significados que estão presentes e disponíveis no contexto comunicativo, o que não acontece a partir de processos metafóricos (KÖVECSES, 2010; RUIZ DE MENDOZA, 2014).

Porque esses novos significados podem emergir no contexto de uso através de processos metonímicos, a mudança conceitual na GR fica sensível ao efeito e às condições de realização de inferências comunicativas. Heine et al. (op.cit.) argumentam que, durante um processo de gramaticalização, certas estratégias comunicativas, tais como pressão por informatividade, reforço pragmático e convencionalização de implicaturas conversacionais, podem ser as principais responsáveis pela criação de novos significados para um item linguístico, o que parece impulsioná-lo mais fortemente a uma maior gramaticalização. O caso da construção *be going to* no inglês, já mencionado anteriormente, e do item *ai* no PB, objeto de estudo de

Tavares (2003, 2009), ilustram, em certas instâncias, processos de gramaticalização via metonímia.

No primeiro caso, Heine et al. (op.cit.) sugerem que, durante a transferência conceitual de experiência de movimento espacial (item fonte) – por exemplo: *I'm going to run from here until football field* (Vou correr daqui até campo de futebol) – para a compreensão de uma experiência temporal (item alvo) – como em *There is going to be a storm* (Haverá uma tempestade) –, o escopo conceitual da referida construção é formado por um *continuum* de entidades conceituais que são gradualmente criadas no interior do domínio fonte por meio de extensões dos significados existentes na situação comunicativa.

De movimento espacial, a construção passa a indicar predição. Em um primeiro momento, o traço de movimento espacial do item fonte persiste, como em *I'm going to watch a movie* (Eu vou assistir a um filme) e em um segundo momento, a predição persiste e o sentido espacial é apagado, como em *I'm going to do my best to make you proud* (Eu vou fazer meu melhor para deixar você orgulhosx). Desse modo, até que chegue a indicar tempo, *be going to*, passa por pequenas alterações conceituais.

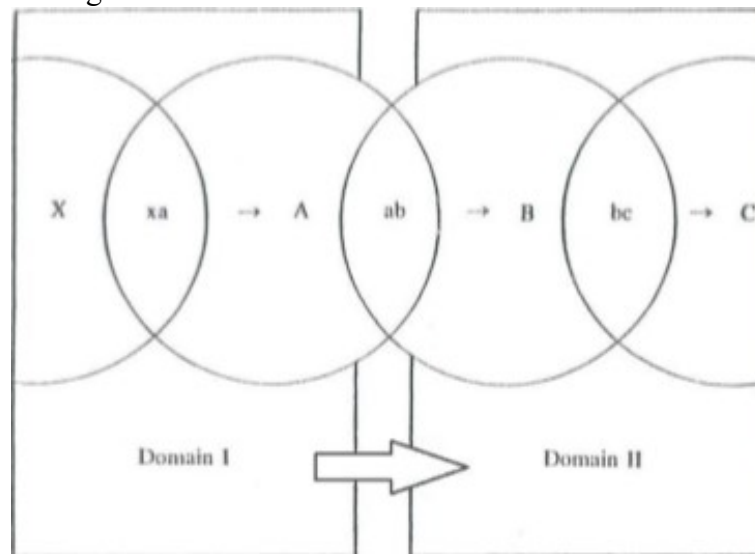
No segundo caso, Tavares (2003, 2009) observa que, através de mudanças por contiguidade, *ai* vai deixando de (i) apontar para um lugar pontual – como em *Eu vou ai hoje*; (ii) para passar a desempenhar função dêitica locativa ambígua – como em *o João Pedro falou com um funcionário AI*, que pode tanto indicar um ponto no espaço próximo ao ouvinte, quanto especificar um SN –; (iii) até deixar de ser ambíguo e funcionar apenas como marcador de especificidade – como em *Vários alunos ai não quiseram ter aula no sábado*.

O ganho de novos significados, como nos dois exemplos acima, em que, a cada expansão a forma progressivamente vai adquirindo propriedades do item alvo enquanto traços do item fonte coexistem configura-se, aparentemente, como uma ação metonímica no processo de mudança via gramaticalização.

Considerando, como no caso do *be going to*, que instâncias metafóricas e metonímicas podem atuar conjuntamente na gramaticalização, apesar das divergências apresentadas em Traugott e König (1991)⁵¹, por exemplo, Heine et al. (idem) propõem pensarmos essa relação com base no modelo a seguir, expresso pela Figura 6.

⁵¹Traugott e König (1991) argumentam que são os tipos de função a que um item passa a desempenhar que direcionam os tipos de transferências conceituais e inferências que entrarão em jogo na gramaticalização. Desse modo, para as autoras, indicações de tempo, aspecto e caso estão mais associadas à ações metafóricas do que metonímicas, que atuariam mais especificamente sob o uso de conectores, marcadores discursivos, uma vez que estão mais associados à funções comunicativo-pragmáticas.

Figura 6 – Modelo metafórico-metonímico de GR



Fonte: HEINE et al. (1991, p. 114)

Retomando o que discutimos anteriormente, ao propor esse modelo, os autores parecem oferecer uma visão de GR tanto do ponto de vista cognitivo, considerando que a passagem de um domínio I para um domínio II é feita via transferência metafórica com base em noções de similaridade ou analogia; quanto do pragmático, considerando que durante essa mesma passagem subdomínios são gerados e a partir disso a GR passa a configurar um processo de mudança em cadeias – pelo qual os significados de um item passam a ser continuamente reinterpretados (reanalizados) pelo contexto, através de processos metonímicos que podem envolver pressão por informatividade, convencionalização de implicaturas conversacionais e reforço pragmático.

Interessada em discutir motivações e regularidades na mudança semântico-pragmática, mais especificamente, no que se refere a fatores que estão em jogo nas transferências conceituais através da metonímia, Traugott ([1999] 2003, 2002) revela a importância de observar qual é o papel do falante e como se dá a relação entre ele e seu interlocutor em contextos dialogais. A autora acredita que isso se configura como mais um instrumento importante para compreendermos como são estabelecidas as inferências contextuais que impulsionam a gramaticalização.

Traugott e Traugott e König têm incorporado em seus trabalhos essa discussão quando propõem pensarmos a mudança semântico-pragmática por meio da trajetória *proposicional* > (*textual*) > *expressivo* (TRAUGOTT, 1982, 1989) e por meio de três tendências de mudança (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991):

- (1) tendência I – significados baseados na situação descritiva externa > significados baseados na situação (avaliativa/perceptual/cognitiva) interna;
- (2) tendência II – significados baseados na situação descritiva externa ou interna > significados baseados na situação textual;
- (3) tendência III – significados tendem a ser gradualmente situados nas crenças/estados/atitudes subjetivas do falante em relação à situação. (adaptado de TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 208-209)

Com base nas funções da linguagem de Halliday e Hasan (1976) – ideacional, textual e interpessoal –, Traugott (op.cit.) sugere que os processos de transferências conceituais realizados pelos sujeitos seguem uma direção que se inicia (i) na compreensão do mundo externo físico a partir da percepção de nossas experiências internas – que estaria relacionado à função ideacional e, que portanto, corresponderia a um componente proposicional (tendência I) –; (ii) passando para a compreensão de nossas experiências externas e/ou internas a partir de percepções contextuais amplas, o que ativaria a necessidade de recursos textuais (função textual; tendência II); (iii) ou diretamente para a compreensão das experiências por meio das relações com outras pessoas, que diz respeito à função interpessoal, a qual ativa o componente de expressividade (tendência III)⁵².

Colocando o enfoque na função interpessoal/expressiva, Traugott (2010b) destaca ainda outros fatores que podem estar relacionados à GR: (i) a (inter)subjetividade, de caráter sincrônico, e (ii) a (inter)subjetivização, de caráter diacrônico.

Quanto a (i), a autora, tomando como ponto de partida a definição de Lyons (1982)⁵³ sobre subjetividade, entende que, em termos gerais, expressões de (inter)subjetividade remetem à *perspectiva sincrônica* de fenômenos que emergem durante as negociações interacionais entre falantes e ouvintes. Tendo isso em vista, o “principal significado semântico ou pragmático é o de indexicalizar a atitude ou o ponto de vista do falante (subjetividade) e a

⁵²Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) discutem a respeito da equivalência entre o componente expressivo e a função interpessoal. Para os autores, não há correspondências entre ambos uma vez que a expressividade, tal como Traugott (op.cit.) considera, direciona o enfoque somente para o falante, deixando de fora a contraparte fundamental no processo interacional, o ouvinte. Em resposta a isso, alguns anos mais tarde, a autora passa a dar destaque ao papel do ouvinte na relação locutor-interlocutor/falante-ouvinte, o que remodela a noção apresentada na tendência III, ampliando o escopo da expressividade. Nesse sentido, a função interpessoal, também denominada como expressiva, é desdobrada em dois componentes *subjetivo* (orientado para o falante) e *intersubjetivo* (orientado para o ouvinte) (TRAUGOTT; DASHER, 2002).

⁵³Para Lyons (1982 apud TRAUGOTT, 2010b, p. 4), “o termo subjetividade se refere à forma como as línguas naturais, em sua estrutura e em seu modo normal de funcionamento, possibilitam para o agente da locução a expressão de si mesmo e de suas próprias atitudes e crenças” (“the term subjectivity refers to the way in which natural languages, in their structure and their normal manner of operation, provide for the locutionary agent’s expression of himself and his own attitudes and beliefs”).

atenção do falante para a auto-imagem do destinatário (intersubjetividade)”⁵⁴ (TRAUGOTT, 2010b, p. 3).

Apesar de considerar que toda atividade comunicativa interacional pressupõe a existência de intersubjetividade, Traugott (2010b) argumenta que os significados intersubjetivos existentes nessa negociação interacional carregam primeiramente o componente subjetivo, uma vez que é o falante o responsável por estabelecer tais significados, para então carregar o componente intersubjetivo. Nesse sentido, por mais que essas instâncias se interconectem, a subjetividade antecede a intersubjetividade. O que acontece é que quanto mais os significados passam a apontar para a atenção do ouvinte, mais o componente subjetivo é atenuado, dando lugar a um *processo progressivo de aumento de intersubjetividade pragmática*.

Como a subjetividade e a intersubjetividade são componentes pragmáticos, esse aumento de intersubjetividade não configura por si só uma mudança semântica. É somente quando esses significados, tanto subjetivos, quanto intersubjetivos, vêm a ser codificados como parte da semântica de um item que (inter)subjetividade passa a ser tomada como um *processo diacrônico* de reanálise semântica, denominado (inter)subjetivização. E é nesse ponto que instâncias (inter)subjetivas, elementos próprios da pragmática, passam a servir a funções gramaticais e se intersectam mais diretamente com o processo de mudança via GR. (TRAUGOTT, 2010b)

Quanto aos processos de subjetivização e intersubjetivização, Traugott ([1999] 2003, 2010b) compreende que embora não impliquem necessariamente em GR, são processos de mudança semântica muito relevantes para explicar como os significados das coisas do mundo podem estar relacionados com crenças e atitudes tanto do falante quanto do ouvinte. A autora os define como “mecanismos pelos quais: a. os significados são recrutados pelo falante para codificar e regular atitudes e crenças (subjetivização) e, b. uma vez subjetificados, podem ser recrutados para codificar significados centrados no destinatário (intersubjetivização)” (TRAUGOTT, 2010b, p. 6)⁵⁵.

Assim como na (inter)subjetividade, a subjetivização antecede à intersubjetivização. E, nesse sentido, esses processos estariam dispostos em uma escala unidirecional do tipo *subjetivização > intersubjetivização* (TRAUGOTT, [1999] 2003) ou, como a autora

⁵⁴ “[...] the prime semantic or pragmatic meaning of which is to index speaker attitude or viewpoint (subjectivity) and speaker’s attention to addressee selfimage (intersubjectivity).”

⁵⁵ “[...] are the mechanisms by which: a. meanings are recruited by the speaker to encode and regulate attitudes and beliefs (subjectification), and, b. once subjectified, may be recruited to encode meanings centered on the addressee (intersubjectification).”

reformula alguns anos depois, *subjetivo* > *não/menos subjetivo* > *intersubjetivo* (TRAUGOTT, 2010b). Relacionando com a trajetória *proposicional* > *(textual)* > *expressivo*, apresentada anteriormente, à medida que um significado vai se tornando mais intersubjetivo, ele adquire mais expressividade. Logo, durante esse processo, os significados passam, cada vez mais, a serem estabelecidos com base na atenção que o falante presta a certos aspectos do destinatário, em especial os de natureza cognitiva e *identitária* (TRAUGOTT, [1999] 2003).

Tendo isso em vista, as negociações interacionais entre instâncias subjetivas e intersubjetivas que circundam um processo de mudança via gramaticalização parecem remeter ainda a um outro tipo de processo pelo qual “os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos dentro de um sistema de distinções e possibilidades⁵⁶” (IRVINE, 2001, p. 23-24) e “invocam significados na forma de expectativas em relação aos outros e ao próprio comportamento de alguém [McCall & Simmons, 1978; Stryker, 1980]”⁵⁷ (STETS; BURKE 2000, p. 225), o que Stets & Burke entendem como a base para a *formação da(s) identidade(s) dos sujeitos*. E ao incluir o componente identitário do destinatário como um aspecto que pode influenciar na mudança de significados subjetivos do falante (TRAUGOTT, 2003 apud 2012), parece que Traugott está justamente tocando nesse ponto.

Se essa correlação estiver correta, seria possível pensar que os significados subjetivos e/ou intersubjetivos que emergem em situações interativas e dialogais e impulsionam um processo de GR podem ser motivados por questões estilísticas, as quais indexalizam significados sociais identitários?

Além disso, tendo em vista o funcionamento das motivações semântico-pragmáticas que discutimos ao longo desta seção – que foram recuperadas e sistematizadas no Quadro 3 –, em que medida essas motivações abrangem a questão do significado social na mudança?

Discutimos essa e outras questões na subseção a seguir.

⁵⁶“[...] speakers, as agents in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions and possibilities.”

⁵⁷“[...] invokes meanings in the form of expectations with regard to others’ and one’s own behaviour’s [McCall & Simmons 1978; Stryker 1980].”

Quadro 3 – Sistematização das motivações semântico-pragmáticas na GR

Motivações semântico-pragmáticas	
Inovação linguística em contextos dialogais	A GR pode ser desencadeada por usos inovadores de um único indivíduo em determinados contextos. Em situações dialogais, esses usos inovadores logo são espalhados para outros contextos e passam a ser utilizados por mais indivíduos. Tal espalhamento é responsável pelas quebras de restrições que ampliam e expandem os contextos em que os itens/construções em GR podem ser usados, situação propícia para mudança semântica e categorial. (TRAUGOTT, 2002, 2008)
Processos metafóricos	Transferências semânticas de um domínio A para um domínio B. Durante a gramaticalização, essas transferências conceituais acompanham o ganho de novas funções gramaticais, seguindo uma trajetória de mudança semântica que leva cada novo significado atribuído ao item a se tornar mais e mais abstrato à medida que passa a ser compreendido no domínio alvo com base na relação de similaridade que mantém com o domínio fonte. (HEINE et al., 1991)
Processos metonímicos	Diferentemente de como ocorrem os processos metafóricos, as transferências conceituais através da metonímia não são estabelecidas através da relação direta entre (A > B), e sim a partir de expansões semânticas dentro de um único domínio funcional híbrido (AB). A metonímia atua, substancialmente, de modo que sejamos capazes de projetar conceitualmente uma experiência interna com base na expansão de significados que estão presentes e disponíveis no contexto comunicativo. (KÖVECSES, 2010; RUIZ DE MENDOZA, 2014)
Pressão por informatividade, Reforço pragmático e Convencionalização de implicaturas conversacionais	Durante um processo de gramaticalização, certas estratégias comunicativas, tais como pressão por informatividade, reforço pragmático e convencionalização de implicaturas conversacionais, podem ser as principais responsáveis pela criação de novos significados para um item linguístico, o que parece impulsioná-lo mais fortemente a uma maior gramaticalização. (HEINE et al., 1991)
(Inter)subjetividade	Remete à perspectiva sincrônica de fenômenos que emergem durante as negociações interacionais entre falantes e ouvintes. Tendo isso em vista, o “principal significado semântico ou pragmático [desses fenômenos] é o de

	indexicalizar a atitude ou o ponto de vista do falante (subjatividade) e a atenção do falante para a auto-imagem do destinatário (intersubjetividade)” (TRAUGOTT, 2010b, p. 3).
(Inter)subjativização	Trata-se de processos diacrônicos de reanálise semântica. Traugott os define como “mecanismos pelos quais: a. os significados são recrutados pelo falante para <i>codificar e regular</i> atitudes e crenças (subjativização) e, b. uma vez subjativizados, podem ser recrutados para <i>codificar</i> significados centrados no destinatários (intersubjativização)” (TRAUGOTT, 2010b, p. 6, grifo nosso).

Fonte: elaborado pela autora

3.2.4 Discutindo outras questões na GR

Apesar de falarmos sobre “mudança linguística”, a língua não muda por vontade própria. Da maneira como eu entendo, ela só muda porque falantes e ouvintes a utilizam. [...] e os jovens adultos (ou adolescentes), e não as crianças pequenas, é que são os principais responsáveis pela mudança, porque eles estão particularmente interessados na *formação de identidade e na marcação das diferenças*. (TRAUGOTT, 2014, p. 104; grifo nosso)

É a questão da formação de identidade e da marcação das diferenças que tomamos como fio condutor da discussão desta subseção. No nosso entendimento, o estudo sobre marcadores discursivos (MDs) é o que mais tem oferecido evidências sobre essa discussão no processo de GR. Para Traugott, com base na concepção de Schiffrin (1987), o uso de certos marcadores discursivos pelos falantes – sobretudo MDs que atuam no nível extra-textual, como é o caso de *Y’know?* no inglês e *sabe?* no PB – pode desencadear a criação e o estabelecimento de significados (inter)subjativos. Esses significados, de acordo com a proposta de Schiffrin⁵⁸ (2001 apud VALLE, 2014), parecem estar associados a funções que apontam para o que a autora entende como *domínio social e expressivo*, que remete para “a capacidade de usar a

⁵⁸Schiffrin (2001, p. 54) elenca quatro aspectos relacionados ao conhecimento comunicativo, dentre os quais: *aspecto textual* que remete à “habilidade de organizar formas e transmitir significados, dentro de unidades de linguagem mais longas do que uma única sentença” [“ability to organize forms, and convey meanings, within units of language longer than a single sentence”]; *aspecto cognitivo* que remete à “habilidade de representar conceitos e ideias através da linguagem” [“ability to represent concepts and ideas through language”]; e os *aspectos social e expressivo* que remetem à “habilidade de usar a linguagem para exibir identidades pessoais e sociais, para transmitir atitudes e realizar ações, e para negociar relações entre si e os outros” [ability to use language to display personal and social identities, to convey attitudes and perform actions, and to negotiate relationships between self and other”], aspectos esses que a autora acredita estarem intimamente relacionados entre si.

linguagem para exibir as identidades pessoais e sociais, para transmitir atitudes e executar ações e negociar relações entre si e os outros” (ibidem, p. 43-44).

Embora a discussão sobre a criação de significados intersubjetivos pelos falantes ofereça algumas evidências sobre o componente social/identitário na GR, como é o caso do estudo de certos marcadores discursivos (MDs), o lugar do significado social nesse tipo de mudança ainda parece periférico, sobretudo porque o aparato conceitual e metodológico para a investigação de significados sociais na GR, em especial aqueles de natureza estilístico-identitária, é bastante escasso. Como a maioria dos estudos desenvolvidos têm desprivilegiado esse aspecto, isso parece ter contribuído para que a mudança semântico-pragmática via gramaticalização esteja associada majoritariamente a uma mudança de significado linguístico/referencial, que envolve expansões polissêmicas e metafóricas, por exemplo, e não uma mudança de significado social, que envolve, por exemplo, aspectos estilísticos-identitários.

Contudo, ainda que haja essa tendência, possivelmente em razão da relativa escassez de estudos, parece-nos perfeitamente viável pensar analiticamente sobre o significado social da mudança tendo como ponto de partida a discussão sobre motivações estilístico-identitárias na GR. O texto de Traugott (2001) – que compõe o livro *Style and Sociolinguistic Variation* (organizado por Eckert e Rickford) – traz pontos importantes, que parecem fortalecer a necessidade e viabilidade de discutir a relação entre gramaticalização e estilo/identidade sociolinguístico e que coaduna com os interesses desta dissertação.

Traugott (2001) argumenta que a teoria da gramaticalização se ocupa do que ocorre na interseção entre os aspectos internos (estrutura) e externos (uso) da língua. Desse modo, ela “pode fornecer uma ligação entre a linguística histórica e a sociolinguística, uma vez que é orientada para o falante e preocupada com a interação falante-ouvinte⁵⁹” (ibidem, p. 128). O problema para a consolidação dessa interface é que, muitas vezes, quando formas linguísticas estão em situação de variabilidade, a tendência é tratá-las como se a variação não interferisse na função e no significado social que cada uma delas desempenhará e veiculará em determinados contextos linguísticos de uso, como se elas permanecessem funcionalmente iguais. E isso parece distanciar, cada vez mais, a relação entre uma teoria da mudança, como a gramaticalização, e uma teoria do estilo, embutida na SV. (TRAUGOTT, 2001)

⁵⁹“A theory of grammaticalization can provide a link between historical linguistics and sociolinguistics since it is speaker-oriented and concerned with speaker–hearer interaction.”

Considerando que as diferentes funções que um item pode desempenhar estão associadas aos diferentes *trabalhos gramaticais* que esse item realiza dentro de contextos comunicativos específicos, deveríamos cada vez mais nos questionar sobre “como esse trabalho gramatical interage com *funções socialmente simbólicas ou estilísticas*”⁶⁰ (TRAUGOTT, 2001, p. 130, grifo nosso). O trabalho de Valle (2014) – sobre os itens *sabe?* e *entende?*, derivados de verbos cognitivos, e suas respectivas variantes *sabes?* e *entendes?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?* – parece ser um exemplo bastante elucidativo de como funções socialmente simbólicas podem atuar no processo de mudança linguística via GR.

O trabalho de Valle (2014) – sobre os itens *sabe?* e *entende?*, derivados de verbos cognitivos, e suas respectivas variantes *sabes?* e *entendes?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?* – parece ser um exemplo bastante elucidativo de como funções socialmente simbólicas podem atuar no processo de mudança linguística via GR. Com base em uma amostra de fala composta por 30 entrevistas com informantes da comunidade da Barra da Lagoa – Florianópolis/SC (Amostra Brescancini-Valle), a autora verificou que parece haver relação clara entre a escolha de determinados RADs e o sentimento de identificação e pertencimento ao local.

Valle & Görski (2019) interpretam os resultados de Valle (2014) com base na noção de indexicalidade (SILVERSTEIN, 2003), o que parece, em certa medida, convergir com o objeto de estudo desta dissertação:

i) se, por um lado, [o uso desses MDs] pode ser tomado como um *indicador* – índice de primeira ordem que indexa membros em uma comunidade; ii) por outro, pode ser tomado como um *marcador* – índice de segunda ordem, se considerarmos que, associado à avaliação social da comunidade e usado para expressar o posicionamento dos indivíduos sobre a valorização de uma cultura local, adquire um componente ideológico. Fato que reforça o caráter ideológico associado ao uso de *(en)tendesse?* é sua presença constante na [...] página “Os manezinho pira”, no sentido de sinalizar identidade compartilhada. A atitude responsiva de muitos internautas contribui ainda mais para delinear essa atuação, que parece estar para além do plano da identificação com a cultura local. (VALLE; GÖRSKI, 2019, p. 1228)

Entre aproximações e distanciamentos, a emergência e expansão de novos usos de {-STE}, que consideramos ter ocorrido via gramaticalização, também parecem estar atravessadas por funções socialmente simbólicas ou estilísticas cujos significados apontam

⁶⁰ “[...] how that grammatical work interacts with socially symbolic or stylistic functions.”

para as relações identitárias que são construídas no interior da comunidade em análise. Na tentativa de estruturar um arcabouço conceitual e metodológico que reflita um diálogo mais aproximado entre variação gramaticalização e identidade, discutimos, na seção a seguir, sobre as reflexões de Poplack (2011), Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017) a respeito da Interface Variação-Gramaticalização; questionamos alguns conceitos assumidas nessa perspectiva e sugerimos uma ampliação da proposta de interface.

3.3 VARIAÇÃO-GRAMATICALIZAÇÃO: AMPLIANDO A PERSPECTIVA DA INTERFACE

Considerando a contextualização apresentada no Capítulo 2, entendemos que o uso de {-STE} na Tal Qual Dublagens envolve simultaneamente dois processos: (i) emergência e expansão de novos usos, interpretado como um processo de gramaticalização em perspectiva sincrônica; e (ii) alterações na forma de realização de {-STE} e nos diferentes significados indexicalizados pelo referido item, entendido como variação. Diante disso, tendo como ponto de partida a proposta de Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017), pretendemos analisar o objeto desta pesquisa a partir de um alinhamento teórico-metodológico entre a Sociolinguística Variacionista (SV), mais especificamente sob a perspectiva dos estudos de terceira onda; e a teoria da Gramaticalização (GR), com base na abordagem de GR como expansão.

Tendo em vista que interface variação-gramaticalização delineada pelas autoras se inscreve no escopo do que denominam Sociofuncionalismo, apresentamos uma breve contextualização sobre essa abordagem, ressaltando de um modo geral a convergência entre SV e Funcionalismo Linguístico. Após essa contextualização, discorreremos mais especificamente sobre (i) contribuições geradas no diálogo entre variação e gramaticalização; (ii) a relação entre o princípio da estratificação e a variação linguística; e (iii) a noção de domínio funcional (DF). Para fechar a seção, questionamos sobre o lugar do significado/função social na interface variação-gramaticalização e sugerimos um alargamento no conceito de domínio funcional assumido nessa perspectiva, de modo que não só aspectos cognitivo-comunicativos (semântico-pragmáticas), mas também socialmente simbólicos possam ser contemplados nesse tipo de análise integrada.

Ao longo das últimas décadas, aproximações entre campos teóricos distintos têm sido realizadas com o intuito de ampliar as perspectivas a partir das quais se desenha o objeto de

análise. É o que se observa, por exemplo na SV, ao incorporar conceitos da antropologia para analisar a *variação*, notadamente na terceira onda variacionista. Em outra direção, focalizando também a mudança linguística, tem havido um frutífero diálogo entre a TVM e a SV e o Funcionalismo Linguístico, especialmente com foco na GR (cf. TAGLIAMONTE; D'ARCY, 2009; POPLACK, 2011; TORRES CACOULOS, 2011; TAVARES; GÖRSKI, 2015 E GÖRSKI; TAVARES, 2017, entre outros). No que se refere a essa última aproximação, não obstante os interesses e objetos distintos de cada teoria, há muitos pontos de convergência entre elas, dentre os quais destacamos: (i) a concepção de língua a partir de seus contextos reais de uso; (ii) a percepção de dinamicidade e heterogeneidade da língua; (iii) o entendimento da mudança como um processo gradual e contínuo; (iv) a compreensão da relação intrínseca entre diacronia e sincronia; (v) o destaque atribuído à frequência no processo de rotinização e difusão linguística e social da mudança; (vi) a relação entre língua e sociedade; (vii) a introdução da análise de fatores de natureza interacional como fundamentais na explicação da variação e mudança; e (viii) a crença na atuação de forças em competição na mudança linguística. (adaptado de TAVARES; GÖRSKI, 2015, p. 257-258)

Considerando que na construção de uma abordagem integrada é preciso encontrar um ponto de encontro entre os modelos analíticos de cada teoria, Tavares e Görski (2015) sugerem um procedimento metodológico sociofuncionalista⁶¹ que inclui as etapas a seguir.

- identificação de situações de uso linguístico variável dentro de um domínio funcional;
- operacionalização da noção laboviana de variável, isolando formas variantes que cumpram uma mesma função dentro de um domínio funcional;
- testagem de grupos de fatores diversos para identificar os contextos (linguísticos/discursivos, estilísticos, sociais) de uso das formas;
- detalhamento de cada grupo de fatores linguísticos/discursivos buscando captar variações e mudanças em curso ainda sutis;
- interpretação da frequência das formas em determinados contextos como indício (i) de perda de espaço de uma das variantes, ou (ii) de generalização de significado ou (iii) de especialização de uso; e
- averiguação, na análise, da possibilidade de motivações em competição (em diferentes níveis). (Adaptado de TAVARES; GÖRSKI, 2015, p. 263-264)

⁶¹Nesta dissertação não pretendemos nos deter nessa discussão. Para um aprofundamento detalhado dessa questão, remetemos o leitor à tese de Tavares (2003) – sobre a gramaticalização de *e*, *aí*, *dai* e *então* e a variação no domínio funcional de *sequenciação retroativo-propulsora de informações* – e às publicações de Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017), entre outros trabalhos, que trazem importantes contribuições a respeito.

Observa-se, nessas etapas, que o ponto de partida é a identificação de uma variável linguística (e suas variantes) no escopo de um DF, seguida de análise dos contextos de uso das formas – em que fatores de natureza *socioestilística* têm lugar –, buscando delinear possíveis mudanças em curso. Desse modo, o tratamento variacionista – que permite análises multivariadas além de frequenciais – constitui-se em uma importante ferramenta para a observação de mudanças sutis no processo de gramaticalização, tornando, segundo as autoras, a gradualidade operacionalizável.

Poplack (2011, p. 211), ao abordar a variação e gramaticalização, chama a atenção para o fato de que (i) a GR é geralmente estudada como “o conjunto de mudanças envolvidas na associação de *uma* forma com um novo (presumivelmente mais gramatical) significado ou função, subestimando, ou mesmo ignorando o papel de outras camadas naquele contexto”⁶²; (ii) é preciso entender como as demais camadas se acomodam junto à forma emergente para que se obtenha um retrato mais fiel e completo do processo de GR em questão. Em outras palavras, nessa abordagem integrada, é necessário acompanhar o percurso de uma ou mais formas e identificar, ao longo da(s) trajetória(s), as etapas onde elas coocorrem com outra(s) formas no desempenho de uma mesma função/significação.

Nessa interface, de acordo com Görski e Tavares (2017), o entendimento de que a variação linguística é uma das etapas de um processo contínuo e gradual de mudança é central para evidenciar a relação entre sincronia e diacronia. E a incorporação de fundamentos da gramaticalização à análise variacionista pode trazer explicações sobre o surgimento e a origem de cada uma das formas que constitui uma variável linguística, bem como recuperar a trajetória percorrida por cada uma dessas formas, deixando claro que funções eram antigamente exercidas por elas e que funções foram sendo adquiridas ao longo da trajetória de mudança. Podemos aplicar essas reflexões das autoras também a trajetórias de mudança captadas sincronicamente, conforme propomos na análise desenvolvida mais adiante.

A confluência entre a gramaticalização e a variação é claramente percebida no princípio da estratificação, assim formulado por Hopper:

Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas. (HOPPER, 1991, p. 22)

⁶²“grammaticalization is usually construed – and studied – as the set of changes involved in the association of *one* form with a new (presumably more grammatical) meaning or function, downplaying, or even ignoring, the role of other layers coexisting in that context”.

Como mencionamos na Seção 3.2, um dos cenários caracterizadores de um processo de GR é a existência de novas e antigas camadas interagindo entre si e atuando no escopo de um único DF. Nessas condições, um determinado item em gramaticalização (nova camada) passa a desempenhar uma nova função que já era exercida pelas outras camadas existentes no domínio, o que acaba gerando uma situação de competição entre as camadas. Considerando tal cenário – bem como a restrição apontada por Poplack (2011) de que a existência de estratificação implica que as camadas de um DF resultam de diferentes processos de gramaticalização –, é possível fazer uma aproximação entre os termos, de modo que *camadas de um mesmo domínio funcional* podem equivaler a *formas variantes de uma mesma variável linguística*, o que salienta a relação entre estratificação e variação linguística (TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017).⁶³

Além do princípio da estratificação, há outro princípio proposto por Hopper (1991) que é bastante relevante na interface de variação e gramaticalização: o princípio da especialização.

Dentro de um domínio funcional, em dado estágio pode ser possível uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas; quando a gramaticalização acontece, essa variedade de escolhas formais se estreita e o grupo menor de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.⁶⁴ (HOPPER, 1991, p. 22)

O princípio da especialização pode desencadear duas situações quanto à competição entre as diferentes camadas/variantes: (i) situação de *especialização por generalização* (HOPPER, 1991); ou (ii) de *especialização por especificação* (TAVARES, 1999, 2003, 2009).

⁶³Para Labov (1963, 1966), uma situação de variação linguística remete a um processo pelo qual duas ou mais formas correspondem ao mesmo significado referencial/representacional e podem ocorrer no mesmo contexto de uso. A essas formas dá-se o nome de *variantes*. Entretanto, essa definição foi alvo de inúmeras críticas ao longo da década de 1970, primeiro porque, originalmente, não previa a possibilidade da existência de significados alternativos associados a uma mesma forma – discussão trazida por Labov (2008) e que introduz uma abertura para se pensar em multifuncionalidade na variação –; e segundo porque o critério de *mesmo significado* parecia não englobar fenômenos linguísticos em níveis mais complexos de análise (sintático e semântico, por exemplo). Para lidar com o segundo ponto, após intensas discussões, alguns linguistas propõem que a noção de equivalência semântica, que Labov indica como um requisito necessário no conceito de variável, seja substituída pela ideia de “comparabilidade funcional” (LAVANDERA, 1978, p. 181) ou “mesma função comunicativa” (MILROY; GORDON, 2003, p. 170). Conceção essa que assumimos nesta dissertação.

⁶⁴“Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings.”

Por especialização por generalização, entende-se que se trata de uma forma linguística que passa a abarcar todas as nuances semânticas do domínio funcional de que faz parte, o que a leva a suprimir as demais. Nesse cenário, a forma especializada se torna mais frequente, pois se estabelece como representante única do domínio funcional a que pertence (HOPPER, 1991).

Já no que refere à especialização por especificação, Tavares aponta:

Cada forma variante pode se especializar para funções distintas ligadas ao mesmo domínio funcional ou a domínios funcionais próximos (ou seja, ocorre uma divisão das funções desempenhadas por cada forma) ou, ainda, cada variante passa a ser empregada em contextos socioculturais, linguísticos ou estilísticos específicos, diferentes dos contextos em que passam a ser utilizadas as formas concorrentes – esse processo pode ser denominado especialização por especificação (cf. TAVARES, 1999, 2003, 2013a). (TAVARES, 2013, p. 39)

O estudo de Tavares (2003) sobre os marcadores *e*, *aí*, *dai* e *então* configura-se como um exemplo bastante elucidativo desse princípio, sobretudo porque a noção de especialização por especificação foi proposta pela autora a partir dessa pesquisa. Nesse sentido, ao investigar o processo de gramaticalização desses marcadores, a autora observa que *e*, *aí*, *dai* e *então* se especializaram no domínio da sequenciação retroativo-propulsora de informações, no entanto, cada um deles atua de forma predominante em um contexto específico.

Com base nos dados das duas amostras analisadas (fala de personagens de 09 a 12 anos da obra *As Vinhas da Ira*; e fala de floriapolitanos com mais de 50 anos), a autora atesta a hipótese de que o *e* seria mais frequentemente usado em contextos menos marcados, que exigem menor complexidade cognitiva em termos de processamento, dentre os quais: sequenciação textual, articulação entre segmentos oracionais e contextos caracterizados por altos graus de conexão. Já o *aí* e o *então* seriam usados predominantemente em “níveis mais amplos de articulação, além do que o *aí* se [destacaria] junto a graus de conexão intermediários e o *então* junto aos graus de menor amarramento entre as informações” (TAVARES, 2003, p. 260). No caso do *dai*, o item se tornaria o tipo de sequenciador mais frequente e predominante do domínio funcional em que atua (sequenciação retroativo-propulsora de informações), sobretudo porque seu uso tem se espalhado e se difundido entre os jovens floriapolitanos.

O que fica evidente é que, tanto na especialização por generalização, quanto na por especificação, a competição e a variação são cessadas no DF, o que significa que a mudança foi implementada. Entretanto, essas e outras novas camadas que continuam emergindo podem

ser levadas a novos processos de mudança e, com isso, a variabilidade na gramática se inicia mais uma vez, o que mostra o caráter cíclico na relação entre variação e mudança.

A noção de mudança assumida em abordagem de interface variação-gramaticalização abrange todas as fases previstas no ciclo variação-mudança-variação. Tendo isso em vista, entendemos como mudança

o surgimento de uma função nova para uma forma; (ii) a disseminação, em diferentes níveis sociolinguísticos, desse uso inovador, agora já mais rotinizado; (iii) as alterações acarretadas por tal processo de disseminação na distribuição sociolinguística das formas mais antigas que porventura também exibam a mesma função; (iv) a substituição (se ocorrer) de uma (ou mais) das formas antigas pela forma mais recente. (TAVARES; GÖRSKI, 2015, p. 263)

Além da concepção de mudança, que orienta as práticas analíticas da pesquisa, em uma proposta de interface variação-gramaticalização, algumas questões em relação à noção de DF merecem ser destacadas e discutidas.

Görski e Tavares (2017) assumem uma concepção de DF associada a uma perspectiva funcionalista de gramática, considerando, sobretudo, as definições de Givón (1984, 1995, 2001, 2002), que a concebe (i) como função adaptativa, já que ela se adapta às necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes, envolvendo representação cognitiva e comunicação do conhecimento/experiência; e (ii) como estrutura, uma vez que é nela que os planos da semântica proposicional e da pragmática discursiva são articuladamente codificados.

Na perspectiva de Givón (1984), esses dois planos articulados recobrem o DF que se distribue num *continuum* e se inter-relacionam de forma escalar e multidimensional. Tendo isso em vista, Görski e Tavares (2017, p. 46) tomam DF “como uma área coberta por (macro)funções/significações gramaticais que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente e regularizada, em diferentes níveis”.

Muitos outros pontos podem ser destacados a respeito da noção de DF – como a ideia de domínios superordenados e de sobreposição de domínios, ou como a problemática entre a equivalência não absoluta entre DF e variável linguística, por exemplo –, no entanto gostaríamos de discutir um outro aspecto a partir do questionamento a seguir: em que medida um DF do modo como é assumido na proposta de interface variação-gramaticalização, recobre o significado social? O escopo do que se entende como significado semântico-

pragmático pode equivaler à noção de significado social? É sobre tais questionamentos que refletimos a seguir.

Embora a função comunicativa ou os significados semântico-pragmáticos que um item pode assumir durante um processo de GR possa remeter a aspectos interacionais – o que, em alguma medida, pode corresponder ao componente social –, a negociação falante-ouvinte, além de ancorada no contexto pragmático, parece estar associada ainda a fatores de natureza mais subjetiva, sobretudo aqueles relacionados a características socioidentitárias desses sujeitos, como salienta Traugott ([1999] 2003).

Na perspectiva variacionista, sobretudo nos estudos de segunda e terceira onda, tem-se dado bastante luz a esses fatores na análise do significado social da variação a partir da investigação de usos variáveis em redes sociais ou em comunidades de práticas, contudo na Gramaticalização essa discussão ainda parece incipiente. Apresentamos na Subseção 3.2.4 (*Discutindo outras motivações na GR*) alguns argumentos em favor de que GR também é um lugar para a discussão de funções socialmente simbólicas ou estilísticas (TRAUGOTT, 2001). E ainda que tal discussão tenha sido minimizada nas pesquisas de GR ao longo dos anos, a ampliação do foco de análise, de modo a incluir a investigação de aspectos subjetivos de natureza identitária e ideológica, pode trazer inúmeras contribuições para esses estudos, uma vez que tais fatores têm sido reconhecidos como motivações (socialmente simbólicas) capazes de conduzir uma mudança na língua (LABOV, 2010). Como mudança e variação (tomadas do ponto de vista funcionalista) são processos intimamente relacionados, acredita-se que o olhar para tais fatores pode trazer ainda mais benefícios em uma análise integrada, isto é, em uma perspectiva de interface variação-gramaticalização.

Em face do exposto, em resposta ao nosso questionamento anterior, a função socialmente simbólica – ou os significados sociais, e mais especificamente os de natureza socioidentitária – parece não ser contemplada na noção de DF que orienta a perspectiva de interface apresentada por Görski e Tavares (2017). E isso pode fazer com que muitos fenômenos que se envolvem simultaneamente em processos de gramaticalização e de variação e assumem função comunicativa e socialmente simbólica fiquem fora do escopo dessa perspectiva de interface, como aconteceria com o objeto desta dissertação.

Tal problematização suscita reflexões que nos levam ao passo seguinte.

Do modo como entendemos, a ideia de interface nos remete, em certa medida, à construção de propostas cujo alinhamento teórico-metodológico entre as teorias envolvidas possa recobrir as particularidades do objeto de estudo, os interesses e objetivos da pesquisa e

do pesquisador e especialmente as concepções próprias de cada teoria a serem assumidas na proposta integrada. E, desse modo, as possíveis aproximações teóricas devem contemplar esses fatores.

Isso posto, mesmo que alguns aspectos da proposta de interface das autoras acima referidas possam não contemplar diretamente interesses da nossa pesquisa, acreditamos ser viável trabalhar com a noção de gramaticalização e variação associada à de DF, desde que proponhamos um alargamento na noção de DF de modo a abrigar o fenômeno investigado nesta dissertação.

A sugestão que apresentamos a seguir, portanto, tem como pano de fundo o comportamento do objeto de análise desta pesquisa, bem como algumas das hipóteses inicialmente formuladas. É importante destacar ainda que grande parte dos questionamentos suscitados nesta seção, dos conceitos assumidos nesta dissertação e da proposta de ampliação que apresentamos são orientados pela pesquisa de Valle (2014), que traz importantes reflexões e contribuições para o crescente debate sobre a relação entre variação, gramaticalização e identidade.

Como mencionado na hipótese central (Seção 2.5), acredita-se que durante o processo de emergência de novos usos de {-STE} na Tal Qual Dublagens, o referido item passa a desempenhar uma função socialmente simbólica, simultaneamente a sua função comunicativa prototípica já exercida (referência ao interlocutor).

Essa nova função – que pode ser assumida por qualquer uma das treze formas de realização de {-STE} (-*ste*, -*stes*, -*stez*, *steys*, *stesh*, -*stis*, -*stex*, -*rte*, -*rtes*, -*rtis*, -*rtex*, -*rtix*, -*rtyx*) – está relacionada à *expressão de identidade*, que pode remeter tanto a características mais específicas de alguns indivíduos que fazem uso dessas formas, quanto a traços coletivamente compartilhados, os quais identificam esses sujeitos como uma comunidade.

Mencionada anteriormente, Valle (2014) lança mão de algumas importantes concepções que trazem à tona a presença do componente identitário na perspectiva funcionalista, as quais assumimos na nossa proposta de ampliação. São elas: a noção de Schiffrin (2001) sobre domínio social e expressivo (conceito construído mais especificamente para a análise de MDs, mas que acreditamos poder ser utilizado para outros fenômenos); e a noção de Givón (1993) sobre *função de coesão sociocultural*.

Diante disso, a função que denominamos como socialmente simbólica parece estar associada “a capacidade de usar a linguagem para exibir as identidades pessoais e sociais, para transmitir atitudes e executar ações e negociar relações entre si e os outros”

(SCHIFFRIN, 2001 p. 43-44), bem como de estabelecer relações de identificação e filiação a grupos sociais (GIVÓN, 1993).

Nessas condições, considerando que a função comunicativa de *referência ao interlocutor* é exercida conjuntamente à *expressão de identidade*, sugerimos que o domínio de atuação de {-STE} seja analisado sob um espectro mais amplo, já que o uso do item envolve tanto fatores de ordem gramatical/funcional, quanto de ordem social-simbólica. A esse domínio, em que aspectos funcionais e sociais/simbólicos estão concomitantemente associados ao uso de um determinado item, nesse caso, de {-STE}, denominamos, *domínio funcional-simbólico*, entendido a partir da convergência entre a concepção de DF assumida por Görski e Tavares (2017), a definição de Schiffrin (2001) sobre domínio social e expressivo e a noção de função de coesão sociocultural de Givón (1993).

Tendo isso em vista, tomamos domínio funcional-simbólico como *uma área coberta por (macro)funções/significações gramaticais, sociais e expressivas que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos, exibindo as identidades pessoais e socioculturais, indexalizando atitudes, ações, afiliação a grupos, e negociando relações entre si e os outros*.

Como essa noção de domínio inclui, além de componentes gramaticais (morfossintáticos e semântico-pragmáticos), o componente socialmente simbólico – que, nesse caso, remete mais diretamente a motivações socioidentitárias –, conceitos de indexicalidade, campo indexical, ordem indexical, (SILVERSTEIN, 2003, 2009; ECKERT, 2008, 2018), discutidos na Seção 3.1, são centrais na análise de fenômenos que se situam no escopo dessa perspectiva de interface.

Por tudo o que discutimos ao longo desta seção e das outras que compõem este capítulo, acreditamos que a investigação de {-STE} a partir da integração da abordagem da SV e da GR (considerando as perspectivas assumidas em cada uma, expostas na Seção 3.1 e 3.2 respectivamente) pode trazer importantes contribuições para esta pesquisa, sobretudo no que refere à observação das motivações correlacionadas a ambos os processos que caracterizam a língua em uso.

Apresentamos no capítulo a seguir os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo consiste na apresentação dos procedimentos metodológicos para a investigação da realização de {-STE} na página Tal Qual Dublagens. Ele está dividido em cinco seções que tratam: sobre a descrição da abordagem metodológica que nos orientou para o processo de geração dos dados (Seção 4.1); sobre detalhamentos da comunidade de práticas analisada (Seção 4.2); sobre a composição da amostra (Seção 4.3); sobre os desdobramentos do objetivo, da questão e da hipótese central da pesquisa (Seção 4.4); e sobre o duplo caminho metodológico da análise, que conta com a descrição dos grupos de fatores controlados para a análise variacionista e do instrumental complementar – que corresponde a um conjunto de perguntas e respostas que subsidiam a discussão das questões relacionadas aos significados sociais do uso do item em questão (Seção 4.5).

4.1 METODOLOGIAS PARA A PESQUISA NO TERRITÓRIO ON-LINE

A emergência e o interesse na pesquisa sobre culturas tão novas, como as que estão se estabelecendo no mundo virtual, exigem a necessidade de se ampliar e diversificar as metodologias de análise. As práticas analíticas de fenômenos sociolinguísticos por si só já pressupõem a necessidade de diálogos e conexões inter-teóricas e inter-metodológicas. Mas no caso do objeto desta pesquisa, analisado em um espaço on-line, ou mais especificamente em um site de rede social [SRS] (RECUERO, 2009) – o Instagram da Tal Qual Dublagens –, essa hibridização de métodos e técnicas é ainda mais latente.

Para discutirmos sobre isso, esta seção está composta por quatro subseções que tratam sobre (i) a definição de Sites de Redes Sociais (Subseção 4.1.1); (ii) o capital social de um SRS como o Instagram (Subseção 4.1.1.1); (iii) o fazer etnográfico em pesquisas em territórios on-line (Subseção 4.1.2) e (iv) delineamentos sobre a chamada etnografia virtual [HINE, 2000] (Subseção 4.1.2.1).

4.1.1 Sites de Redes Sociais

Para Recuero (2009), sites de redes sociais podem ser entendidos como espaços utilizados para a expressão de redes sociais e para a construção de comunidades virtuais na Internet. Esses espaços configuram-se como novas ferramentas de comunicação mediada por

computador que são apropriadas pelos sujeitos para a manifestação de suas práticas sociais. Acreditamos, assim como Boyd e Ellison (2007 apud RECUERO, 2009, p. 102), que uma análise das dinâmicas existentes nesse espaços permite que o pesquisador possa observar, por exemplo, como se dá (i) o processo de “construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator”, que são interesses congruentes aos interesses desta investigação.

Além disso, sites de redes sociais (SRS) são divididos em duas categorias: (i) os estruturados – conhecidos também como sites de redes sociais propriamente ditos, desenvolvidos desde o início com a finalidade de formação de redes sociais, a partir da publicização dessas redes, como é o caso do Facebook e do LinkedIn entre outros; e os (ii) apropriados – sites que não foram desenvolvidos com o propósito de formação ou publicização de redes sociais, mas são apropriados pelos usuários com esta finalidade, como é o caso do Fotolog, do Twitter e do Instagram (RECUERO, 2009).

Esta pesquisa se interessa pela segunda categoria de SRS, que tem o Instagram⁶⁵, o locus macro deste estudo, como um exemplo de site de rede social apropriado.

4.1.1.1 O Instagram e o Capital Social de um SRS

O Instagram foi criado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger como um aplicativo para compartilhamento de fotos e vídeos. Considerado uma das plataformas de interação social mais baixadas e acessadas do mundo, em 2012, mesmo ano em que foi comprado pelo Facebook, o Instagram alcançou mais de 100 milhões de usuários ativos e em 2018 superou a marca de 1 bilhão. O aplicativo é bastante popular no Brasil, representando aproximadamente 5% do público global, com cerca de 50 milhões de contas ativas. (dados do site Statista)⁶⁶.

Além da possibilidade de registrar e capturar instantaneamente fotos e vídeos e compartilhar, através de um *post no feed*, com as pessoas que estão habilitadas a acessar seu perfil, o usuário do Instagram também conta com outros recursos oferecidos pelo aplicativo, como o *Stories* – que exibe fotos ou vídeos de até 15 segundos e após 24 horas a postagem é apagada automaticamente – e o IGTV e a *live*, que permitem assistir, respectivamente, vídeos

⁶⁵Inicialmente, o Instagram não foi desenvolvido como um espaço de perfil, como o Facebook, por exemplo. No entanto, a publicação de fotos e de textos, que possibilita a interação com outros usuários por meio de comentários, faz com que esse espaço seja ressignificado pelos sujeitos e passe a ser construído como um espaço pessoal, lugar propício para a formação de redes sociais e comunidades.

⁶⁶<https://www.statista.com/statistics/325587/instagram-global-age-group/>. Acesso em 29/08/2019.

verticais mais longos e transmissão ao vivo de vídeos, sobretudo, de perfis de artistas, celebridades, blogueiras (os) etc.

De acordo com Rainie, Brenner e Purcell (2012), os conteúdos gerados pelo Instagram e a grande popularidade que o aplicativo adquiriu têm se revelado como uma das principais moedas sociais do mundo on-line. Desse modo, assim como os demais aplicativos de interação social, como o Facebook, o Twitter e o Youtube, por exemplo, a função do Instagram no mundo social tem acompanhado e impulsionado as mudanças socioeconômicas e culturais da sociedade da era digital, sobretudo no que se refere a que tipos de valores são construídos nesses territórios. Para Recuero (2009), a verificação de valores econômicos e sociais em um site de rede social é central para entendermos o que está em jogo no processo de apropriação desses espaços. E isso, conseqüentemente, “pode auxiliar na percepção do capital social construído nesses ambientes e sua influência na construção e na estrutura das redes sociais” (RECUERO, 2009, p. 107).

O conceito de capital social foi sistematizado no campo da sociologia por Pierre Bourdieu, que o entende como “o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e interreconhecimento” (BORDIEU, 2007 apud MATOS, 2009, p. 35). Para a observação do capital social construído nas relações sociais virtuais, Recuero (2009) destaca a verificação de quatro valores: a visibilidade, a reputação, a popularidade e a autoridade.

Para esta pesquisa nos interessa observar o capital social da reputação porque, assim como Recuero (2009), o consideramos como um dos principais valores construídos nas redes sociais, sobretudo enquanto categoria para analisar como se dá o processo de construção identitária na Internet.

Grande parte dos acessos que o Instagram possui, considerando mais especificamente os *posts* fixos, é gerado pelo interesse dos usuários nos conteúdos que determinados perfis produzem. No entanto, para Hu et al. (2014), a procura e a permanência dos usuários nesses perfis está muito mais associada a questões de afetividade e identificação envolvidas no relacionamento entre o “dono” do perfil e seus seguidores do que ao conteúdo propriamente dito. E isso está diretamente relacionado à reputação do perfil, entendida como a “percepção construída de alguém pelos demais atores que implica a presença de três elementos: o “eu” e o “outro” e a relação entre ambos” (RECUERO, 2009, p. 109).

“O conceito de reputação implica diretamente no fato de que há informações sobre quem somos e o que pensamos, que auxiliam os outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre nós” (RECUERO, 2009, p. 109). Portanto, a expressão de nós mesmos através de *personae* virtuais está sempre apontando para um interlocutor, isto é, esse processo de representação do “eu” no território on-line, assim como no off-line, é, em certa medida, influenciado pela forma com que o “outro” vai perceber e avaliar e isso orienta a maneira como nos comportamos e nos comunicamos no mundo social.

Acreditamos que o Instagram, como um site de rede social, é um espaço em que os sujeitos podem se sentir atores e protagonistas, é um lugar em que essas interações sociais, baseadas sobretudo em processos de representação do eu perante o outro, podem e devem ser investigadas.

As interações sociais mediadas pelo computador são alvos de interesse de muitos pesquisadores porque a partir dessas interações grupos sociais podem emergir na Internet, sobretudo aqueles com características comunitárias. Olhar para essas relações é de extrema importância para entender como essa nova forma de sociabilização, que se dá através das novas tecnologias de informação, é capaz de gerar densos laços sociais (EVANS, 2004). Para isso, com base nos principais métodos apresentados em estudos sobre a Internet, mais especificamente sobre sites de redes sociais, assumimos, para o processo de geração de dados desta pesquisa, um tipo de abordagem etnográfica, que detalhamos a seguir.

4.1.2 A Etnografia e a pesquisa no ambiente virtual

Assumir uma definição sobre etnografia em uma pesquisa é uma tarefa um tanto complexa porque depende da própria noção que o pesquisador constroi sobre o termo. A construção dessa noção envolve questões como por exemplo: (i) em que área de estudo a pesquisa se concentra; (ii) quais são os objetivos e interesses do pesquisador com o estudo; (iii) em que contextos temporais e espaciais a pesquisa será desenvolvida; e (iv) qual o papel do etnógrafo no processo de geração, descrição e interpretação dos dados.

A construção dos conceitos mais clássicos sobre etnografia são provenientes de sua forte relação com a antropologia, que a tem como seu método por excelência. Apesar das diversas definições que a etnografia pode ter, nos alinhamos a uma perspectiva que tem utilizado o método etnográfico como forma de estudar e entender modos de vida de sujeitos em uma determinada cultura. Nesse sentido, assim como Geertz (1978), compreendemos que,

muito além de ser um processo e um método de pesquisa qualitativa, a etnografia deve ser entendida como o próprio produto desse processo.

Esse caráter dual da etnografia permite que, ao descrever densamente as práticas sociais de uma determinada cultura, o papel do etnógrafo possa ser repensado e redefinido também. O intuito do etnógrafo é, portanto, “procurar compreender a visão de mundo, as atitudes, os significados e as experiências de um grupo social” (ROSA; LUCENA; CROSSETI, 2003, p. 15). E, desse modo, ele passa a ser entendido como um produtor e gerador de conhecimento de uma ciência que é, sobretudo, uma ciência interpretativa (GEERTZ, 1978).

Esses conceitos e definições que envolvem o fazer etnográfico suscitam-nos um questionamento: Em que medida a etnografia, enquanto método e produção de conhecimento, pode ser empregada em pesquisas que têm interesse em investigar a cultura de espaços que têm dimensões e estruturas diferentes, como o mundo virtual? Como essa ciência interpretativa acompanha “os movimentos que derivam das marcas que a tecnologia deixou na sociedade contemporânea”? (GUTIERREZ, 2009, p.1).

A entrada dos novos meios de comunicação na sociedade, como a Internet, diversificam as formas com que as pessoas podem se relacionar e tensionam inclusive as noções de tempo e espaço em que essas relações podem ser construídas (GUTIERREZ, 2009). Para Hine (2000), esses novos espaços de comunicação são tão importantes para a observação de como são criadas e mantidas as relações sociais quanto os espaços físicos e estáticos anteriores ao surgimento da dimensão on-line.

A geografia dos territórios virtuais “não coincide com a das redes comunicacionais que se desenham no território físico, mas nem por isso constitui uma dimensão estanque da realidade” (GUTIERREZ, 2009, p.1). Por isso, as práticas sociais que são construídas na cibercultura – entendida por Lemos (2003, p. 11-12) como a “forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações na década de 70” – [...] “não devem ser vistas e tratadas como um contexto específico e isolado do contexto sociocultural humano” (GUTIERREZ, 2009, p. 6). E, desse modo, uma pesquisa sobre as relações sociais no mundo on-line não pode ser exatamente contrária e diferente das desenvolvidas na dimensão off-line.

A internet não é um ciberespaço monolítico ou “não-lugar”. Em vez disso, ele é constituído por inúmeras novas tecnologias, utilizadas por diversas

pessoas em muitas localidades do mundo real. Consequentemente, há muito a ser ganho por uma abordagem etnográfica, através da investigação de como as tecnologias da Internet estão sendo compreendidas e assimiladas em algum lugar em particular (MILLER; SLATER, 2001, p. 1).⁶⁷

E é nesse contexto em que, cada vez mais, relações sociais são construídas mediadas pela tecnologia, que a etnografia virtual pode apresentar-se como um aparato metodológico para a observação e investigação de como são criadas as comunidades, as práticas e as culturas que emergem na e com a Internet.

4.1.2.1 *A Etnografia Virtual*

As práticas metodológicas e analíticas para uma investigação científica sobre os aspectos que estão em jogo na construção e manutenção das relações sociais que se desenvolvem e se estabelecem na Internet ainda são muito incipientes e, certamente, precisam ser mais bem discutidas e consolidadas. Mas isso não impede que elas possam ser replicadas e nem diminui a importância que têm enquanto metodologias de pesquisa.

Apesar de haver trabalhos bastante representativos sobre o estudo das interações sociais no mundo virtual sob o viés etnográfico, como é o caso das pesquisas de Turkle (1995) – que discute sobre o processo de construção identitária na Internet – e de Reinghold (1993) sobre a criação e manutenção de comunidades virtuais –, é sobretudo a partir dos estudos de Cristine Hine que a etnografia passa a ser discutida e sistematizada como metodologia de pesquisa para a Internet. A esse tipo de etnografia Hine (2000) denomina como Etnografia Virtual.

A Etnografia Virtual é adequada para o objetivo prático de explorar as relações da interação mediada, mesmo que não seja exatamente a coisa real em termos metodologicamente puristas. É uma etnografia adaptativa que se propõe a se adequar às condições em que se encontra. (HINE, 2000, p. 65)⁶⁸

Na perspectiva da Etnografia Virtual, pesquisas na Internet podem oferecer dois espectros de atuação do pesquisador. Um em que a Internet é tomada como um espaço distinto do off-line, e que acaba direcionando o enfoque da pesquisa para o “contexto cultural

⁶⁷“The Internet is not a monolithic or “placeless” cyberspace, rather it is numerous new technologies, used by diverse people, in diverse real-world locations. Hence, there is everything to be gained by an ethnographic approach, by investigating how Internet technologies are being understood and assimilated somewhere in particular.”

⁶⁸“Virtual ethnography is adequate for the practical purpose of exploring the relations of mediated interaction, even if not quite the real thing in methodologically purist terms. It is an adaptive ethnography which sets out to suit itself to the conditions in which it finds itself”.

dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 41). E outro em que ela é tomada como um espaço em que se integram os mundos on-line e off-line, indicando uma pesquisa que se inclina para uma noção de Internet como um artefato cultural – “uma tecnologia que foi produzida por pessoas particulares com objetivos e prioridades situadas contextualmente” (HINE, 2000, p. 9)⁶⁹.

Essas noções de etnografia direcionam a pesquisa para a observação de como o uso da Internet se torna significativo para a manutenção das relações sociais que são estabelecidas nesse ambiente. Como os significados sociais imbricados a esse uso não são estáticos, a atuação do etnógrafo na investigação desses significados deve ser a mais flexível possível, isto é, os pesquisadores precisam ter mobilidade nos ambientes, tanto virtual quanto fisicamente e essa diretriz acaba trazendo como resultado a introdução de diferentes formas e graus de participação do pesquisador.

Em uma etnografia virtual, o pesquisador conta com pelo menos dois métodos de observação. O primeiro se refere à prática *lurking*⁷⁰ ou ao tipo de observação silenciosa e o segundo, ao tipo de observação em que há um grau de proximidade significativo entre o pesquisador e os pesquisados e o contexto sociocultural do *locus* da pesquisa.

Para este estudo, nos interessam mais os aspectos envolvidos na participação *lurking*, que foi o tipo de participação que assumimos para esta pesquisa. Nesse tipo de participação, a entrada do pesquisador em campo é feita de forma bastante discreta, muitas vezes sem que os demais envolvidos na pesquisa saibam da sua presença. A não manifestação do etnógrafo nesse tipo de observação é bastante criticada, sobretudo, pela frente clássica dos estudos etnográficos, que questionam em que medida uma participação com pouca ou nenhuma interferência pode ser considerada como uma participação efetiva capaz de gerar conhecimento.

A esse respeito, Braga (2006) ressalta que “a condição que possibilita o ofício do/a etnógrafo/a é a imersão e a experiência da efetiva participação no ambiente pesquisado. Este ofício inclui participar, observar, descrever: categorias que formam a unidade do fazer etnográfico” (BRAGA, 2006, p. 5). Contudo, independente de quais são as condições de observação, que tipos de técnicas ou métodos são utilizados, uma observação é sempre participativa, ainda que seja menos ativa do que outras, como é o caso da prática silenciosa.

⁶⁹“product of culture: a technology that was produced by particular people with contextually situated goals and priorities”

⁷⁰Ato de entrar em listas de discussão, fóruns, comunidades on-line etc. apenas como observador, sem nenhuma participação ativa (RECUERO, 2009).

Para a autora (op.cit), a participação *lurking*, que pode incluir ações como entrar em listas de discussão, fóruns, comunidades on-line etc. apenas para observar o comportamento dos outros, sem intervir diretamente, é uma prática característica de ambientes virtuais e, portanto, é um tipo de participação especial que se difere dos tipos de participação tradicionais. Essa diferença é ressaltada porque, embora os mundos on-line e off-line não sejam categorias de análise contrastivas, mas correlacionadas, há diferenças estruturais entre essas duas dimensões que não podem ser ignoradas no processo de construção metodológica da Etnografia Virtual.

Outra especificidade desse tipo de abordagem etnográfica que se difere do modelo convencional de etnografia é que o etnógrafo não precisa estar plenamente imerso por longos prazos ‘no campo’ de pesquisa. Pelo fato da “etnografia virtual ser um processo de engajamento intermitente” (HINE, 2004, p. 1)⁷¹, observações em menor tempo, desde que sejam realizadas de forma intensiva, já dão conta de produzir expressivas interpretações sobre o universo e a cultura analisados. Nesse sentido, Hine entende que

[...] o envolvimento intensivo com a interação mediada acrescenta uma importante dimensão reflexiva à etnografia.

[...] Isto é etnografia de, em e através do virtual – aprendemos sobre a Internet mergulhando-nos nela e conduzindo a nossa etnografia utilizando-a, bem como falando com as pessoas sobre ela, vendo-as usá-la e vendo-a manifestar-se noutros contextos sociais. (HINE, 2004, p. 1-2)⁷²

Nesta seção, apresentamos alguns dos principais pontos que julgamos serem significativos para esta pesquisa. É claro que alguns foram deixados de fora porque ainda há muito para se discutir e construir nesse tipo de abordagem que é bastante recente, e nosso objetivo aqui não é esse. Na tentativa de estabelecer um diálogo interdisciplinar mais próximo entre língua, identidade e cibercultura, nos apropriamos dos conceitos e técnicas desta perspectiva metodológica. Desse modo, nas próximas duas seções, como produto da Etnografia Virtual que realizamos na página Tal Qual Dublagens no Instagram, apresentamos uma descrição da comunidade analisada e do processo de geração dos dados que compõem a amostra deste estudo.

⁷¹“Virtual ethnography is a process of intermittent engagement [...]”.

⁷²“Intensive engagement with mediated interaction adds an important reflexive dimension to ethnography. This is ethnography of, in and through the virtual – we learn about the Internet by immersing ourselves in it and conducting our ethnography using it, as well as talking with people about it, watching them use it and seeing it manifest in other social settings”.

4.2 DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE

Como ressaltado na subseção anterior, um processo de observação e geração de dados em uma investigação etnográfica no ambiente virtual tem suas especificidades e, sobretudo, suas limitações em relação ao fazer etnográfico tradicional, sobretudo quando se trata de realizar densas descrições sobre a comunidade observada.

No caso deste estudo, acreditamos que os principais desafios para traçar um perfil detalhado sobre o grupo em análise sejam (i) o fato de que se trata de uma comunidade com muitos membros (mais de 100 mil seguidores), o que dificulta uma observação mais profunda, sobretudo porque chegar a um alto nível de detalhamento para esse quantitativo requer esforço e tempo de que não dispomos e (ii) de que como não tivemos contato direto com cada um dos membros através de entrevistas virtuais ou on-line, por exemplo, as informações que temos sobre esses sujeitos foram coletadas através do próprio SRS (Instagram), o que, nem sempre, oferece profundos detalhamentos a respeito.

Considerando essas limitações, apresentamos a seguir, de uma forma mais abrangente, uma descrição do perfil dos participantes e da dinâmica interacional da comunidade, ressaltando, sobretudo, que interesses, opiniões ou valores são compartilhados entre essas pessoas, e que faz com que construam e integrem uma CP.

4.2.1 A dinâmica e o perfil da comunidade

Retomando algumas informações sobre o *locus* desta pesquisa, que apresentamos na Subseção 2.2, a Tal Qual Dublagens é uma página da Internet, criada pelo Youtuber e comediante Gustavo Libório, e surge primeiramente como canal no Youtube, em 2011, e depois é expandida para os demais sites de redes sociais, como o Facebook (no mesmo ano) e posteriormente o Instagram (em 2013).

Considerando que a Tal Qual Dublagens está presente em vários SRS, o alcance da página é bastante abrangente e, se somarmos a quantidade de inscritos no canal no Youtube e a de seguidores no Facebook e no Instagram – que chega a um pouco mais de 1 milhão de seguidores – é possível dizer que a Tal Qual Dublagens configura uma comunidade com um alcance global. Para esta pesquisa, decidimos investigar somente uma parte dessa grande comunidade e para isso escolhemos o Instagram da página.

Na época em que realizamos a etnografia, a página contava com mais de 100 mil seguidores (Figura 7). É importante ressaltar que apesar de considerarmos como membros da comunidade Tal Qual Dublagens no Instagram esses mais de 100 mil seguidores, que podem remeter a perfis de pessoas físicas, de lojas, empresas ou outras instituições; dentro dessa grande comunidade – que se forma em torno de um interesse comum geral, que parece ser a busca por entretenimento – há outras subcomunidades que parecem ser formadas por interesses mais complexos, algo que tende a criar conexões mais profundas entre os seguidores e o criador da página.

Figura 7 – PrintScreen do feed da página



Fonte: acervo da autora

Em um primeiro momento, pela grande quantidade de seguidores naturais de Manaus, de outros municípios do Amazonas e do Pará, concluímos que essas conexões estariam atreladas majoritariamente ao compartilhamento de traços e laços territoriais, como uma espécie de identificação por pertecerem à mesma região, compartilharem de culturas semelhantes. No entanto, ao visitarmos o perfil de alguns dos seguidores mais participativos na página, verificamos que muitos deles são naturais de cidades em outras regiões do país – como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, por exemplo – o que faz com que a hipótese sobre a conexão de um laço geográfico para a formação dessa comunidade não se sustente inteiramente, ainda que a página se mostre mais popular e conhecida entre os nortistas.

Como o aspecto da naturalidade parecia não ser suficiente para explicar a adesão de todos os membros, nos atentamos também ao fato de que a página conta com uma grande

participação e engajamento de homens gays e mulheres heterossexuais que estão em contato com o universo *gay*⁷³, o que seria mais um aspecto em comum com Gustavo, criador da página, isto é, a orientação à homossexualidade, ou no caso das mulheres heterossexuais, a simpatia aos homossexuais. A identificação gerada em torno do aspecto da orientação sexual, que pode desencadear tantas outras questões mais complexas, significa que esses sujeitos estão ligados por questões mais subjetivas e ideológicas, o que parece ter levado à construção da comunidade e a adesão cada vez mais frequente de outros sujeitos que se identifiquem nesse nível.

Considerando esses dois cenários, verificamos que a CP Tal Qual Dublagens é formada por sujeitos que podem ou não ser amazonenses ou paraenses, podem ou não ser homossexuais. Isso quer dizer que essas características podem estar intercruzadas, por exemplo, o que nos dá algumas opções de perfis: (i) nortista gay (homem ou mulher); (ii) não nortista gay (homem ou mulher); (iii) nortista heterossexual (homem ou mulher) e (iv) não nortista heterossexual (homem ou mulher). De um modo geral, as opções (i) e (ii) parecem ser as mais frequentes, inclusive esses membros são os que mais interagem com a “titia Tal Qual” e com outros membros da página. Além desses perfis, entre as opções de heterossexuais, tanto nortista quanto não nortista, observamos uma participação mais recorrente das mulheres.

Além desses dois principais aspectos envolvidos na formação dessa comunidade, os membros dessa CP, em geral, são indivíduos entre 15 e 50 anos de idade, com grau de escolaridade variando entre nível básico (ensino médio) e nível superior e de variadas ocupações, dentre as quais: estudante, artista, digital influencer/youtuber, vendedor, atendente, auxiliar administrativo, empresário, publicitário entre outras.

É importante deixar claro que essas e outras informações sobre os membros da CP em questão foram captadas a partir de comentários postados por esses sujeitos na página e também a partir de visitas no perfil pessoal de alguns seguidores. E, como ressaltamos anteriormente, nosso objetivo é apresentar uma descrição mais geral da comunidade e de seus participantes, já que algumas limitações, já mencionadas anteriormente, impossibilitam maiores detalhamentos.

Descrever o perfil da comunidade também implica levar em conta a maneira como os membros interagem entre si e o que está em jogo nessa interação. Nesse sentido, percebemos

⁷³Essas mulheres podem ser caracterizadas pela expressão *gay friendly*, que remete à categoria de simpatizantes no antigo acrônimo GLS, substituído a alguns anos pela sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e travestis), entre outras já destacadas anteriormente.

que a dinâmica interacional do grupo está relacionada com alguns fatores envolvidos na produção dos conteúdos da página.

Ao longo da nossa observação, verificamos que os principais conteúdos produzidos por Gustavo são as dublagens de vídeos e as postagens nas redes sociais. Em relação aos vídeos publicados no feed do Instagram, eles possuem curta duração (não podendo ultrapassar um minuto). Geralmente são recortes de um vídeo de dublagem mais extenso, que já foi postado no canal da página no Youtube e tratam de situações de briga entre vizinhos, briga entre gays e entre travestis, sobre a cidade de Manaus, sobre cenas de filmes e novelas e cenas de animais. Além das dublagens, Gustavo também publica outros tipos de vídeos, que diferentemente das dublagens, contam com a sua aparição, e retratam muitas das vezes sobre aspectos mais pessoais de sua vida.

Já no que se refere às postagens, geralmente tratam-se de *posts* relacionados (i) às dublagens – em que os seguidores comentam e avaliam o vídeo –; (ii) a alguns aspectos da vida pessoal de Gustavo – por exemplo: coisas do cotidiano como ir ao supermercado, sobre sua relação com seu marido, sobre sua família –; (iii) à divulgação de seus shows de *stand-up comedy* – e (iv) à publicidade de marcas e serviços.

Esse tipo de conteúdo mais pessoal só passa a ser incorporado nas publicações da página a partir de 2015 que remete ao período em que Gustavo revela sua identidade a seus seguidores (antes disso, as dublagens e as postagens são feitas de forma anônima). Pelo que observamos, por conta da revelação de sua identidade, a dinâmica interacional entre os seguidores passa a ser mais frequente e produtiva. Tanto que no mapeamento que fizemos, a quantidade de comentários, sobretudo os que contêm a forma {-STE} é muito maior no ano de 2015 do que em 2013 e 2014. Acreditamos que isso se deve ao fato de que a partir daquele momento os seguidores puderam associar um rosto, uma pessoa às dublagens e ao perfil virtual, o que parece ter tornado a interação mais real. Provavelmente, por causa disso, o engajamento com a página aumentou nesse período, porque os sujeitos passaram a criar laços mais densos de identificação com a “titia Tal Qual”, que a partir daquele momento tinha se tornado um personagem real e acessível.

Além da interação virtual, muitos dos membros, principalmente os residentes e/ou naturais de Manaus conseguem ter esse contato mais direto e face a face com Gustavo através de encontros em lugares públicos da cidade ou em seus shows de *stand-up comedy*. Esses encontros acabam rendendo fotos e publicações nas redes sociais, configurando-se como um tipo de conteúdo bastante interativo e importante para a consolidação do grupo haja vista que

parece criar uma proximidade maior entre Gustavo e seus seguidores e dá a oportunidade de os outros membros, associados virtualmente a essa comunidade, se conhecerem pessoalmente.

Essa proximidade com Gustavo faz com que a página tenha altos níveis de interação e engajamento, porque as pessoas que escolhem fazem parte dessa comunidade não o fazem só porque querem se entreter com o conteúdo e a linguagem das dublagens, mas também porque se identificam com as características e/ou traços socioculturais de Gustavo. Nesse sentido, acreditamos que isso impulsiona a página a uma maior visibilidade, autoridade, popularidade e reputação, o que implica no aumento do seu capital social (RECUERO, 2009).

Apresentadas as informações sobre a comunidade em análise, na seção a seguir discorreremos sobre o processo de composição da amostra.

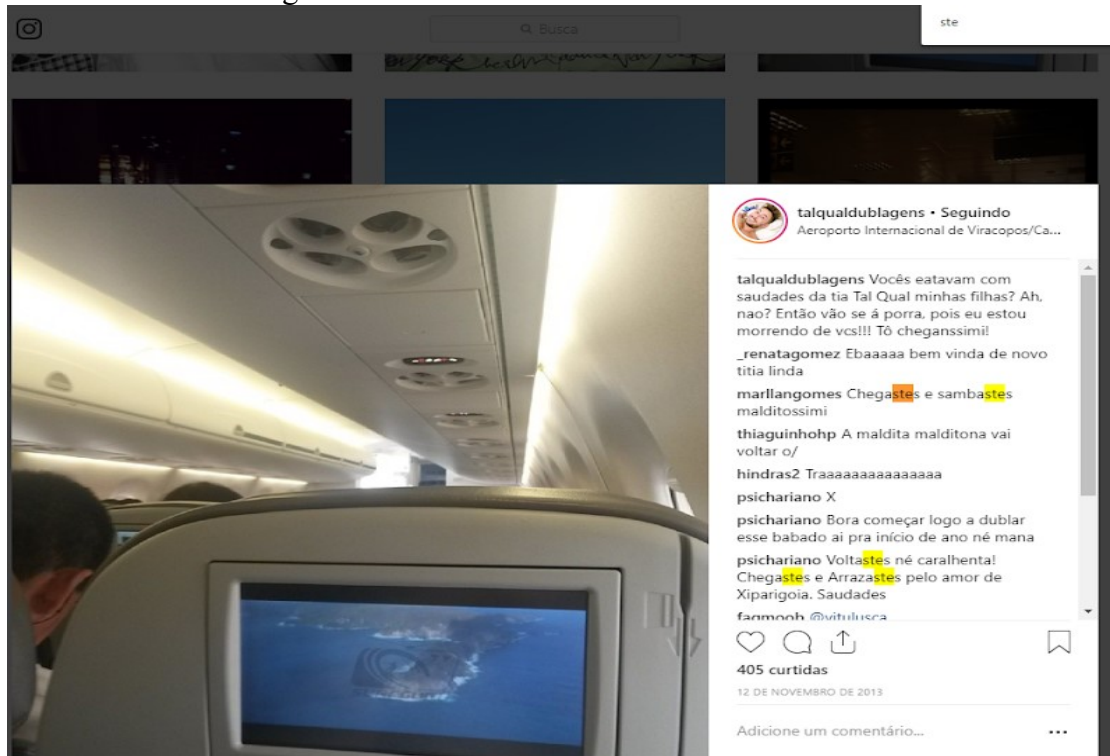
4.3 A COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

A análise da realização de {-STE} foi desenvolvida a partir de dados gerados a partir de *posts* e comentários da página Tal Qual Dublagens no Instagram. Nossa amostra foi composta a partir de vários levantamentos e mapeamentos do fenômeno na página. Esses levantamentos foram feitos da seguinte maneira: primeiramente selecionamos todos os *posts* e comentários, desde o primeiro, em novembro de 2013, até 30 de maio de 2018⁷⁴. Contudo, decidimos trabalhar somente com os anos iniciais (2013, 2014 e 2015) e o ano final de coleta (2018). Acreditamos que esses dados já são suficientes para que possamos traçar uma trajetória de uso da forma e perceber como ela se comporta ao longo desses cinco anos.

Em cada publicação, com o auxílio da função procurar/localizar (CTRL+F), coletamos as ocorrências de {-STE}, o que significa que fizemos várias buscas a fim de contemplar todas as diferentes formas de realização do referido item.

⁷⁴Essa data corresponde ao período que delimitamos para a coleta de dados no cronograma de trabalho. Como o levantamento dos dados foi previsto para ser realizado, no máximo, até o final do primeiro semestre de 2018, no final do mês de maio decidimos finalizar o mapeamento geral das ocorrências de {-STE} porque acreditamos que os dados coletados referentes a esse ano já eram suficientes para a análise.

Figura 8 – Procedimento de coleta de dados



Fonte: acervo da autora

Executada essa primeira parte de observação do fenômeno, decidimos retornar à página para fazer um segundo levantamento, dessa vez, com um olhar mais amplo, o que contemplou a coleta de informações que não foram controladas no levantamento anterior. Dessa forma, essa nova verificação de {-STE} nos permitiu monitorar os seguintes pontos: (a) a quantidade de *posts* em cada ano; (b) o conteúdo e a composição de cada *post* (isto é, se o *post* possui imagem, vídeo ou quaisquer outros recursos audiovisuais); (c) os seguidores que comentam utilizando a forma em questão; (d) a natureza desse comentário; (e) a interação e o engajamento gerado por cada *post* e (f) se as ocorrências do fenômeno localizam-se no interior do *post*, isto é, se o uso de {-STE} é feito pelo “dono” da página, conhecido como “tia Tal Qual”, ou se é usado pelos seguidores através dos comentários. Controlar esses aspectos permitiu que observássemos também se a incidência de {-STE} nos comentários seria influenciada por algum gatilho⁷⁵, quer o item esteja no próprio *post* escrito, quer esteja nas outras partes que compõem o *post*.

Como nossa amostra dispunha somente dos dados escritos, no início de 2019, decidimos, mais uma vez, voltar à página porque julgamos relevante controlar a questão da

⁷⁵Entendemos como gatilho a possibilidade de a presença de {-STE} no *post* desencadear a presença da forma ou de quaisquer de suas variantes nos comentários.

presença ou não de gatilho nos outros componentes do *post*, mais especificamente, nos vídeos/dublagens, pois correspondem à maior parte do que é produzido pela “tia Tal Qual”. Contudo, por motivos desconhecidos, a página Tal Qual Dublagens fora removida do Instagram e, portanto, não será possível controlar esse fator, nem quaisquer outros que pretendessem explorar esse recurso audiovisual⁷⁶.

Após esses levantamentos, a amostra final – que decidimos nomear *amostra Tal Qual Dublagens* – é composta por 262 *posts* (duzentos e sessenta e dois) e um total de 1.049 (mil e quarenta e nove) dados que contêm o segmento {-STE} ou quaisquer de suas treze formas de realização: *-ste, -stes, -stez, steys, stesh, -stis, -stex, -rte, -rtes, -rtis, -rtex, -rtix, -rtyx*. Desse total de dados, mais de 96% provêm dos comentários dos seguidores, apresentando, portanto, uma baixa ocorrência no que se refere aos dados provenientes do *post* escrito. Acreditamos que o maior número de ocorrências de {-STE} nos *posts* estaria presente nos vídeos/dublagens, mas, como ficamos impossibilitados de fazer esse controle, decidimos permanecer com a análise de produção do fenômeno somente com os dados escritos.

Para contemplar as características e particularidades do *locus* e da amostra, descritas acima, desenvolvemos três objetivos, questões e hipóteses específicas que se desdobram do objetivo, questão e hipótese central da pesquisa, apresentados na Seção 2.5 e que são descritos a seguir.

4.4 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES: DESDOBRAMENTOS

O objetivo geral da pesquisa “discutir sobre motivações morfossintáticas, semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas envolvidas na emergência e expansão de usos de {-STE} e na sua realização variável na página Tal Qual Dublagens”, desdobra-se nos objetivos específicos a seguir.

- **Objetivos específicos**

1. Descrever os novos usos de {-STE}, identificando fatores gramaticais correlacionados à sua emergência e expansão.

⁷⁶Em maio de 2019, em uma nova busca pela página no Instagram, encontramos um novo perfil, que, ao que tudo indica, corresponde a Tal Qual Dublagens (@talqualoficial). A primeira postagem da nova página foi realizada no dia 23 de abril de 2019 e consiste na apresentação do novo logo da Tal Qual Dublagens (conforme Figura 2) e que está também como foto de perfil na *home* da página.

2. Investigar o uso das formas alternativas de realização de {-STE}, verificando a atuação de fatores (linguísticos e extralinguísticos) correlacionados a seu funcionamento; (ii) a distribuição dessas formas nas bases contextuais a que se agregam; e (iii) os significados que elas indexalizam em cada um dessas bases.
3. Delinear trajetórias de expansão de {-STE}, considerando 1 e 2.

Similarmente, a questão central da pesquisa – “Em que medida é possível dizer que a emergência e expansão de novos usos de {-STE} e sua realização variável, presente em *posts* e comentários na página Tal Qual Dublagens, são atravessadas por motivações morfossintáticas, semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas, configurando-se como um fenômeno em gramaticalização e em variação?” – abrange um conjunto de outras questões que se interconectam, as quais são descritas a seguir, acompanhadas de suas respectivas hipóteses. Vale salientar que as hipóteses são formuladas com base em observação preliminar dos dados, na revisão da literatura e no aparato teórico apresentados.

- **Questões e Hipóteses específicas**

- 1. Que fatores gramaticais estão associados à emergência e expansão de novos usos de {-STE} na amostra analisada?**

Como mencionado na hipótese central (Seção 2.5), a emergência de novos usos de {-STE} na página Tal Qual Dublagens está associada a três tipos de expansão, dentre elas a expansão do contexto de base a que o item se agrega e a expansão categorial do item. Esses dois tipos de expansão são gerados por motivações gramaticais, sobretudo as de natureza morfossintáticas e semântico-pragmáticas. Tomando como ponto de partida a configuração gramatical canônica de uso de {-STE} – em que o referido item é agregado a uma base verbal, mais especificamente após o tema (radical + vogal temática da conjugação correspondente) de um verbo no PP; está associado a sujeito P2 (tu) e exerce a categoria de sufixo flexional de uso privativo a PP –, acreditamos que a emergência e expansão de novos usos do referido item na amostra analisada, mais especificamente no que se refere à expansão do contexto de base a que {-STE} se agrega e da categoria gramatical do item, está correlacionada com a quebra gradativa de restrições de traços morfossintáticos e semântico-pragmáticos que compõem essa estrutura.

O rompimento gradativo dessas restrições está associado com a emergência de diferentes TIPOS de uso de {-STE}, que correspondem às suas diferentes configurações gramaticais, as quais resultam da combinação de um conjunto de traços presentes nos seguintes fatores: (a) tipo de base à qual o item se agrega; (b) pessoa do discurso; (c) função sintática de P2; (d) tempo e modo da base verbal e (e) categoria morfológica de {-STE}.

2. Considerando que o item {-STE} tem treze formas alternativas de realização (-ste, -stes, -stis, -stex, -stez, -stesh, -steys, -rte, -rtes, -rtex, -rtis, -rtix e -rtyx) (i) que fatores estão correlacionados com seu funcionamento e uso variável; (ii) como essas formas se distribuem nas diferentes bases contextuais a que se agregam; e (iii) que significados elas indexalizam em cada uma dessas bases?

Com base em análises prévias na amostra, acreditamos que há 12 grupos de fatores correlacionados ao funcionamento de {-STE} e ao seu uso variável. São eles: os cinco fatores gramaticais que elencamos na hipótese anterior – (a) tipo de base à qual o item se agrega; (b) pessoa do discurso; (c) função sintática de P2; (d) tempo e modo da base verbal e (e) categoria morfológica de {-STE} – e mais sete, sendo dois de natureza linguística – (f) categoria gramatical da base não verbal e (g) item lexical – e cinco de natureza extralinguística – (h) origem do dado; (i) gatilho; (j) conteúdo do post; (k) natureza do comentário e (l) data de publicação.

No que se refere à distribuição das formas e os significados indexicalizados por elas, a hipótese concernente a essas questões são detalhadas em relação a cada uma das bases a que {-STE} pode se agregar: *base verbal canônica*, *base verbal não canônica*, *base não verbal* e *palavras estrangeiras*.

No que tange à *base verbal canônica*, a expectativa é de que formas menos inovadoras, como *-ste* e *-stes*, sejam as formas mais recorrentes nessa base contextual. Na *base verbal não canônica*, acreditamos que a distribuição das treze formas de realização de {-STE} seja equilibrada, não havendo nenhuma forma fortemente predominante nessa base, uma vez que se trata de um contexto de transição para uma base não verbal. Já nas *bases não verbal* e de *palavras de origem estrangeira*, como correspondem a contextos linguísticos ainda mais inovadores que o anterior, o esperado é que formas mais inovadoras, como *-steiys*, *-stesh*, *-rtex*, *-rtix*, *-rtis* e *-rtyx*, sejam realizadas com mais frequência.

Quanto aos significados indexicalizados, acredita-se que as treze formas alternativas de realização de {-STE} carregam traços de significado referencial, associada à função comunicativa do referido item (*referência ao interlocutor*); e de significados socioidentitários, identidade macrossociológica; identidade regional e identidade gay. O significado de identidade macrossociológica está diretamente relacionado a traços sociais geralmente associados ao uso canônico de {-STE}, como por exemplo: *alta escolaridade, formalidade, prestígio*. Os outros dois significados identitários remetem a características dos membros da CP em análise, como já explicitamos na Seção 4.3.

Os quatro significados mencionados acima (referencial, identidade macrossociológica, identidade regional e identidade gay) são concomitantemente indexicalizados por {-STE} e por suas formas de realização em cada uma das bases contextuais (*base verbal canônica, base verbal não canônica, base não verbal e palavras de origem estrangeira*) a que se agregam. No entanto, em diferentes graus de saliência. A atuação simultânea dessas quatro camadas de significado resulta na expressão de um significado mais amplo, que carrega uma noção de identidade plural, denominado *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens).

3. Como podem ser traçadas as trajetórias de expansão de {-STE}?

Acreditamos que a expansão no uso de {-STE} pode ser interpretada como uma hipótese de gramaticalização que envolve basicamente três tipos de expansão: (i) expansão do contexto de base a que {-STE} se agrega; (ii) expansão categorial de {-STE}; e (iii) expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica.

No que se refere à expansão do contexto de base a que {-STE} se agrega, ela se dá mediante uma trajetória que parte do emprego do item em (i) contexto de *base verbal canônica* – em que {-STE} está agregado após o tema de um verbo no PP; está associado a sujeito P2 (tu) e desempenha a categoria morfológica de sufixo flexional, conforme os exemplos (1), (2) e (3); para (ii) contexto de *base verbal não canônica* – em que não há a obrigatoriedade de {-STE} ser agregados após o tema de um verbo que esteja no PP; concordar necessariamente com P2 (tu) e atuar morfológicamente como sufixo flexional, como evidenciam os exemplos (4), (5) e (6); desse para (iii) contexto de *base não verbal* – em que {-STE} passa a ser empregado no final de palavras cuja classe gramatical não seja mais o verbo, como mostram (7), (8) e (9); e por último em (iv) contexto de palavras de origem

estrangeira, como em (10), (11) e (12)⁷⁷. Nas duas últimas bases contextuais, {-STE} parece não se caracterizar mais como um sufixo flexional, mas como uma espécie de sufixo derivacional.

- (1) *Mana, tu arrasaste*
- (2) *Farrétempo que queria vestes e arrasastes*
- (3) *botartes a cara no sol mesmo né cachorra leprosentá? Lindo!*
- (4) *Ela menstruastexxx [...] kkkkkkk*
- (5) *Eu já compreistes o meu fuleira!!!! [...] ... Traaaaahhhh*
- (6) *[...] tô com ódio, vou esculhambartes! [...]*
- (7) *piseistes no bodortes pelo amor de deustis [...]*
- (8) *Cadeestes demoniia!?!? [...]*
- (9) *[...] hazourteess. O sonho dela devia ser dançarinartes da Joelmartes*
- (10) *Okeste bb*
- (11) *Manaa acho que tey boystes já terminou o serviço! [...]*
- (12) *Enquanto a nova temporada não começa, vamos lembrar a @anapaularenault enkaralhando no BBBêrtes . Vamos marcá-la pra ela ver???*

No que se refere à expansão categorial, a categoria morfológica do item percorre um gradiente na direção *sufixo flexional* > *espécie de sufixo derivacional*.

Quanto à expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica, acredita-se que além do significado referencial (*expressão de segunda pessoa do singular*) que se associa à função comunicativa exercida por {-STE} (*referência ao interlocutor*), o uso do referido item na Tal Qual Dublagens expressa outros significados. Tais significados estão associados à características sociais e identitárias e, portanto, servem a funções socialmente simbólicas. Conforme previsto na hipótese central (Seção 2.5), esses dois tipos de função (comunicativa e socialmente simbólica) são desempenhados concomitantemente e atuam no escopo de um domínio complexo, denominado domínio funcional-simbólico. Cada uma das duas funções, podem ser exercidas em maior ou menor grau a depender, principalmente, das bases contextuais a que são agregadas. Considerando que {-STE} passa da *base verbal canônica* até

⁷⁷Os exemplos de (1) a (12) apresentados nesta seção já foram mostrados no Capítulo 1. Eles foram reapresentados aqui para uma melhor visualização dos contextos de uso do fenômeno, podendo ser apresentados novamente nas próximas seções. A cada reapresentação, será mantida a numeração inicial, por isso os números podem, por vezes, parecer descontraídos.

uma base não verbal, a trajetória de expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica pode ser representada pelo gradiente: [+ referência ao interlocutor], [- expressão de identidade] (*base verbal canônica*) > [- referência ao interlocutor], [+ expressão de identidade] (*base não verbal*).

Apresentadas as questões e hipóteses, discorreremos na próxima seção sobre como a análise é desenvolvida.

4.5 DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DE ANÁLISE

A análise desta pesquisa – que investiga a emergência e expansão de novos usos de {-STE} e sua realização variável em *posts* e comentários no Instagram da página Tal Qual Dublagens – foi metodologicamente desenvolvida em três etapas e com dois instrumentais que se complementam, conforme apresentados nas próximas subseções.

4.5.1 Primeira etapa de análise

A primeira etapa de análise vai ao encontro do objetivo específico 1 e consiste na investigação de motivações gramaticais correlacionadas à emergência e expansão de novos usos de {-STE}. Para isso, assim como previsto na hipótese específica 1, selecionamos cinco fatores para serem analisados nessa etapa: (a) tipo de base a que o item se agrega; (b) pessoa do discurso; (c) função sintática de P2; (d) tempo e modo da base verbal e (e) categoria morfológica de {-STE}. O funcionamento desses fatores é examinado a partir dos dados da amostra Tal Qual Dublagens e analisado de duas formas descritas a seguir.

A primeira forma, de natureza qualitativa, se dá, por um lado, a partir de observações mais gerais sobre o comportamento de {-STE}, o que nos possibilitou a identificação dos novos tipos de base a que o item passa a se agregar (descritas na Seção 2.1); e, por outro, a partir de observações mais específicas, verificando, em cada uma das bases, que configurações gramaticais (mais especificamente relacionadas aos outros quatro fatores mencionados) estão associadas aos novos usos de {-STE}. Trata-se de um primeiro olhar analítico para os dados, perscrutando o funcionamento do fenômeno.

Já a segunda forma, de natureza quantitativa, consiste na análise desses cinco grupos de fatores (cuja constituição é descrita mais adiante), buscando verificar, em termos de distribuição frequencial, a interação dos fatores intergrupos e o papel de cada um nas

diferentes configurações gramaticais que constituem o que consideramos como os diferentes TIPOS de uso de {-STE}. Os fatores relevantes de cada configuração são tratados como traços caracterizadores dos TIPOS de uso de {-STE}. Para isso, codificamos os 1.049 dados, que compõem a amostra principal, no Microsoft Excel (2010) e os submetemos a tratamento estatístico, que corresponde à distribuição numérica das ocorrências associadas aos fatores e o cálculo de percentual.

Os grupos de fatores analisados nesta etapa de análise são descritos a seguir.

- **Tipo de base**

No que se refere ao *tipo de base*, elegemos quatro fatores: (a) base verbal que se divide em dois subfatores: (i) tema do verbo, como em (1) e (ii) base flexionada, como em (5); (b) *base não verbal*, como em (7) e (8); (c) palavras de origem estrangeira (11) e (12) e (d) base ambígua, como em (15) e (16).

(1) *Mana, tu arrasaste*

(5) *Eu já compreistes o meu fuleira!!!! [...] ... Traaaaaahhhh*

(7) *piseistes no bodortes pelo amor de deustis [...]*

(8) *Cadeeestes demoniia!?!? [...]*

(11) *Manaa acho que tey boystes já terminou o serviço! [...]*

(12) *Enquanto a nova temporada não começa, vamos lembrar a @anapaularenault enkaralhando no BBBêrtes. Vamos marcá-la pra ela ver???*

(15) *[...] me lascastes [...]*

(16) *Conresartes*

Antes de passar para a descrição do próximo grupo de fatores, convém apresentar uma decisão metodológica importante tomada em relação ao grupo ora descrito.

Apesar de termos observado inicialmente que {-STE} pode ser agregado a quatro diferentes tipos de base (*base verbal canônica*, *base verbal não canônica*, *base não verbal* e palavras de origem de estrangeira), no momento da codificação dos dados, verificamos que algumas ocorrências geram ambiguidade. Isto é, não é possível identificar qual é (i) a base; ou (ii) a pessoa do discurso; ou (iii) a função sintática; (iv) ou o tempo e modo da base verbal, porque ou essas informações não são possíveis de serem recuperadas no contexto mais amplo

do dado, ou elas apontam para várias possibilidades. Um exemplo disso seria o que acontece em (15), em que o sujeito tanto pode ser P2 (*tu me lascastes*), o que indicaria que {-STE} é agregado a um contexto de *base verbal canônica*; quanto outras pessoas do discurso, como P1, P3 (*eu me lascastes*; *ela me lascastes*), por exemplo, o que indicaria que {-STE} está associado ao contexto de *base verbal não canônica*.

Tendo em vista que, em uma análise como essa – cujos dados são interpretados sob a ótica da gramaticalização como expansão –, dados ambíguos podem evidenciar ainda mais a gradualidade de expansão do item em questão, assumimos esse tipo de ocorrência como um fator a ser controlado.

- **Pessoa do discurso**

Em relação ao grupo de fatores *pessoa do discurso*, elegemos sete fatores. São eles: (a) primeira pessoa do singular (P1), como em (17); (b) segunda pessoa do singular (P2 [tu]), como em (18); (c) segunda pessoa do singular (P2 [você/o senhor/a senhora]), como em (19); (d) terceira pessoa do singular (P3), como em (20); (e) primeira pessoa do plural (P4 [nós/a gente]), como em (21); (f) segunda pessoa do plural (P5 [vós]), como em (22); (g) terceira pessoa do plural, como em (23) e (h) ambíguo, como em (24).

(17) **(eu)** Adore**rtes!** *Tu fazes a linha da bonita.[...]*

(18) [...] *traaaaaa* **Tu** arrasastes *caralha aaaaaaa! !*

(19) **A** senhora**aaaa** fortes *uma Praga***aaaa** *no Vale tudo euuuuuu morro kkkkkkkkkkkk;*

(20) **Ela** *vai se* lascartes *kakakakakakkaa [...]*

(21) [...] *marré muito confiada a titia olha, (nós) vamos* lascastes *ela [...]*

(22) **(vós)** *Estais a me* chamartes? *Kkkk A fala deles é a melhor parte!*

(23) *Titia me explicartes a rente quando chegartes aí os zindio comi a rente? Vcs* vão pro shopping de canoartes? *Tem jacarertes na rua pra mordestes o zoto?*

(24) **(Ela, Tu, Você)** Arrasourtes [...]

Sobre esse grupo de fatores, julgamos importante esclarecer os seguintes pontos: (i) decidimos desmembrar as formas pronominais de P2 e criar dois fatores: um que contempla somente a forma *tu* e o outro, as demais formas, como *você/o senhor/a senhora*, porque pretendemos observar as ocorrências de {-STE} distinguindo as formas utilizadas para P2 e

verificar se há predominância de alguma forma pronominal para cada TIPO de uso do item (relacionados aos diferentes TIPOS de configurações gramaticais de uso de {-STE}); (ii) consideramos, como ocorrências do fator (b), todos os dados em que, ou o *tu* está expresso imediatamente à esquerda ou à direita do verbo; ou ele está omitido no período (oração) em que {-STE} é usado mas expresso em outros períodos circundantes, sendo possível estabelecer uma correferência; ou ele está omitido, mas pode ser recuperado pelo contexto mais amplo. Contudo, há uma certa dificuldade para recuperar a forma pronominal de P2 quando o sujeito não está expresso, porque a variedade manauara, que corresponde à naturalidade da “titia Tal Qual” e de grande parte de seus seguidores, faz o uso misto das formas pronominais de P2, isto é, intercalam as formas *tu* e *você*, como apontam os resultados dos estudos de Martins & Martins (2014) Scherre et al. (2015).

Por mais que as formas de P2 possam ser intercambiáveis, alguns contextos de uso são tão específicos que somente uma das formas pode ser empregada. No caso de P2 no pretérito perfeito do indicativo, acreditamos que há uma maior tendência de a forma *tu* ser usada, ainda mais quando há a marcação de concordância e {-STE} desempenha a categoria de DNP. Desse modo, o uso misto das formas pronominais, nesse contexto, não é mais aplicado pelos manauaras, competindo somente ao *tu* a posição e a função de sujeito sintático.

Tendo isso como ponto de partida, (iii) tomamos como referência, portanto, que quando P2 estiver omitido em dados que integram a *base verbal canônica* é a forma *tu* que está sendo suprimida. Por último, (iv) consideramos que nos casos de ocorrência de {-STE} em contexto de *base verbal não canônica*, quando o sujeito não estiver expresso, não houver a presença de pronome anafórico expresso ao longo do enunciado que possa recuperar a forma pronominal utilizada e o verbo estiver no PP, em relação à pessoa do discurso, o dado é codificado como ambíguo.

- **Função sintática de P2**

Em uma análise prévia dos dados, observamos que P2 pode aparecer tanto como pronome pessoal com função sintática de sujeito, nas formas *tu/você/o senhor/a senhora*, quanto como pronome pessoal oblíquo, nas formas *te/ti*, com função sintática de complemento verbal. Elegemos como fatores de análise: (a) sujeito; (b) objeto; e (c) ambíguo.

Para esse grupo de fatores consideramos as seguintes situações. Em alguns casos, P2 corresponde ao sujeito (função sintática) da oração, o verbo está no PP e a correlação número

peçoal é reforçada pela presença de {-STE}, que atua como sufixo flexional (categoria morfológica), como evidencia (25). Em outros, P2 não corresponde mais ao sujeito e sim ao objeto, e isso pode ocorrer de duas formas: a primeira se dá quando há a presença formal e expressa do pronome oblíquo (*te/ti*) anteposto (ou posposto) ao verbo em que {-STE} se agrega, como mostra (26); a segunda, quando o pronome oblíquo (*te/ti*) não é formalmente expresso, mas pode ser recuperado pelo contexto através da regência do verbo, como podemos observar em (27). Nessas duas situações, consideramos que {-STE} deixa de atuar como como sufixo flexional e passa a desempenhar concomitantemente a categoria de espécie de clítico (morfológica) e de complemento/objeto do verbo a que é agregado (função sintática). A última situação se refere à ocorrência de casos em que há ambiguidade quanto à pessoa do discurso e, portanto, não é possível identificar se P2 desempenha ou não a função de sujeito, como acontece em (24), por exemplo.

(25) @talqualdublagens não encontrei mais esse vídeo no YouTube tu removeste foi.? Ai mana UOH.. queria tanto fazer meu Dubsdash com esse vídeo...

(26) Hahahahahah amava te vertes no bbbestes @anapaularenault

(27) Ele vai mandartes o contra cheque R\$954,00 pra pagar seus x-saladas de cada dia, pq sei q a siõra não recusa um

(24) (Ela, Tu, Você) Arrasourtes [...]

- **Tempo e modo da base verbal**

Com relação a esse grupo de fatores, elegemos dez fatores: (a) presente do indicativo, como observamos em (28); (b) pretérito perfeito do indicativo, como em (29); (c) pretérito imperfeito do indicativo, como em (30); (d) futuro (do presente e/ou do pretérito) do indicativo, como em (31); (e) presente do subjuntivo, como em (32); (f) pretérito imperfeito do subjuntivo, como em (33); (g) imperativo, como em (34); (h) infinitivo, como em (35), (i) gerúndio, como em (36) e (j) ambíguo, como em (37). Note-se que a identificação do tempo-modo verbal se dá pelo contexto mais amplo de ocorrência do item.

(28) O irmão é mucura jr pq tu estes mucura master né mana! HAHA

(29) Aaaiii bixaaa tu me matartes de rir [...]

(30) [...] porque nessa época eu só dublava de madrugada, época em que eu morarra cum mamãe. Ai pra ela não ouvir, eu **sussurrávastes**.

(31) Eu **ireste** toda bela levar minha filhota que é tua fã. Ela quer bater um retrato com a senhora titia mucura chef [...]

(32) Kkkkkk @talqualdublagenstemos gostos muito parecidos, principalmente pq adoramos machos alfas e não deitamos pressaspestes das vidas das gentis... Te amo tu pq tu és caralhenta , atmosférica e patagônica!!! Seus vídeos já salvaram muito meus dias!!!! Deus te **abençoeste** e te guardetes de todo mal!!! Sou do Amapá, q é bem rente de Manaus! Beijo na tua boca linda e não afeminada! [...]

(33) Olha [...] tu perdestes porque tu quisestes, porque se tu quisestes [= quisesses] tu não perdestes de ver o @talqualdublagens no IFAM sua faltosa hehehe!

(34) [...] **olhastes** mana

(35) Titia se achando estrela Global. ... Depois vai se lascartes no T5 vendendo picolezes **pra pagartes** essa roupa de grife... Brincadeiras à parte, show de bola sua Mucura Mor.

(36) Tia, eu num vi mar a sinhora **malhandostes** os cambitinhos de manhã na Live Cidade Nova, tu trocou de horário foi? Tá malhandostes à tarde é sua fuleira?

(37) Mar mana como assim não aceitartes possar nua , ia grelhartes, **lacrartes** . Logo agora que eu queria ver se é sucesso mesmo [...] ⁷⁸

- **Categoria morfológica de {-STE}**

No que se refere ao grupo de fatores categoria morfológica de {-STE}, elegemos três fatores: (a) sufixo flexional, como em (25); (b) espécie de clítico de P2, como em (26) e (27) e (c) espécie de sufixo derivacional, como em (38).

(25) @talqualdublagens não encontrei mais esse vídeo no YouTube tu remove**ste** foi.? Ai mana UOH.. queria tanto fazer meu Dubsmash com esse vídeo...

(26) Hahahahah amava te **vertes** no bbbestes @anapaularenault

⁷⁸Em (37), consideramos duas possibilidades para a ocorrência: uma em que *lacrartes*, na realidade, é uma locução verbal (*ia lacrartes*), no entanto o verbo auxiliar foi suprimido porque já havia sido utilizado na locução anterior, evitando uma repetição (e nesse caso, atribuiríamos o fator Infinitivo); e a outra em que o verbo se encontra no pretérito perfeito do indicativo. Como há mais de uma possibilidade de interpretação, o codificamos como ambíguo em relação ao grupo de fatores *tempo e modo da base verbal* e da mesma forma o fizemos com os outros casos em que esse tipo de situação ocorre.

(27) *Ele vai mandartes o contra cheque R\$954,00 pra pagar seus x-saladas de cada dia, pq sei q a siõra não recusa um*

(38) [...] *Também adórostes esse menino! [...]*

Cabe aqui um esclarecimento acerca do que estamos considerando como categoria morfológicas de *espécie de clítico* e de *espécie de sufixo derivacional*, as quais podem por vezes parecer sobrepostas. O critério que utilizamos para essa diferenciação é o seguinte: quando {-STE} exerce o papel de espécie de clítico, ele estará agregado a alguns verbos cuja regência solicita um objeto P2, e essa referência a P2 como objeto estará expressa no dado, como em (26), ou pode ser recuperada no contexto do dado, como em (27). Em (38), apesar do verbo *adorar* – a que {-STE} está agregado – solicitar um complemento, o dado mostra que esse complemento não corresponde a P2 e sim a P3, e por isso entendemos que {-STE} não atua como espécie de clítico, mas como espécie de sufixo derivacional, uma vez que o item é afixado após a desinência flexional do verbo.

A partir do controle desses grupos, cujos fatores podem ser analisados como traços caracterizadores, pretendemos não só contemplar o objetivo 1 (“*identificar fatores gramaticais correlacionados à emergência de novos usos de {-STE}*”), mas também evidenciar como se dá a trajetória de duas das três expansões que acreditamos estarem imbricadas nos usos de {-STE} na página Tal Qual Dublagens: (i) expansão do contexto de base a que {-STE} se agrega e (ii) expansão categorial – que remetem ao que tencionamos com o objetivo específico 3 (“*delinear as trajetórias de expansão de {-STE}*”).⁷⁹

Apresentado o modo com que a primeira etapa da análise é conduzida, discorreremos na seção a seguir sobre a segunda etapa.

4.5.2 Segunda etapa de análise

A segunda etapa de análise consiste na investigação do uso das formas alternativas de realização de {-STE} em relação a cada contexto de base a que são agregadas e a cada grupo

⁷⁹A terceira trajetória de expansão de {-STE}, que se refere à expansão semântico-pragmática e que também está no escopo do objetivo específico 3, é delineada a partir da terceira etapa de análise. Isso significa que o tratamento desse objetivo específico está diluído nas etapas 1 e 3 de análise.

de fatores linguístico e extralinguístico em que elas ocorrem, o que recobre mais diretamente a primeira parte do objetivo específico 2 (“*Investigar o uso das formas alternativas de realização de {-STE}, verificando a atuação de fatores (linguísticos e extralinguísticos) correlacionados a seu funcionamento; (ii) a distribuição dessas formas nas bases contextuais a que se agregam; e (iii) os significados que elas indexalizam em cada um dessas bases*”).

Quanto aos grupos de fatores controlados, tem-se cinco gramaticais que descrevemos na seção anterior – (a) tipo de base⁸⁰; (b) pessoa do discurso; (c) função sintática de P2; (d) tempo e modo da base verbal e (e) categoria morfológica de {-STE} – e outros sete – dois de natureza linguística: (f) categoria gramatical da *base não verbal* e (g) item lexical; e cinco de natureza extralinguística: (h) origem do dado; (i) gatilho; (j) conteúdo do post; (k) natureza do comentário e (l) data de publicação –, elencados no Quadro 4 e descritos mais adiante.

A seguir apresentamos mais informações sobre os procedimentos analíticos assumidos, dentre os quais: a delimitação da variável dependente e a descrição minuciosa dos grupos de fatores controlados.

Para essa segunda etapa de análise, os dados da amostra Tal Qual Dublagens são submetidos ao programa GoldVarb X (SANKOFF et al., 2005). Os 12 grupos de fatores mencionados acima são controlados como variáveis independentes em relação à variável dependente *formas alternativas de realização*. Considerando que o programa permite até nove fatores na variável dependente e verificamos 13 formas alternativas de {-STE}, decidimos amalgamar aquelas que têm baixa ocorrência e apresentam certa aproximação. Com isso, a variável dependente ficou composta pelos seguintes fatores: (a) *-stes*; (b) *-ste*; (c) *-rtes*; (d) *-rte*; (e) *-stis*; (f) *-stex*; (g) *-stez/-steys/-stesh*; (h) *-rtex* e (i) *-rtis/-rtix/-rtyx*. Vale mencionar que a amalgamação de fatores permite a realização das rodadas estatísticas para cálculos frequenciais, mas, no decorrer da análise, é possível resgatar as ocorrências individualizadas.

A seguir, descrevemos os grupos de fatores controlados. Em relação a essa descrição, é importante ressaltar que (i) os cinco primeiros grupos de fatores são apenas apresentados e não são descritos aqui por já terem sido descritos na seção anterior, e (ii) em relação aos demais, alguns são detalhados de forma mais robusta porque envolvem a presença de fatores mais complexos e outros de forma mais simples, por atuarem de maneira mais pontual.

⁸⁰Ao longo da análise, o tipo de base (*verbal canônica, verbal não canônica e não verbal*) é tomado como uma subamostra, de modo que os resultados associados aos grupos de fatores podem ser observados comparativamente nas três subamostras.

Quadro 4 – Grupos de Fatores

GRUPOS DE FATORES
Tipo de base
Pessoa do discurso
Função sintática de P2
Tempo e modo da base verbal
Categoria morfológica de {-STE}
Classe gramatical da base não verbal
Item lexical
Origem do dado
Gatilho
Conteúdo do post
Natureza do comentário
Ano de publicação

Fonte: elaborado pela autora

- **Classe gramatical da base não verbal**

A *base não verbal* possui uma particularidade que não se aplica aos dois tipos de base verbal, pois, nesse caso, {-STE} se agrega a classes de palavras distintas do verbo. Tendo isso em vista, nosso objetivo com esse grupo de fatores é verificar que formas alternativas de realização de {-STE} são mais frequentes em relação a cada uma das classes gramaticais a que são agregadas. Para isso, constatamos a presença de {-STE} em seis classes gramaticais, as quais consideramos como os fatores desse grupo. São eles: (a) substantivo, (b) adjetivo, (c) pronome, (d) advérbio, (e) conjunção e (f) expressões, conforme os exemplos (39), (40), (41), (42), (43) e (44).

(39) *Kkkkk ... Esse feriado e esse final de semana prometem! Mas passa **Hipoglostes** depois pra não ficar assada.*

(40) *Deixa de ser **truqueirastes**, a senhora fez montagem com esse recadostes, fuleira, fuleira, fuleironastes.*

Após essa filtragem, selecionamos dezesseis itens mais frequentes que consideramos como fatores para a análise desse grupo. São eles: (a) *arrasar*, como em (53); (b) *adorar*, como em (54); (c) *amar*, como em (55); (d) *lacrar*, como em (56); (e) *grelhar*, como em (57); (f) *(se) lascrar*, como em (58); (g) *avisar*, como em (59); (h) *fazer* (passado), como em (60); (i) *ir* (passado), como em (61); (j) *menstruar*, como em (62); (k) *pisar*, como em (63); (l) *soube te criar*, como em (64); (m) *demais*, como em (65); (n) *bodó*, como em (66); (o) *cadê*, como em (67) e (p) *puta que pariu* (e suas variações), como em (68).

(53) *Arrazaste* fina patricia e tal qual [...]

(54) *Adoreste* quenga

(55) *Egua titia ameistes* @talqualdublagens

(56) *A senhora tá nojenta olhaaaa..... Lacrastes* [...]

(57) *Kkk titia muito da sua Patrícia... Vai grelhastes* [...]

(58) *Kkkkkkkkkkk deve ser bem putaa [...] se lascastessss*

(59) *E quando foi isso djaba? Tu não mr avisastes, sua macaca albina...*

(60) *Fizeste* uma novela mexicana, ne isso? [...]

(61) *Pra onde tu fostes*

(62) [...] *acho que tu menstruastes* hahahahahahahahahahah

(63) *Piseistes* no bodostes kkkk

(64) *Não soube te criartes* kkkkk

(65) *Legal adorestes demais* mana!

(66) *piseistes no bodortes* pelo amor de deustis [...]

(67) [...] *tia cadestes* kkkkkkkkkkkk

(68) *Titia, eu To sem fb! A senhora trata de atualizar sempre essa bodega aqui, viu? Taquipariustes.*

- **Origem do dado**

Quanto a esse grupo de fatores, partindo da hipótese de que o uso inovador de {-STE} é introduzido pela “titia Tal Qual” e, a partir disso, seus seguidores podem aprender, internalizar e reproduzir esse uso, nosso objetivo é verificar se o uso de {-STE} é mais predominante quando o dado está num *post* da “titia Tal Qual” ou num comentário de

seguidor e que forma alternativa de realização é mais frequente nesse contexto. Os fatores controlados são: (a) *post* e (b) comentário.

- **Gatilho**

Em relação ao grupo de fatores *Gatilho*, nosso objetivo é analisar se a presença de {-STE} no *post* coocorre com a presença dessa forma nos comentários, como um possível elemento desencadeador e que formas de realização são mais frequentes nesses contextos. Para isso elegemos três fatores para a análise desse grupo. A seleção desses fatores é baseada no *post*, portanto levamos em consideração a sua composição. Dessa forma, o primeiro fator corresponde à ausência de gatilho no *post* como um todo. O segundo fator corresponde à presença de gatilho no *post* escrito, como em (69). E o terceiro fator corresponde à presença de gatilho na imagem⁸¹, como podemos observar na Figura 9.

(69) [...] *Eu cás mucuras pelos becos da aldeia [...] Quem tiver foto comigo, me envie via inbox, por favor, plixxx, come Back Jack. E quem me ver pelas ruas, pode pedir pá tirar negordi foto cá tia tá, manas??? Adoro farrê a linha da globaustes. I love vocês tudo.*

Figura 9 – Post da página Tal Qual Dublagens



Fonte: acervo da autora

- **Conteúdo do *post***⁸²

⁸¹ O código que corresponde a esse fator só é atribuído se não houver gatilho no *post* escrito.

⁸² O grupo de fatores *Conteúdo do post* é analisado nas ocorrências em *posts* e em comentários, no entanto, para deixar mais evidente os fatores selecionados, decidimos apresentar somente exemplos referentes aos *posts*, porque é a partir do conteúdo deles que os comentários são codificados.

Com relação a esse grupo de fatores, pretendemos verificar que conteúdos são mais recorrentes quando {-STE} é utilizado, seja no post, seja no comentário e que formas de realização são mais frequentes. Para isso, selecionamos seis fatores. São eles: (a) Publipost, que corresponde a postagens que visam à divulgação de marcas, pessoas, produtos, serviços ou eventos, como podemos observar em (70); (b) *Post* de interação, que corresponde a postagens em que a “titia Tal Qual” interage diretamente com os seus seguidores, como mostra (71); (c) Legenda de fotos pessoais, como em (72); (d) Legenda de outras fotos, como em (73); (e) Legenda de vídeos/dublagens, como em (74); e (f) ambíguo, podendo ocorrer mais de um dos fatores concomitantemente.

(70) [...] @danieltrindadeoficial [...] "Ninguém Morre de Amor" [...]. Manas, esse é o mais novo trabalho do cantor manauara Daniel Trindade que tive a honra e alegria de participar do clipe [...]. O Clipe está lindo! Assistam e compartilhem o trabalho desse menino muito talentoso que **vai estourártes** no Brasil inteiro! [...]. [...] Composição: @jociandrovichiatti

(71) Enquanto a nova temporada não começa, vamos lembrar a @anapaularenault enkaralhando no **BBBêrtes**. Vamos marcá-la pra ela ver???

(72) Farrenu uma touca aqui rapidinho **pá hidratartes** meu cabelo com Reudêr Choudêr. Não basta ter carão, tem que enkaralhar no cabelo também. [...] #serfinaésopraquem pode

(73) [...] Essas corras me deixam muito **feliztes!** [...]

(74) Macacleuza e Gatisbleuda - "Eu já **Fistes**". Atuação: Tal Qual.

- **Natureza do comentário**

No que diz respeito a esse grupo, elegemos três fatores para analisar qual é o caráter dos comentários em que {-STE} é utilizado e a frequência das formas de realização. O primeiro refere-se a comentários que expressam ou sugerem uma interlocução, seja com a “titia Tal Qual”, seja com outros seguidores, como em (75). O segundo fator refere-se a quando o objetivo do comentário é dar opinião ou avaliar o conteúdo do *post*, (*publipost*, ou legenda de fotos e vídeos), como em (76). E o terceiro refere-se a casos ambíguos, em que as situações previstas nos outros dois fatores ocorram concomitantemente, como em (77). Temos, pois, três fatores: (a) interação/interlocução; (b) avaliação; e c) ambíguo.

(75) *Amo essa sobrançelha onde fizeste mana? @talqualdublagens,*

(76) *Titia @talqualdublagens arrasastes.... Adoro seu trabalho titia.... continue cuns crlh. . Rindo sempre dos seus vídeos. .. alegria de dias cansativos de trabalho. Arrase sempre!!*

(77) *Aiiiiiii @talqualdublagens tu grelhasstesss agora mana. Pqp.. hahahaha eu amo esse video, e para de fazer a egípcia comigo ta fulera, tu nem lê. Meus . Comentários... eu sounda zl hein..*

- **Ano de publicação**

O último grupo de fatores controlado é o *Ano de publicação*. Pretendemos verificar com esse grupo que períodos correspondem à maior produtividade das ocorrências de {-STE} e que formas de realização são mais frequentes em cada ano (2013, 2014, 2015 e 2018).

Na seção a seguir, descrevemos a terceira etapa de análise.

4.5.3 Terceira etapa

A terceira etapa de análise está associada à segunda parte do objetivo específico 2 (“*Investigar o uso das formas alternativas de realização de {-STE}, verificando a atuação de fatores (linguísticos e extralinguísticos) correlacionados a seu funcionamento; (ii) a distribuição dessas formas nas bases contextuais a que se agregam; e (iii) os significados que elas indexalizam em cada um dessas bases*”) e consiste, portanto, na investigação dos significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} em relação a cada tipo de base a que se agregam. Previmos na hipótese central e na hipótese específica 2 que a emergência e expansão de novos usos de {-STE} e sua realização variável na Tal Qual Dublagens podem ser motivadas, entre outras, por pressões semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas, as quais apontam para a veiculação de significados sociais e/ou estilísticos.

Para isso, a partir de algumas evidências da amostra principal e de hipóteses baseadas em alguns estudos resenhados nas Seções 2.3 e 2.4, desenvolvemos uma análise qualitativa. Para complementar as discussões sobre a existência de motivações semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas associadas à emergência de novos usos de {-STE}, à sua expansão e à sua realização variável, além dos resultados obtidos na etapa anterior e de metacomentários de {-STE}, presentes na amostra Tal Qual Dublagens, desenvolvemos um conjunto de perguntas

sobre o uso do item em questão, que junto com as respostas obtidas configuram o que consideramos como amostra complementar, que descrevemos a seguir.

A amostra complementar que desenvolvemos é composta por perguntas e respostas que foram aplicadas via Formulários Google para 21 pessoas (14 mulheres e 7 homens), entre elas, pessoas próximas a mim (parentes e amigos) e outras que essas pessoas indicaram. Todas elas são residentes na cidade de Manaus. A maioria é natural da referida cidade, mas há pessoas de outras cidades do estado do Amazonas e do estado do Pará. A idade dessas pessoas varia entre 15 e 39 anos. Trata-se de pessoas com diversas profissões/ocupações, entre elas: estudante, estagiária, funcionária pública, secretária, industrial, atendente de balcão, profissional da contabilidade e professor(a); e a maioria já possui ou ainda não concluiu o ensino superior, como mostra a Figura 10.

Figura 10 – Perfil dos sujeitos (amostra complementar)⁸³

Subjeitos	Lugar de Nascimento	Lugar de Residência	Idade	Sexo-Gênero	Profissão ou Ocupação atual	Grau de Escolaridade
S3	Manaus	Manaus	30	feminino	secretária	Nível Superior Incompleto
S4	Manaus	Manaus	23	Masculino	Estudante	Nível Superior Incompleto
S5	manaus	cachoeirinha	26	feminino	professora	Nível Superior Incompleto
S6	Manaus	Manaus	27	Femenino	Dona de casa	Não possui Nível Superior
S7	Terra santa /pa	Manaus	25	Masculino	Residente	Nível Superior Completo
S8	Manaus	Nova Esperanca II	21	Feminino	Estudante de licenciatura em Letras	Nível Superior Incompleto
S9	Manaus	Colônia Oliveira Machado, Manaus-AM	22	Feminino	Estudante	Nível Superior Incompleto
S10	Manaus-AM	Manaus-AM	34	Masculino	Servidor Público Federal	Nível Superior Incompleto
S11	Manacapuru	Manaus	22	Feminino	Estudante	Nível Superior Incompleto
S12	Manaus	Manaus	23	Masculino	Profissional da contabilidade	Nível Superior Completo
S13	Missão velha	Manaus	39	Feminino	Atendente balconista	Nível Superior Completo
S14	Manaus	Manaus-Am	23	Masculino	Industriário	Nível Superior Incompleto
S15	Manaus	Casa	15	Feminino	Estudante	Nível Superior Incompleto
S16	Manaus	Manaus	20	Feminino	Estudante	Nível Superior Incompleto
S17	Manaus	Manaus	21	Feminino	Estagiária	Nível Superior Incompleto
S18	Manaus	Manaus	21	Feminino	Universitária	Nível Superior Incompleto
S19	Manaus	Flores	23	Feminino	Estudante	Nível Superior Incompleto
S20	Parintins Am	Manaus	36	Masculino	Agente dos correios	Não possui Nível Superior
S21	Manaus	Manaus	23	Feminino	Funcionária pública	Nível Superior Completo

Fonte: elaborado pela autora

O formulário ficou estruturado e dividido em 10 seções (ver Apêndice I). A primeira seção consiste na apresentação do formulário. A segunda seção, intitulada “Identificação”, contempla questões que serviram para a construção do perfil dos sujeitos. A terceira, intitulada “Você e o mundo virtual”, aborda questões sobre o sujeito e a Internet, com vistas a

⁸³É importante ressaltar que a amostra complementar, descrita nesta seção, na verdade, consiste em um piloto de um teste de percepção que pretendíamos reelaborar e reaplicar para mais pessoas. No entanto, decidimos não prosseguir com o teste porque exigiria tempo que não tínhamos. Mas, como obtivemos respostas interessantes com o piloto, julgamos importante considerar os dados na exemplificação e consolidação de alguns dos argumentos e hipóteses deste estudo. Para esse propósito, portanto, a forma como o formulário está estruturado nos parece suficiente nesse momento, mas temos ciência de que outras questões poderiam ter sido exploradas, como por exemplo a identificação da orientação sexual e/ou gênero; a inclusão de perguntas para cada forma de realização; entre outras.

observar a frequência de acesso, conteúdos mais procurados e redes sociais mais acessadas, o que, juntamente com os dados de identificação da seção anterior, delineará um perfil mais completo desse sujeito, com informações que são relevantes para essa análise. A quarta seção, intitulada “Avaliando os usos da língua(gem)”, abarca mais diretamente questões sobre a avaliação do fenômeno. Nessa seção, apresentamos várias ocorrências em que {-STE} aparecem e solicitamos que os sujeitos informem se usariam ou não determinada sentença. Na quinta seção, intitulada “Contextos de uso de -ste”, procuramos direcionar as perguntas diretamente ao sentido atribuído a {-STE} nos exemplos e se ele estaria associado a características regionais, de formalidade, de sexo/gênero, ou a alguma situação comunicativa específica. A sexta seção, intitulada “Usos de -ste: identidade e pertencimento”, engloba especificamente perguntas sobre a relação entre o uso de {-STE} e questões de identidade e pertencimento. E a sétima, intitulada “Construindo o perfil”, elegemos algumas características que possam estar indexadas no uso de {-STE} para que os sujeitos possam atribuir valores com base em uma escala de 0 a 5, em que 0 corresponde ao menor valor e 5 ao maior.

É importante ressaltar que essa amostra não foi constituída seguindo critérios definidamente rigorosos. Apesar de termos nos baseado em testes de percepção, não se trata de um e, por isso, as respostas não foram tratadas com tanto rigor científico. O que pretendemos com esse instrumento complementar de análise é subsidiar e tornar mais robusta a hipótese acerca do significado social e/ou estilístico de {-STE} associado a aspectos identitários. Salientamos que esse instrumental é utilizado como um auxílio e diante disso, utilizamos somente algumas das respostas dos sujeitos, que são apresentadas na última subseção de análise e discussão dos dados (Subseção 5.3.4), para fortalecer nossos argumentos e elucidar a análise proposta.

Tendo isso em vista, a partir dos dados analisados nessa etapa, (i) buscamos apresentar algumas possíveis evidências sobre a presença de aspectos estilístico-identitários na emergência de novos usos e na realização variável de {-STE}, discutindo e delineando a trajetória de expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica percorrida pelo referido item.

Tendo explicitado as três etapas de análise que seguimos para a investigação do objeto desta pesquisa, que incluem a descrição dos instrumentos utilizados, no capítulo a seguir, apresentamos e discutimos os resultados encontrados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo trata da análise e discussão dos resultados a respeito da emergência e expansão de novos usos de {-STE} e sua realização variável na amostra e está dividido em três seções. Na primeira, investigamos as motivações gramaticais, mais especificamente, as de natureza morfossintática e semântico-pragmática e vai ao encontro do objetivo específico 1. Na segunda seção, examinamos o uso variável de {-STE} em relação às ocorrências gerais, às bases contextuais a que se agrega e aos contextos linguísticos e extralinguísticos (grupos de fatores) correlacionados ao funcionamento do referido item, o que vai ao encontro da primeira parte do objetivo específico 2. E na terceira, analisamos as motivações envolvidas na expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica de {-STE} na amostra, que está mais diretamente relacionada aos significados veiculados pelo referido item e vai ao encontro da segunda parte do objetivo específico 2.

5.1 EMERGÊNCIA E EXPANSÃO DE NOVOS USOS DE {-STE}: MOTIVAÇÕES GRAMATICAS

Nesta seção elucidamos como se dá a emergência e a expansão dos novos usos de {-STE} a partir da análise da atuação de pressões morfossintáticas e semântico-pragmáticas. Esta seção está dividida em duas subseções, em que discutimos qualitativamente (Subseção 5.1.1) e quantitativamente (Subseção 5.1.2) sobre os resultados relativos à amostra principal.

5.1.1 Um olhar qualitativo

Esta subseção consiste na apresentação dos resultados obtidos na primeira parte da primeira etapa da análise (descrita na Seção 4.5.1) e envolve uma discussão qualitativa sobre as motivações morfossintáticas e semântico-pragmáticas associadas à emergência e expansão de novos usos de {-STE}. Tal discussão contempla o funcionamento de cinco grupos de fatores que acreditamos atuarem interativamente e correlacionados com o fenômeno em análise. São eles: (a) tipo de base a que {-STE} se agrega; (b) pessoa do discurso; (c) função sintática de P2; (d) tempo e modo da base verbal e (e) categoria morfológica de {-STE}. Da análise desse funcionamento resultaram nove configurações gramaticais de uso de {-STE}, além da configuração canônica, as quais denominamos também como TIPOS de usos de {-

STE}. Cada TIPO descrito a seguir é identificado a partir de uma sequência de 0 a 7. No entanto, há dois TIPOS que desviam dessa linearidade e, portanto, usamos as letras gregas β e Υ para diferenciá-los, como vemos adiante.

Como procedimento analítico, foram atribuídos valores [+] e/ou [-] a fatores relacionados aos quatro primeiros grupos, fatores que foram tomados como traços caracterizadores de cada TIPO de uso de {-STE}. A partir desse conjunto de traços, chegamos à categorização morfológica de {-STE}, cujo caráter é gradiente, transitando entre sufixo flexional e derivacional. A atribuição desses valores tem como base a presença [+] e/ou a ausência [-]⁸⁴ de traços gramaticais que configuram o uso canônico de {-STE}.

Passemos para a descrição das configurações gramaticais ou TIPOS de uso de {-STE}. Foram considerados como parâmetros seis traços que, marcados positivamente, caracterizam o uso canônico do item, sendo relacionados aos grupos de fatores de (a) a (d): base verbal, tema, P2, sujeito (tu), PP e DMT \emptyset ⁸⁵. Note-se que P2 e sujeito (tu) estão no escopo da desinência número-pessoal (DNP), e PP e DMT \emptyset dizem respeito à desinência modo-temporal (DMT). Tais desinências exercem o papel de sufixo flexional. Esses traços são apresentados nos dez quadros a seguir, cada um deles correspondente a uma dada configuração gramatical.

Os valores atribuídos no Quadro 5 caracterizam os primeiros TIPOS de uso, o TIPO 0 – que, de forma geral, representa a configuração canônica de uso do item⁸⁶. Nesse sentido, {-STE} está agregado a uma base verbal, mais especificamente após o tema (radical + vogal temática da conjugação correspondente) de um verbo; está associado a P2 (tu), que funciona como sujeito e, como se trata de um verbo no PP, a DMT é \emptyset ; como em (78), (79), (80), (81) e (82).

(78) Fizeste uma novela mexicana, ne isso? [...]

(79) [...] todos velhos esses vídeos que tu me marcaste

(80) Pq tu tiraste do youtube?

(81) Olha tu mana [...] arrazarte

⁸⁴Há algumas situações em que há a opção de ter ou não ter a presença de certos traços e nesses casos atribuímos o valor [±].

⁸⁵Em PP, a desinência modo-temporal aparece expressa apenas em P6 (-ra), sendo morfológicamente zero nas demais pessoas.

⁸⁶A forma canônica é tomada como uso prototípico, uma vez que reúne todos os traços que caracterizam gramaticalmente o uso modelar de {-STE}.

(82) *Agora tu grelhartes hein mana*⁸⁷

Quadro 5 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 0

TIPO 0	
Base verbal	+
Tema	+
P2	+
Sujeito (tu)	+
Pretérito perfeito do indicativo	+
DMT Ø	+

Fonte: elaborado pela autora

Antes de passarmos à descrição dos demais TIPOS, convém especificar como estamos lidando com a noção de gradiência envolvida na categoria morfológica de {-STE}, que, de acordo com nossa análise, transita entre sufixo flexional e uma espécie de sufixo derivacional. Para tal, tomamos como referência o sufixo flexional (DNP e DMT) da forma canônica, considerando, no entanto, que todo o conjunto de traços observados está simultaneamente envolvido nesse gradiente. Como no uso canônico a DMT é zero, consideramos o funcionamento da DNP como referência principal para os graus atribuídos ao sufixo flexional, de modo que o que mais se aproxima do uso canônico de {-STE} seria *sufixo flexional de grau 1*.

De acordo com o mapeamento das ocorrências da amostra, a distribuição escalar do sufixo flexional vai de 1 a 4 – sendo 1 o maior status flexional e 4 o menor –, situações em que o item vai perdendo traços da flexão prototípica. Quando não se encontra mais nenhum vestígio gramatical de flexão, o que corresponderia ao *grau 4* de status flexional, consideramos que o item passa a exercer o papel de *espécie de sufixo derivacional*. Esse novo status também se distribui num gradiente, numerado de 1 a 5 – sendo 1 o menor status derivacional e 5 o maior – sempre tomando como referência o uso canônico de {-STE}, considerado o mais gramaticalmente prototípico. Além disso, durante a quebra de restrições de uso do referido item, há a emergência de um TIPO em que {-STE} assume ainda uma terceira categoria morfológica, que apresentamos adiante. Trata-se de uma categoria desviante do gradiente categorial, e por isso, não atribuímos um valor escalar a ela.

⁸⁷Note-se que, ao lado da forma canônica *-ste*, ocorrem também outras realizações como *-stes*, *-rte* e *-rtes*, como previsto na hipótese específica 2. Não estamos, porém, neste momento, focalizando as alterações formais, e sim o item representado como {-STE}, que abstrai as diferentes formas de realização.

Assim, o gradiente de categoria morfológica de {-STE} distribui-se numa escala de nove valores, que vai de *sufixo flexional* (1 até 4) para *espécie de sufixo derivacional* (1 até 5). É importante salientar ainda que a relação entre os TIPOS e os *graus* não é linear e nem determinada necessariamente pela maior ou menor quantidade de traços positivos e negativos, mas sim por quais traços estão em jogo, o que é evidenciado adiante.

Tendo em vista o exposto acima e os valores apresentados no Quadro 5, a categoria morfológica desempenhada por {-STE} no TIPO 0 é de *sufixo flexional 1*, associando-se a uma *base verbal canônica*.

Do rompimento gradativo dos traços gramaticais presentes no TIPO 0, emergem o que identificamos como TIPOS 1, 2, 3, 4, 5, β , \forall e 6 – que apresentam em comum o fato de {-STE} estar vinculado a contexto de *base verbal não canônica*; e o TIPO 7 – que se agrega a *base não verbal*. Esses diferentes TIPOS são descritos a seguir.

Os TIPOS 1 e 2, cujos valores são apresentados nos Quadros 6 e 7 a seguir, surgem a partir do rompimento da restrição de sujeito, expandindo, com isso, a possibilidade de pessoas do discurso que podem ser combinadas com {-STE}.

No TIPO 1, similarmente ao TIPO anterior, {-STE} continua agregado a uma base verbal, mais especificamente após o tema de um verbo que está no PP e, por isso, a DMT é \emptyset . No entanto, ainda que o referido item permaneça associado a P2, a posição de sujeito é ocupada por outras formas de referência à segunda pessoa do discurso (você e o/a senhor(a), por exemplo) no lugar do *tu*, como em (83) e (84).

(83) *Titia você Arrasastesss!!!.lindão*

(84) *Kkkkkkk titia a senhora arrasastes, tava caralhenta msm*

Quadro 6 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 1

TIPO 1	
Base verbal	+
Tema	+
P2	+
Sujeito (tu)	-
Pretérito perfeito do indicativo	+
DMT \emptyset	+

Fonte: elaborado pela autora

Considerando esse cenário, bem como os valores atribuídos no Quadro 6, a categoria morfológica desempenhada pelo item é de *sufixo flexional 2*, associando-se a uma *base verbal não canônica*.

Já no TIPO 2, a configuração gramatical se difere do TIPO 1 porque a função sintática de sujeito pode ser exercida por qualquer pessoa do discurso que não seja P2, como mostram (85) e (86); o que implica na ausência dos traços de sujeito (tu) e de P2, como se pode observar no Quadro 7.

(85) [...] *cadê essa doida, pra onde ela fostes?? Auauahhajaha*

(86) [...] *olha o que nós perdestes. . . Titia talQual (ela) lacraсте na cara da sociedade*

Quadro 7 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 2

TIPO 2	
Base verbal	+
Tema	+
P2	-
Sujeito (tu)	-
Pretérito perfeito do indicativo	+
DMT Ø	+

Fonte: elaborado pela autora

A marcação negativa para os traços de P2 e sujeito (tu), mas positiva para a base verbal e tema, leva-nos a considerar a categoria morfológica desse TIPO como *sufixo flexional 3*, em configuração com *base verbal não canônica*.

Em relação aos TIPOS 1 e 2, é importante ressaltar que – embora {-STE} pareça atuar morfológicamente como sufixo flexional de número e pessoa (DNP), uma vez que, assim como no TIPO 0, o referido item continua (i) agregado após o tema de um verbo; (ii) esse verbo está no PP e (iii) a DMT é Ø –; {-STE} não está associado a P2 (tu), pessoa/pronome a que deveria correferenciar prototipicamente.

A partir disso, chegamos ao entendimento de que a quebra da restrição de associação a sujeito P2 (tu) gera um enfraquecimento/atenuação gradativo da função prototípica de {-STE}, evidenciando os primeiros vestígios de deslizamento da correlação forma/função, o qual se intensifica nos próximos TIPOS de uso, descritos a seguir.

Quanto ao TIPO 3, cujos valores são apresentados no Quadro 8, {-STE} continua agregado a uma base verbal; está associado a P2, podendo o sujeito ser ocupado por *tu* ou outras formas de referência à segunda pessoa do singular; e como o verbo permanece no PP, a

DMT continua Ø. No entanto, o tipo de base a que {-STE} se agrega não corresponde mais ao tema do verbo, mas a uma base verbal já flexionada, o que significa que {-STE} não pode ser categorizado como sufixo flexional de número e pessoa porque esse papel já está sendo desempenhado por outro morfema flexional, como mostra (87) e (88).

(87) *Tu que rouboustes kkkkkkkkk*

(88) *Marra cióra [=senhora] conseguiuste viu... farrê parte da realêzarstes... parabéns minha principa [...]*

Quadro 8 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 3

TIPO 3	
Base verbal	+
Tema	-
P2	+
Sujeito (tu)	±
Pretérito perfeito do indicativo	+
DMT Ø	+

Fonte: elaborado pela autora

Em situações como essa, ainda que {-STE} possa, em alguns casos, estar associado a P2 (tu) e esteja agregado a uma base verbal no PP, a categoria morfológica desempenhada pelo item não corresponde mais à de sufixo flexional, e sim a uma nova categoria. Nesse cenário, o acréscimo de {-STE} a essa base já flexionada parece criar uma nova palavra, o que nos faz interpretá-lo como uma *espécie de sufixo derivacional*.

Como mencionado, essa categoria, assim como a de sufixo flexional, também é assumida de forma gradiente, em razão de diferentes traços caracterizadores presentes nas configurações gramaticais. Entretanto, a quebra de restrição do traço *tema do verbo* parece ter um peso maior que o restante dos traços porque ela aponta mais diretamente para a aquisição do status derivacional. Tendo isso em vista, todos os TIPOS relacionados à categoria de *espécie de sufixo derivacional* possuem o valor [-] em relação a esse traço gramatical, como observamos a seguir. Além disso, cada um desses TIPOS conta com quebras de restrição dos outros traços caracterizadores, e a depender de qual traço é rompido, o item passa a assumir um grau maior de status derivacional. Por outro lado, quanto mais traços que aproximam da configuração canônica o TIPO de uso possuir, menor será seu status derivacional, ou seja, mais próximo estará da morfologia flexional.

Tendo isso em vista e considerando os valores atribuídos no Quadro 8, no TIPO 3, {-STE} funciona morfologicamente como *espécie de sufixo derivacional 1*, atrelado a uma *base verbal não canônica*.

Com uma configuração gramatical semelhante, emerge um outro TIPO de uso, o TIPO 4, cujos valores são apresentados no Quadro 9. Nesse TIPO de uso, {-STE} continua agregado a uma base verbal já flexionada e não após o tema; esse verbo está no PP, o que implica na permanência de DMT Ø; a restrição de sujeito e pessoa do discurso, quebrada nos TIPOS 1 e 2, também é evidenciada no TIPO 4, resultando na ocorrência de quaisquer pessoas do discurso como sujeito, com exceção de P2 (tu e outras formas de segunda pessoa do singular), como em (89) e (90).

(89) *arrrrrrrfs! Acho que me apaixonertes. @talqualdublagens [= (eu) acho que me apaixonei]*

(90) *Olha e muita embucetacao, a titia arrazoustes bem tal qual [= ... a titia (ela) arrazou bem tal qual]*

Quadro 9 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 4

TIPO 4	
Base verbal	+
Tema	-
P2	-
Sujeito (tu)	-
Pretérito perfeito do indicativo	+
DMT Ø	+

Fonte: elaborado pela autora

Similarmente ao que ocorre com o TIPO 3, a base verbal a que {-STE} se agrega no TIPO 4 já está flexionada, o que mantém o deslizamento na correlação forma/função, uma vez que o item tem forma aparente de DNP, mas atua como uma categoria morfológica divergente. Tendo isso em mente e considerando os valores atribuídos aos traços gramaticais apresentados no Quadro 9, no TIPO 4 {-STE} funciona morfologicamente como *espécie de sufixo derivacional 2*.

A essas quebras de restrição – de P2, sujeito (tu) e/ou tema – soma-se ainda outra que atinge *o tempo e modo da base verbal* a que {-STE} é agregado, fazendo emergir outros TIPOS, destituídos quase que completamente de vestígios de componentes gramaticais presentes na configuração canônica de uso do item.

Nessas condições, emerge o TIPO 5, cujos valores são apresentados no Quadro 10, em que {-STE} continua associado a uma base verbal já flexionada e não após o tema do verbo; diferentemente dos TIPOS anteriores, o tempo e modo da base verbal pode ser qualquer um que não PP; a DMT pode ou não ser zero; e a posição de sujeito pode ser ocupada por qualquer pessoa do discurso, incluindo P2 (tu ou outras formas); como em (91) e (92).

(91) *Adoooooostesx keridan! [...] Rick e um marginal lindo [...]*

(92) *Mar mana , e essa sobancelha de canetinha cor de mucura em? ! Arrasô em? Carra de quê a gente quer copiar mas não acha o tom né mana , explica pa gente como é isso? Pra onde istis por onde irastes assim em?*

Quadro 10 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 5

TIPO 5	
Base verbal	+
Tema	-
P2	±
Sujeito (tu)	±
Pretérito perfeito do indicativo	-
DMT Ø	±

Fonte: elaborado pela autora

Nesse TIPO de uso, considerando os valores atribuídos no Quadro 10, o status morfológico derivacional de {-STE} parece ter aumentado, uma vez que mais uma restrição que configura o uso prototípico do item foi rompida, nesse caso DMT Ø. Nessa situação, {-STE} funciona morfológicamente como *espécie de sufixo derivacional 3*.

O rompimento da restrição de tempo e modo verbal propicia ainda o surgimento do TIPO β – assim rotulado porque é um TIPO desviante da linearidade representada pelos números –, cujos valores são apresentados no Quadro 11. Nesse TIPO de uso, {-STE} está vinculado a uma base que corresponde ao tema do verbo, no entanto, ainda que a forma verbal aparentemente aponte para PP, o contexto do enunciado aponta para outros tempos e modos verbais, o que pode implicar no preenchimento da DMT, que em PP seria zero, como em (93) e (94).

(93) *Se não fizestes, tu te lascastes né [...]*

[= Se não fizeres, tu te lascas]

(94) *Titia muito difícil mesmo imaginastes se fostes facil kkkkkkk*

[Titia muito difícil mesmo imagina se fosse fácil]

Quadro 11 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO β

TIPO β	
Base verbal	+
Tema	+
P2	\pm
Sujeito (tu)	\pm
Pretérito perfeito do indicativo	-
DMT \emptyset	\pm

Fonte: elaborado pela autora

Note-se que a quebra de restrição relevante nesse TIPO e uso é a correlação modo-temporal, uma vez que os valores dos outros traços permanecem bastante próximos aos do TIPO anterior.

Quanto à categoria morfológica, aparentemente {-STE} corresponde a sufixo flexional, uma vez que é marcado positivamente quanto a base verbal e tema. Entretanto, como o tempo e o modo da base, que é capturado em um contexto mais amplo, não é compatível com PP, que é traço obrigatório para que {-STE} funcione como DNP, essa caracterização não é completamente adequada. Por outro lado, também não nos parece viável considerar {-STE} como espécie de sufixo derivacional, porque a vinculação do item à base verbal não parece formar uma nova palavra.

A solução para esse impasse foi recorrer ao gradiente das funções morfológicas exercidas por {-STE} e, considerando que o item apresenta mais valores positivos associados a DNP, atribuímos a esse uso o status de *sufixo flexional 4*, estando agregado a uma *base verbal não canônica* (assim considerada por não se apresentar em PP).

Outro TIPO que emerge como um tanto desviante na amostra analisada é o TIPO Υ , cujos valores são apresentados no Quadro 12. Nesse TIPO de uso, {-STE} está associado a uma base verbal já flexionada e não ao tema do verbo; esse verbo pode estar em qualquer tempo e modo verbal, inclusive o PP; nessa situação a DMT pode ou não ser vazia; e a posição de sujeito pode ser ocupada por qualquer pessoa do discurso, com exceção de P2, como em (95) e (96).

(95) [...] *ja falaram tudo que eu ia falartes [...]*

[= já falaram tudo que eu ia (te) falar]

(96) [...] *eu vou aprendestes pa dizestes que eu sei cozinhar*

[= eu vou aprender pra dizer (a ti) que eu sei cozinhar]

Quadro 12 – Valores dos traços gramaticais do TIPO Y

TIPO Y	
Base verbal	+
Tema	-
P2	-
Sujeito (tu)	-
Pretérito perfeito do indicativo	±
DMT Ø	±

Fonte: elaborado pela autora

Nesse TIPO de uso, observamos que o papel morfológico exercido por {-STE} aponta para uma nova categoria gramatical, que não é sufixo flexional, nem espécie de sufixo derivacional, mas algo que denominamos como *espécie de clítico de P2*, atuando em *base verbal não canônica*. Trata-se de um uso bastante particularizado, em que a função sintática de P2 é a de objeto e não mais de sujeito, como costuma desempenhar nos outros TIPOS de uso.

Tendo sido rompidas as restrições morfossintáticas e semântico-pragmáticas mais importantes da configuração gramatical canônica de uso de {-STE} – a pessoa do discurso (P2 [tu]), a função sintática (sujeito), o tipo de base (estar agregado ao tema do verbo); o tempo e modo verbal (pretérito perfeito do indicativo); e DMT Ø –, surge o que identificamos como TIPO 6, cujos valores são apresentados no Quadro 13.

Nesse novo TIPO de uso, {-STE} está agregado a uma base verbal, mais especificamente a um verbo de base nominal no infinitivo ou no gerúndio, estando, portanto, a DMT preenchida; e o sujeito da oração pode ser ocupado por qualquer pessoa do discurso, inclusive P2 (tu ou outras formas de segunda pessoa do singular), como em (97) e (98).

(97) [...] *Taquipariu olha titia, marra senhora ta em tudo que lugartis só falta fazeste um Twissimir kkk @talqualdublagens* [= falta fazer]

(98) *A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes, fina patricia tá meu beeeem...morrum de inveja suas mucura...[...]* [= arrasando e grelhando]

Quadro 13 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 6

TIPO 6	
Base verbal	+
Tema	-
P2	±
Sujeito (tu)	±
Pretérito perfeito do indicativo	±
DMT Ø	-

Fonte: elaborado pela autora

Nesse TIPO de uso, com base nos valores atribuídos no Quadro 13, consideramos que {-STE} desempenha o papel morfológico de *espécie de sufixo derivacional 4*, atrelado a uma *base verbal não canônica*. O aumento do status derivacional do referido item nesse TIPO de uso se dá porque, com exceção da restrição de associação de {-STE} a uma base verbal, todas as outras regras que regem o uso canônico do item foram em certa medida rompidas, o que amplia o número de traços gramaticais com que o item pode se combinar.

A quebra de restrição do traço *base verbal* impulsiona a expansão do item para outros contextos ainda mais inovadores, como o de *base não verbal* e de *palavras de origem estrangeira*. E é o que acontece no próximo TIPO de uso, o TIPO 7, cujos valores são apresentados no Quadro 14.

No TIPO 7, o funcionamento de {-STE} independe de sua associação a qualquer um dos seis traços gramaticais analisados, porque o item se desvincula da base verbal e passa a ser agregado a outras classes de palavras, como substantivos, adjetivos, pronomes, advérbios, conjunções e expressões e ainda a palavras de origem estrangeira, como nos exemplos a seguir. Cumpre esclarecer que palavras de origem estrangeira foram consideradas juntamente com palavras de classes gramaticais distintas de verbo justamente porque todas têm em comum uma *base não verbal*.

(99) Kkkkk ... *Esse feriado e esse final de semana prometem! Mas passa **Hipoglostes** depois pra não ficar assada.*

(100) *Deixa de ser **truqueirastes**, a senhora fez montagem com esse recadostes, fuleira, fuleira, fuleironastes.*

(101) *@talqualdublagens eita que **elastes** vai finalizar esse fds em buchada na linguiça...kkkkkkk*

(102) *Bica tu é ignorante **demairtes** kkkkk*

(103) ***Porqueste** eu amo mittos, e adolo tia apertarrerme,..*

(104) [...] *pe*lo amor de *Deustess* Ahahahahahahahahahahahahah

(105) #*NoPainstes* #*NoGainstes*.km

(106) *Ksksksksksk* hidrata com *shampoostes*?

(107) [...] "*sorrystes*" kkkkkkkkkkkk

Quadro 14 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 7

TIPO 7	
Base verbal	-
Tema	-
P2	±
Sujeito (tu)	±
Pretérito perfeito do indicativo	-
DMT Ø	-

Fonte: elaborado pela autora

Nesse TIPO de uso, o rompimento mais relevante é o da vinculação verbal (no caso da *base não verbal*) e da barreira interlinguística (PB e outras línguas, no caso de palavras de origem estrangeira). Contudo, apesar de o funcionamento de {-STE} não depender diretamente dos traços presentes nos contextos de base verbal (seja canônico ou não canônico), observamos que, sobretudo no que se refere à pessoa do discurso/sujeito, {-STE} ainda parece manter, em certa medida, alguma associação com P2 – ponto que é discutido mais adiante.

No TIPO 7, no que se refere à categoria morfológica, percebe-se que {-STE} atinge, na amostra analisada, o maior grau de status derivacional: *espécie de sufixo derivacional 5*.

No decorrer dessa etapa de análise, observamos ainda que, além dos dez TIPOS de uso de {-STE}, há a ocorrência de casos ambíguos, que se manifestam em contexto de *base verbal não canônica* – concernentes basicamente a P2 – e também em contexto de base ambígua.

No primeiro contexto mencionado, nos casos denominados como ambíguos a identificação, mais especificamente, da pessoa do discurso e da função sintática de P2, aponta para mais de uma possibilidade. E isso ocorre sobretudo quando o contexto mais amplo da frase não nos oferece evidências suficientes para identificar precisamente uma dada ocorrência em relação ao TIPO de uso. Casos ambíguos em contexto de *base verbal não canônica*, de forma geral, transitam entre os TIPOS 3 e 4, como em (108), em que {-STE} pode estar associado a P2 (*tu casoustes* ou *ocê casoustes*) ou a P3 (*ela casoustes*, em

referência à *macaculeza*). Na primeira situação, o TIPO de uso envolvido seria o TIPO 3 e, na segunda, o TIPO 4.

(108) *A pessoa casa, só vive assim, tá vendo [...] ? Macaculeza hooortaria: casoustes, lascoustes*

Em algumas dessas situações, a ambiguidade associada à pessoa do discurso torna ambígua também a identificação do tipo de base a que {-STE} se agrega, como em (109). Nesse caso, se a pessoa do discurso a que {-STE} estiver associado for P2 (tu) (*tu me lascartes*), o TIPO de uso correspondente seria o TIPO 0, que remete ao contexto de *base verbal canônica*. No entanto, se {-STE} estiver associado a outras formas de P2 (*você me lascartes*), ou a P1 (*eu me lascartes*), os TIPOS de uso correspondentes, TIPO 1 e TIPO 2 respectivamente, remeteriam ao contexto de *base verbal não canônica*. Diante disso, tais casos ambíguos transitam entre os dois tipos de base verbal e podem estar associados a três TIPOS de uso: TIPO 0, TIPO 1 e TIPO 2.

(109) *Cadê o sorteio titia kkk eu tô bloqueada de comentar as coisas marcando outras pessoas nos comentários. Me lascartes*

Ao longo desta subseção, realizamos uma descrição detalhada da emergência e expansão de contextos de uso de {-STE} correlacionadas a diferentes configurações gramaticais, resultantes da atuação conjunta de traços caracterizadores distintos. Para uma melhor visualização do que apresentamos até o momento, recuperamos no Quadro 15 os TIPOS de uso, os valores atribuídos aos traços que os constituem (base verbal, tema, P2, sujeito (tu), PP e DMT \emptyset , nessa ordem) e as categorias morfológicas que {-STE} exerce em cada um dos TIPOS. No caso das funções de *sufixo flexional* e de *espécie de sufixo derivacional*, elas são identificadas a partir de um gradiente categorial, explicitado anteriormente.

Quadro 15 – TIPOS de uso e categorias morfológicas de {-STE}

TIPOS de uso	Categorias de {-STE}
TIPO 0 [+++++]	<i>Sufixo flexional 1</i>
TIPO 1 [+++ - ++]	<i>Sufixo flexional 2</i>
TIPO 2 [++ - - ++]	<i>Sufixo flexional 3</i>
TIPO 3 [+ - + ± ++]	<i>Espécie de sufixo derivacional 1</i>
TIPO 4 [+ - - - ++]	<i>Espécie de sufixo derivacional 2</i>
TIPO 5 [+ - ± ± ± ±]	<i>Espécie de sufixo derivacional 3</i>
TIPO β [++ ± ± - -]	<i>Sufixo flexional 4</i>
TIPO √ [+ - - - ± ±]	<i>Espécie de clítico</i>
TIPO 6 [+ - ± ± ± -]	<i>Espécie de sufixo derivacional 4</i>
TIPO 7 [- - ± ± - -]	<i>Espécie de sufixo derivacional 5</i>

Fonte: elaborado pela autora

Com base no Quadro 15 e no que é explicitado ao longo da subseção, retomamos a seguir alguns pontos e introduzimos outros:

- (i) Além da categoria morfológica prototípica (*sufixo flexional*), {-STE} apresenta dois novos status: o de *espécie de sufixo derivacional* e o de *espécie de clítico*. Duas dessas três categorias morfológicas que caracterizam os usos do referido item distribuem-se em um gradiente de nove pontos que transita entre *sufixo flexional* (1, 2, 3, 4) e *espécie de sufixo derivacional* (1, 2, 3, 4, 5).
- (ii) À medida que as restrições que regem a configuração gramatical canônica de uso de {-STE} são rompidas e os novos TIPOS de uso emergem, a categoria de *sufixo flexional 1* (categoria morfológica prototípica) é gradativamente enfraquecida/atenuada e esse processo se dá ao longo dos outros três TIPOS de uso correlacionados com esse status morfológico: TIPOS 1, 2 e β.
- (iii) Simultaneamente a esse processo de enfraquecimento/atenuação, ocorre a emergência categorial de uma *espécie de sufixo derivacional* e o fortalecimento desse status derivacional, que se dá ao longo dos cinco TIPOS de uso envolvidos (TIPO 3, 4, 5, 6 e 7).
- (iv) No TIPO 7, a categoria morfológica de {-STE} é de *espécie de sufixo derivacional 5*, que corresponde ao maior grau de status derivacional. Tal status morfológico, atrelado ao TIPO 7, poderia sobrepor quase que completamente a categoria prototípica de {-

STE}, se não fosse pelo fato de que alguns traços gramaticais que caracterizam o *sufixo flexional 1* permanecem de alguma forma presentes no funcionamento da *espécie de sufixo derivacional 5*.

Com base na descrição mais detalhada e nos pontos que recuperamos acima, chegamos ao entendimento de que as particularidades encontradas na emergência e expansão de novos usos de {-STE} estão associadas a três princípios propostos por Hopper (1991) – divergência, descategorização e persistência –, o que parece respaldar a nossa escolha por interpretar o objeto desta pesquisa como um caso de gramaticalização.

Comparando a configuração gramatical dos dez TIPOS de uso descritos, bem como a funções morfológicas que {-STE} pode desempenhar em cada um desses usos, verificamos que o TIPO 7 configura-se como o TIPO mais inovador e diverge quase que completamente do TIPO 0, que corresponde à configuração gramatical canônica de uso do item. Esses dois TIPOS de uso de {-STE}, que se situam nas extremidades de uma distribuição escalar, podem ser considerados como o TIPO de uso fonte (TIPO 0) e o TIPO de uso alvo (TIPO 7) e coexistem na amostra analisada, evidenciando a previsão estabelecida no princípio da divergência.

Como observado, ao longo da expansão, o TIPO de uso alvo (TIPO 7) acaba exercendo categoria gramatical divergente da desempenhada no TIPO 0. Tendo isso em vista, a expansão categorial observada na amostra analisada envolve um cenário em que {-STE} gradativamente perde traços da categoria fonte e se recategoriza com base em propriedades da categoria alvo (HOPPER, 1991). Situação essa prevista pelo princípio da descategorização/recategorização.

Verificamos ainda que, embora o TIPO 7 (TIPO alvo) tenha uma configuração gramatical divergente do TIPO 0 (TIPO fonte), aquele TIPO pode ainda ter alguma associação com traços presentes no TIPO fonte. Essa associação refere-se à relação, mesmo que de maneira indireta, de {-STE} com P2, seja como em (101) em que *demairtes* está modificando um predicativo (ignorante) cujo sujeito é P2 (tu); ou como em (103), em que não é possível recuperar no dado a relação com P2, mas sim a partir da inferência da presença do componente intersubjetivo, isto é, o fato de que o dado como um todo (nesse caso, o *post escrito* ou o comentário de um seguidor) continua apontando para um interlocutor/ouvinte que se associa a formas de referência à segunda pessoa do discurso.

(102) *Bica tu é ignorante demairtes kkkkk*

(104) [...] *pelo amor de Deustess Ahahahahahahahahahahahahah*

Nesse caso, o que parece também estar envolvido nessa expansão é o *princípio da persistência ampliado* (VALLE, 2014) que está associado ao fato de que durante alguns estágios do processo é possível identificar a permanência de componentes semântico-discursivo-pragmáticos já existentes no TIPO de uso fonte, direcionando a expansão até o TIPO de uso alvo, como é o caso da persistência da associação a P2 (mesmo que de maneira indireta), tanto no TIPO 0 (associado à *base verbal canônica*), quanto no TIPO 7 (associado aos contexto de *base não verbal* e de palavras de origem estrangeira).

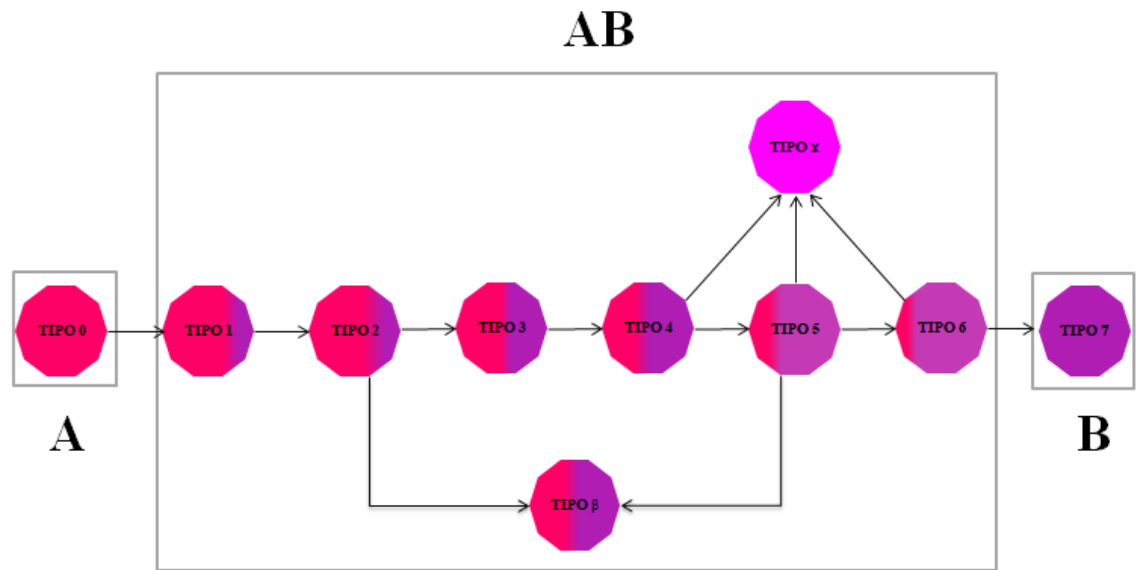
É através da permanência desses traços que conseguimos recuperar, hipoteticamente, a trajetória de expansão do item {-STE} e, em certa medida, projetar que funções gramaticais o TIPO de uso alvo pode vir a desempenhar com base em características do TIPO de uso fonte (HOPPER, 1991). Considerando que os traços identificados por esse princípio marcam as particularidades semântico-discursivo-pragmáticas da forma que se descategoriza/recategoriza (LOPES, 2010), a persistência é, por assim dizer, um dos aspectos mais preponderantes no processo de gramaticalização.

Com base nas discussões aqui apresentadas, delineamos a seguir uma possível trajetória de expansão de {-STE}.

Acreditamos que a Figura 11 ajude a elucidar esse processo, indicando a emergência de usos inovadores, que está diretamente atrelada tanto à expansão dos contextos de base a que {-STE} pode se agregar como à expansão de sua categoria morfológica (expansão categorial). Nesse sentido, sugerimos que tais expansões percorrem a trajetória representada na Figura 11, que foi baseada no modelo metafórico-metonímico proposto por Heine et al. (1991).

Na Figura 11, A e B correspondem a dois domínios distintos, associados, respectivamente, a contexto de *base verbal canônica* e de *base não verbal*. Entre um e outro, há etapas de sobreposição, que são ilustradas pelo gradiente de cores. O domínio A é codificado por {-STE} que possui valores [+] em todos os seis traços gramaticais analisados e atua como *sufixo flexional 1*. O domínio B é codificado por {-STE} que possui valores [-] em quase todos os traços que caracterizam a configuração gramatical canônica de uso do item, e portanto, {-STE} atua como *espécie de sufixo derivacional 5*. A multifuncionalidade e gradiência categorial que se manifesta no entremeio (AB) sinaliza uma expansão de usos por contiguidade metonímica.

Figura 11 – Trajetória de expansão da configuração gramatical de uso de {-STE}



Sob a força de processos metonímicos, a cada pequeno movimento de expansão dos traços que rompem restrições de uso do item a partir da configuração gramatical canônica, o item progressivamente vai adquirindo propriedades do item alvo. Propriedades essas que remetem tanto aos novos contextos de base a que o item pode se agregar, quanto às novas categorias e funções que {-STE} passar a assumir.

A categoria morfológica de *sufixo flexional*, que é prototípica de {-STE}, expressa o significado referencial *de segunda pessoa do singular* (P2), atrelado ao significado *de tempo e modo* (PP), que correspondem a funções comunicativas (semântico-pragmáticas) contextualmente depreendidas. Considerando que categoria morfológica e significado referencial e função comunicativa estão imbricados, a expansão de um implica na expansão do outro, num rearranjo gradativo de relações entre formas e funções.

No caso da expansão categorial, observamos ao longo da subseção que {-STE} passa de *sufixo flexional* para *espécie de sufixo derivacional* através de um gradiente de atenuação-fortalecimento de status morfológico. No caso da expansão do significado referencial/função comunicativa – que gera o estabelecimento de novos significados para o item (ponto a ser discutido mais adiante) –, acreditamos que ela consiste em um processo de contínuas reinterpretações realizadas pelos membros da Tal Qual Dublagens, associadas às alterações que ocorrem gradativamente nas configurações gramaticais. As ressignificações desses usos se dão pragmaticamente por inferências induzidas pelo contexto, podendo levar à

convencionalização de implicaturas conversacionais. Diante disso, entendemos que o fortalecimento pragmático dos usos expandidos de {-STE} pode impulsionar um processo de gramaticalização (GR) do item.

Reforçando nossa interpretação do funcionamento de {-STE} como um fenômeno em GR, a Figura 11 sinaliza um percurso basicamente unidirecional, embora não categoricamente linear. A análise proposta mostra que novos usos de {-STE} nem sempre emergem de um único uso que os antecede. Alguns casos, como os TIPOS β e \forall – que parecem emergir de um conjunto de restrições que foram rompidas nos TIPOS 2 e 5 e 4, 5 e 6 respectivamente –, podem resultar de uma mescla de traços característicos representativos de mais de um TIPO de uso, o que faz com que os consideremos como TIPOS híbridos e desviantes da linearidade em que os outros TIPOS se apresentam. Acreditamos que tal funcionamento seja decorrente de alguma associação por contiguidade que os falantes depreendem do contexto comunicativo, o que reforça nossa interpretação acerca da atuação de processos metonímicos na expansão/gramaticalização de {-STE}.

Além da descrição das configurações gramaticais de uso do referido item, na segunda parte desta análise (próxima subseção), verificamos, em termos de distribuição frequencial, como os cinco grupos de fatores correlacionados à emergência e à expansão de novos usos de {-STE} atuam em relação aos dez TIPOS de uso do item. A escolha por realizar uma análise de frequência nesta dissertação se dá, sobretudo porque, de acordo com Bybee (2003), esse configura-se como um importante aspecto para atestar a hipótese de gramaticalização.

5.1.2 Um olhar quantitativo

Esta subseção corresponde à segunda parte da primeira etapa de análise. Ela consiste na apresentação e discussão dos resultados da distribuição frequencial das ocorrências gerais de {-STE} em relação (i) aos contextos de base a que se agrega; (ii) aos TIPOS de usos do item, que se distribuem no universo de cada um desses contextos; e (iii) aos grupos de fatores que estão correlacionados com o funcionamento dos diferentes TIPOS: tipo de base; pessoa do discurso; função sintática de P2; tempo e modo da base verbal; e categoria morfológica de {-STE}.

No que se refere às ocorrências gerais de {-STE}, a Tabela 1 exhibe a frequência do item em cada contexto de base a que se agrega (incluindo os casos de base ambígua) e em cada um dos TIPOS de uso presentes em cada base.

Antes de apresentar e comentar sobre os resultados, alguns pontos devem ser esclarecidos. Primeiro, estão incluídas na *base não verbal* e no TIPO 7 as ocorrências de palavras de origem estrangeira (cerca de 2% [20/1.049] do total de dados analisados). Segundo, as ocorrências de casos ambíguos transitam entre a *base verbal não canônica* e a base ambígua. Nesse sentido, do total de 23 dados, 13 estão associados à *base verbal não canônica* e 10 à base ambígua. Terceiro, os números destacados em negrito correspondem aos contextos de base e os números sem destaque, aos TIPOS de uso do item. E, por último, há duas colunas de percentuais, a primeira (da esquerda para direita) corresponde à percentagem dos TIPOS de uso em relação ao total de ocorrências dos respectivos contextos de base, e a segunda, em relação às ocorrências gerais da amostra, que englobam tanto as taxas dos TIPOS de uso, quanto dos contextos de base. Assim, os percentuais devem ser lidos da seguinte maneira: primeira coluna = percentuais associados a cada TIPO de uso no escopo da respectiva base; segunda coluna = percentuais associados ao total da amostra.

Tendo esclarecido esses pontos, passemos à descrição e análise dos resultados.

No que se refere ao contexto de base a que {-STE} se agrega, verificamos que a *base verbal não canônica* (49,5%) é a mais produtiva, seguida pela *base verbal canônica* (28,8%), pela *base não verbal* (20,8%) e pela base ambígua (0,9%).

A produtividade do item na *base verbal não canônica*, que perfaz praticamente a metade dos dados analisados, parece estar relacionada com o fato de que esse é um contexto intermediário e de transição entre o contexto de *base verbal canônica* (A) e o de *base não verbal* e de palavras de origem estrangeira (B). Essa posição nos faz entendê-lo como um contexto híbrido ($A > \mathbf{AB} > B$); e, porque os traços morfossintáticos e semântico-pragmáticos que restringem o uso de {-STE} foram gradativamente rompidos e expandidos nesse tipo de contexto (cf. subseção precedente), o item passa a ser realizado com mais frequência.

Além disso, duas observações merecem destaque: (i) a frequência de {-STE} no contexto de *base verbal canônica* indica que o uso do item na amostra (quase 30%) ainda mantém uma associação relativamente forte com a base canônica; e (ii) tirando os casos de base ambígua, que não apresentam significância percentual, a menor frequência de {-STE} corresponde ao uso do item no contexto de *base não verbal* (em torno de 20%), que remete ao contexto de uso mais expandido, haja vista que {-STE} desvincula-se totalmente de sua configuração gramatical canônica e categoria morfológica prototípica.

Tabela 1 – Frequência de {-STE} em relação aos contextos de base/TIPOS de uso

Contexto de base/TIPO de uso de {-STE}	Nº de ocorrências/Total	% em relação ao T de cada base	% em relação ao T da amostra
Base verbal canônica	302/1.049	—	28,8
TIPO 0	302/302	100	28,8
Base verbal não canônica	519/1.049	—	49,5
TIPO 1	21/519	4	2
TIPO 2	50/519	9,6	4,8
TIPO 3	18/519	3,5	1,7
TIPO 4	128/519	24,7	12,2
TIPO 5	25/519	4,8	2,4
TIPO β	9/519	1,7	0,9
TIPO √	65/519	12,5	6,2
TIPO 6	190/519	36,6	18,1
Casos ambíguos	13/519	2,6	1,2
Base não verbal	218/1.049	—	20,8
TIPO 7	218/218	100	20,8
Base ambígua	10/1.049	—	0,9
Casos ambíguos	10/10	100	0,9

Fonte: elaborado pela autora

Já no que se refere à frequência dos dez TIPOS de uso, além dos casos ambíguos, observamos que, em relação ao geral de ocorrências, o TIPO 0, seguido do TIPO 7 e do TIPO 6 são os mais produtivos da amostra, estando cada um deles restrito a um determinado contexto de base. O TIPO 0 corresponde a 28,8% dos dados (302/1.049) e ocorre categoricamente no contexto de *base verbal canônica*. Já o TIPO 7 corresponde a 20,8% (218/1.049) e é usado nos contextos de *base não verbal* (198 ocorrências) e no de palavras de origem estrangeira (20 ocorrências). E, por último, o TIPO 6 corresponde a 18,1% (190/1.049) da amostra, sendo realizado no contexto de *base verbal não canônica*, coexistindo com outros sete TIPOS menos frequentes, sobre os quais nos debruçamos a seguir.

Tomando como universo amostral a *base verbal não canônica*, os TIPOS mais frequentes nesse contexto são o TIPO 6, correspondendo a 36,6% das ocorrências (190/519); seguido dos TIPOS 4 e √, correspondendo respectivamente a 24,7% (128/519) e a 12,5%

(65/519). Os demais TIPOS nessa base contextual distribuem-se em percentuais abaixo de 10%, sendo o TIPO β o menos frequente, com 1,7% de ocorrências (9/519).

É interessante observar que, nesse caso, o TIPO mais frequente, o TIPO 6, consiste no uso contextualmente mais expandido vinculado à *base verbal não canônica*, uma vez que sua configuração gramatical difere quase que completamente da configuração canônica (cf. subseção precedente). Em relação aos outros dois TIPOS mais frequentes de uso, ainda que não ocorram nos contextos de *base não verbal*, os mais expandidos em relação à base de origem, sua emergência está relacionada a importantes quebras de restrição, as quais desvinculam, sobretudo, {-STE} de sua categoria gramatical prototípica (*sufixo flexional*), o que provoca um realinhamento entre forma e função.

Como observamos na subseção anterior, essa expansão contextual resulta no surgimento de novas categorias gramaticais para {-STE} – a de *espécie de sufixo derivacional 2* no TIPO 4 e a de *espécie de clítico* no TIPO γ – e os usos associados a essas novas categorias gramaticais emergentes passam a ser considerados TIPOS bastante inovadores.

Esse funcionamento pode estar relacionado ao fato de que os falantes estão constantemente, durante as situações comunicativas, buscando por uma maior expressividade nas suas relações interacionais e isso tem sido apontado como uma das principais razões da emergência de usos linguísticos inovadores, podendo resultar em uma mudança na língua (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

No entanto, ainda que a mudança possa ser desencadeada por inovações linguísticas de um único falante, sobretudo porque é a partir dele que a expressividade se manifesta, o papel dos demais sujeitos que participam da interação, isto é, os ouvintes, também é relevante porque são eles os responsáveis pela propagação da inovação e andamento da mudança linguística.

No caso em tela, os nove TIPOS de usos de {-STE} (além de seu uso prototípico e dos casos ambíguos), que emergem gradativamente desencadeados por inovação, vão ficando cada vez mais recorrentes pelos sujeitos/falantes durante as relações interacionais com seus interlocutores/ouvintes (membros da Tal Qual Dublagens [CP]), e isso leva à transição para novas categorias gramaticais. Nossa hipótese interpretativa para o objeto em estudo é que se trata de um fenômeno em gramaticalização, entendida como expansão (TRAUGOTT, 2010a). Tal interpretação é respaldada pela frequência de uso, já que a forma/função fonte, correspondente à configuração gramatical canônica, apresenta frequência bem menor (aproximadamente 30%) em relação às formas/funções de usos contextualmente expandidos.

Buscando detalhar um pouco mais a reflexão sobre a emergência e expansão de novos usos de {-STE}, apresentamos e discutimos os resultados dos grupos de fatores (cf. descritos na Subseção 4.5.1), correlacionados a cada TIPO de uso. É importante ressaltar que, diferentemente da subseção anterior, em que colocamos o foco somente nos fatores/traços que caracterizam cada configuração gramatical, tomando como parâmetro o uso canônico de {-STE}, nessa parte da análise, examinamos a distribuição frequencial de todos os fatores que compõem cada um dos grupos – *tipo de base; pessoa do discurso; função sintática de P2; tempo e modo da base verbal e categoria morfológica de {-STE}* – em relação a cada TIPO de uso. Tal distribuição é apresentada nas Tabelas, 2, 3, 4 e 5.

Antes de apresentar os resultados, esclarecemos mais alguns pontos.

Quanto à sistematização das tabelas, cabe mencionar que alguns fatores descritos na Metodologia foram amalgamados por apresentarem informações sobrepostas e/ou comportamento similar. Assim, no que diz respeito aos fatores do grupo *função sintática de P2*, combinamos o fator *sujeito* com *P2 (tu)* e *P2 (outras formas)* – no grupo de fatores *pessoa do discurso*; e o fator *objeto*, com *espécie de clítico* – do grupo de fatores *categoria morfológica de {-STE}*. Além disso, cabe dizer que o traço DMT \emptyset (cf. subseção precedente) não faz parte de um grupo de fatores, mas é depreendido da categoria morfológica canônica de {-STE}, uma vez que atua no pretérito perfeito do indicativo juntamente com a DNP de P2. Além disso, DMT \emptyset também caracteriza o presente do indicativo. Dessa forma, no grupo de fatores *tempo e modo da base verbal*, os fatores PP e Pres. Ind. recobrem também a DMT \emptyset .

Tendo esclarecido tais pontos, passemos para os resultados.

- **Tipo de base**

O grupo *tipo de base*, cujos resultados são apresentados na Tabela 2, está diretamente relacionado aos quatro contextos elencados na Tabela 1, mas se distingue daqueles em dois fatores: (i) o *tema do verbo* (382 dados) é fortemente associado à *base verbal canônica* (com 302 dados), mas envolve também alguns dados da *base verbal não canônica* (80 dados); (ii) a *base flexionada* (439 dados) está fortemente (mas não categoricamente) vinculada à *base verbal não canônica* (com 519 dados).

Os resultados gerais expressos na Tabela 2 seguem o mesmo padrão de distribuição da Tabela 1: {-STE} aparece agregado ao tema do verbo em 36,4% dos dados, preso a uma base

verbal já flexionada em 41,9% das ocorrências e vinculado a uma *base não verbal* em 20,8 dos casos.

Tabela 2 – Correlação entre tipos de base e TIPOS de uso

Fatores		TIPO 0	TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	TIPO 5	TIPO β	TIPO √	TIPO 6	TIPO 7	Casos amb.	Total
Tema do verbo	N	302	21	50	0	0	0	9	0	0	0	0	382
	%	79	5,5	13,1	0	0	0	2,4	0	0	0	0	36,4
Base flex.	N	0	0	0	18	128	25	0	65	190	0	13	439
	%	0	0	0	4,1	29,1	5,7	0	14,8	43,3	0	3	41,9
Base não verbal	N	0	0	0	0	0	0	0	0	0	218	0	218
	%	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100	0	20,8
Base amb.	N	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100	0,9
Total		302	21	50	18	128	25	9	65	190	218	23	1.049

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere ao *tema do verbo*, a correlação mais acentuada desse fator se dá com o TIPO 0 (79%) – que corresponde ao contexto de *base verbal canônica* –, seguida do TIPO 2 (13,1%), do TIPO 1 (5,5%) e do TIPO β (2,4%) – que integram a *base verbal não canônica*. Esses TIPOS são ilustrados, respectivamente, em (79), (83), (85) e (93).

(79) [...] *todos velhos esses vídeos que tu me marcaste* [TIPO 0]

(83) *Titia você Arrasastesss!!!.lindão* [TIPO 2]

(85) [...] *cadê essa doida, pra onde ela fostes?? Auauahjajaha* [TIPO 1]

(93) *Se não fizestes, tu te lascastes né [...]* [TIPO β]

[= Se não fizeres, tu te lascas]

Quanto ao fator *base flexionada*, a produtividade maior de {-STE} se dá no TIPO 6 (43,3), seguida pelo TIPO 4 (29,1%), pelo TIPO √ (14,8%), pelo TIPO 5 (5,7%) e pelo TIPO 3 (4,1%), ilustrados respectivamente em (98), (89), (95), (91) e (87%).

(98) *A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes, fina patricia tá meu beeeeem...morrum de inveja suas mucura...[...]* [= arrasando e grelhando] [TIPO 6]

(89) *rrrrrrrrfs! Acho que me apaixonertes. @talqualdublagens* [= (eu) acho que me apaixonei] [TIPO 4]

(95) [...] *ja falaram tudo que eu ia falar*stes [...] [TIPO 7]

[= já falaram tudo que eu ia (te) falar]

(91) *Adooooo*stes*x keridan!* [...] *Rick e um marginal lindo* [...] [TIPO 5]

(87) *Tu que roubou*stes *kkkkkkkkk* [TIPO 3]

No que diz respeito aos dois últimos fatores desse grupo, *base não verbal* (categoricamente correlacionada com o TIPO 7) e *base ambígua* (categoricamente correlacionada a *casos ambíguos*), os percentuais gerais associados correspondem àqueles já apresentados na Tabela 2: 20,8% e 0,9%, respectivamente. O TIPO 7 e casos ambíguos são ilustrados em (99) e (108), respectivamente.

(99) *Kkkkk ... Esse feriado e esse final de semana prometem! Mas passa* **Hipoglostes** *depois pra não ficar assada.* [TIPO 7]

(109) *Cadê o sorteio titia kkk eu tô bloqueada de comentar as coisas marcando outras pessoas nos comentários. Me lascart*stes [caso ambíguo]

Em suma, note-se que a maior produtividade de {-STE} refere-se ao item agregado a uma *base verbal flexionada*, vinculada ao *contexto de base verbal não canônica*, e que o TIPO mais frequente correlacionado a esse fator, o TIPO 6, corresponde ao uso considerado como o mais expandido desse contexto de base, o que, nesse caso, vai ao encontro da hipótese mais frequente = mais gramaticalizado, relação essa que nem sempre é possível estabelecer.

- **Pessoa do discurso/Função sintática de P2**

Como já informado, o grupo de fatores *pessoa do discurso* incorporou o fator *sujeito* do grupo *função sintática de P2*. Cabe esclarecer que a diminuição do número de dados em relação às tabelas anteriores deve-se ao fato de que em 65 ocorrências não foi possível identificar a presença de nenhuma pessoa do discurso nos respectivos contextos, e por isso esse grupo de fator só se aplica a 984 dados. Além disso, importa mencionar que foi considerada tanto a pessoa do discurso diretamente associada a {-STE} na função sintática de sujeito (expresso ou apagado), seja em construção canônica de P2 ou não, como aquela que se manifesta no contexto circundante ao item, o que justifica a correlação dos fatores desse grupo como o TIPO 7, em que {-STE} se associa a uma *base não verbal*. A tabela 3 exhibe os

resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 3 – Correlação entre pessoa do discurso e TIPOS de uso

Fatores		TIPO	TIPO	TIPO	TIPO	TIPO	TIPO	TIPO	TIPO	TIPO	TIPO	Casos amb.	Total
		0	1	2	3	4	5	β	γ	6	7		
P1	N	0	0	6	0	122	6	0	42	47	52	0	275
	%	0	0	2,2	0	44,4	2,2	0	15,3	15,8	19	0	28
P2 (suj. tu)	N	302	0	0	8	0	6	4	0	32	16	0	368
	%	82	0	0	2,8	0	1,6	1,1	0	8,8	4,3	0	37,4
P2 (suj. outras formas)	N	0	21	0	10	0	3	3	0	45	48	0	130
	%	0	16,1	0	7,7	0	2,3	2,3	0	34,6	37	0	13,2
P3	N	0	0	43	0	5	7	0	21	32	26	0	132
	%	0	0	36,6	0	20	5,3	0	16	24,2	19,7	0	13,4
P4	N	0	0	1	0	0	1	0	2	15	6	0	25
	%	0	0	4	0	0	4	0	8	60	24	0	2,5
P5	N	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3
	%	0	0	0	0	0	0	0	0	100	0	0	0,3
P6	N	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2
	%	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100	0	0,2
Amb.	N	0	0	0	0	1	2	2	0	17	3	23	49
	%	0	0	0	0	2	4	4	0	34,7	6,1	46,9	5
Total		302	21	50	18	128	25	9	65	190	153	23	984

Fonte: elaborado pela autora

Observando a coluna do total de ocorrências, dois resultados numéricos chamam a atenção: a alta taxa de *P2 com sujeito tu* (37,4%) – o que era esperado em razão de {-STE} ser associado ao pronome *tu* na forma standard de origem; e o percentual também relativamente elevado de *P1* (28%). Vamos nos deter, de imediato, nesses dois resultados.

Quanto a *P2 (tu)*, o fator mais produtivo desse grupo, ele está relacionado com seis dos dez TIPOS de uso, explicitados na subseção anterior. São eles, por ordem decrescente de frequência de uso: o TIPO 0 (82%), o TIPO 6 (8,8%), o TIPO 7 (4,3%), o TIPO 3 (2,8%), o TIPO 5 (1,6%) e o TIPO β (1,1%). Esses TIPOS são, respectivamente, exemplificados a seguir.

(110) *Pq tu tirastes do youtube?* [TIPO 0]

(111) *Vemk que eu vou ja fazer tu virartes homem titia @talqualdublagens* [TIPO 6]

(112) *@talqualdublagens titia ja adicionastes teus snapstes. Amestes. Agora que vou me viciartes mais pra te vertes la djaba* [TIPO 7]

(113) [...] *"Tu errostes"* [TIPO 3]

(114) *@talqualdublagens mana tu tastes parecendo um bodó [...]* [TIPO 5]

(115) [...] *titia se tu curtestes arrente, arrente te pegava cuscaralho [...]* [TIPO β]

Em relação a esses dados, *P2 (sujeito tu)* é o único fator presente no TIPO 0, equivalente ao contexto de *base verbal canônica*, como ilustrado em (110). Os TIPOS 6, 3, 5 e β correspondem a contextos de *base verbal não canônica* e o pronome *tu* aparece expresso em (111), (113), (114) e (115). Por último, no TIPO 7, em que {-STE} é adicionado a uma *base não verbal*, o pronome *tu* está apagado em (112), sendo recuperado em outras formas verbais do enunciado.

O segundo fator mais produtivo desse grupo, *P1*, também está relacionado com seis TIPOS de uso: o TIPO 4 (44,4%), TIPO 7 (19%), o TIPO 6 (15,8%), o TIPO \forall (15,3%) e os TIPOS 5 e 1 (2,2% cada um). Esses TIPOS são ilustrados abaixo.

(116) [...] *eu virtes mana [...]* [TIPO 4]

(117) [...] *eu tô AQUIRTES KKKKKK* [TIPO 7]

(118) @*talqualdublagens meu amor, cadê o vídeo da central do Brasil que tu postestes heim djaba? Agora que eu ia mostrstes pra mucura da minha irmã!* [TIPO 6]

(119) *Eu quero te amartes, bem tal qual [...]* [TIPO \forall]

(120) [...] *ainda bem que eu "sourtes" do caprichoso. [...]* [TIPO 5]

(121) *Eu já fizste [...]* [TIPO 2]

Em todos esses casos exemplificados acima, à exceção de (117), o *sujeito eu* aparece expresso e associado a {-STE}. Já no TIPO 7 (117), em que o item se agrega a uma *base não verbal*, *P1* se realiza no enunciado como sujeito em *eu tô*.

Merecem ainda um olhar mais atento os fatores *P2 (outras formas)* e *P3*, ambos situados na casa dos 13% do total de ocorrências na amostra e ambos presentes em seis TIPOS de uso, alguns deles coincidentes.

P2 (outras formas) distribui-se pelos TIPOS na seguinte ordem: TIPO 7 (37%), TIPO 6 (34,6%), TIPO 1 (16,1%), TIPO 3 (7,7%), TIPOS 5 e β (com 2,3% cada um). Os três TIPOS mais frequentes correlacionados a *P2 (outras formas)* são ilustrados a seguir.

(122) *Acho que a senhora que é a filha de muitas mamãestes viu titia* [TIPO 7]

(123) [...] *você vai me respeitartes* [TIPO 6]

(124) *Mana vc roubastes a bunda da Carol paixão.. mortaaa !!!* [TIPO 1]

Salientamos, mais uma vez, que, embora o TIPO 7 se vincule a uma *base não verbal*, a pessoa do discurso é identificada no contexto do enunciado, no caso de (118), “a senhora”.

P3, por sua vez, está presente em: TIPO 2 (36,6%), TIPO 6 (24,2 %), TIPO 4 (20%), TIPO 7 (19,7%), TIPO √ (16%) e TIPO 5 (5,3%). Os quatro TIPOS mais produtivos são ilustrados abaixo.

(125) *Gente cade essa doida pra onde ela fortes kkk #Amo* [TIPO 2]

(126) *Essa Dijaba so pensa em comertis!* [TIPO 6]

(127) *Mas tia ainda bem que o tempo passastes né, hoje é puro glamour!* [TIPO 4]

(128) *Ela é Fitnestes ela* [TIPO 7]

As demais pessoas do discurso (*P4*, *P5* e *P6*) apresentam baixa realização na amostra (2,5%, 0,3% e 0,2%, respectivamente).

Considerando os resultados da Tabela 3 e os que foram apresentados na subseção anterior, destacamos um aspecto que julgamos importante comentar. Note-se, na referida tabela, que a frequência de *P2* (*tu*), um dos traços caracterizadores do uso canônico de {-STE}, é significativamente maior no TIPO 0 (que remete à configuração gramatical canônica do item) e vai diminuindo ao longo dos outros TIPOS, possivelmente porque passa a coexistir não só com outras formas de referência a *P2*, como com outras pessoas do discurso.

Quando chega nos dois últimos TIPOS de uso, os TIPOS mais produtivos em relação às ocorrências gerais (à exceção do TIPO 0) e os contextualmente mais expandidos, as outras formas de referência à segunda pessoa (sobretudo a forma *a senhora*) passam a ser mais usadas que *tu*; e juntamente com *P1* se tornam as pessoas do discurso mais frequentes desses TIPOS de uso.

Nesse sentido, o que parece estar acontecendo é, por um lado, a expansão de referência de segunda pessoa para além da forma *tu*; e, por outro, a expansão de referência de segunda pessoa para a primeira. Nesse cenário, tanto o interlocutor/ouvinte/“outro”, quanto o locutor/falante/“eu” podem estar associados ao uso de {-STE}, inclusive concomitantemente, como mostra (129).

(129) *#QUERO GANHASTES PORQUESTES DESDE QUANDO AUMENTOU A*

PASSAGEM DE ÔNIBUS NUNCA MAIS EU FUI NO MERCADINHO DO SEU JOÃO QUE FICA LONGE DE CARRA E EU MORO LONGE E EU MEREÇO PORQUE SOU FÃ [...]

Em ocorrências como essa, mesmo quando o item está associado a P1, a origem do dado em que {-STE} é produzido – que se trata de um comentário em um site de rede social –, a qual aponta para uma situação que pressupõe interação/interlocução, gera a permanência, ainda que de forma não expressa, do traço de referenciação a P2. Nesse tipo de situação, infere-se que tanto a atitude ou o ponto de vista do falante (subjetividade), relacionado a P1; quanto a atenção do falante para a auto-imagem do destinatário (intersubjetividade), relacionado a P2, passam a estar imbricadas no uso de {-STE}, o que evidencia a atuação da (inter)subjetividade (componente pragmático) no processo de expansão/gramaticalização do referido item. (TRAUGOTT, 2010b)

- **Tempo e modo da base verbal⁸⁸**

Esse grupo recobre dez fatores: modo indicativo – *presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do presente*; modo subjuntivo – *presente e pretérito imperfeito*; modo imperativo – *imperativo*; formas nominais do verbo – *gerúndio e infinitivo*; e *casos ambíguos*. Do total de 1.049 dados da amostra, esse grupo de fatores se aplicou a 831 ocorrências, uma vez que não se aplica a bases não verbais (218 dados). A Tabela 4 apresenta os resultados relativos a esse grupo.

Em relação a esse grupo de fatores, observa-se que 66,3% do total das ocorrências (551/831) refere-se ao uso de {-STE} agregado a uma base verbal (seja ao tema do verbo ou a uma base flexionada) no *pretérito perfeito do indicativo (PP)*, que corresponde ao fator mais frequente desse grupo. Tal fator é seguido de *infinitivo*, com 27% (224/831); e de outros sete fatores, que ocorrem com menor frequência e juntos representam 6,7% das ocorrências (56/831).

⁸⁸Em relação a esse grupo de fatores, é importante ressaltar que, de uma forma geral, a codificação dos dados foi feita com base na forma. No entanto, no tipo β , o tempo e modo da base verbal a que {-ste} se agrega foi depreendido a partir de um contexto mais amplo, o que significa que, nesse tipo consideramos a correlação forma/função para a codificação.

Tabela 4 – Correlação entre tempo e modo da base verbal e TIPOS de uso

Fatores		TIPO 0	TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	TIPO 5	TIPO β	TIPO Υ	TIPO 6	TIPO 7	Casos amb.	Total
Pres. Ind.	N	0	0	0	0	0	19	0	4	2	0	0	25
	%	0	0	0	0	0	76	0	16	8	0	0	3
PP	N	302	21	50	18	127	0	0	14	0	0	19	551
	%	54,8	3,8	9,1	3,3	23	0	0	2,5	0	0	3,5	66,3
Pret. Imp. Ind.	N	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	%	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	0	0,1
Fut. Ind.	N	0	0	0	0	0	3	2	0	0	0	0	5
	%	0	0	0	0	0	60	40	0	0	0	0	0,6
Pres. Subj.	N	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2
	%	0	0	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0,2
Pret. Imp. Subj.	N	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	3
	%	0	0	0	0	0	0	100	0	0	0	0	0,4
Imper.	N	0	0	0	0	0	2	4	0	0	0	1	7
	%	0	0	0	0	0	28,6	57,1	0	0	0	14,3	0,8
Inf.	N	0	0	0	0	0	0	0	44	180	0	0	224
	%	0	0	0	0	0	0	0	19,6	80,4	0	0	27
Ger.	N	0	0	0	0	0	0	0	1	7	0	0	8
	%	0	0	0	0	0	0	0	12,5	87,5	0	0	1
Amb.	N	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	3	5
	%	0	0	0	0	20	0	0	0	20	0	60	0,6
Total		302	21	50	18	128	25	9	65	190	0	23	831

Fonte: elaborado pela autora

A alta frequência de PP era esperada (assim como de P2), uma vez que esse tempo-modo verbal está inerentemente imbricado em {-STE} na marcação canônica de P2. Tal fator está presente em sete dos TIPOS de uso: TIPO 0 (54,8%), TIPO 4 (23%); do TIPO 2 (9,1%), TIPO 1 (3,8%), *casos ambíguos* (3,5%), TIPO 3 (3,3%) e TIPO Υ (2,5%). Nos TIPOS 0, 1 e 2, PP está associado com a ocorrência de {-STE} agregado ao tema do verbo, e nos TIPOS 3, 4 e Υ e nos *casos ambíguos*, agregado a uma base já flexionada. Os sete TIPOS de uso de {-STE} com PP são exemplificados a seguir, por ordem de frequência na amostra.

(130) *Jojo, que tiro foi esse, mulier??? Tu enkaralhástes na tia Fátima hoje. Tráááá @jojotodynho #amojojo* [TIPO 0]

(131) *Eu choreistes agora [...]* [TIPO 4]

(132) *AS MUCURA SECARAM TANTO O BOLINHO QUE ATÉ CAIU ! E A TITIA SE LASCASTES !* [TIPO 2]

(133) *Mar mana a siora freskastes óh![...]* [TIPO 1]

(134) *A pessoa casa, só vive assim, tá vendo [...] ? Macacleuza hooortaria: casoustes, lascoustes* [caso ambíguo]

(135) Razoste mucura chefa!!! [...] [TIPO 3]

(136) Eu não te avisestes .. Kkkkkk [TIPO V]

No caso do *Infinitivo*, o segundo mais frequente desse grupo, observa-se que ele ocorre em dois TIPOS de uso, cuja base verbal já se apresenta flexionada: no TIPO 6 (80,4%) e no TIPO V (19,6%), conforme respectivamente ilustrado abaixo.

(137) Tá nem suada sua redicula assim a senhora vai continuartes gordas como sempre [TIPO 6]

(138) [...] eu vou aprendestes pa dizestes que eu sei cuzinhar [TIPO V]

Como mencionado anteriormente, esse grupo de fatores, mais especificamente os fatores *pretérito perfeito do indicativo* e *presente do indicativo*, estão diretamente relacionados com o traço DMT Ø, um dos traços caracterizadores do uso canônico de {-STE}. Nesse sentido, em termos quantitativos, esse traço corresponde a 69% (576/831) das ocorrências desse grupo, que consiste na soma do percentual dos dois fatores acima mencionados.

No que se refere a *PP*, que pode ocorrer em diversos TIPOS de uso, por mais que sua presença implique DMT Ø, essa combinação só remete ao uso canônico se houver a presença de todos os outros traços caracterizadores atuando interativamente (base verbal; tema do verbo; P2; sujeito (tu)), o que só acontece no TIPO 0. Já no segundo caso, quando {-STE} está associado ao presente do indicativo, ainda que a DMT seja zero, por causa do tempo verbal em questão, será sempre um TIPO de uso inovador, porque remeterá ao uso do item agregado a uma base verbal já flexionada.

Retomando a questão dos traços acima referidos, ressaltamos que eles serviram de base tanto para a caracterização da configuração gramatical de {-STE}, quanto da categoria morfológica do item, cujos resultados são apresentados a seguir.

- **Categoria morfológica de {-STE}/Função sintática de P2**

Da mesma maneira que procedemos em relação ao grupo de fatores *pessoa do discurso* (que incorporou o fator *sujeito* do grupo *função sintática de P2*), também a *categoria morfológica de {-STE}* incorpora o fator *objeto/clítico* do grupo *função sintática de P2*. Esse

grupo é composto pelos seguintes fatores: *sufixo flexional*, *espécie de sufixo derivacional*, *espécie de clítico* e *caso ambíguo*. A Tabela 5 expõe os resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 5 – Correlação entre categoria morfológica de {-STE} e TIPOS de uso

Fatores		TIPO 0	TIPO 1	TIPO 2	TIPO 3	TIPO 4	TIPO 5	TIPO β	TIPO γ	TIPO 6	TIPO 7	Casos amb.	Total
Suf.	N	302	21	50	0	0	0	9	0	0	0	2	384
Flex.	%	78,6	5,5	13	0	0	0	2,3	0	0	0	0,6	36,6
Esp. Suf. Deriv.	N	0	0	0	18	128	25	0	0	190	218	12	591
	%	0	0	0	3	21,7	4,2	0	0	32,2	36,9	2	56,3
Esp. Clit. (P2 obj.)	N	0	0	0	0	0	0	0	65	0	0	0	65
	%	0	0	0	0	0	0	0	100	0	0	0	6,2
Amb.	N	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9	9
	%	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	100	0,9
Total		302	21	50	18	128	25	9	65	190	218	23	1.049

Fonte: elaborado pela autora

Em termos de distribuição geral dos dados na amostra, observa-se, na Tabela 5, que {-STE} é mais frequentemente usado como *espécie de sufixo derivacional*, o que corresponde a 56,3% das ocorrências; seguido de *sufixo flexional*, com 36,6% dos dados; e por *espécie de clítico*, com 6,2%, além de *ambíguo*, com 0,9%. Essa distribuição corrobora resultados já apresentados, uma vez que o status morfológico do item é um dos traços caracterizadores das configurações gramaticais, ou TIPOS de uso, estando diretamente relacionado aos contextos de base aos quais {-STE} se agrega. Os resultados totais ratificam a forte inclinação para o uso não canônico do item.

Em relação aos fatores *sufixo flexional* e *espécie de sufixo derivacional*, como explicitado na subseção anterior, eles se distribuem ao longo dos TIPOS de uso a partir de um gradiente categorial que consiste, por um lado, na atenuação do status flexional de {-STE}; e por outro, no aumento de seu status derivacional. Tal gradiente foi estabelecido a partir de uma escala de nove pontos, que está relacionada com os TIPOS de uso em que essas categorias morfológicas emergem. Tem-se, portanto, *sufixo flexional 1* (TIPO 0), 2 (TIPO 1), 3 (TIPO 2) e 4 (TIPO β); e *espécie de sufixo derivacional 1* (TIPO 3); 2 (TIPO 4); 3 (TIPO 5); 4 (TIPO 6) e 5 (TIPO 7), respectivamente exemplificados nas ocorrências a seguir.

(130) *tuélézé olhajá mana a senhora era um projeto do Berg Guerra. Deus sabe o que faixxxx ainda bem que tu te salvastes dessa época do passa fome ne mana!* [SF1 TIPO 0]

(131) *A siora tiraste do yt tb né fuleira* [SF2 TIPO 1]

ressaltamos um ponto importante. Observe na Tabela 5 o percurso de distribuição frequencial de {-STE}. No TIPO 3, que corresponde ao menor status derivacional de {-STE}, a frequência do item é baixa, no TIPO 4 ela aumenta de forma significativa, baixa drasticamente no TIPO 5 e volta a aumentar bastante significativamente nos TIPOS 6 e 7, que correspondem ao maior status derivacional do item.

O esperado em relação à distribuição das ocorrências dessa categoria era que a frequência de {-STE} fosse gradativamente aumentando à medida que seu status derivacional fosse sendo fortalecido ao longo dos TIPOS vinculados. Mas o que ocorre na amostra analisada vai parcialmente na contramão dessa hipótese. O aumento substancial das ocorrências do TIPO 4 parece estar associado a um ponto já comentado anteriormente, mais especificamente ao discutirmos os resultados do grupo de fatores *pessoa do discurso* e que remete ao fato de que é nesse TIPO que, de acordo com os critérios que foram definidos para a análise, uma das principais restrições do uso canônico de {-STE} é rompida: a associação à segunda pessoa do discurso, mais diretamente a forma *tu*, na posição sintática de sujeito.

O rompimento desse traço restritivo amplia as possibilidades de pessoas do discurso que podem se combinar com o referido item e acreditamos que por causa disso esse TIPO de uso possui uma alta produtividade na amostra. Como ele está situado entre dois TIPOS menos frequentes, sua distribuição frequencial acaba não sendo gradativa, mas um tanto abrupta, indo de encontro ao que inicialmente prevíamos.

Nesta subseção apresentamos e discutimos a distribuição de cada grupo e seus respectivos fatores correlacionados aos diferentes tipos de funcionamento de {-STE} – tipo de base; pessoa do discurso/função sintática de P2; tempo e modo da base verbal e categoria morfológica de {-STE} –, considerando tanto a frequência geral de cada fator na amostra como a correlação entre os fatores e os TIPOS de uso.

De um modo geral, observamos que {-STE} é mais produtivo quando (i) está agregado a uma base verbal já flexionada (41,8%); (ii) está associado a P2 sujeito (*tu*) e (P1) (37,4% e 28% respectivamente); (iii) está agregado a um verbo no PP (66,3%) em que DMT é zero; e (iv) assume traços da categoria morfológica não prototípica de *espécie de sufixo derivacional* (56,3%).

Na seção a seguir, que consiste na segunda etapa metodológica da investigação,

analisamos as ocorrências de {-STE} em relação ao uso variável das formas.

5.2 O USO VARIÁVEL DE {-STE}

Esta seção se refere à segunda etapa da análise (cf. Seção 4.5) e consiste na descrição e discussão dos resultados a respeito do uso variável de {-STE} na amostra. Nesta etapa, verificamos como as formas alternativas de realização do referido item estão distribuídas em relação (i) às ocorrências gerais da amostra; (ii) a cada uma das diferentes bases contextuais a que se agregam; e (iii) aos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos correlacionados.

Com relação às ocorrências gerais, a Tabela 6 exhibe a distribuição numérica e percentual de cada uma das treze formas alternativas em que {-STE} se apresenta.

Tabela 6 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação às ocorrências gerais

Formas de realização de {-STE}	N %
<i>-stes</i>	605 57,7
<i>-rtes</i>	273 26
<i>-ste</i>	135 12,8
<i>-rte</i>	12 1,1
<i>-stis</i>	8 0,8
<i>-rtex</i>	4 0,4
<i>-rtis</i>	4 0,4
<i>-stesh</i>	2 0,2
<i>-stex</i>	2 0,2
<i>-stesz</i>	1 0,1
<i>-stays</i>	1 0,1
<i>-rtix</i>	1 0,1
<i>-rtyx</i>	1 0,1
Total	1.049 100

Fonte: elaborado pela autora

Observa-se, na Tabela 6, que, das treze formas, duas delas correspondem às mais produtivas da amostra analisada: *-stes*, com 57,7% e *-rtes*, com 26%, sendo seguidas pela

DNP standard de P2 *-ste*, com 12,8%. Esse resultado é significativo, pois evidencia não só a variação fonológica que envolve o enfraquecimento da fricativa palatal /s/ gerando formas aspiradas, mas também uma possível hipercorreção com acréscimo de *-s* ao item, morfema que indica P2 nos tempos verbais distintos de PP. Além disso, acentua o contraste entre as realizações de {-STE} com e sem o *-s* final, o que parece já sinalizar para um uso ressignificado do item.

Considerando que as demais formas (à exceção de *-ste*) apresentam uma baixa recorrência, decidimos amalgamá-las em duas macroformas, com base na frequência das ocorrências que iniciam com /s/ e com /r/: <-ste>, que inclui *-ste*, *-stes*, *-stex*, *-stis*, *-stex*, *-stesh*, *-steys*; e <-rte>, que compreende *-rte*, *-rtes*, *-rtex*, *-rtis*, *-rtix*, *-rtyx*.⁸⁹ E é a partir dessas macroformas, tomadas como representantes abstratas das variantes (uma espécie de *types* das ocorrências), que analisamos comparativamente como se dá a distribuição nas diferentes bases contextuais a que se agregam – *base verbal canônica*; *base verbal não canônica* e *base não verbal* (na qual estão incluídas as ocorrências de *palavras de origem estrangeira*).

Como mencionado na hipótese específica 2 (cf. Seção 4.4), acreditamos que o funcionamento de {-STE} bem como seu uso variável – ou seja, as diferentes formas de realização do item – está correlacionado com doze grupos de fatores. São eles: (a) sete de natureza linguística: tipo de base, pessoa do discurso, função sintática de P2, tempo e modo da base verbal, categoria morfológica de {-STE}, classe gramatical da *base não verbal*, item lexical; e (b) cinco de natureza extralinguística: origem do dado, gatilho, conteúdo do post, natureza do comentário e data de publicação. Como procedimento analítico, as três bases contextuais (*base verbal canônica*, *base verbal não canônica* e *base não verbal*) são tratadas nesta etapa como subamostras e são examinadas comparativamente em relação à correlação dos grupos de fatores com as macroformas utilizadas.

Além disso, esclarecemos mais três pontos: (i) assim como na seção anterior, alguns fatores que integram os grupos acima mencionados foram amalgamados por apresentarem informações sobrepostas e/ou comportamento similar. Desse modo, no que se refere ao grupo *função sintática de P2*, o fator *sujeito* foi combinado com *P2 (tu)* e *P2 (outras formas)* – no grupo de fatores *pessoa do discurso*; e o fator *objeto*, com *espécie de clítico* (do grupo de fatores *categoria morfológica de {-STE}*); (ii) quanto às bases contextuais, decidimos não

⁸⁹A opção pela representação das macroformas por <-ste> e <-rte> (embora não correspondam a formas de realização mais frequentes na amostra) deve-se ao fato de elas remeterem mais diretamente a P2.

incluir os resultados relativos à base ambígua uma vez que apresentam poucas ocorrências (10 dados), nesse sentido, nesta seção os resultados apresentados dizem respeito a 1.039 dados e (iii) no que se refere ao grupo de fatores *classe gramatical da base não verbal*, seus resultados não são analisados de modo comparativo, tendo em vista que só se aplica a uma das três bases contextuais. Além disso, fazemos a seguinte ressalva: em alguns grupos de fatores a análise é mais direcionada para as macroformas e em outros o olhar para o funcionamento da forma matriz será mais relevante.

Tendo esclarecido tais pontos, passemos para os resultados.

Antes de apresentar as correlações entre os fatores dos diferentes grupos e as formas alternativas de realização de {-STE}, expomos, na Tabela 7, a distribuição das macroformas nas três bases contextuais, que, como já mencionado, serão tomadas adiante como subamostras para efeitos de comparação. Na sequência, as Tabelas 8 e 9 exibem a distribuição detalhada das formas que compõem cada uma das macroformas. E, por fim, consideramos importante também observar como tais macroformas se distribuem nos TIPOS de uso de {-STE} (descritos e analisados na Seção 5.1). Esses resultados são apresentados na Tabela 10.

Em relação à variação, verifica-se nos resultados da Tabela 7 que, embora <-ste> se apresente como a mais produtiva nas três bases contextuais, é na *base verbal não canônica* e na *base não canônica* que a competição com <-rte> é mais evidente, já que nessas bases a taxa de distribuição das variantes fica na casa aproximada de 65% vs. 35% (com incidência um pouco mais alta na terceira base), em contraste com a *base verbal canônica* em que o percentual se aproxima de 87% vs. 13%.

Tabela 7 – Distribuição das macroformas de {-STE} em relação às bases contextuais

Bases contextuais		<-ste>	<-rte>	Total
Base verbal canônica	N	262	40	302
	%	86,8	13,2	29,1
Base verbal não canônica	N	337	182	519
	%	64,9	35,1	49,9
Base não verbal	N	148	70	218
	%	67,9	32,1	21
Total	N	747	292	1.039
	%	71,9	28,1	100

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 8, que expõe os resultados da distribuição das formas de realização de <-ste>, indica que, das sete formas que compõem essa macroforma, *-stes* é a mais frequente, mesmo

em bases contextuais mais inovadoras, como a *verbal não canônica* (91,6%) e a *não verbal* (82,1%).

De um modo geral, considerando a frequência com que *-stes* vem sendo usada nas três bases contextuais, o caminho natural parece ser o de que ela continue suplantando as outras formas de realização, incluindo *-ste*, a forma standard, e nesse sentido venha a se tornar a representante majoritária dessa macroforma nos três contextos de base em que é utilizada, o que poderia vir a evidenciar uma situação de *especialização por generalização* (HOPPER, 1991).

Tabela 8 – Distribuição das formas de realização de <-ste> em relação às bases contextuais

Base verbal canônica				Base verbal não canônica					Base não verbal						
<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	T	<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-stesh</i>	T	<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-steys</i>	<i>-stez</i>	T
47	187	1	262	42	224	4	1	2	273	7	136	3	1	1	148
28,4	71,4	0,4	100	15,4	82,1	1,5	0,4	0,7	100	4,8	91,6	2	0,7	0,7	100

Fonte: elaborado pela autora

Por outro lado, ainda que a produtividade de *-stes* seja alta nas três bases, na *base verbal canônica* ela é relativamente mais baixa porque *-ste* ainda é usada nessa base com uma frequência relevante (quase 30%) em face das demais bases, o que significa que nesse contexto a forma standard e a inovadora ainda podem ser interpretadas como concorrentes.

No que se refere às *bases verbal canônica* e *não verbal*, embora *-stes* seja a ocorrência mais produtiva, essas duas bases contam com uma recorrência significativa da outra macroforma (<-rte>) – mais especificamente *-rtes*, com 152 ocorrências na *base verbal não canônica* e 67 na *base não verbal*, como podemos observar na Tabela 9.

Tabela 9 – Distribuição das formas de realização de <-rte> em relação às bases contextuais

Base verbal canônica			Base verbal não canônica							Base não verbal		
<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	T	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtyx</i>	<i>-rtis</i>	T	<i>-rtes</i>	<i>-rtis</i>	T
4	36	40	7	152	4	1	1	1	166	67	3	70
10	90	100	4,2	91,6	2,4	0,6	0,6	0,6	100	95,7	4,3	100

Fonte: elaborado pela autora

Tendo isso em vista, ainda que o uso variável de {-STE} ao longo das bases indique que as formas que integram <-ste> sejam as mais produtivas da amostra, em alguns contextos

específicos tais formas podem se mostrar em situação de concorrência com <-rte>, podendo, inclusive a forma aspirada ser a mais frequente em certos contextos. É o que verificamos a partir dos resultados da Tabela 10, que exhibe a distribuição das macroformas em relação aos TIPOS de uso do item, os quais correspondem a diferentes configurações gramaticais (cf. Seção 5.1).

Considerando que {-STE} pode ocorrer em nove TIPOS de configurações gramaticais, além de sua configuração canônica (base verbal; tema do verbo, P2 (sujeito tu); verbo no PP; sufixo flexional: DMT zero e DNP) e casos ambíguos, verifica-se na Tabela 10 que <-ste> é a macroforma mais usada, sobretudo nos TIPOS que, como vimos na seção anterior, ainda mantêm a maioria dos traços caracterizadores do uso canônico, como o TIPO 0 (vinculado à *base verbal canônica*), TIPO 1, TIPO 2 e TIPO β (vinculados à *base verbal não canônica*).

Nos demais TIPOS – 3, 4, 5, Υ , 6 (vinculados à *base verbal não canônica*) e 7 (vinculados à *base não verbal*) – note-se que apesar de <-ste> ser a mais recorrente, o uso da forma aspirada <-rte> é cada mais frequente à medida que as regras que restringem sua configuração gramatical canônica são rompidas, o que ocorre de modo mais saliente nos TIPOS Υ e 6 (TIPOS em que {-STE} assume novas categorias morfológicas: *espécie de clítico* e *espécie de sufixo derivacional* 4, respectivamente).

Tabela 10 – Distribuição das macroformas de {-STE} e TIPOS de uso

TIPOS de uso		<-ste>	<-rte>	Total
TIPO 0	N	262	40	302
	%	86,8	13,2	29,1
TIPO 1	N	18	3	21
	%	85,7	14,3	2
TIPO 2	N	38	12	50
	%	76	24	4,8
TIPO 3	N	14	4	18
	%	77,8	22,2	1,7
TIPO 4	N	114	14	128
	%	89,1	10,9	12,3
TIPO 5	N	20	5	25
	%	80	20	2,4
TIPO β	N	8	1	9
	%	88,9	11,1	0,9
TIPO Υ	N	33	32	65
	%	50,8	49,2	6,3
TIPO 6	N	84	106	190
	%	44,2	55,8	18,3
TIPO 7	N	148	70	218
	%	67,9	32,1	21
Casos ambíguos	N	8	5	13
	%	61,5	38,5	1,3
Total	N	747	292	1.039
	%	71,9	28,1	100

Fonte: elaborado pela autora

Nesses dois últimos TIPOS, acontecem os dois cenários mencionados anteriormente, isto é, (i) apesar da recorrência de <-ste> em quase todos os TIPOS de uso, no TIPO V sua distribuição se dá de modo equilibrado com <-rte>, evidenciando a situação de concorrência entre as duas macroformas; (ii) já no TIPO 6 <-rte> é mais frequente que <-ste> (55,8% vs 44,2%), indicando que nesse TIPO de uso a macroforma aspirada pode vir a se tornar a representante majoritária. Provavelmente uma das razões para que a forma aspirada seja a mais frequente nesse TIPO de uso é porque há uma alta incidência de verbos no infinitivo cuja terminação é em -r, o que teria induzido ao maior uso da macroforma <-rte>. Somado a isso, acredita-se que a ocorrência de tal macroforma, pelo menos na base contextual a que está vinculada (*base verbal não canônica*), se dê porque seu uso configura-se também como uma importante quebra de restrição que se correlaciona com a emergência dos novos TIPOS de {-STE} na amostra.

Depreende-se desses resultados que, em geral, a distribuição de <-ste> se apresenta como a mais produtiva da amostra, mas é sobretudo em contextos altamente específicos que podemos observar situações divergentes, as quais são relevantes para o objeto desta pesquisa. Tendo isso em vista, apresentamos a seguir os resultados detalhados acerca dos contextos linguísticos e extralinguísticos (grupos de fatores) correlacionados ao funcionamento e uso variável de {-STE}.

- **Tipo de base**

O grupo *tipo de base*, cujos resultados são apresentados na Tabela 11, se aplica ao total das ocorrências consideradas nesta seção (1.039 dados) e possui os seguintes fatores: *tema do verbo* (382 dados); *base flexionada* (489 dados); *base não verbal* (198 dados); *palavras de origem estrangeira* (20 dados) e *base ambígua* (10 dados). Entretanto, a análise desse grupo se direciona mais diretamente aos quatro primeiros fatores, já que a *base ambígua* remete ao *contexto de base ambígua*, cujos resultados não são analisados nesta seção.

Antes de comentarmos os resultados expostos na tabela, cabe um esclarecimento acerca da leitura dos números nesta e nas tabelas seguintes: os percentuais relativos às macroformas são calculados em relação ao seu total de ocorrências em cada fator nas respectivas bases contextuais (leitura horizontal). Já os percentuais na coluna do total em cada base são calculados em relação ao total de ocorrências da respectiva base, e o total geral da última coluna é calculado com base no total de dados analisados (leitura vertical).

Tabela 11 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e os tipos de base

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
Tema do verbo	N	262	40	302	64	16	80	0	0	0	382
	%	86,8	13,2	100	80	20	15,4	0	0	0	36,8
Base flexionada	N	0	0	0	273	166	439	0	0	0	439
	%	0	0	0	62,2	37,8	84,6	0	0	0	42,2
Base não verbal	N	0	0	0	0	0	0	131	67	198	198
	%	0	0	0	0	0	0	66,2	33,8	90,8	19,1
Palavras de origem estrangeira	N	0	0	0	0	0	0	17	3	20	20
	%	0	0	0	0	0	0	85	15	9,2	1,9
Total	N	262	40	302	337	182	519	148	70	218	1.039
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100	67,9	32,1	100	

Fonte: elaborado pela autora

Os resultados categóricos (expressos por zero na tabela) não devem causar estranhamento, pois são naturalmente esperados já que fazem parte da caracterização das respectivas bases contextuais. O fator *tema do verbo* (Rd + VT), presente nos contextos de base verbal (canônico e não canônico), embora seja bem mais recorrente em números absolutos na primeira base contextual, correlaciona-se de modo semelhante em termos frequenciais com as macroformas em ambas as bases, com uma leve vantagem de <-ste> em relação a <-rte> na *base verbal canônica* (<-ste> = 86,8% na *base verbal canônica* e 80% na *base verbal não canônica*). Isso mostra que a diferença na realização de <-ste> e <-rte> entre as bases em relação ao tema do verbo está apenas no número de ocorrências das variantes, já que a frequência das formas alternativas é semelhante em ambos os contextos.

A *base flexionada*, por sua vez, só se correlaciona com as macroformas na *base verbal não canônica*, com quase o dobro de ocorrências de <-ste> (62,2%) em relação a <-rte> (37,8%) nesse contexto. Nesse caso, é importante a leitura vertical da tabela, considerando comparativamente os dois fatores que constituem a *base verbal não canônica*: embora o uso de ambas as macroformas seja bem mais recorrente com a *base flexionada*, o percentual de <-ste> é bem maior quando associado ao *tema do verbo* (80%). O dado mais relevante em relação à *base flexionada* é que este é o tipo de base em que <-rte> encontra seu maior espaço de realização ($166/292 = 57\%$).⁹⁰

⁹⁰Esse resultado se dá a partir da correlação entre o total de ocorrências gerais de <-rte> (292 dados, cf Tabela 7) e na base flexionada na *base verbal não canônica* (166 dados, cf Tabela 11).

A distribuição das variantes na *base não verbal* apresenta-se similar àquela da base flexionada em *base verbal não canônica*: predomínio de <-ste> (66,2%) sobre <-rte> (33,8%). Esse tipo de base é o segundo mais propício à realização de <-rte> ($67/292 = 23\%$).

Nas *palavras de origem estrangeira*, as variantes se comportam em termos frequenciais da mesma maneira que no fator *tema do verbo* em *base verbal canônica*: <-ste> (85%) é quase seis vezes mais usado que <-rte> (15%).

Como os fatores desse grupo mantêm uma forte associação com as bases contextuais analisadas, os resultados apresentados na Tabela 11 nos levam a algumas conclusões que já mencionamos anteriormente, ao comentar sobre a distribuição das macroformas em relação às bases contextuais: <-ste> é a forma mais produtiva nos três tipos de base a que se agrega e nos três contextos de base em que é utilizada. Entretanto, tal produtividade se dá de maneira mais significativa nos fatores *tema do verbo* e *palavras de origem estrangeira*, em que a referida forma apresenta frequência próxima dos 90%, evidenciando, portanto, uma maior predominância nesses dois contextos de uso.

- **Classe gramatical da base não verbal**

Em relação ao tipo de *base não verbal* (198 ocorrências), observamos que {-STE} se agrega a diferentes classes gramaticais. São elas: *substantivo* (76 dados); *adjetivo* (23 dados); *advérbio* (21 dados); *pronome* (5 dados); *conjunção* (6 dados) e *expressão* (67 dados), que constituem esse grupo de fatores, cujos resultados são apresentados na Tabela 12.

A referida tabela evidencia que no tipo de *base não verbal*, {-STE} é agregado com uma maior recorrência a substantivos e expressões e dentre as duas macroformas de realização, <-ste> é a mais utilizada pelos membros da Tal Qual Dublagens, com 64,5% e 77,6% nessas classes gramaticais, respectivamente. A forma aspirada (<-rte>) é mais utilizada em classes mais específicas como em advérbios e em conjunções, com 66,7% em cada.

Tabela 12 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e a classe gramatical da base não verbal

Fatores		<-ste>	<-rte>	Total
Substantivo	N	49	27	76
	%	64,5	35,5	38,4
Adjetivo	N	17	6	23
	%	74	26	11,6
Advérbio	N	7	14	21
	%	33,3	66,7	10,6
Pronome	N	3	2	5
	%	60	40	2,5
Conjunção	N	2	4	6
	%	33,3	66,7	3
Expressão	N	52	15	67
	%	77,6	22,4	33,9
Total	N	130	68	198
	%	65,6	34,4	100

Fonte: elaborado pela autora

Em relação a esse grupo de fatores, tecemos mais alguns comentários. Considerando nossa amostra de análise, observamos que alguns dos itens lexicais que fazem parte da classe *substantivo*, como: *bodó*; *jaraqui*; *tucumã*; *Zezinho Correa*; *Cunhã Poranga* (exemplificados nas ocorrências a seguir), remetem fortemente a elementos da cultura da Região Norte, mais especificamente de Manaus, de onde a “titia Tal Qual” e grande parte dos membros da Tal Qual Dublagens são naturais.

(140) *Piseistes no **bodostes** kkkk*

(141) *A senhora rai pegá bodó ou **jaraquistes** com isso titia? [...]*

(142) *Titia por acarro tu és dona de Manaus? Pq eu sou daí [...] e moro no RJ bem patricia, e quando digo que sou de manaus o povo logo fala lá da terra da tia tal qual ? Tu és tombadora mesmo né égua!! quando a siora vem aqui heim tia ? Quando vier traga **tucumaãrtes** pra mim tia pq aqui tem porra nenhuma beijo sua*

(143) *Esse loiro poderia ser o **Zezinho Correastes** [...]*

(144) *Mereço ganhartes porquertes sou como a senhora. Amazonense guerreira da tribo pregas pra sempre. **Cunhãneres poranga** do boi mais boi que existe (o vizinho). Pq eu acompanho a senhora desde que era so uma bichinha desconhecida que fazia dublagens de novela bem tal qual.. Mudourtes nada, só ficourtes conhecida na tribo inteira. Mereço ganhartes pq quero dar um abraço e tirar uma foto com a minha idÁlá titia caralhenta. E eu não escrevi uma frase, escrevi foi um jornal inteiro. Te amo apertada!*

Além desses vocábulos, verifica-se que {-STE} também é agregado a algumas *expressões* que são utilizadas pela comunidade LGBT, como por exemplo: *boca de se fuder*, em (145) e *apertada como uma bacia*, em (146), sendo essa última fortemente associada à artista transsexual Leona Vingativa, como mostra a Figura 12.

(145) *Má titia ela correu com medo de ti, porque tú é boca de se fudestes e de comertes! Nhaaaaaaa!!!*

(146) *Só faltou dizer q é apertada como uma baciastes! [...]*

Figura 12 – Publicação na página de Leona Vingativa no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/LeonaVOfficial/>

Considerando a descrição da comunidade (Seção 4.2) e o perfil de seus membros, esses dados sugerem que os recursos linguísticos utilizados por esses sujeitos durante a interação na página estão relacionados a certas características, como por exemplo, a naturalidade e a orientação sexual, de modo que os significados atribuídos a esses signos, nesse caso, {-STE}, estejam associados, em certa medida, com tais características. Discussão essa que retomamos e aprofundamos na seção seguinte.

- **Pessoa do discurso**

Esse grupo de fatores, cujos resultados são apresentados na Tabela 13, se aplica a 974 dados e está composto por oito fatores: *P1* (275 dados); *P2 (suj. tu)* (369 dados); *P2 (suj. outras formas)* (132 dados); *P3* (133 dados); *P4* (25 dados); *P5* (3 dados); *P6* (2 dados) e *ambíguo* (35 dados).

Os resultados da Tabela 13 evidenciam que embora <-ste> seja a forma mais produtiva nas três subamostras analisadas, sua maior frequência está relacionada somente com alguns fatores, como por exemplo *P2 (suj. tu)* na *base verbal canônica* (86,8%); *P1* e *P3* na *base verbal não canônica* (73,1% e 64,5 respectivamente); e *P1*, *P2 (suj. outras formas)*, *P3* e *ambíguo* na *base não verbal* (69,2%, 66,7%, 65,4% e 66,7% respectivamente).

Tabela 13 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e a pessoa do discurso

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
P1	N	0	0	0	163	60	223	36	16	52	275
	%	0	0	0	73,1	26,9	43	69,2	30,8	34	28,2
P2 (suj. outras formas)	N	0	0	0	50	34	84	32	16	48	132
	%	0	0	0	59,5	40,5	16,2	66,7	33,3	31,4	13,5
P2 (suj. tu)	N	262	40	302	30	21	51	7	9	16	369
	%	86,8	13,2	100	58,8	41,2	9,8	43,8	56,2	10,5	37,9
P3	N	0	0	0	69	38	107	17	9	26	133
	%	0	0	0	64,5	35,5	20,6	65,4	34,6	17	13,6
P4	N	0	0	0	6	13	19	2	4	6	25
	%	0	0	0	31,6	68,4	3,7	33,3	66,7	3,9	2,6
P5	N	0	0	0	1	2	3	0	0	0	3
	%	0	0	0	33,3	66,7	0,6	0	0	0	0,3
P6	N	0	0	0	0	0	0	1	1	2	2
	%	0	0	0	0	0	0	50	50	1,3	0,2
Ambíguo	N	0	0	0	18	14	32	2	1	3	35
	%	0	0	0	56,2	43,8	6,2	66,7	33,3	2	3,7
Total	N	262	40	302	337	182	519	97	56	153	974
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100	63,4	36,6	100	100

Fonte: elaborado pela autora

Mais especificamente no que se trata da correlação desse grupo com a *base verbal não canônica* e *base não verbal*, observa-se dois cenários interessantes e que parecem ir na direção contrária à tendência geral que depreendemos da Tabela 13. O primeiro remete a um certo equilíbrio na distribuição de <-ste> e <-rte>, como por exemplo em *P2 (suj. tu)* e *ambíguo* na *base verbal não canônica* (58,8% e 41,2%; e 56,2% e 43,8% respectivamente); e em *sujeito P2 (suj. tu)* e *P6* na *base não verbal* (43,8% e 56,2%; e 50% e 50% respectivamente). No caso de *sujeito P2 (suj. tu)*, nesse contexto de base, a distribuição é relativamente equilibrada, mas a forma aspirada corresponde à mais frequente, o que introduz

o segundo cenário que observamos. Isto é, quando {-STE} está associado a *P4* e *P5* na *base verbal não canônica* e a *P4* na *base não verbal*, a forma mais frequente é <-rte> (com 68,4%, 66,7% e 66,7% respectivamente); e não <-ste>.

Nessas situações, chegamos ao entendimento de que ainda que a forma aspirada não seja a mais produtiva da amostra, seu uso está mais fortemente associado a alguns contextos específicos, que remetem a usos não canônicos, portanto inovadores, tanto no que se trata da pessoa do discurso, quanto da base contextual em que é utilizada.

Retomando alguns dados, em relação a *P2 (suj. tu)*, que se configura como um dos traços caracterizadores do uso canônico de {-STE}, observa-se que forma standard e inovadora (<-ste> e <-rte>, respectivamente) se distribuem de duas maneiras diferentes. Na *base verbal canônica*, <-ste> se apresenta como a mais frequente, representando quase 90% das ocorrências desse fator nessa base. Entretanto, nas demais bases contextuais, a distribuição das variantes associadas a *P2 (suj. tu)* se dá de forma equilibrada, o que aponta para uma situação de competição entre as formas. Na *base não verbal*, a base contextual mais inovadora, <-rte> já se mostra como a mais frequente, ainda que não de forma substancial. A expectativa é de que ela venha a se tornar a forma mais recorrente, pelo menos no que se refere a essa pessoa do discurso, nessa base contextual. Lembramos que nesse tipo de contexto as pessoas do discurso são captadas no enunciado mais amplo.

Por fim, cabe salientar que a presença de *P2* (seja com *tu* seja com outras formas) nas três bases contextuais assegura o caráter interpessoal de {-STE}, embora o significado referencial tipicamente associado à forma fonte na *base verbal canônica* vá se esmaecendo nos demais contextos.

- **Tempo e modo da base verbal**

Esse grupo de fatores, cujos resultados são apresentados na Tabela 14, se aplica a 821 dados e integra dez fatores: *Presente do Indicativo* (25 dados); *Pretérito Perfeito do Indicativo* (543 dados); *Pretérito Imperfeito do Indicativo* (1 dado); *Futuro do Indicativo* (5 dados); *Presente do Subjuntivo* (2 dados); *Pretérito Imperfeito do Subjuntivo* (3 dados) *Imperativo* (7 dados); *Infinitivo* (224 dados); *Gerúndio* (8 dados) e *Ambíguo* (3 dados). No que se refere às bases contextuais esse grupo de fatores está correlacionado somente com as bases *verbal canônica* e *verbal não canônica*, haja vista que o funcionamento da *base não*

verbal independe do tempo e modo verbal, uma vez que nesse contexto de base, {-STE} não se agrega a um verbo.

Tabela 14 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e o tempo e modo da base verbal

Fatores	Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Total
	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
Pres. Ind.	N	0	0	0	20	5	25
	%	0	0	0	80	20	4,8
PP	N	262	40	302	200	41	241
	%	86,8	13,2	100	83	17	46,4
Pret. Imp. Ind.	N	0	0	0	1	0	1
	%	0	0	0	100	0	0,2
Fut. Ind.	N	0	0	0	5	0	5
	%	0	0	0	100	0	1
Pres. Subj.	N	0	0	0	2	0	2
	%	0	0	0	100	0	0,4
Pret. Imp. Subj.	N	0	0	0	3	0	3
	%	0	0	0	100	0	0,6
Imper.	N	0	0	0	4	3	7
	%	0	0	0	57,1	42,9	1,3
Inf.	N	0	0	0	92	132	224
	%	0	0	0	41,1	58,9	43,2
Ger.	N	0	0	0	8	0	8
	%	0	0	0	100	0	1,5
Amb.	N	0	0	0	2	1	3
	%	0	0	0	66,7	33,3	0,6
Total	N	262	40	302	337	182	519
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere à *base verbal canônica*, como remete ao uso canônico de {-STE}, suas formas de realização se agregam categoricamente a um verbo no pretérito perfeito do indicativo (302 dados) e, assim como em outros fatores associados a esse contexto de base (*tema do verbo* e *P2 (suj. tu)*), <-ste> corresponde à forma mais frequente, com 86,8%. Na *base verbal não canônica*, *PP* também é o mais usado (241 dados), mas coexiste com outros nove fatores, sendo o *infinitivo* o segundo mais recorrente (224 dados). Nessa base contextual, *PP* se correlaciona fortemente com <-ste> (83%) enquanto o *infinitivo* se associa mais à forma aspirada <-rte> (58,9%).

Até o momento, a produtividade apresentada por <-rte> no infinitivo ainda não é suficiente para afirmar que a referida macroforma corresponde à representante majoritária desse contexto de uso, mas nossa expectativa é de que isso pode vir a acontecer, caso os usos inovadores de {-STE} não deixem de ser realizados ao longo do tempo pelos membros da Tal Qual Dublagens.

- **Categoria morfológica de {-STE}**

Esse grupo de fatores, cujos resultados estão dispostos na Tabela 15, se aplica ao total de ocorrências considerados para esta seção (1.039 dados) e está composto por quatro fatores: *sufixo flexional* (382 dados); *espécie de sufixo derivacional* (591 dados); *espécie de clítico (P2 objeto)* (65 dados) e *ambíguo* (1 dado), que ocorrem em cada uma das três bases contextuais em análise. Novamente temos resultados categóricos para a *base verbal canônica* e a *base não verbal*. Mesmo assim, decidimos mantê-los na tabela para melhor visualização comparativa.

Tabela 15 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e a categoria morfológica

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
Sufixo Flexional	N	262	40	302	64	16	80	0	0	0	382
	%	86,8	13,2	100	80	20	15,4	0	0	0	36,8
Espécie de sufixo derivacional	N	0	0	0	239	134	373	148	70	218	591
	%	0	0	0	64,1	35,9	71,9	67,9	32,1	100	56,9
Espécie de clítico (P2 objeto)	N	0	0	0	33	32	65	0	0	0	65
	%	0	0	0	50,8	49,2	12,5	0	0	0	6,2
Ambíguo	N	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1
	%	0	0	0	100	0	0,2	0	0	0	0,1
Total	N	262	40	302	337	182	519	148	70	218	1.039
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100	67,9	32,1	100	100

Fonte: elaborado pela autora

Na *base verbal canônica*, {-STE} exerce categoricamente o papel de *sufixo flexional* (302 dados) e a forma mais frequente é <-ste>, com 86,8% das ocorrências (reafirmando resultados já apresentados). Em contraponto, na *base não verbal*, {-STE} se realiza apenas como *espécie de sufixo derivacional* (218 dados), categoria em que <-ste> também é mais frequente (67,9%), mas que abre mais espaço para a realização de <-rte> (32,1%) em relação à *base verbal canônica*.

Na *base verbal não canônica*, o referido item pode assumir as três categorias envolvidas. Como *sufixo flexional* (80 dados) e como *espécie de sufixo derivacional* (373 dados), <-ste> é a forma mais recorrente dessa base, correspondendo a 80% e 64,1% respectivamente. Mas como *espécie de clítico (P2 objeto)*, <-ste> e <-rte> se apresentam com uma distribuição equilibrada (50,8% e 49,2% respectivamente).

Mais especificamente em relação às categorias *sufixo flexional* e *espécie de sufixo derivacional*, verificamos a distribuição das formas em relação ao gradiente categorial, conforme explicitado na seção anterior.

Desse modo, no que se refere ao *sufixo flexional*, que pode apresentar quatro graus de status flexional, observa-se que <-ste> é a forma mais recorrente, com 86,8% (262/302) no *sufixo flexional 1*; com 85,7% (18/21) no *sufixo flexional 2*; com 76% (38/50) no *sufixo flexional 3*; e com 88,9% (8/9) no *sufixo flexional 4*.

Já no que diz respeito ao fator *espécie de sufixo derivacional*, que apresenta 5 graus de status derivacional, <-ste> é mais frequente no *espécie de sufixo derivacional 1*, com 77,8% (14/18); no *espécie de sufixo derivacional 2*, com 89,1% (114/128); no *espécie de sufixo derivacional 3*, com 80% (20/25); e no *espécie de sufixo derivacional 5*, com 67,9% (148/218). No *espécie de sufixo derivacional 4*, <-rte> e <-ste> se distribuem de modo relativamente equilibrado, mas a forma aspirada se apresenta como a mais recorrente, com 55,8% e 44,2% respectivamente.

- **Item lexical**

Esse grupo, cujos resultados são apresentados na Tabela 16, se aplica somente aos itens lexicais aos quais {-STE} se agrega com mais recorrência, o que corresponde a um total de 482 dados. O critério de coleta para esse grupo de fatores foi que o item deveria ter, pelo menos, 10 ocorrências. A partir disso, detectamos 16 fatores: 12 deles são verbos e podem ocorrer tanto na *base verbal canônica*, quanto na *não canônica* – *arrasar* (165 dados); *lacrar* (10 dados); *grelhar* (20 dados); *lascar* (46 dados); *avisar* (13 dados); *fazer (passado)* (24 dados); *ir (passado)* (30 dados); *menstruar* (16 dados); *amar* (32 dados); *adorar* (47 dados); *pisar* (11 dados) e a locução *soube te criar* (12 dados) – e quatro são de outras classes gramaticais – *demais* (12 dados); *bodó* (13 dados); *cadê* (10 dados) e a expressão *puta que pariu* (13 dados).

Nos itens mais produtivos de cada base – *arrasar* (133 dados) na *base verbal canônica*; *adorar* (47 dados) na *base verbal não canônica* e *bodó* e *puta que pariu* (13 dados cada), <-ste> se apresenta como a forma mais frequente, com 89,5%, 91,5%, 92,3% e 100% respectivamente. Apesar da forma aspirada ser a mais recorrente em alguns itens, como em *demais* (base não verbal), com 91,7%; *menstruar* (*base verbal canônica*), com 60% e *grelhar*

(*base verbal não canônica*), com 57,1%, a baixa produtividade desses itens nesse grupo de fatores não evidencia uma relevância em termos de frequência.

Tabela 16 – Correlação entre as macroformas de {-STE} e o item lexical

Base verbal canônica				Base verbal não canônica				Base não verbal						
Fatores		<-ste>	<-rte>	T	Fatores	<-ste>	<-rte>	T	Fatores	<-ste>	<-rte>	T		
Arrasar	N	119	14	133	Arrasar	N	25	7	32	Demais	N	1	11	12
	%	89,5	10,5	68,9		%	78,1	21,9	13,7		%	8,3	91,7	25
Lacrar	N	7	0	7	Lacrar	N	2	1	3	Bodó	N	12	1	13
	%	100	0	3,6		%	66,7	33,3	1,3		%	92,3	7,7	27,1
Grelhar	N	10	3	13	Grelhar	N	3	4	7	Cadê	N	10	0	10
	%	76,9	23,1	6,7		%	42,9	57,1	3		%	100	0	20,8
Lascar	N	11	3	14	Lascar	N	22	11	32	Putaque pariu (e variações)	N	13	0	13
	%	78,6	21,4	7,3		%	66,7	33,3	13,7		%	100	0	27,1
Avisar	N	3	0	3	Avisar	N	9	1	10	Total	N	36	12	48
	%	100	0	1,6		%	90	10	4,3		%	75	25	100
Fazer	N	12	1	13	Fazer	N	11	0	11					
	%	92,3	7,7	6,7		%	100	0	4,7					
Ir	N	3	2	5	Ir	N	18	7	25					
	%	60	40	2,6		%	72	28	10,7					
Menstruar	N	2	3	5	Menstruar	N	6	5	11					
	%	40	60	2,6		%	54,5	45,5	4,7					
Total	N	167	26	193	Amar	N	21	11	32					
	%	86,5	13,5	100		%	65,6	34,4	13,7					
					Adorar	N	43	4	47					
						%	91,5	8,5	20,1					
					Soube te criar	N	6	6	12					
						%	50	50	5,1					
					Pisar	N	10	1	11					
						%	90,9	9,1	4,7					
					Total	N	176	58	234					
						%	75,2	24,8	100					

Fonte: elaborado pela autora

Independente da base em que ocorre, a vinculação de {-STE} aos itens *arrasar*, *lacrar* e *grelhar* parece indicar que os membros da Tal Qual Dublagens estabelecem, em alguma medida, uma relação entre o uso de {-STE} e o dialeto bajubá/pajubá (SILVA; PALHETA, 2008; BARROSO, 2017). Não estamos dizendo que {-STE} faz parte da linguagem gay, mas, de certa forma, os significados indexicalizados por esses itens podem ser espriados para {-STE}, mais especificamente para as formas utilizadas. Nessas condições, em alguns contextos

específicos, tais significados podem vir a fazer parte do campo indexical de {-STE} (ECKERT, 2008, 2018).

- **Origem do dado**

Esse grupo, cujos resultados são apresentados na Tabela 17, aplica-se ao total de ocorrências considerado para esta seção (1.039) e é composto por dois fatores: *post* (34 dados) e *comentário* (1.005 dados).

Tabela 17 – Correlação entre macroformas de {-STE} e origem do dado

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
Post	N	2	0	2	8	12	20	7	5	12	34
	%	100	0	0,7	40	60	3,9	63,6	36,4	5,5	3,3
Comentário	N	260	40	300	329	170	499	141	65	206	1.005
	%	86,7	13,3	99,3	65,9	34,1	96,1	68,4	31,6	94,5	96,7
Total	N	262	40	302	337	182	519	148	70	218	1.039
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100	67,9	32,1	100	100

Fonte: elaborado pela autora

Os dados do fator *post* referem-se mais especificamente às ocorrências de {-STE} presentes no *post escrito* publicado pelo criador da página Tal Qual Dublagens, Gustavo Libório ou “titia Tal Qual”, como é chamado pelos seus seguidores. Dos 34 dados, <-ste> é a forma mais usada na *base não verbal*, com 63,6%; e a única utilizada na *base verbal canônica*. Já na *base verbal não canônica*, que corresponde à maior quantidade de ocorrências desse fator (20 dados), <-rte> é a mais recorrente, com 60%. Considerando-se o total de *posts*, percebemos que o total de ocorrências de <-ste> e de <-rte> ao longo das três bases é exatamente a mesma ($17/34 = 50\%$ cada), indicando que ambas as macroformas são igualmente utilizadas pela “titia”, distinguindo-se, porém, quanto à base contextual, com predomínio de <-ste> na *base verbal canônica* e não verbal e de <-rte> na *base verbal não canônica*.

No que se refere aos *comentários*, observa-se que <-ste> é a forma mais frequentemente usada pelos seguidores: na *base verbal canônica*, com 86,7%; na *base verbal não canônica*, com 65,9% e na *base não verbal*, com 68,4%.

Considerando que o uso do referido item é introduzido na página através das publicações da “titia Tal Qual”, a baixa produtividade de {-STE} no *post* ao longo da amostra é bastante desproporcional à recorrência do item nos comentários e isso nos chamou a

atenção. Discussão essa que dialoga com os resultados do próximo grupo de fator, apresentados a seguir.

- **Gatilho**

Esse grupo, cujos resultados são apresentados na Tabela 18, se aplica ao total de ocorrências considerados nesta seção (1.039) e integra três fatores: *gatilho no post escrito* (249 dados); *gatilho na imagem* (14 dados); *não há gatilho no post* (776 dados).

Controlamos esse grupo de fatores com o intuito de observar se as ocorrências de {-STE} nos comentários dos seguidores/membros da Tal Qual Dublagens seriam desencadeados ou não pela presença do item no *post* realizado pela “titia Tal Qual”. Somado a isso, examinamos que forma é a mais recorrente nas três situações identificadas na tabela e observamos que, com exceção de *gatilho na imagem na base verbal não canônica* (com apenas 3 dados); <-ste> é a forma mais recorrente em todos os fatores e bases contextuais, porém com diferenças de frequência.

Em relação à *base verbal canônica*, <-ste> é usado em mais de 80% dos casos independentemente do fato de haver ou não gatilho, percentual que se aproxima do resultado para *gatilho no post escrito* e *gatilho na imagem em base não verbal*. Nos dados de *base não verbal*, o uso de <-ste> diminui para a casa dos 60%, seja com *gatilho no post escrito*, seja *sem gatilho*. Pode-se, no entanto, considerar que é na *base verbal não canônica* com presença de *gatilho no post escrito* e na *base não verbal sem gatilho* que a forma aspirada, tida como uso mais inovador, ganha mais espaço (com aproximadamente 40% de ocorrências nesses contextos).

Tabela 18 – Correlação entre macroformas de {-STE} e gatilho

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
Gatilho no post escrito	N	38	7	45	79	48	127	62	15	77	249
	%	84,8	15,6	14,9	61,9	38,1	24,5	80,5	19,5	35,3	24
Gatilho na imagem	N	6	0	6	1	2	3	4	1	5	14
	%	100	0	2	33,3	66,7	0,6	80	20	2,3	1,3
Não há gatilho no post	N	218	33	251	257	132	389	82	54	136	776
	%	86,9	13,1	83,1	66	34	74,9	60,3	39,7	62,4	74,7
Total	N	262	40	302	337	182	519	148	70	218	1.039
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100	67,9	32,1	100	100

Fonte: elaborado pela autora

Como se verifica na Tabela 18, a maior parte das ocorrências de {-STE} está relacionada à ausência de gatilho, o que pode indicar, que independentemente do referido item ser ou não usado pela “titia Tal Qual”, os membros da página o utilizam para interagir com a própria “titia” ou com os demais membros da comunidade. No entanto, acredita-se que grande parte da quantidade de ocorrências associada a esse fator pode se dever ao fato de não termos conseguido controlar a presença de gatilho nos vídeos publicados no post, porque a referida página foi removida do Instagram durante o período em que decidimos incluir esse fator na análise.⁹¹

Embora não tenhamos controlado quantitativamente tal aspecto, durante o fazer etnográfico na página, antes de ter sido removida, verificamos a existência de {-STE} em várias dublagens da “titia Tal Qual” e observamos que o *post* dessas dublagens parecia impulsionar ainda mais a realização de {-STE} nos comentários dos seguidores. Nesse sentido, entendemos que o uso do referido item nos comentários é fortemente, ainda que não completamente, desencadeado pela presença de {-STE} nas dublagens, que corresponde ao principal conteúdo da página.

Nessas condições, se grande parte dos resultados relativos ao fator *não há gatilho no post* fossem atribuídos a gatilho nas dublagens/vídeos, observaríamos que esse aspecto pode estar correlacionado com o aumento, ainda que não substancial, da frequência de <-rte> entre as bases contextuais envolvidas, o que parece indicar um processo de difusão dessa forma e, conseqüentemente, dos significados (referencial e social) que ela vincula.

Independentemente de não termos controlado esse fator (*gatilho nas dublagens/vídeos*) – o que pode sim ter influenciado nos resultados atribuídos aos fatores *não há gatilho no post* (do grupo *gatilho*) e *comentário* (do grupo *origem do dado*) –, o que fica evidente é que a emergência de novos usos de {-STE} que se inicia primeiramente com a “titia Tal Qual” é propagada significativamente pelos sujeitos que passam a se tornar membros da comunidade. Situação essa que pode ter impulsionado {-STE} a um processo de mudança linguística, que interpretamos como uma hipótese de gramaticalização, como explicitado na seção anterior. Nessas condições, os resultados vão corroborando a ideia de que o fenômeno em análise

⁹¹Decidimos incluir o fator *gatilho nos vídeos* somente no ano de 2019 (em meados do mês de janeiro), depois das observações e mapeamentos iniciais do objeto e da comunidade (realizados em 2018). No entanto, ao fazer a procura pela página no Instagram, verificamos que ela havia sido removida. Somente em abril de 2019, foi criada uma nova página Tal Qual Dublagens. E os dados que haviam sido gerados não estavam mais disponíveis na página, o que impossibilitou o controle do referido fator.

envolve simultaneamente processos de mudança e variação, como previmos na hipótese central.

- **Conteúdo do post**

Esse grupo, cujos resultados são apresentados na Tabela 19, ainda que seja referente aos conteúdos das publicações realizadas pela “titia Tal Qual”, foi controlado também em relação aos dados provenientes dos comentários dos seguidores. Desse modo, ele se aplica ao total de ocorrências considerados nesta seção (1.039) e está composto por seis fatores: *publipost* (62 dados); *post de interação* (180 dados); *legenda da publicação de vídeo* (480 dados); *legenda da publicação de foto pessoal* (169 dados); *legenda da publicação de outras fotos* (137 dados) e *ambíguo* (11 dados).

Tabela 19 – Correlação entre macroformas {-STE} e conteúdo do post

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
Publipost	N	9	1	10	16	24	40	8	4	12	62
	%	90	10	3,3	40	60	7,7	66,7	33,3	5,5	6
Post de interação	N	51	7	58	48	28	76	34	12	46	180
	%	87,9	12,1	19,2	63,2	36,8	14,6	73,9	26,1	21,1	17,3
Legenda da publicação de vídeo	N	106	17	123	188	67	255	67	35	102	480
	%	86,2	13,8	40,7	73,7	26,3	49,1	65,7	34,3	46,8	46,2
Legenda da publicação de foto pessoal	N	67	8	75	39	23	62	21	11	32	169
	%	89,3	10,7	24,8	62,9	37,1	11,9	65,6	34,4	14,7	16,3
Legenda da publicação de outras fotos	N	27	6	33	43	37	80	16	8	24	137
	%	81,8	18,2	10,9	53,8	46,2	15,4	66,7	33,3	11	13,2
Ambíguo	N	2	1	3	3	3	6	2	0	2	11
	%	66,7	33,3	1	50	50	1,2	100	0	0,9	1
Total	N	262	40	302	337	182	519	148	70	218	1.039
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100	67,9	32,1	100	100

Fonte: elaborado pela autora

Na *base verbal canônica*, como já esperado, <-ste> se apresenta como a forma bem mais recorrente em todos os fatores, com taxa de realização superior a 80% (à exceção dos dados ambíguos, que são escassos). É interessante observar o comportamento das macroformas em relação ao fator *legenda da publicação de vídeo*, o mais produtivo da amostra: o percentual de uso de <-ste> vai caindo à medida que as bases contextuais se modificam (86,2% > 73,7% > 65,7%), o que vai ao encontro da tendência geral de comportamento das macroformas, que temos observado também ao longo dos outros grupos

de fatores. Nos demais fatores, a *base verbal não canônica* é o contexto que mais propicia o uso da forma aspirada em relação à forma standard: em termos percentuais, no fator *publipost* <-rte> (60%) supera a forma standard e no fator *legenda de publicação de outras fotos* as variantes apresentam uma distribuição bastante equilibrada.

Um ponto importante em relação a esse grupo é que as publicações sobre os vídeos/dublagens são mais produtivas do que os próprios *posts* de interação, em que a “titia Tal Qual” pergunta algo diretamente para seus seguidores, por exemplo. Desse modo, depreendemos que esse tipo de conteúdo é um dos principais desencadeadores das relações e da dinâmicas interacionais estabelecidas entre os membros da Tal Qual Dublagens, o que resulta na alta produtividade de {-STE} e de suas formas de realização.

Além disso, observamos que a publicação de fotos pessoais também tem se mostrado como um conteúdo que impulsiona a uma maior interação entre os membros. Neles, os seguidores podem se sentir mais próximos da “titia”, como se estivessem comentando a foto de um amigo, o que envolve a construção de relações sociais baseadas em sentimentos de proximidade, de intimidade, e por que não de identificação, resultando na formação e na consolidação dessa *comunidade virtual* (RHEINGOLD, 1995).

- **Natureza do comentário**

Esse grupo, cujos resultados são apresentados na Tabela 20, está mais diretamente relacionado com os dados provenientes dos comentários realizados pelos seguidores/membros da Tal Qual Dublagens e nesse sentido se aplica a 1.005 dados da amostra. Ele integra três fatores: *interlocução* (734 dados); *avaliação do publipost, das legendas, vídeos e fotos* (29 dados) e *ambíguo* (242 dados).

Tabela 20 – Correlação entre macroformas de {-STE} e natureza do comentário

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
Interlocução	N	129	25	154	236	150	386	138	56	194	734
	%	83,8	16,2	51,3	61,1	38,9	77,4	71,1	28,9	94,2	73
Avaliação do publipost e das legendas/vídeos e fotos	N	9	1	10	16	2	18	0	1	1	29
	%	90	10	3,3	88,9	11,1	3,6	0	100	0,5	2,9
Ambíguo	N	122	14	136	77	18	95	3	8	11	242
	%	89,7	10,3	45,3	81,1	18,9	19	27,3	72,7	5,3	24,1
Total	N	260	40	300	329	170	499	141	65	206	1.005
	%	86,7	13,3	100	65,9	34,1	100	68,4	31,6	100	100

Fonte: elaborado pela autora

Em cada um dos três fatores desse grupo, <-ste> é a forma mais utilizada pelos seguidores, com exceção do fator *ambíguo* na *base não verbal* em que <-rte> é mais recorrente, com 72,7% (com a ressalva do pouco número de dados).

Em relação ao fator mais produtivo desse grupo, quando o comentário remete a uma situação clara de *interlocução*, <-ste> é a forma predominante da *base verbal canônica*, com 83,8%, da *base não verbal*, com 71,1% e da *base verbal não canônica*, com 61,1%. E, portanto, nessa última, em relação às outras duas bases, que se observa um aumento significativo da forma aspirada <-rte>, com 38,9%.

O fator *ambíguo*, o segundo mais recorrente nesse grupo, é aplicado a situações em que os comentários realizados remetem tanto para *interlocução*, quanto para *avaliação* dos conteúdos publicados pela “titia”. Nele, verifica-se que a frequência de <-ste> é alta nas *bases verbal canônica* (89,7%) e *não canônica* (81,1%) e cai drasticamente na *base não verbal*, com 27,3%.

A avaliação é realizada de forma menos produtiva, pelo menos quando ocorre isoladamente, isto é, sem remeter concomitantemente à *interlocução*. Nesse sentido, nos poucos dados da *base verbal canônica* e *não canônica*, <-ste> corresponde a 90% e 88,9% respectivamente. Já na *base não verbal*, a única ocorrência desse fator foi usada a forma aspirada (<-rte>).

Em termos de frequência, esses resultados parecem não apresentar relevância, entretanto, o fato de que a maior produtividade de {-STE} ocorre em situações de *interlocução* e *avaliação* atuando em conjunto nos mostra que o contexto de produção dado, nesse caso a natureza do comentário, vai, em certa medida, ao encontro (i) da função comunicativa que {-STE} desempenha: referência ao interlocutor, o que remete mais especificamente à *interlocução*; e (ii) de uma outra função de natureza social simbólica, a qual daria conta do aspecto avaliativo a que o uso de {-STE} está correlacionado. Essas questões são melhor discutidas na seção seguinte.

- **Data de publicação**

O grupo *data de publicação*, cujos resultados são apresentados na Tabela 21, se aplica ao total de ocorrências considerados nesta seção (1.039) e integra quatro fatores: 2013 (7 dados); 2014 (18 dados); 2015 (366 dados) e 2018 (648 dados). Em 2013 e 2014, verifica-se

que há poucas ocorrências do item, muito provavelmente porque tais períodos referem-se aos anos iniciais de criação da página.

Considerando mais diretamente a distribuição das duas macroformas nos dois últimos períodos, note-se que, embora <-ste> se apresente com uma maior produtividade – não só ao longo das três bases, mas durante os anos de uso – sua frequência vai gradativamente diminuindo ao se modificar a base contextual em 2015, mas sofre uma mudança de rota em 2018, quando <-rte> passa a ocupar uma posição mais saliente na *base verbal não canônica*, contexto em que a frequência das duas macroformas fica mais aproximada.

Tabela 21 – Correlação entre macroformas de {-STE} e data de publicação

Fatores		Base verbal canônica			Base verbal não canônica			Base não verbal			Total
		<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	<-ste>	<-rte>	Total	
2013	N	6	0	6	1	0	1	0	0	0	7
	%	100	0	2	100	0	0,2	0	0	0	0,7
2014	N	8	1	9	8	1	9	0	0	0	18
	%	88,9	11,1	3	88,9	11,1	1,7	0	0	0	1,7
2015	N	95	12	107	158	48	206	39	14	53	366
	%	88,8	11,2	35,4	76,7	23,3	39,7	73,6	26,4	24,3	35,2
2018	N	153	27	180	170	133	303	109	56	165	648
	%	85	15	59,6	56,1	43,9	58,4	66,1	33,9	75,7	62,4
Total	N	262	40	302	337	182	519	148	70	218	1.039
	%	86,8	13,2	100	64,9	35,1	100	67,9	32,1	100	100

Fonte: elaborado pela autora

Ainda considerando a distribuição linear dos resultados nos dois últimos períodos, além da mudança ocorrida em 2018 apontada acima, observa-se, comparando os períodos, que a frequência de <-rte> aumenta sensivelmente nas três bases contextuais em 2018.

Apresentamos nesta seção um panorama geral do uso variável de {-STE} na amostra. Das treze formas de realização, decidimos amalgamá-las em duas macroformas: <-ste> e <-rte>. E a partir disso, verificamos como estão distribuídas em cada uma das três bases contextuais e em cada um dos doze grupos de fatores correlacionados. De um modo geral, <-ste> é a forma mais frequente, mas <-rte> tem marcada presença em relação a todos os fatores, inclusive aqueles que remetem ao uso canônico do item, como por exemplo: P2 (sujeito tu); em que as duas formas tendem a configurar um cenário de concorrência, mais especificamente na *base verbal canônica* e na *base não verbal*.

A alta frequência de <-ste> na maioria dos contextos se dá provavelmente porque tal forma ainda está fortemente relacionada ao uso de {-STE}, independente do TIPO – se mais canônico ou mais inovador –; e possivelmente por causa disso, no processo de emergência desses usos, as propriedades linguísticas e extralinguísticas imbricadas no referido item são atribuídas a essa forma, o que torna <-ste> representante majoritária na maioria dos contextos em que é utilizada, e parece remeter a uma situação de *especialização por generalização* (HOPPER, 1991). Por outro lado, o fato de <-rte>, a forma menos produtiva, apresentar-se como a mais frequente em certos contextos, como por exemplo quando agregada a verbos no infinitivo ou quando associada a P4, parece remeter a uma possível situação de *especialização por especificação* (TAVARES, 2003, 2013).

Acredita-se que a relativa instabilidade com que as formas passam a ser realizadas esteja especificamente ou fortemente vinculada ao contexto de *base verbal não canônica* – contexto esse em que {-STE} pode se manifestar de diversas maneiras conforme se verifica nas diversas configurações gramaticais que caracterizam seus diferentes TIPOS de uso (descritos e analisados na Seção 5.1).

Nessa base, que corresponde a praticamente metade da amostra, as regras que restringem o uso canônico do item vão gradativamente sendo quebradas e isso significa que as formas alternativas de realização de {-STE} estão associadas a uma gama maior de contextos de uso, tanto no que se refere aos linguísticos (tipo de base; pessoa do discurso; função sintática de P2; tempo e modo da base verbal; categoria morfológica de {-STE}); classe gramatical da base não verbal; item lexical); quanto os extralinguísticos (origem do dado; gatilho; conteúdo do post; natureza do comentário e data de publicação) – o que acreditamos impulsioná-las a uma situação de maior variabilidade e competitividade do que nas outras bases, como temos observado ao longo dos resultados apresentados nesta seção.

Para finalizar esta seção, tecemos um último comentário sobre as *bases verbal canônica e não verbal*.

Essas duas bases, em certa medida, correspondem respectivamente ao uso canônico e ao uso mais inovador e, nesse sentido, nossa previsão era que formas como *-ste e -stes* estivessem mais associadas ao uso canônico e *-stesh, -steys; -rtyx*, por exemplo, fossem mais frequentemente usadas na base mais inovadora. No entanto, os resultados só ratificaram a primeira parte da nossa hipótese.

No que se refere à *base não verbal*, formas standard são usadas com maior recorrência e não as mais inovadoras. Pensando sobre isso, e considerando o mapeamento que realizamos a

respeito do funcionamento de {-STE} até agora, sugerimos a seguinte leitura: em contextos tão inovadores quanto à *base não verbal*, a escolha pela forma a ser utilizada parece ser feita de modo consciente pelos sujeitos e como membros dessa comunidade, eles próprios constroem, reconstroem e negociam os significados indexicalizados na forma, o que significa que tais significados podem ser subjetivamente e ideologicamente motivados.

Percebemos em quase todos os grupos de fatores como gradativamente a forma aspirada (<-rte>) vai sendo cada vez mais utilizada. E isso possivelmente seja um indicativo de que os significados sociais vinculados a essa forma estejam se tornando mais evidentes, o que pode levá-los a serem convencionalizados na comunidade. Contudo, apesar de <-rte> apresentar essa inclinação gradativa a uma maior produtividade, é preciso levar em consideração que <-ste> é bastante utilizada, o que parece indicar que os significados sociais envolvidos no uso do item também estão sendo indexicalizados por essa macroforma.

Para finalizar esta seção, embora não tenhamos explorado esse aspecto nesta dissertação, é importante salientar que os dados de produção de {-STE} são gerados na modalidade escrita da língua. Ainda que, conforme o *continuum* fala-escrita proposto por Marcuschi (2001), tais dados possam, em certa medida, refletir uma maior proximidade à fala do que outros gêneros escritos, o meio de concretização ainda se dá a partir da escrita. E, nesse sentido, é preciso considerar a força da norma diante desse tipo de representação, o que, por um lado, explicaria a permanência do uso da forma standard (-ste), inclusive com uma frequência bastante acentuada, como vimos ao longo desta seção; e, por outro, evidenciaria uma certa carga ideológica no uso das formas inovadoras, sobretudo daquelas que estão no escopo da macroforma <-rte>, uma vez que o uso delas rompe com a expectativa de correção ortográfica requerida pela norma padrão.

Nesta seção, introduzimos, ao longo da análise de alguns grupos de fatores, algumas questões relacionadas aos significados sociais possivelmente veiculados por {-STE} o que é discutido de modo mais aprofundado na seção a seguir.

5.3 EXPANSÃO E VARIAÇÃO: MOTIVAÇÕES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS E SOCIALMENTE SIMBÓLICAS

De um modo geral, observamos na seção anterior indícios que corroboram a hipótese de que a emergência de novos usos de {-STE} na amostra Tal Qual Dublagens está associada a processos de expansão e variação em que o referido item simultaneamente se envolve, num

constante rearranjo das relações entre formas e funções/significações. E pretendemos explorá-los ainda mais nesta seção.

Previmos na hipótese central que tais processos estão correlacionados com (i) motivações gramaticais, sobretudo as de natureza morfossintática e semântico-pragmáticas, as quais estão associadas mais diretamente à expansão tanto das bases contextuais a que {-STE} pode se agregar, como de sua categoria morfológica (conforme analisado na Seção 5.1); e (ii) motivações semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas, que estão relacionadas de modo mais direcionado à expansão das funções/significações que {-STE} e suas formas de realização desempenham ao longo do processo de emergência de seus novos usos. É sobre essas últimas que versa esta seção, que corresponde à terceira etapa de análise e consiste na investigação dos significados indexicalizados por {-STE}. Tal investigação é operacionalizada a partir de alguns resultados apresentados nas seções anteriores (5.1 e 5.2); e dos dados da amostra complementar (conforme descrito na Subseção 4.5.3).

Como vimos na Seção 5.1, o processo de emergência e expansão de novos usos de {-STE} é provavelmente desencadeado por rompimentos gradativos de restrições morfossintáticas e semântico-pragmáticas, os quais estão correlacionados com o surgimento de nove configurações gramaticais de uso do item, além de sua configuração canônica – base verbal; tema do verbo; P2; sujeito *tu*; PP; sufixo flexional = DMT zero e DNP (categoria morfológica de {-STE}). Essas configurações, que neste trabalho também são denominadas como TIPOS de uso, estão vinculadas aos diferentes contextos de base a que o referido item pode se agregar: *base verbal canônica* (TIPO 0); *base verbal não canônica* (TIPOS 1, 2, 3, 4, 5, β, γ e 6); *base não verbal e palavras de origem estrangeira* (TIPO 7) e em cada um desses contextos, {-STE} pode ser realizado por treze diferentes formas. São elas: *-ste, -stes, -stis, -stex, -stex, -stesh, -steys, -rte, -rtes, -rtex, -rtis, -rtix e -rtyx* (cf. Seção 5.2).

Como mencionado na hipótese específica 2, acredita-se que cada uma dessas formas indexicaliza um conjunto de traços de significado, alguns mais diretamente relacionados ao significado referencial/função comunicativa (associado a DNP standard) que {-STE} expressa canonicamente: *expressão de segunda pessoa do singular (P2)/ref. ao interlocutor*; outros mais vinculados ao significado social, associados à função socialmente simbólica que o referido item desempenha concomitantemente à função comunicativa.

No uso canônico (TIPO 0), {-STE} corresponde à categoria morfológica de *sufixo flexional (DNP)*; expressa o significado referencial de *segunda pessoa do singular* e desempenha prototipicamente a função comunicativa de *referência ao interlocutor (P2)*.

Além de todos os traços gramaticais envolvidos no uso canônico de {-STE}, o seu emprego, particularmente na forma *-ste*, sinaliza uma situação de marcação de concordância canônica, que por si só já carrega valores sociais e estilísticos, tais como: *alta escolaridade, prestígio e formalidade*, por exemplo, que remetem ao significado de identidade macrossociológica.⁹²

Somado a isso, tal uso, segundo Scherre et al. (2015) e Babilônia e Martins (2014), configura-se como um dos seis subsistemas pronominais de segunda pessoa característico de algumas regiões do país, como a Região Norte, por exemplo, mais especificamente de municípios do estado do Amazonas, como Manaus, de onde uma parcela significativa dos membros da CP em análise, inclusive o criador da página Tal Qual Dublagens, são naturais.

Desse modo, em termos diatópicos, o uso canônico de {-STE} parece veicular um valor sociolinguístico que distingue uma região da outra, o que significa que, concomitantemente aos traços de significado mencionados acima, {-STE} carrega um traço constitutivo de significado identitário regional. Nessas condições, como a CP em questão, em certa medida, integra essa comunidade regional mais ampla, tal significado é mantido na página.

Além disso, a proposta de Barroso (2017) sobre o uso do morfema *-tes*, que se refere a {-STE}, como uma das sete categorias que compõem o dialeto bajubá/pajubá utilizado pela comunidade LGBT, sobretudo da cidade de Manaus, vai ao encontro da hipótese específica 2 desta pesquisa. Nesse sentido, o uso de {-STE} parece remeter a uma característica linguística da comunidade LGBT, que corresponde a um traço constitutivo do significado de identidade gay que acreditamos que {-STE} indexicalize concomitantemente a todos os outros traços veiculados pelas suas formas de realização.

E além dos traços de significado já mencionados, as formas de realização de {-STE} sugerem que há ainda outros traços identitários incluídos no campo indexical do referido item, explanados a seguir.

Das treze formas alternativas de realização, *-stes*, *-stis*, *-steys*, *-stez*⁹³, *-rtes* e *-rtis* parecem adicionar mais um traço social identitário ao uso de {-STE} e isso está diretamente relacionado com a presença de /s/ em posição de coda. No nosso entendimento, o acréscimo de /s/, sobretudo na forma *-stes*, pode ocorrer em razão de uma hipercorreção da forma

⁹²Conforme aponta Martins e Martins (2014), a fala manauara apresenta um subsistema misto no que se refere à referenciação a segunda pessoa (P2), em que as formas *tu* ou *você* podem ser utilizadas. No caso do *tu*, os autores indicam que o uso dessa forma remete a uma situação de informalidade. No entanto, quando combinado com *-ste* (no PP) ganha status de formalidade, uma vez que passa a indicar uma situação de marcação canônica.

⁹³No caso da forma *-stez*, o acréscimo de *-z* é um modo de representação ortográfica do som sibilante (/s/).

standard associada à segunda pessoa do singular (P2). Entretanto, acreditamos que essa não é a única explicação. Até porque essa alteração fonética também está presente nas formas que estão no escopo da macroforma <-rte>.

Como já sinalizado, os estudos de Mendes (2006), Levon (2016) e Barbuio (2016) têm evidenciado a duração longa da fricativa /s/ em posição de coda final como um traço produzido por e associado a homens gays. Somando-se a isso a orientação à homossexualidade da maioria dos membros da Tal Qual Dublagens, incluindo o criador da página⁹⁴, aventamos a hipótese – ainda que não tenhamos investigado esse aspecto, até porque esse não é o objetivo desta pesquisa – de que o acréscimo de /s/ às referidas formas pelos membros da Tal Qual Dublagens pode ser, em alguma medida, mais um traço constitutivo de identidade gay. Desse modo, todas as formas em que o /s/ é acrescido estariam retendo esse traço e o incorporando no campo indexical de {-STE}.

Além dos traços mencionados acima, parece haver um outro que está relacionado a um determinado contexto de uso. Acreditamos que quando qualquer uma das treze formas realizadas está agregada a alguns itens lexicais específicos como *arrasar*, *lacrar*, *grelhar*, *boca de se fuder*, por exemplo, que remetem ao bajubá/pajubá (SILVA; PALHETA, 2008; BARROSO, 2017), tais formas estariam veiculando mais um traço constitutivo de significado de identidade gay.

No que se refere mais especificamente às formas que estão no escopo da macroforma <-rte> (-rte, -rtes, -rtex, -rtis, -rtix e -rtyx), acreditamos que elas acrescentam mais um traço social e identitário ao campo indexical de {-STE}. E isso está relacionado à troca de -s inicial por -r, que nesse caso é uma forma de representação ortográfica do processo fonológico de aspiração de /s/, o qual gera as formas aspiradas. Chegamos a esse entendimento a partir dos trabalhos de Berçot-Fernandes (2014), Amaral (2016) e Vasconcelos (2017), que têm evidenciado esse processo fonológico como uma importante marca da fala e também da escrita manauara. Compreende-se, portanto, que o significado veiculado por esse traço fonético, grafado pelo -r inicial, seja mais um traço constitutivo do significado identitário regional atrelado ao uso de {-STE} na Tal Qual Dublagens. Nesse caso, como já mencionamos anteriormente, como a CP em questão, em alguma medida integra a comunidade manauara, esse traço de significado também é expresso pelos membros dessa CP.

⁹⁴No caso dos seguidores, a informação sobre a orientação sexual é captada indiretamente, através da observação da linguagem utilizada nos comentários. Em alguns casos (não temos quantitativo), observamos o perfil dos seguidores mais participativos e verificamos que são mulheres heterossexuais vinculadas ao universo gay e homens gays.

Ainda no que se refere à identidade regional, as formas *-stex*, *-stesh*, *-rtex*, *-rtix* e *-rtyx* sugerem a inclusão de mais um traço. E isso se dá pelo processo de substituição de *-s* final por *-x* ou por *-sh*, como representação ortográfica do som chiado do arquifonema /S/. Tendo em vista que esse modo de articulação está associado a algumas variedades do português brasileiro, como a variedade manauara, por exemplo (cf. MARTINS; MARTINS, 2014), acreditamos que essa forma de realização fonética, representada pelas letras *-x* e *-sh*, corresponde a mais um traço constitutivo do significado de identidade regional expresso por {-STE}.

Tem-se ainda, mais especificamente nas formas *-rtex*, *-rtix* e *-rtyx*, uma situação em que há a ocorrência simultânea de aspiração de /s/, representado pela letra *-r* e palatalização de /s/ em coda final, representado pelas letras *-x* ou *-sh*. Nesse sentido, a realização dessas três formas estaria associada a esses dois traços fonéticos que juntos correspondem ao quarto traço de significado de identidade regional.

Todos os traços que mencionamos acima constituem diferentes camadas de significados que são concomitantemente indexicalizados por {-STE} (cf. Quadro 16 adiante).

No que tange aos significados sociais (significado de identidade macrossociológica; significado de identidade regional e significado de identidade gay), todos eles são em alguma medida significados identitários. No entanto, cada um está relacionado a diferentes noções de identidade.

O significado de identidade macrossociológica nos parece mais associado a uma noção de identidade em que os falantes são identificados a partir de características mais estáticas e que são comuns a todos os indivíduos, algo como uma identidade mais coletiva. Por exemplo, a pessoa que faz marcação de concordância canônica com P2 no PP é um falante que tem alta escolaridade e nos remete a uma situação de formalidade e conseqüentemente esse modo de uso é visto como prestigioso por membros de uma comunidade ampla (comunidade de fala, por exemplo). No entanto, esses tipos de informações não são capazes de evidenciar características mais complexas desse sujeito, justamente porque ele é observado em relação às macroestruturas sociais em que se envolve.

No caso da identidade regional, é possível pensar que esse tipo de significado – apesar de ainda estar associado à identificação de características mais amplas e comuns a um número maior de indivíduos, como a questão da naturalidade, por exemplo – parece ganhar um grau a mais de significação social porque ele é expresso variavelmente dentro de um grupo específico, que tem objetivos, valores, opiniões em comum, no caso, a CP Tal Qual

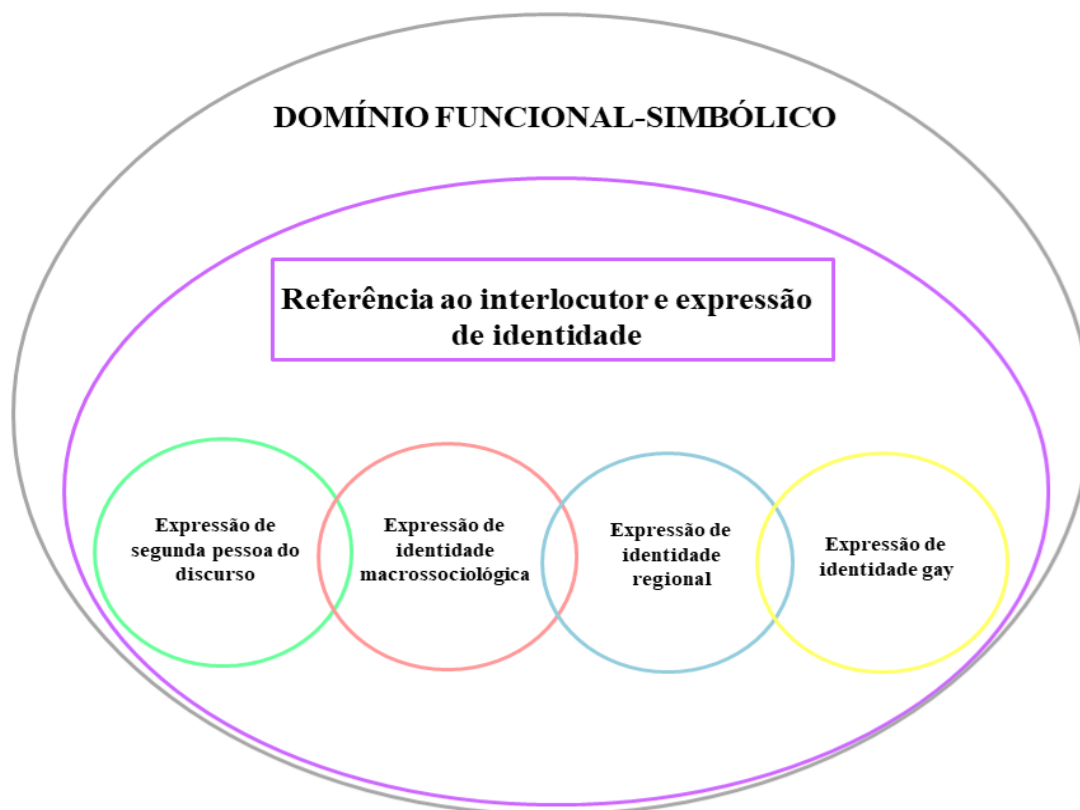
Dublagens. E, nesse sentido, as formas de realização que carregam traços constitutivos de identidade regional (como *-rte*, *-rtes*, *-rtex*, *-rtis*, *-rtix*, *-rtyx*, *-stex* e *-stesh*) acabam ganhando valor positivo pelos membros da comunidade, adquirindo prestígio encoberto, como já mencionamos. Pode-se dizer, pois, que a noção de identidade envolvida nesse tipo de significado remete a uma identificação que se dá a partir de aspectos mais subjetivos dos sujeitos, que se situa no escopo de algo mais local e menos global (SCHILLING, 2013).

No último caso, da identidade gay, entendemos que se trata de um nível de identificação ainda mais subjetivo e com matiz ainda mais ideológico. Nesse grau de identificação, a formação de comunidades não se dá simplesmente porque os sujeitos têm algumas características em comum, por exemplo, possuir o mesmo grau de escolaridade ou ser da mesma cidade. A comunidade se estabelece porque os sujeitos querem se associar; se afiliar e querem pertencer a esse grupo social porque se identificam uns com os outros em um nível mais complexo.

Desse modo, compreendemos que o conjunto de traços de significado descritos (que transitam entre um significado referencial e três significados socioidentitários), concomitantemente indexicalizados por {-STE}, correspondem a quatro camadas de significação. São elas: (i) significado referencial – constituído pelos traços *segunda pessoa do singular (P2 [tu])*; *referência ao interlocutor*, associados ao *uso canônico* e à *categoria de sufixo flexional (DNP) –*; (ii) significado de identidade macrosociológica – constituído pelos traços *formalidade*, *prestígio* e *alta escolaridade*, também associados à *DNP standard* – (iii) significado de identidade regional – constituído pelos traços *P2 (tu) + marcação de concordância* (associada a *DNP standard*), *palatalização de /s/ em coda final*, *aspiração de /s/*, e *aspiração de /s/ e palatalização de /s/ em coda final –*; e (iv) significado de identidade gay – constituídos pelos traços *morfema -te* (referente a {-STE}); *produção de /s/ em coda final*; *morfema -te agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá*.

Como tais camadas de significação são simultaneamente expressas por {-STE}, o referido item desempenha ao mesmo tempo a função comunicativa de referência ao interlocutor e a socialmente simbólica de expressão de identidade. Diante disso, nossa proposta é que as significações/funções de {-STE} estão situadas no escopo de um *domínio funcional-simbólico* (cf. Seção 3.3.), denominado *referência ao interlocutor e expressão de identidade*, como evidencia a Figura 13.

Figura 13 – Domínio funcional-simbólico de {-STE}



Fonte: elaborado pela autora

Tal domínio abarca características comunicativas e socioidentitárias da Tal Qual Dublagens e de seus membros, e, portanto, todas as significações/funções desempenhadas/indexicalizadas por {-STE} remetem a uma noção de identidade plural, a qual expressa o *significado de identidade de grupo social* (referente à CP em questão).

As ocorrências de {-STE} na amostra indicam que todas as diferentes camadas de significação do referido item são concomitantemente expressas por ele e, potencialmente, por suas treze formas alternativas de realização. No entanto, isso se dá em diferente graus de proeminência e tal proeminência está relacionada à base contextual a que {-STE} se agrega e aos TIPOS de uso dentro de cada base. E é sobre isso que tratamos nas subseções a seguir.

Antes de passarmos para as subseções seguintes, julgamos importante esclarecer aqui qual o procedimento analítico utilizado para a verificação da proeminência a que nos referimos acima. É importante salientar que esse procedimento foi elaborado com o objetivo de auxiliar na investigação do uso das formas alternativas de realização de {-STE}, verificando os significados que elas indexicalizam em cada um dessas bases, que corresponde a uma parte do objetivo específico 2 desta pesquisa.

Foram atribuídos valores [+] ou [-] a cada um dos traços constitutivos dos significados indexicalizados pelo referido item, explicitados anteriormente. Tais traços estão distribuídos em quatro grupos: 1º grupo: significado referencial; 2º grupo: significado de identidade macrossociológica; 3º grupo: significado de identidade regional; e 4º grupo: significado de identidade gay; conforme mostra o Quadro 16.

Quadro 16 – Significados indexicalizados por {-STE} e seus traços constitutivos

1º grupo: Significado referencial	2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	3º grupo: Significado de identidade regional	4º grupo: Significado de identidade gay
Segunda pessoa do singular; Uso canônico; DNP; Referência ao interlocutor.	Alta escolaridade; DNP (standard); Prestígio; Formalidade.	P2 (tu) + concordância canônica; Palatalização de /s/ em coda final; Aspiração de /s/; Aspiração de /s/ e palatalização de /s/ em coda final.	Produção de /s/ em coda final; Morfema -te (referente a {-STE}) agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá; Morfema -te (referente a {-STE}).

Fonte: elaborado pela autora

A cada um dos quatro grupos são atribuídos quatro valores, que indicam a presença [+] ou ausência [-] dos traços constitutivos de cada grupo em relação às formas realizadas em cada base contextual. Considerando que no caso do 4º grupo só há três traços constitutivos, o morfema *-te* recebe dois valores. E considerando que esse traço refere-se ao item em análise {-STE}, é atribuído [++] a tal traço independentemente da forma realizada e da base contextual, ou seja, esse traço tem um peso maior que os demais.

Além disso, como mencionamos anteriormente, os quatro tipos de significados presentes no Quadro 16, são concomitantemente indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e juntos expressam o *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens). Contudo, a depender da forma de realização e da base contextual a que se agregam, tal significado pode ser expresso de modo mais ou menos saliente. E é isso que também pretendemos verificar com a análise que desenvolvemos nas subseções a seguir.

A identificação da saliência em relação ao *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens) se dá a partir da atribuição de graus escalares.

Considerando que 1º e 2º grupos estão mais diretamente associados ao uso canônico de {-STE}, enquanto o 3º e 4º grupos remetem mais especificamente a características sociais e identitárias da CP em questão, percebemos que os dois últimos grupos têm um peso diferenciado no que se refere ao *significado de identidade de grupo social*. Isso porque, nossa hipótese é que esse significado é expresso de modo menos saliente em usos canônicos ou em situações em que a forma realizada retenha uma maior quantidade de traços associados ao uso canônico. Tendo isso em vista, definimos o seguinte critério: quanto mais valores [-] no 1º e 2º grupo e mais valores [+] no 3º e 4º grupo, maior será a escala de saliência do *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qula Dublagens). Ressaltamos ainda que, a quantidade de escalas depende da quantidade de formas realizadas em cada base contextual analisada, de modo que cada forma receba um grau (escalar) de saliência. A atribuição de graus se dá de modo decrescente, portanto, 1 é o maior grau. A nível de exemplificação, caso a base contextual tenha cinco formas de realização, 5 corresponde ao menor grau de saliência.

Apresentados os esclarecimentos quanto ao procedimento analítico utilizado, evidenciamos, nas próximas subseções, em termos práticos, como isso se dá em cada uma das três bases contextuais investigadas.

5.3.1 Base verbal canônica

A base verbal canônica está associada ao TIPO 0 e remete ao uso canônico de {-STE}. Nessa base contextual, o referido item pode ser realizado por cinco formas alternativas. São elas: *-ste*, *-stes*, *-stis*, *-rte* e *-rtes*, sendo *-stes* e *-ste* as mais recorrentes, com 61% e 24,5% respectivamente, como podemos observar na Tabela 22.⁹⁵

Tabela 22 – Distribuição das formas de realização no TIPO 0

TIPO de uso		<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-stex</i>	<i>-steys</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtis</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtix</i>	Total
TIPO 1	N	74	187	1	0	4	36	0	0	0	0	0	0	0	302
	%	24,5	61,9	0,3	0	1,3	11,9	0	0	0	0	0	0	0	28,8

Fonte: elaborado pela autora

⁹⁵O total na Tabela 22 e em todas as demais apresentadas ao longo da seção 5.3 corresponde ao total de ocorrências de {-STE} no TIPO de uso correspondente e o percentual é calculado em relação ao total de dados da amostra (1.049).

O Quadro 17 exibe os valores associados a cada forma de realização correspondente a cada grupo. A última linha desse quadro corresponde à atribuição do grau de saliência associado ao *significado de identidade de grupo social* (CP Tal Qual Dublagens).

Quadro 17 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 0

Grupos	-ste	-stes	-stis	-rte	-rtes
1º grupo: Significado referencial	[++++]	[+-++]	[+-++]	[+-++]	[+-++]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[++-+]	[++-+]	[++-+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[+---]	[+---]	[+---]	[--+-]	[--+-]
4º grupo: Significado de identidade gay	[-+++]	[++++]	[++++]	[-+++]	[++++]
Graus de saliência					
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	5	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere ao 1º grupo, somente a forma *-ste* expressa o significado referencial de modo mais proeminente, haja vista que é a única que retém todos os traços constitutivos desse tipo de significado. As demais formas, embora estejam associadas à maioria dos traços – *segunda pessoa do singular; referência ao interlocutor e DNP sufixo flexional* –, recebem um valor [-] porque correspondem, em diferente graus, a formas inovadoras e, portanto, não remetem ao uso standard de {-STE}.

Em relação ao 2º grupo, foram atribuídos a cada uma das cinco formas realizadas um valor [-] no que se refere ao traço *formalidade*, haja vista que o contexto de uso de {-STE}, isto é, um site de rede social, como o Instagram, indica uma situação de menor monitoramento e, portanto, um ambiente informal; e um valor [+] em relação ao traço *prestígio*. Embora tal traço esteja mais diretamente associado ao uso standard de {-STE} e, nesse sentido, somente *-ste* deveria receber um valor [+], acredita-se que a realização de qualquer uma das formas inovadoras – o que no contexto de uma comunidade mais ampla poderia causar certo estigma – acaba carregando valor positivo dentro da comunidade de prática em análise, uma vez que tais formas desempenham funções comunicativas e, sobretudo, socialmente simbólicas, que estão associadas a traços identitários da comunidade.

Quanto aos outros dois traços constitutivos do significado de identidade macrossociológica, eles só deveriam ser atribuídos a *-ste*, haja vista que estão mais diretamente vinculados ao uso standard. No entanto, *-stes* e *-stis* também recebem um valor [+] quanto à alta escolaridade. Nesse caso, uma das hipóteses aventadas em relação a essa forma é de que o acréscimo de /s/ indica uma situação de hipercorreção associada a P2 e, possivelmente por causa disso, no que se trata desse significado, tais formas continuam retendo o traço de alta escolaridade porque permanecem fortemente associados ao uso standard. Verifica-se, pois, que *-ste*, *-stes* e *-stis* são as formas mais proeminentes em relação ao significado de identidade macrossociológica indexicalizado por {-STE}. No caso de *-rte* e *-rtes*, como se trata de formas com um grau maior de inovação, elas parecem ser as menos proeminentes do referido significado.

Quanto ao 3º grupo, verifica-se de um modo geral que o significado de identidade regional é o menos saliente em comparação aos demais grupos, porque os traços que o constituem estão diretamente relacionados a traços morfossintáticos e fonético-fonológicos presentes somente em algumas formas. Considerando isso, *-ste* retém o traço de P2 + *concordância canônica* e, por isso, possui um valor [+]; as formas *-stes* e *-stis*, ainda que não sejam standard, remetem em diferentes graus ao uso standard e, por isso também recebem valor [+] em relação a esse traço. No caso de *-rte* e *-rtes*, atribui-se um valor [+] a cada uma, haja vista que estão associadas ao traço de *aspiração de /s/*.

Em relação ao 4º grupo, por outro lado, o significado de identidade gay parece estar fortemente associado a {-STE} de um modo geral, e nesse sentido, suas formas de realização expressam tal significado com bastante saliência. Considerando que um dos traços desse significado é o próprio item lexical analisado, independente da forma de realização de {-STE}, esse grupo já conta com dois valores [+]. No caso das formas *-stes*, *-stis* e *-rtes*, que estão associadas ao traço de *produção de /s/ em coda final*, é acrescido mais um valor [+] para cada. E, como nessa base contextual (*base verbal canônica*) todas as cinco formas estão agregadas a *itens lexicais do bajubá/pajubá*, todas elas retêm mais um traço constitutivo desse significado. Diante disso e conforme o Quadro 17, as formas que terminam com /s/ expressam o significado de identidade gay com maior proeminência.

Considerando todos os valores atribuídos a cada conjunto de traços que constituem as quatro camadas de significados veiculadas por {-STE}, verifica-se que *-rtes* é a forma mais saliente no que se refere à expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens), uma vez que retém mais traços do 3º e 4º grupos, os quais estão mais

diretamente associados à função socialmente simbólica desempenhada por {-STE}. Note-se que, apesar dos significados relacionados a essa função serem mais salientes nessa forma, *-rtes* continua mantendo alguns traços constitutivos dos significados mais relacionados com a função comunicativa – o que evidencia nossa hipótese da atuação concomitante de ambas as funções. E isso se dá no escopo de um significado mais amplo, isto é, do de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens).

A seguir apresentamos e discutimos os valores atribuídos aos significados que são veiculados pelas formas alternativas de {-STE} na *base verbal não canônica*.

5.3.2 Base verbal não canônica

Como vimos nas Seções 5.1 e 5.2, dos dez TIPOS de uso de {-STE}, a *base verbal não canônica* está vinculada a oito – TIPOS 1, 2, 3, 4, 5, β , \forall e 6 – que juntos correspondem ao maior número de ocorrências de {-STE} na amostra analisada (519 dados).

Como os TIPOS 1, 2 e β são, em certa medida, semelhantes e estão relacionados com a categoria de sufixo flexional desempenhada por {-STE}, os analisamos primeiro.

- **TIPO 1**

O TIPO 1 é o que apresenta mais traços caracterizadores do uso canônico de {-STE}, como mostra o Quadro 6, recuperado da Seção 5.1. Nessa configuração gramatical, o referido item assume o papel de *sufixo flexional 2*.

Quadro 6 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 1

TIPO 1	
Base verbal	+
Tema	+
P2	+
Sujeito (tu)	-
Pretérito perfeito do indicativo	+
DMT Ø	+

Fonte: elaborado pela autora

Nesse TIPO de uso, {-STE} pode ser realizado por quatro formas alternativas: *-ste*, *-stes*, *-ste* e *-rtes*, sendo *-stes* a mais frequente, com 52,4%; seguida de *-ste*, com 33,3% e de *-rtes*, com 30,4%, como mostra a Tabela 23.

Tabela 23 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 1

TIPO de uso		-ste	-stes	-stis	-stex	-rte	-rtes	-rtex	-stex	-steys	-stesh	-rtis	-rtix	-rtix	T
TIPO 1	N	7	11	0	1	0	7	0	0	0	0	0	0	0	21
	%	33,3	52,4	0	2	0	30,4	0	0	0	0	0	0	0	2

Fonte: elaborado pela autora

Considerando a configuração gramatical desse TIPO de uso de {-STE}, bem como as formas realizadas, o Quadro 18 exibe os valores atribuídos aos conjuntos de traços que constituem os significados indexicalizados pelo referido item no TIPO 1.

Quadro 18 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 1

Grupos	-ste	-stex	-stes	-rtes
1º grupo: Significado referencial	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[+---]	[----]	[--+-]
4º grupo: Significado de identidade gay	[++++]	[---+]	[++++]	[++++]
Graus de saliência				
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

Com relação ao 1º grupo, observa-se que as quatro formas de realização possuem os mesmo valores e isso se dá porque nenhuma delas retém o traço de *segunda pessoa do singular* e nem de *uso canônico*, nem mesmo -ste, que, de um modo geral, é a forma standard. O que acontece nesse caso é que, ainda que esse TIPO de uso possua a maioria dos traços caracterizadores do uso standard (cf. Quadro 6), uma importante regra foi rompida, que é a associação de {-STE} a P2 (tu), mais especificamente a forma *tu*. Por essa razão, a todas as formas realizadas nesse TIPO foi atribuído valor [-] para cada um dos dois traços constitutivos mencionados anteriormente. Por outro lado, mesmo que não se trate de uso canônico, tais formas podem assumir a categoria morfológica de *sufixo flexional* ainda que

seja com um grau a menos de status flexional (grau 2) e, por isso, atribui-se um valor [+] a cada uma das formas.

No 2º grupo, o único traço mantido é o de *prestígio*, como já explicamos no TIPO 0. Nesse sentido, como se trata de um uso não canônico todas as quatro formas desse TIPO de uso expressam o significado de identidade macrosociológica indexicalizado por {-STE} com baixa proeminência em relação às outras camadas de significado.

No que diz respeito ao 3º grupo, os valores se mantêm semelhantes aos atribuídos no TIPO 0, mesmo com a ausência de *-rte* e a presença de *-stex*. Nesse tipo, o significado de identidade regional parece ser expresso de modo um pouco mais saliente que no TIPO 0, por causa da realização de *-stex*, que adiciona o traço de *palatalização de /s/ em coda*.

No 4º grupo, assim como no TIPO 0, as formas que terminam com /s/ são as mais proeminentes quanto ao significado de identidade gay. No caso de *-stex*, além do valor [-] para o traço de *produção de /s/ em coda final*, que também é atribuído a *-ste*, aquela forma recebe mais um valor [-] porque é a única que não se agrega a um item lexical do *bajubá/pajubá*.

Considerando os valores atribuídos aos quatro grupos referidos acima, observamos no Quadro 18 que *-rtes* continua sendo a forma mais saliente no que tange à expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens). Diferentemente do que acontece no TIPO 0, *-stes* é a segunda mais saliente, muito provavelmente porque nenhuma outra forma aspirada foi realizada nesse TIPO de uso. As formas *-ste* e *-stex* acabam retendo a mesma quantidade de valores nos 1º e 2 grupos e 3 e 4, no entanto, acreditamos que, em comparação com *-stex*, *-ste* ainda está fortemente associada ao uso canônico e, por isso, ela expressa *identidade de grupo social* com menor saliência que *-stex*.

- **TIPO 2**

No que se refere ao TIPO 2, mais traços caracterizadores do uso canônico de {-STE} são rompidos, em especial a associação a P2, como podemos observar no Quadro 7 (retomado da Seção 5.1).

Quadro 7 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 2

TIPO 2	
Base verbal	+
Tema	+
P2	-
Sujeito (tu)	-
Pretérito perfeito do indicativo	+
DMT Ø	+

Fonte: elaborado pela autora

No TIPO 2, somado à quebra de restrição de sujeito (*tu*), que já havia sido rompida no TIPO 1, há também a ausência de associação a qualquer forma de P2, o que resulta na combinação de {-STE} com outras pessoas do discurso. No entanto, ainda que não esteja associado a P2, nem se configure como uso standard o referido item parece assumir ainda a categoria de *sufixo flexional*, embora seja com um grau ainda menor de status flexional (*grau 3*) do que no TIPO 1, sobretudo porque ainda se agrega a uma base verbal e mais especificamente ao tema do verbo.

Nesse TIPO de uso, {-STE} pode ser realizado por cinco formas alternativas: *-stes*, *-ste*, *-stex*, *-rte* e *-rtes*, sendo a primeira a mais frequente, com 62%, como podemos observar na Tabela 24.

Tabela 24 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 2

TIPO de uso		<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-stex</i>	<i>-stexs</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtis</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtix</i>	T
TIPO 2	N	6	31	0	1	1	11	0	0	0	0	0	0	0	50
	%	12	62	0	2	2	22	0	0	0	0	0	0	0	4,8

Fonte: elaborado pela autora

No TIPO 2, não há a presença de qualquer forma que ainda não tenha sido realizada nos outros TIPOS analisados. Entretanto, diferentemente do TIPO 1, o TIPO 2 conta com a presença de *-rte*, que junto com *-stex* equivalem às formas com a menor recorrência nesse TIPO de uso (um dado cada uma).

No que concerne ao conjunto de traços de significados indexicalizados por {-STE}, o Quadro 19 exhibe os valores atribuídos a cada uma das formas realizadas no TIPO 2.

Quadro 19 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 2

Grupos	-ste	-stex	-rte	-stes	-rtes
1º grupo: Significado referencial	[---+]	[--++]	[---+]	[--++]	[--++]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[+--]	[--+-]	[----]	[+--]
4º grupo: Significado de identidade gay	[++++]	[--++]	[--++]	[++++]	[+--]
Graus de saliência					
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	5	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere ao 1º e 2º grupos, as formas realizadas no TIPO 2 recebem os mesmos valores que no TIPO 1, haja vista que elas só retêm os traços de *sufixo flexional (DNP)* e *referência ao interlocutor* no 1º grupo; e de *prestígio*, no 2º grupo.

Em relação ao 3º grupo, também não há diferenças muito significativas em relação ao TIPO 1, a não ser pela presença de *-rte*, que junto com *-rtes* e *-stex* parecem tornar o significado de identidade regional mais saliente no TIPO 2.

No 4º grupo, por outro lado, as formas se comportam de um modo um pouco diferente do TIPO 1. Nesse caso, verifica-se que *-rtes*, que era a forma mais proeminente do significado de identidade gay, acaba sendo substituída por *-stes*, porque não se *agrega a itens lexicais do bajubá/pajubá*. As formas *-stex* e *-rte*, além de também não se agregarem a tais itens lexicais, também não estão associadas ao traço de *produção de /s/ em coda final*, o que resulta na atribuição de dois valores [-] a tais formas, valor que também é atribuído a *-ste*.

Considerando os valores atribuídos às formas, observa-se que *-stes* e *-rtes* recebem a mesma quantidade de valores [+] tanto no 1º e 2º grupos, quanto nos 3 e 4. E o mesmo acontece entre as formas *-ste*, *-stex* e *-rte*. Nesses casos, o critério utilizado para o desempate é o grau de inovação da forma. Desse modo, entre *-stes* e *-rtes*, acredita-se que a forma aspirada é a mais inovadora e, portanto, ela seria a mais saliente em relação à expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens). Já no que se refere às outras três formas, no nosso entendimento, *-rte* é mais saliente, seguida de *-stex* e, portanto, *-ste* possui o menor grau de saliência na expressão do referido significado.

- **TIPO β**

O TIPO β se distingue um pouco mais dos outros dois TIPOS acima explicitados, porque grande parte dos traços caracterizadores do uso standard de {-STE} ou são ausentes (no caso de PP) ou foram expandidos, o que se significa que nesse TIPO, {-STE} pode se combinar com uma gama maior de traços gramaticais, além dos canônicos, como mostra o Quadro 11 (cf. Seção 5.1).

Quadro 11 - Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO β

TIPO β	
Base verbal	+
Tema	+
P2	\pm
Sujeito (tu)	\pm
Pretérito perfeito do indicative	-
DMT \emptyset	\pm

Fonte: elaborado pela autora

Mais especificamente quando {-STE} pode estar associado a P2, aparentemente esse TIPO de uso se assemelha bastante com o uso canônico, no entanto, a correlação modo-temporal do verbo a que o referido item se agrega não corresponde a PP, o que o descaracteriza como DNP standard e conseqüentemente atenua ainda mais seu significado referencial. Mesmo nessas condições, esse TIPO permanece relacionado com a categoria de *sufixo flexional*, porque sua categorização depende dos demais traços, sobretudo do tema do verbo o qual, nesse caso, está mais diretamente associado à permanência do status flexional. Nesse TIPO, {-STE} assume a categoria de *sufixo flexional* em menor grau (4).

No que se refere à variação, no TIPO β , {-STE} pode ser realizado por duas formas: *-stes* e *-rtes*, sendo a primeira a mais frequente, com 88,9%, como mostra a Tabela 25.

Tabela 25 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO β

TIPO de uso		-ste	-stes	-stis	-stex	-rte	-rtes	-rtex	-stex	-steys	-stesh	-rtis	-rtix	-rtyx	T
TIPO β	N	0	8	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	9
	%	0	88,9	0	0	0	11,1	0	0	0	0	0	0	0	0,9

Fonte: elaborado pela autora

Cada uma das duas formas remete em diferentes graus de saliência o *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens), o que pode ser observado a partir dos valores atribuídos aos traços que compõem as quatro camadas de significado indexicalizados por {-STE}, exibidos no Quadro 20.

Quadro 20 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO β

Grupos	-stes	-rtes
1º grupo: Significado referencial	[±-++]	[±-++]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[+--+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[--+-]
4º grupo: Significado de identidade gay	[+-++]	[+-++]
Graus de saliência		
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	2	1

Fonte: elaborado pela autora

Como mencionado acima, esse TIPO de uso de {-STE}, apesar de contar com importantes quebras de restrição, assemelha-se com o uso canônico de {-STE}, se não fosse pelo deslizamento na correlação modo-temporal, como já explicitado na Seção 5.1. Tendo isso em vista, diferentemente do que acontece com os TIPOS 1 e 2, no TIPO β , os traços que constituem, sobretudo, os significados referencial e de identidade macrossociológica indexicalizados por {-STE} acabam recebendo alguns valores [+], que não foram atribuídos nos TIPOS 1 e 2.

Com relação aos traços constitutivos do 1º grupo (significado referencial), a principal diferença em relação aos TIPOS 1 e 2 está associada ao fato de que as duas formas realizadas no TIPO β podem ou não reter o traço de *segunda pessoa do singular (tu)* (cf. Quadro 11) e, por isso, foi atribuído o valor [±]. Esse tipo, ainda que em menor grau de status flexional, continua vinculado à categoria morfológica de *sufixo flexional* assumida por {-STE}, mas, embora remeta ao uso canônico, trata-se de um uso inovador.

O fato de se parecer com o uso canônico possivelmente indica que a realização das formas, mais especificamente de -stes, esteja em alguma medida expressando o significado de

identidade macrossociológica do item (2º grupo), sobretudo no que se refere à retenção do traço de *alta escolaridade* e do de *prestígio*, que, como já mencionamos, mantêm-se em todas as formas e contextos de base a que se agregam.

Com relação ao 3º grupo, somente *-rtes* expressa identidade regional, uma vez que retém o traço de aspiração de /s/. Quanto ao 4º grupo, ambas as formas (*-stes* e *-rtes*) indexalizam identidade gay de modo bastante proeminente, porém não há a ocorrência de itens lexicais do *bajubá/pajubá* a que poderiam se agregar.

Em face disso, dos valores do Quadro 20, depreende-se que, em comparação aos TIPOS 1 e 2, o uso de {-STE} no TIPO β veicula com menor saliência o *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens). Dentre as duas formas realizadas, *-rtes* expressa tal significado de um modo um pouco mais proeminente, possivelmente porque tal forma retém menos traços associados ao uso canônico de {-STE}.

Além desses três TIPOS, em que {-STE} assume a categoria de sufixo flexional, a *base verbal não canônica* integra ainda os TIPOS 3, 4, 5, 6 e \forall , que correspondem aos TIPOS que mais se distinguem do uso canônico de {-STE} e, portanto, possuem uma menor quantidade de traços caracterizadores desse uso, como podemos observar no Quadro 21.

O Quadro 21 corresponde a uma compilação dos Quadros 8, 9, 10, 12, 13 e 15 apresentados na Seção 5.1.

Quadro 21 – Valores dos traços gramaticais de {-STE} nos TIPOS 3, 4, 5, 6 e \forall

Traços gramaticais	TIPO 3	TIPO 4	TIPO 5	TIPO 6	TIPO \forall
Base verbal	+	+	+	+	+
Tema	-	-	-	-	-
P2	+	-	±	±	-
Sujeito (tu)	±	-	±	±	-
Pretérito perfeito do indicativo	+	+	-	±	±
DMT \emptyset	+	+	±	-	±
Sufixo flexional (DMT + DNP)	Esp. suf. deriv.1	Esp. suf. deriv.2	Esp. suf. deriv.3	Esp. suf. deriv.4	Esp. clítico

Fonte: elaborado pela autora

Os TIPOS 3, 4, 5 e 6 correspondem aos TIPOS em que {-STE} assume o papel de *espécie de sufixo derivacional* e o TIPO \forall , ao de *espécie de clítico* (cf. Seção 5.1).

No caso dos quatro primeiros TIPOS, {-STE} assume a referida categoria em diferentes graus de status derivacional, que está relacionado com a quantidade de traços caracterizadores

do uso canônico que cada TIPO retém (cf. Quadro 21). Desse modo, quanto menor é a retenção desses traços, maior é o status derivacional. Nesse sentido, a gradiência que percorre os TIPOS 3, 4, 5 e 6 na *base verbal não canônica* – em que {-STE} assume o papel de *espécie de sufixo derivacional* de graus 1, 2, 3 e 4 respectivamente – parece intensificar o esmaecimento da correlação canônica entre forma e função/significação.

Apesar de cada um desses quatro TIPOS acima mencionados poderem ser realizados por diferentes formas alternativas de {-STE}, no que se refere aos traços do 1º e 2º grupos, esses TIPOS parecem reter os traços constitutivos dos significados referencial e de identidade macrossociológica de modo semelhante.

No que diz respeito ao significado referencial, além dos valores [-] em relação à *segunda pessoa do singular* (com exceção do TIPO β) e ao *uso canônico*, todas as formas realizadas nos TIPOS 3, 4, 5 e 6 recebem mais um valor [-] e tal atribuição se dá mais diretamente em razão da não retenção do traço de *sufixo flexional (DNP)*, haja vista que todos os quatro TIPOS estão, em diferentes graus, associados à outra categoria morfológica assumida por {-STE} (*espécie de sufixo derivacional*).

Mais especificamente com relação ao traço de *segunda pessoa do singular*, há algumas particularidades. No caso do TIPO 4, as formas realizadas podem ainda receber mais um valor [-] porque não estão associadas a tal traço. Nos TIPOS 3, 5 e 6, como pode ou não haver a presença de *P2 (tu)*, o valor atribuído é [\pm], como no TIPO β .

No que se refere ao significado de identidade macrossociológica, em qualquer uma das formas realizadas em qualquer um dos quatro TIPOS relacionados à referida categoria só se mantém o traço de *prestígio* (do ponto de vista da CP e não de uma comunidade mais ampla, como já explicitamos anteriormente).

É mais relacionada com os significados do 3º e 4º grupos que está a principal diferença entre os TIPOS por ora analisados, sobretudo porque tais TIPOS podem ser realizados por diferentes formas alternativas que podem veicular diferentes traços constitutivos de significados.

• TIPO 3

No TIPO 3, {-STE} pode ser realizado por quatro formas alternativas: *-stes*, *-stes*, *-stis* e *-rte*, sendo a primeira a mais recorrente com 50%, como mostra a Tabela 26.

Tabela 26 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 3

TIPO de uso		-ste	-stes	-stis	-stex	-rte	-rtes	-rtex	-stez	-steys	-stesh	-rtis	-rtix	-rtyx	T
TIPO 3	N	4	9	1	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	18
	%	22,2	50	5,6	0	22,2	0	0	0	0	0	0	0	0	1,7

Fonte: elaborado pela autora

Observa-se que há somente uma forma (-rte) nesse TIPO de uso que indexicaliza o significado de identidade regional e, nesse sentido, tal significado seria o menos saliente de todos, inclusive em relação aos significados referencial e de identidade macrossociológica, como observamos no Quadro 22.

Quadro 22 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 3

Grupos	-ste	-stis	-rte	-stes
1° grupo: Significado referencial	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
2° grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3° grupo: Significado de identidade regional	[----]	[----]	[--+-]	[----]
4° grupo: Significado de identidade gay	[-+++]	[+-+++]	[--+++]	[++++]
Graus de saliência				
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

Por outro lado, no que se refere à identidade gay, observa-se que se trata da camada de significado mais proeminente e -stes, por reter todos os traços constitutivos desse significado (elencados no Quadro 16), é a forma mais saliente. As formas -ste e -rte não estão associadas ao traço de *produção de /s/ em coda final* e por isso recebem um valor [-]. Somado a isso, -rte e -stis não estão agregadas a *itens lexicais do bajubá/pajubá* e, por isso, recebem valor [-]. Isso posto, em relação a esse significado, -rte é a forma que contém menos traços constitutivos de identidade gay.

Considerando os valores atribuídos a cada uma das quatro formas realizadas nesse TIPO de uso em relação ao traços do 1° e 2 grupos e 3° e 4° grupos, verifica-se que -stes remete com maior saliência ao *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual

Dublagens). As outras três formas (*-rte*, *-stis* e *-ste*) possuem a mesma quantidade de valores [+], sobretudo considerando os 3º e 4º grupos. Pelo fato de *-ste* ser a forma canônica embora se trate de um contexto de uso inovador, acreditamos que essa é a forma menos saliente. As outras duas (*-stis* e *-rte*) são inovadoras em diferentes aspectos e no nosso entendimento *-rte* é a mais saliente, porque consideramos a *aspiração de /s/* um traço mais marcado.

• TIPO 4

No TIPO 4, {-STE} pode ser realizado por seis formas alternativas: *-ste*, *-stes*, *-stis*, *-rte*, *-rtes* e *-rtex*, sendo *-stes* a mais frequente, com 77,3%, como mostra a Tabela 27.

Tabela 27 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 4

TIPO de uso		<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-stex</i>	<i>-steys</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtis</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtix</i>	T
TIPO 4	N	13	99	2	0	1	11	2	0	0	0	0	0	0	128
	%	10,2	77,3	1,6	0	0,8	8,6	1,6	0	0	0	0	0	0	12,2

Fonte: elaborado pela autora

Nesse TIPO de uso, há a presença de mais formas que indexalizam o significado de identidade regional (3º grupo) do que no TIPO 3, o que torna tal significado mais saliente nesse TIPO de uso, como podemos observar no Quadro 23. Nesse sentido, tem-se *-rte* e *-rtes* que retêm o traço de aspiração de /s/ e *-rtex* que retêm o traço de *aspiração de /s/* e *palatalização de /s/ em coda final*.

Com relação ao significado de identidade gay, verifica-se no Quadro 23 que *-stes* veicula tal significado de modo mais proeminente haja vista que está associada a todos os traços que constituem tal significado (*produção de /s/ em posição de coda; agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá e morfema -te* (referente a {-STE})). Nesse TIPO de uso, somente *-stes* se agrega a *itens lexicais do bajubá/pajubá*, nesse sentido um traço [-] é atribuído a *-ste*, *-stis*, *-rte*, *-rtex* e *-rtes*. Somado a isso, as formas *-ste* e *-rte* recebem mais um valor [-] porque não retêm o traço de *produção de /s/ em coda final*.

Quadro 23 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 4

Grupos	-ste	-stis	-rte	-rtex	-stes	-rtes
1º grupo: Significado referencial	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[----]	[--+-]	[---+]	[----]	[--+-]
4º grupo: Significado de identidade gay	[--++]	[+--++]	[--++]	[--++]	[++++]	[+-++]
Graus de saliência						
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	6	5	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

Com base nos valores atribuídos no Quadro 23, verifica-se que a expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens) se dá de modo mais saliente pelas formas *-rtes* e *-stes*, que possuem mais valores [+] em relação aos 3º e 4º grupos; e mais valores [-] no 1º e 2º grupos. Essas duas formas apresentam a mesma quantidade de traços, no entanto, como consideramos *-rtes* como a forma mais marcada, por manter um traço bastante proeminente (*aspiração de /s/*), tanto para quem pertence à CP em questão como para quem não pertence, foi atribuído a ela o maior grau de saliência (grau 1) do *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens). Nesse sentido, *-stes* possui grau 2.

No caso das formas *-rtex*, *-rte* e *-stis*, que também guardam a mesma quantidade de valores, entende-se que, entre as três, as formas aspiradas são as mais proeminentes e, entre elas duas, *-rtex* é ainda mais, uma vez que está associada a um traço composto por dois que indexalizam identidade regional (*aspiração de /s/ e palatalização de /s/ em coda final*). Em vista disso, tais formas recebem graus 3, 4 e 5 respectivamente. Quanto a *-ste*, trata-se da forma menos saliente (grau 6).

• TIPO 5

No TIPO 5, {-STE} pode ser realizado por quatro formas alternativas: *-ste*, *-stes*, *-rtes* e *-stesh*, sendo *-stes* a mais frequente, com 68%, como mostra a Tabela 28.

Nesse TIPO de uso, tem-se duas formas que estão associadas a diferentes traços constitutivos de identidade regional: *-stesh*, que possui o traço de *palatalização de /s/ em coda final*; e *-rtes*, que possui o traço *aspiração de /s/*. Por essa razão, cada uma recebe um valor [+] no que se refere ao 3º grupo, como se observa no Quadro 24.

Tabela 28 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 5

TIPO de uso		<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-stex</i>	<i>-steys</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtis</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtix</i>	T
TIPO 5	N	2	17	0	0	0	5	0	0	0	1	0	0	0	25
	%	8	68	0	0	0	20	0	0	0	4	0	0	0	2,4

Fonte: elaborado pela autora

Com relação ao 4º grupo, como nesse TIPO de uso (TIPO 5) não há a presença de *itens lexicais do bajubá/pajubá*, as quatro formas realizadas não mantêm tal traço e, portanto, recebem um valor [-]. No caso de *-ste* e *-stesh*, atribui-se mais um valor [-] em relação ao traço de *produção de /s/*. Considerando isso e o que mostra o Quadro 24, verifica-se que *-stes* e *-rtes* estão mais fortemente associadas com a expressão de identidade gay na Tal Qual Dublagens, do que *-ste* e *-stesh*.

Quadro 24 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 5

Grupos	<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtes</i>
1º grupo: Significado referencial	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[----]	[-+--]	[--+-]
4º grupo: Significado de identidade gay	[---+]	[+---]	[---+]	[+---]
Graus de saliência				
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

Tendo em vista os valores atribuídos no Quadro 24, observa-se que no TIPO 5, *-rtes* é a forma mais proeminente (grau 1) no que se refere ao *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens). As formas *-stesh* e *-stes* recebem respectivamente

graus 2 e 3, porque o grau de inovação da primeira é um pouco mais saliente que a segunda. E *-ste* continua sendo a que veicula tal significado com menor grau de saliência (grau 4).

- **TIPO 6**

No caso do TIPO 6, {-STE} conta com doze formas alternativas de realização: *-ste*, *-stis*, *-stesh*, *-rte*, *-rtex*, *-rtix*, *-rtyx*, *-stes*, *-stex*, *-rtis* e *-rtes*, sendo *-rtes* e *-stes* as mais frequentes, com 51,6% e 34,2% respectivamente, como mostra a Tabela 29.

Tabela 29 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 6

TIPO de uso		<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-stex</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtis</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtyx</i>	T
TIPO	N	16	65	1	1	4	98	1	1	0	1	1	1	190
6	%	8,4	34,2	0,5	0,5	2,1	51,6	0,5	0,5	0	0,5	0,5	0,5	18,1

Fonte: elaborado pela autora

Da *base verbal não canônica*, acredita-se que esse é o TIPO de uso mais expandido, e, portanto, qualquer uma das doze formas alternativas de realização mencionadas acima podem assumir o papel de *espécie de sufixo derivacional de grau 4*, isto é, o segundo maior grau de status derivacional. Por ser o mais expandido, esse TIPO é consequentemente um dos mais inovadores e, portanto, qualquer forma que seja realizada remete à expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens) de modo saliente.

Quadro 25 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência do significado de identidade de grupo social no TIPO 6

Grupos	-ste	-stez	-stis	-stesh	-rte	-rtex
1º grupo: Significado referencial	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[----]	[----]	[+---]	[---+]	[---+]
4º grupo: Significado de identidade gay	[--++]	[+---+]	[+---+]	[--++]	[--++]	[--++]
Graus de saliência						
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	11	10	10	9	8	7
Grupos	-rtix	-rtyx	-stes	-stex	-rtis	-rtes
1º grupo: Significado referencial	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[---+]	[---+]	[----]	[+---]	[---+]	[---+]
4º grupo: Significado de identidade gay	[--++]	[--++]	[++++]	[+---+]	[+---+]	[++++]
Graus de saliência						
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	6	5	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

Com relação ao 3º grupo, há diversas formas que carregam os traços que constituem o significado de identidade regional, como podemos observar no Quadro 25. O TIPO 6 é o TIPO de uso em que todas as formas que estão no escopo da macroforma <-rte> são realizadas, o que significa que o traço de *apiração de /s/* e de *aspiração e palatalização de /s/* (no caso de *-rtex*, *-rtix* e *-rtyx*) se fazem bastante presentes nesse tipo. Somado a isso, há ainda

outras formas que carregam traços de identidade regional, como *-stesh* e *-stex*, associadas à *palatalização de /s/ em coda final*.

No que se refere aos traços do 4º grupo, embora {-STE} possa ser realizado de doze diferentes formas, somente *-stes*, *-stex* e *-rtes* são agregadas a *itens lexicais do bajubá/pajubá*, e, por isso, apenas essas três recebem valor [+] quanto a esse traço. No caso de *-ste*, *-stesh*, *-rte*, *-rtix*, *-rtyx* e *-stex*, atribui-se valor [-] em relação ao traço *produção de /s/ em coda final*. Considerando isso e em observância ao Quadro 25, *-rtes* e *-stes* são as forma mais proeminente na expressão de identidade gay.

Tendo em vista os valores atribuídos a cada uma das doze formas de realização em relação às quatro camadas de significado que concomitantemente indexalizam, verifica-se que, no que diz respeito à expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens), além de ser uma das mais proeminentes na expressão de identidade gay e de ser a mais frequente do TIPO 6, *-rtes* é a forma mais saliente no que concerne ao *significado de identidade de grupo social* e, por isso, foi atribuído a ela grau 1.

Nesse TIPO de uso há muitas formas que apresentam a mesma quantidade de valores [+] e, nesse caso, observamos o grau de inovação a que cada uma está relacionada. Com base nisso, entre *-stex* e *-stes*, a primeira é mais inovadora, portanto recebe grau 3 e a segunda, grau 4. Entre *-rtyx*, *-rtix*, *-rtex*, *-rte*, *-stesh*, *-stex* e *-stis* acredita-se que as aspiradas são mais inovadoras. Das quatro formas aspiradas, *-rtyx* nos parece mais marcada e, portanto, recebe grau 5. As demais apresentam graus de inovação em ordem decrescente, desse modo, atribui-se graus 6, 7, 8, 9 e 10. No caso das formas *-stex* e *-stis*, não foi possível definir um critério sobre qual das duas seria mais ou menos inovadora, e, portanto, atribuímos o mesmo grau (grau 10). A forma *-ste* continua sendo a menos saliente na expressão de *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens), possivelmente por estar fortemente associada a traços caracterizadores do uso canônico e do significado referencial de {-STE}, por isso recebeu o grau 11.

• TIPO Y

No TIPO Y, {-STE} assume outra categoria morfológica, a de *espécie de clítico* (cf. Seção 5.1), que está associada a uma série de quebras de restrições morfossintáticas e semântico-pragmáticas, que amplia a quantidade de traços gramaticais com que {-STE} e qualquer uma de suas formas de realização podem se combinar. Mais especificamente no que

se trata de traços caracterizadores do uso canônico, principalmente aqueles que estão mais associados com a identificação do significado referencial, como mostra o Quadro 6 anteriormente, o referido item não está associado a P2 (sujeito tu), mas a P2 objeto e não é agregado ao tema do verbo, o que quebra a correlação com o status flexional.

No que diz respeito ao uso variável, no TIPO \checkmark , {-STE} pode ser realizado por cinco formas: *-ste*, *-stes*, *-rte*, *-rtes* e *-rtex*, sendo *-stes* e *-rtes* igualmente as mais frequentes, com 44,6% cada.

Tabela 30 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO \checkmark

TIPO de uso		<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-stez</i>	<i>-steys</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtis</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtyx</i>	T
TIPO \checkmark	N	4	29	0	0	2	29	1	0	0	0	0	0	0	65
	%	6,2	44,6	0	0	3,1	44,6	1,5	0	0	0	0	0	0	6,2

Fonte: elaborado pela autora

O Quadro 26 exhibe os valores atribuídos aos conjuntos de traços indexicalizados por {-STE} no TIPO \checkmark .

Quadro 26 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência da expressão de identidade de grupo social no TIPO \checkmark

Grupos	<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtex</i>	<i>-rtes</i>
1º grupo: Significado referencial	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[----]	[--+-]	[---+]	[--+-]
4º grupo: Significado de identidade gay	[--++]	[+-++]	[--++]	[--++]	[+-++]
Graus de saliência					
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	5	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere ao traços do 1º e 2º grupos, qualquer uma das cinco formas realizadas nesse TIPO só retêm os traços de *referência ao interlocutor* (1º grupo) e de *prestígio* (2º grupo), e nesse sentido recebem um valor [+] e três [-], o que se assemelha ao TIPO 4, explicitado anteriormente.

Em relação ao 3º grupo das cinco formas realizadas nesse tipo, três (*-rte*, *-rtes* e *-rtex*) estão no escopo da macroforma <-rte>, o que significa que elas carregam o traço de *aspiração de /s/*, o qual constitui o significado de identidade regional. No caso de *-rtex*, tal forma carrega um traço composto em que ocorre ao mesmo tempo a *aspiração de /s/* e a *palatalização de /s/ em coda final*. Desse modo, no que tange a essa camada de significado, tal forma é a mais proeminente, apesar de receber somente um traço [+] como as outras duas.

Em relação ao 4º grupo, esse TIPO de uso não conta com a presença de *itens lexicais do bajubá/pajubá*, portanto todas as cinco formas recebem um valor [-] no que diz respeito a esse traço. No caso de *-ste*, *-rte* e *-rtex*, tais formas recebem ainda mais um valor [-] relativo à ausência do traço de *produção de /s/*. Como as formas *-stes* e *-rtes*, que possuem a mesma quantidade de valores [+] nesse grupo, carregam mais traços constitutivos desse significado, elas são as formas mais proeminentes no que se trata da expressão de identidade gay.

Considerando todos os valores atribuídos aos quatro grupos, verifica-se no Quadro 25 que as três formas que começam com /r/ (*-rtes*, *-rte* e *-rtex*) são as mais salientes no que se refere à *expressão de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens), haja vista que carregam uma maior quantidade de traços [+]; sobretudo em relação ao 3º e 4º grupos. Dessas três, *-rtes* recebe o maior grau de saliência (grau 1), além de ser uma das mais frequentes do TIPO de uso em que ocorre. As demais *-rte* e *-rtex*, junto com *-stes* apresentam a mesma quantidade de valores [+], no entanto como *-rtex* carrega um traço composto, que já mencionamos anteriormente, considera-se que tal forma é a segunda mais saliente, com grau 2; seguida de *-rte*, com grau 3 e de *-stes*, a menos inovadora entre as três, com grau 4. No caso de *-ste*, ela continua sendo a menos saliente, com grau 5.

De um modo geral, observamos ao longo dos oito TIPOS relacionados com a *base verbal não canônica* que {-STE} passa por um processo gradativo de esmaecimento da correlação forma-função/significação. Nesse sentido, à medida que as regras que restringem o uso canônico de {-STE} são gradativamente rompidas e o status flexional de {-STE} é enfraquecido – momento em que passa a assumir outras categorias morfológicas além de *sufixo flexional (espécie de sufixo derivacional e espécie de clítico)* –, verifica-se que a função comunicativa prototípica de {-STE}, a qual está mais relacionada com traços que constituem o significado referencial, fica cada vez menos proeminente.

Concomitantemente a essa situação, os significados de identidade gay e de identidade regional que integram a função socialmente simbólica passam a ser cada vez mais salientes, o que resulta em um processo gradativo de fortalecimento dessa função. Nesse caso, o que

parece ocorrer é que quanto mais restrições que caracterizam o uso canônico de {-STE} são rompidas, o referido item torna-se mais fortemente associado às camadas de significado social, sobretudo os de natureza identitária, o que parece se intensificar ainda mais na *base não verbal*, sobre a qual discutimos a seguir.

5.3.3 Base não verbal

A base não verbal, que inclui as ocorrências de palavras de origem estrangeira, está vinculada ao TIPO 7 e se trata do TIPO de uso mais expandido de {-STE}, como evidencia o Quadro 14 (Seção 5.1)

Quadro 14 – Valores dos traços gramaticais presentes no TIPO 7

TIPO 7	
Base verbal	-
Tema	-
P2	±
Sujeito (tu)	±
Pretérito perfeito do indicativo	-
DMT Ø	-

Fonte: elaborado pela autora

Nesse tipo, todos os traços que caracterizam o uso canônico do referido item foram rompidos, o que significa que {-STE} não se agrega a uma base verbal e sim a classes de palavras (que não sejam o verbo) e palavras de origem estrangeira, e está associado à categoria de espécie de sufixo derivacional, que assume com a maior saliência (grau 5).

Quanto ao uso variável, {-STE} pode ser realizado por sete formas alternativas: *-ste*, *-stes*, *-stis*, *-stex*, *-rte*, *-rtes*, *-rtex*, *-stex*, *-steys*, *-stesh* e *-rtis*, sendo *-stes* e *-rtes*, as mais frequentes, com 62,4% e 31,2% respectivamente.

Tabela 31 – Distribuição das formas de realização de {-STE} em relação ao TIPO 7

TIPO de uso		<i>-ste</i>	<i>-stes</i>	<i>-stis</i>	<i>-stex</i>	<i>-rte</i>	<i>-rtes</i>	<i>-rtex</i>	<i>-stex</i>	<i>-steys</i>	<i>-stesh</i>	<i>-rtis</i>	<i>-rtix</i>	<i>-rtyx</i>	T
TIPO	N	6	136	3	0	0	68	0	0	1	1	3	0	0	218
7	%	2,8	62,4	1,4	0	0	31,2	0	0	0,4	0,4	1,4	0	0	20,8

Fonte: elaborado pela autora

O Quadro 27 exhibe os valores atribuídos ao conjunto de traços que constituem as quatro camadas de significados concomitantemente indexicalizados por {-STE}.

Quadro 27 – Valores dos traços de significados indexicalizados pelas formas de realização de {-STE} e graus de saliência da expressão de identidade de grupo social no TIPO 7

Grupos	-ste	-stes	-steys	-stesh	-rte	-rtis	-rtes
1º grupo: Significado referencial	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]	[±---+]
2º grupo: Significado de identidade macrossociológica	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]	[---+]
3º grupo: Significado de identidade regional	[----]	[----]	[----]	[+---]	[--+-]	[---+]	[---+]
4º grupo: Significado de identidade gay	[--++]	[+---]	[+---]	[--++]	[--++]	[+---]	[++++]
Graus de saliência							
<i>Significado de identidade de grupo social</i>	7	6	5	4	3	2	1

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere ao 1º grupo, observa-se que todas as sete formas realizadas nesse TIPO, recebem os mesmos valores a todos os traços. Como elas podem ou não estar associadas ao traço de *segunda pessoa do singular*, foi atribuído o valor [±]. Os dois valores [-] foram atribuídos porque não se trata de *uso canônico*, embora a forma standard seja utilizada, e nem de sufixo flexional. O único traço retido em qualquer circunstância é o de referência ao interlocutor, por isso, a presença de um valor [+].

Em relação ao 2º grupo, as formas realizadas no TIPO 7 só retêm o traço de prestígio, assim como nos outros TIPOS. Já no que se trata do 3º grupo, esse TIPO conta com a realização de quatro formas que carregam traços associados à identidade regional, são elas: -stesh, vinculada ao traço de *palatalização de /s/ em coda final*; e -rte, -rtis e -rtes, vinculadas à *aspiração de /s/*. É possível dizer, pois, que no TIPO 7 o significado de identidade regional é expresso de modo mais saliente que em outros TIPOS.

No 4º grupo, como mostra o Quadro 27, -rtes é a forma que apresenta mais traços constitutivos do significado de identidade gay. Essa é a única forma que está agregada a *itens lexicais do bajubá/pajubá* e, por isso, as outras seis formas realizadas nesse TIPO (-ste, -stes, -steys, -stesh, -rte e -rtis) recebem um valor [-]. Somado a isso, atribui-se mais um valor [-] a -ste, -stesh e -rte por não carregarem o traço de *produção de /s/*.

Considerando todos os valores atribuídos no Quadro 27, apesar das formas realizadas receberem um valor [±] e um valor [+], relativos a *expressão de segunda pessoa do singular e referência ao interlocutor*, respectivamente, o significado referencial de {-STE} está tão esmaecido quanto nos outros TIPOS de atrelado às outras bases (*verbal canônica e não canônica*) e inclusive em um grau a mais, tendo em vista que o TIPO 7 se distingue quase que completamente do uso canônico do TIPO 0, como mostra o Quadro 14. Tendo em vista tal esmaecimento, os significados de identidade regional e identidade gay se tornam ainda mais proeminentes e nesse sentido o *significado de identidade de grupo social* adquire maior saliência, quando o comparamos em relação aos TIPOS vinculados à *base verbal canônica e não canônica*.

De todas as sete formas realizadas no TIPO 7, *-rtes* é a forma que expressa *identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens) de modo mais saliente (grau 1); seguida de *-rtis* (grau 2); de *-rte* (grau 3); de *-stesh* (grau 4); de *-steys* (grau 5); de *-stes* (grau 6) e *-stes*, com menor grau de saliência (grau 1).

A seguir, tecemos alguns comentários gerais, retomando alguns pontos que dialogam com as três bases contextuais que analisamos nesta seção.

5.3.4 Amarrando as pontas

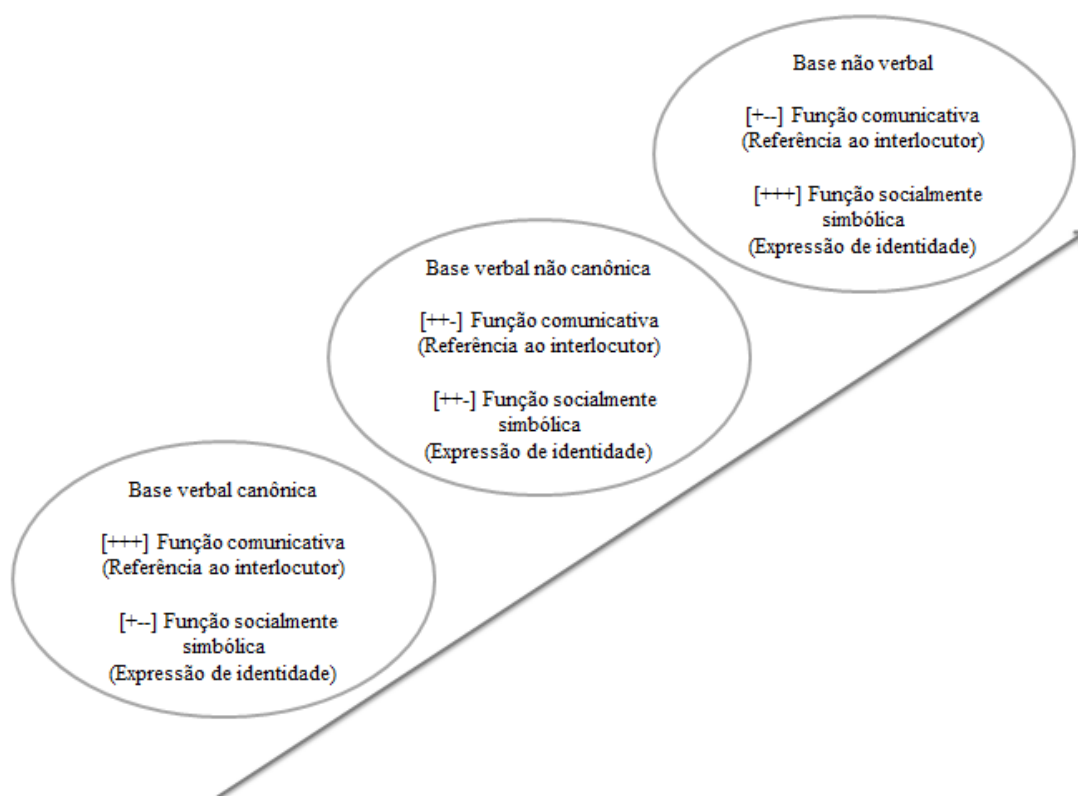
Considerando os dez TIPOS de uso explicitados ao longo desta seção (Seção 5.3) – os quais estão vinculados às três bases contextuais (*base verbal canônica; base verbal não canônica e base não verbal*) a que {-STE} e suas formas de realização podem se agregar – observamos, de um modo geral, que o referido item passa por um processo gradativo de deslizamento na correlação forma e função/significação. Nesse sentido, à medida que as regras que restringem o uso canônico de {-STE} são gradativamente rompidas e o status flexional do referido item é enfraquecido – momento em que passa a assumir características de outras categorias morfológicas (*espécie de sufixo derivacional e espécie de clítico*) –, verifica-se que a função comunicativa prototípica de {-STE}, a qual está mais relacionada com traços que constituem o significado referencial, fica cada vez menos proeminente. Situação que ocorre sobretudo na *base verbal não canônica* (cf. Seção 5.1).

Concomitantemente a essa situação, verificamos nesta seção que as outras camadas de significação/função indexicalizadas por {-STE}, sobretudo os significados de identidade gay e de identidade regional, passam a ser cada vez mais salientes à medida que as formas

alternativas do referido item passam a ser usadas nas outras duas bases contextuais inovadoras, o que resulta, de um modo geral, em um processo gradativo de fortalecimento da função socialmente simbólica.

Diante disso, é possível dizer que além da expansão da (i) configuração gramatical (tipo de uso) e conseqüentemente da base contextual a que {-STE} pode se agregar (*base verbal canônica* > *base verbal não canônica* > *base não verbal*); (ii) da categoria morfológica (*sufixo flexional [DNP]* > *espécie de clítico* > *espécie de sufixo derivacional*), o uso de {-STE} na amostra analisada envolve também uma expansão de significado semântico-pragmático e socioidentitário, motivada por pressões de natureza cognitivo-comunicativa e socialmente simbólica. Tal expansão se dá ao longo das três bases contextuais mencionadas e assim, considerando o que foi exposto ao longo desta seção, sugerimos a trajetória desse tipo de expansão, apresentada na Figura 14.

Figura 14 – Trajetória de expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica de {-STE}



Fonte: elaborado pela autora

Como se pode depreender da Figura 14, (i) foram atribuídos uma sequência de três valores a cada uma das duas funções mencionadas; (ii) a expansão semântico-pragmática de

{-STE} se dá por meio de um gradiente funcional centrado na função comunicativa, e a expansão do significado socioidentitário se dá no eixo da função socialmente simbólica; (iii) quanto mais inovadora é a base contextual a que o referido item ou qualquer uma de suas formas de realização se agregam, a função socialmente simbólica é exercida em maior grau e a comunicativa em menor grau.

Na *base verbal canônica*, {-STE} desempenha prototipicamente a função comunicativa de referência ao interlocutor, uma vez que suas formas de realização retêm quase todos os traços constitutivos do significado referencial do item (sem se restringir a DNP standard). Por esse motivo, recebe todos os valores [+]. Quanto à função socialmente simbólica, apesar do uso de {-STE}, mesmo nessa base contextual, expressar todas as camadas de significado identitário (identidade macrossociológica; identidade regional e identidade gay), acredita-se que tal função é exercida em menor grau se comparada com a proeminência da função comunicativa.

Já na *base verbal não canônica* – como vimos no decorrer da seção 5.3 e também na 5.1 –, a função comunicativa deixa de estar associada a alguns traços do significado referencial, evidenciando o deslizamento da correlação forma e função/significação a que nos referimos anteriormente. Enquanto tal deslizamento atenua a função comunicativa, a função socialmente simbólica é intensificada, o que explica o fato de que as formas de realização de {-STE} passam a se tornar mais proeminentes em relação à expressão dos significados identitários, mais especificamente nos de identidade regional e de identidade gay.

Na base não verbal, que corresponde ao uso mais inovador de {-STE}, a função comunicativa apresenta o menor grau de proeminência, mas não é completamente enfraquecida, sobretudo porque a referência ao interlocutor, ainda que não esteja associada ao uso canônico, ainda se mantém e isso se dá principalmente pelo contexto de uso em que o dado é gerado, isto é, um site de rede social, que implica naturalmente a presença de interlocução. Considerando isso, a função socialmente simbólica é desempenhada em seu maior grau.

Como mencionado anteriormente, essas duas funções se situam no escopo do domínio funcional-simbólico, denominado *referência ao interlocutor e expressão de identidade*, em que todas as camadas de significados manifestadas por {-STE} constituem um único significado amplo, o de *expressão de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens). E, como vimos ao longo desta seção 5.3, tal significado é expresso com uma

maior proeminência pelas formas de realização que estão mais diretamente relacionadas a traços socioidentitários.

A seguir apresentamos mais alguns comentários sobre as camadas de significados socioidentitários indexicalizados por {-STE}, buscando fortalecer os argumentos com base em dados da amostra complementar, a que nos referimos anteriormente (descrita na Subseção 4.5.3).

No que se refere ao significado de identidade macrossociológica, como já mencionamos, ele está associado à função socialmente simbólica, entretanto os traços constitutivos desse significado estão fortemente vinculados ao uso canônico de {-STE} no TIPO 0. À medida que os traços que remetem ao uso canônico são atenuados, a lógica é que a camada de significado de identidade macrossociológica também seja enfraquecida e se torne menos saliente ao longo dos outros TIPOS de uso, associados à *base verbal canônica* e à *base não verbal*. No entanto, acredita-se que, porque as formas são usadas nesses contextos inovadores com uma frequência significativa (principalmente *-rtes*), elas adquirem valor positivo, pelo menos no interior dessa comunidade, como parecem evidenciar os dados referentes à amostra complementar expostos a seguir.

Em um dado momento do formulário aplicado (Apêndice 1), fizemos a seguinte pergunta: “*há algo que chama sua atenção ou causa estranhamento nas frases a seguir: ‘mana, tu arrasaste’; ‘minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes’; ‘eu ameistes titia, vou fazer’; ‘a senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes’; ‘tu é ignorante demaistes’ e ‘titia já déstes entrada no bolsa familiartes?’*”? Das 21 respostas, quatro nos chamam a atenção, pois estão associadas a seguidores da página Tal Qual Dublagens. Eles são identificados como S1; S2; S3 e S4.⁹⁶

S1: *Não há nenhum estranhamento em relação as palavras ou frases citadas acima.*

S2: *Pra mim é natural*

S3: *Não, esse é o meu amazonês*

S4: *Nadartes, até porque eu usortes diretortes kkkkk*

Note-se que cada uma das ocorrências/frases mostradas para esses sujeitos remete a diferentes TIPOS de uso de {-STE} e todas, mesmo em contextos inovadores, foram avaliadas positivamente. Respostas como essas corroboram a hipótese de que as inovações

⁹⁶Sabe-se dessa informação porque S1, S2, S3 e S4 são pessoas próximas a mim.

linguísticas envolvidas no uso do referido item, independentemente da base contextual, do TIPO de uso e da forma realizada, parecem expressar um certo tipo de prestígio entre os membros da comunidade, um *prestígio encoberto*. Por outro lado, quando se trata de não membros, a avaliação é totalmente diferente, como evidenciam as respostas de S5, S6 e S7 à pergunta “*você se sentiria confortável em fazer o uso do -ste(s) como nos exemplos apresentados na sua fala do dia a dia? Por quê?*”.

S5: *Não, pois não acho legal*

S6: *Não, porque estaria falando errado*

S7: *Não, pois não pertence ao grupo que usa tais vocábulos*

A resposta de S7 parece ir ao encontro do argumento de que a resignificação do valor de prestígio atribuído ao uso de {-STE} envolveria uma outra noção de identidade que não se limita à identificação a partir de categorias macrossociais, mas se estende a aspectos mais subjetivos e ideológicos que são compartilhados somente por quem pertence à comunidade e, de certa forma, sente-se legitimado a fazer esses TIPOS de uso.

Considerando os dados acima e as hipóteses aventadas, acredita-se que o significado de identidade macrossociológica está sensível a duas interpretações contextualmente estabelecidas pelos sujeitos (membros da CP em questão), que se dão a partir da relação dialética entre significados mais globais e mais locais (SILVERSTEIN, 2003), o que sugere a vinculação de tal significado a dois ordenamentos de indexicalidade.

Desse modo, quando associado à base verbal canônica, {-STE}, e mais especificamente a forma standard (-ste) no TIPO 0, expressa significados mais globais e uma noção de identidade mais ampla, e, portanto veicula *indexicalidade de primeira ordem*. Já em usos inovadores – que recobrem tanto as outras duas bases contextuais (*base verbal não canônica* e *base não verbal*), quanto as treze formas alternativas de realização (-ste, -stes, -stis, -stex, -stexz, -steys, -stesh, -rte, -rtes, -rtex, -rtis, -rtix e -rtix), o referido item expressa significados localmente estabelecidos, e, portanto, relaciona-se à *indexicalidade de segunda ordem*.

Diante disso, consideramos que a reinterpretação do traço de prestígio (traço constitutivo do significado de identidade macrossociológica) pelos membros da CP, que se dá, sobretudo quando {-STE} passa a ser usado em contextos de uso inovadores, também está relacionada ao fortalecimento da função socialmente simbólica.

No caso do significado de identidade gay, apresentamos algumas evidências favoráveis à hipótese de que {-STE} está fortemente associado à comunidade LGBT (cf. BARROSO, 2017) e à CP Tal Qual Dublagens, o que é, de certa forma, ratificado por alguns sujeitos em resposta à pergunta: “*você acha que o uso de -ste(s) é mais característico de algum sexo/gênero específico? Qual?*”.

S1: No meio LGBT sim, é como uma linguagem que usamos pra conversar com as pessoas que são adeptas a essa linguagem.

S3: homossexuais e mulheres

S4: Sim, geralmente os gays usam mais, mas as pessoas que seguem a Tia Tal Qual também usam algumas vezes.

S10: Essas expressões parecem tiradas da página do canal do youtube Tal Qual e de seus fãs.

S8: Eu relaciono muito à comunidade LGBTQ+. Muitos usufruem dessa linguagem. Muito mais que os homens heterossexuais.

S9: Ao grupo dos LGBTs

Como já mencionado, S1, S3 e S4 são membros da Tal Qual Dublagens, e mais especificamente S1 faz parte também da comunidade LGBT, o que fica evidente na passagem uma linguagem que usamos, incluindo-se em tal grupo social. No caso de S9, não foi possível recuperar a informação de que se trata ou não de um seguidor da Tal Qual, mas ele faz associação do uso de {-STE} à comunidade LGBT, mesmo não se considerando parte desse grupo, em resposta à pergunta: “*você se considera como parte desse grupo?*”. No caso de S10, ele associa o uso de {-STE} à Tal Qual Dublagens, mas diz que não faz parte do grupo. E S8, parece se reconhece, em alguma medida, como membro da comunidade LGBT.

S9: Não, admiro a causa, acho interessante, acompanho notícias, mas não faço parte

S10: Não

S8: De certa forma, sim

O que depreendemos desses dados é que o significado de identidade gay indexicalizado por {-STE} é expresso de modo saliente tanto para quem faz parte da comunidade – e nesse caso, inclua-se a CP analisada e a comunidade LGBT, que acreditamos tratar-se de comunidades sobrepostas – quanto para não membros. Tal saliência sugere que os traços

constitutivos desse significado (*morfema -te; produção de /s/ em coda final e morfema -te agregado a itens lexicais do bajubá/pajubá*) estão em um alto nível de consciência desses sujeitos mesmo quando {-STE} é usado na base verbal canônica. E isso possivelmente ocorra porque esses sujeitos, principalmente aqueles que se afiliam tanto à CP Tal Qual Dublagens, quanto à comunidade LGBT, são responsáveis pela construção e estabelecimento desse significado nessas comunidades.

Diante disso, a noção de identidade envolvida na construção do significado de identidade gay indexicalizado por {-STE} parece estar relacionada a aspectos subjetivos e ideológicos ainda mais específicos/locais, indicando, portanto, como categorias microssociais de identificação podem ser expressas a partir de fenômenos linguísticos variáveis (SILVERSTEIN, 2003). Nesse sentido, acredita-se que todas as treze formas alternativas de {-STE}, no que se refere à expressão da camada de significado de identidade gay, podem ser entendidas como *índices de segunda ordem*.

No que diz respeito ao significado de identidade regional, ao longo da Seção 5.3 listamos algumas evidências de que o uso de {-STE} e, mais especificamente, traços presentes em algumas das formas de realização, estão associados ao reconhecimento do item como marca característica da Região Norte, sobretudo da cidade de Manaus. Com relação aos dados da amostra complementar, essa hipótese parece se fortalecer, de um modo geral, porque dez sujeitos, incluindo S1, S2, S3 e S4 (membros da Tal Qual Dublagens) associam o uso de {-STE} à Região Norte, ao Amazonas e à Manaus, em resposta à pergunta: “*você acha que o uso de -ste(s) é característico de alguma região do Brasil? Qual? Zona urbana ou rural?*”.

S1: *Sim. Região Norte (Amazonas e Pará).*

S2: *Norte. Zona urbana. Mas nunca morei em outro local*

S3: *região norte,amazonas,manaus.*

S4: *Sim, Amazonas, Manaus.*

Entretanto, acredita-se que, mesmo assim, tal significado acaba sendo menos proeminente que a expressão de identidade gay, possivelmente porque nem todos os membros da CP em questão possuem a naturalidade manauara (como esses dez sujeitos acima referidos possuem), portanto, podem não compartilhar os mesmos traços sociolinguísticos. E mesmo que todos fosse manauaras ou da Região Norte em geral, a regionalidade sugere um nível de identificação baseada no lugar de nascimento e/ou moradia, e tal aspecto parece não ser

suficiente para a manutenção de relações sociais e formação de comunidades na dimensão online (WELLMANN, 2000). Já no caso da identidade gay, como se trata de um nível mais complexo de identificação, haja vista que está mais relacionada a características mais subjetivas e ideológicas dos sujeitos, acredita-se que ela é capaz de formar e consolidar relações sociais mais significativas e, por isso, a expectativa é que cada vez mais os signos utilizados na CP em questão indexalizem esse tipo de significado identitário.

Por tudo o que foi exposto ao longo da Seção 5.3 entendemos que, das quatro camadas de significados indexalizados por {-STE}, o significado de identidade regional parece ser o menos saliente, sobretudo porque muitos dos traços constitutivos desse significado parecem ser percebidos só por quem é de fora da região e que não faz uso dos traço, e não pelos membros da própria comunidade⁹⁷.

No que se trata de *P2 + concordância standard*, que só se aplica à *base verbal canônica* e na forma *-ste*, tal traço é ainda menos proeminente como traço identitário regional do que os de *palatalização de /s/ em coda final* e *aspiração de /s/*, por exemplo.

Nessas condições, considerando a noção de ordenação indexical proposta por Silverstein (2003), entende-se que o traço de *P2 + concordância standard*, por remeter a uma noção de identidade mais ampla, isto é, sociodemográfica, como sugere a hipótese baseada em Scherre et al (2015), pode carregar um carga ideológica mais atenuada que os outros dois traços acima referidos. E, com base nisso, o interpretamos como *índice de primeira ordem*.

Como os outros traços que constituem a camada de significado de identidade regional (*palatalização de /s/ em coda final*; *aspiração de /s/*; e *aspiração de /s/ e palatalização de /s/ em coda final*) são, de certa forma, mais reconhecidos como marcas regionais do que *P2 + concordância standard*, eles parecem ser usados por alguns sujeitos a partir de uma interpretação etnometapragmática desse uso, que reflete uma camada adicional de carga ideológica atribuída a esses traços, o que, a nosso ver, os configura como *índices de segunda ordem*. Ressaltamos ainda que a significação social associada a tais traços parece estar em um nível mais alto de consciência desses sujeitos, o que pode indicar uma situação de “*enregistramento*” (*enregisterment*) (AGHA, 2003), isto é, quando o uso desses traços passa a ser associado ao estilo de um grupo social.

No caso de todas as formas que estão no escopo da macroforma <-rte>, as quais carregam o traço de aspiração de /s/, acredita-se que, em relação ao significado de identidade regional, tais formas são mais salientes possivelmente porque esse traço já está bastante

⁹⁷Precisaríamos realizar testes de percepção para poder afirmar isso com segurança.

difundido entre os membros e não membros da comunidade. Em vista disso, todas as formas que começam com /r/ podem ser interpretadas *índices de segunda ordem*. Em alguns casos considerando que a aspiração da fricativa /s/ pode ser avaliada negativamente inclusive por manauaras⁹⁸, as referidas formas parecem ter adquirido uma camada a mais de indexicalidade, o que pode caracterizá-las como *índices de terceira ordem* (JOHNSTONE et al., 2006).

A avaliação de tais formas, e de um modo geral de {-STE}, como possíveis estereótipos, possivelmente esteja relacionada com o fato de que, como um dos principais objetivos da página Tal Qual Dublagens é produzir conteúdos que gerem entretenimento e humor, para muitas pessoas a linguagem utilizada por Gustavo ou “titia Tal Qual” pode remeter a um cenário de estilização, sobretudo no que se refere ao uso de {-STE}.

Tal estilização parece ser percebida de modo geral por alguns sujeitos da amostra complementar. Em resposta à pergunta “*você usa ou já usou -ste(s) da mesma forma que nos exemplos apresentados?*”⁹⁹ *Se sim em que situações isso se deu?*”, as respostas de S8 (que se considera integrante da comunidade LGBT), de S10 e de S11, por exemplo, evidenciam isso.

S8: *Já sim. Mas em 60% das vezes foi para causar comicidade na fala. Por vezes usei em sala dando aula. Em outras usei na praça da ENS com os meus amigos em meio a piadas.*

S10: *Em brincadeiras com amigos, dentro e fora das redes sociais. Na fala comum do dia a dia não, mas em brincadeiras com amigos, sim.*

S11: *Já utilizei imitando a linguagem pajubá, em mensagens de WhatsApp trocadas com minha amiga de Manacapuru.*

Além disso, tais respostas parecem acrescentar mais um ponto importante na análise: S8, S10 e S11 fazem o uso de {-STE} somente em algumas situações e com objetivos específicos. Nesse sentido, eles se utilizam dos significados indexicalizados pelo referido item para performar maneiras de mostrar uma de suas máscaras sociais para o “outro”. E isso se dá, ao que tudo indica, por meio de constantes processos de (re)construção de *personae*. Tais processos caracterizam-se como práticas estilísticas desses sujeitos e como essas práticas são

⁹⁸Reiteramos que se trata aqui de uma hipótese interpretativa que precisa de resultados robustos de testes de percepção para ser validada.

⁹⁹Esses exemplos remetem às ocorrências resultantes da pergunta: “há algo que chama sua atenção ou causa entranhamento nas frases a seguir: ‘mana, tu arrasaste’; ‘minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes’; ‘eu ameistes titia, vou fazer’; ‘a senhora como sempre arrasandostes e grellandostes’; ‘tu é ignorante demaistes’ e ‘titia já déstes entrada no bolsa familiares?’”.

fortemente entretecidas por componentes ideológicos, elas estão conectadas ao processo de construção de identidade(s) sociais.

Para quem não faz o uso de {-STE}, quem não pertence à comunidade e não estabelece qualquer tipo de identificação com a Tal Qual Dublagens, tal uso pode ser avaliado como estereótipo, como indica a resposta de S12 à pergunta “*você se sentiria confortável de fazer o uso de -ste(s) na sua fala do dia a dia? Por quê?*”.

S12: *Não. Parece ser caricato.*

Em relação à questões avaliativas, tecemos alguns comentários.

No nosso entendimento, a avaliação de um determinado TIPO de uso trata-se muito mais de uma avaliação social do que de uma avaliação linguística em si, tendo em vista que ambas as instâncias não são tomadas separadamente. Em face disso, entende-se que os signos linguísticos refletem a relação entre os usuários desses signos e os contextos específicos nos quais esses signos são usados a partir de movimentos indexicais. São os significados indexicais que nos permitem fazer correlações entre o que é dito e as características de quem disse.

Pensando sobre isso, na última seção do formulário (amostra complementar), solicitamos aos 21 sujeitos que atribuíssem valores de 0 a 5 (sendo 0 o menor e 5 o maior valor) a respeito de doze características possivelmente relacionadas à pessoa que faz o uso de {-STE}, seja em base verbal canônica, não canônica ou não verbal. Os resultados são apresentados na Figura 15. O total dos valores se dá a partir de um cálculo de média simples.

Figura 15 – Valores atribuídos a características de quem usa {-STE}

Sujeitos	Feminilidade	Masculinidade	Sociável	Engraçada	Séria	Rude	Exibida/Metida	Extravagante	Escolarizada	Jovem	Conectada às redes sociais	Cabeça aberta
S1	3	2	3	5	1	0	0	5	4	5	5	5
S2	1	1	4	5	1	1	2	2	5	3	5	5
S3	4	2	5	5	3	0	5	5	4	5	5	5
S4	0	0	2	3	2	0	1	3	5	5	5	5
S5	5	3	5	5	2	4	4	4	4	5	5	4
S6	4	3	1	5	0	0	0	5	1	5	5	5
S7	3	3	5	4	3	0	0	3	3	4	5	5
S8	4	1	5	4	0	0	0	3	4	5	5	5
S9	5	1	4	0	0	0	2	5	3	3	4	5
S10	3	3	5	5	1	0	1	4	3	4	5	5
S11	3	2	5	5	2	1	3	4	3	5	5	5
S12	4	2	3	5	0	1	3	5	3	5	5	4
S13	3	0		5	0	0	2	3	4	5	4	3
S14	3	2	3	5	1	0	0	5	4	5	5	5
S15	2	2	2	1	1	0	0	2	2	1	2	2
S16	5	4	5	2	4	4	5	3	5	3	3	5
S17	4	3	5	5	2	1	1	1	5	5	5	5
S18	3	3	1	1	0	0	1	0	5	5	5	5
S19	4	4	2	3	0	0	2	2	1	5	5	3
S20	5	3	3	4	2	5	5	5	0	3	4	2
S21	5	0	5	5	0	0	0	5	2	5	5	5
Total	3,47	2,09	3,47	3,9	1,19	0,8	1,76	3,52	3,33	4,33	4,61	4,42

Fonte: elaborado pela autora

Com base na Figura 15, observa-se que há três características mais fortemente associadas à pessoa que faz o uso de {-STE}. São elas: (i) conectada às redes sociais (média de 4,61); (ii) cabeça aberta (média 4,42) e (iii) jovem (4,33). Além dessas três, percebe-se ainda que (iv) *engraçada* recebe uma média de 3,90, o que está fortemente relacionada ao tom humorístico associado por esses sujeitos ao uso do item, como mostra a resposta de S11 em relação à pergunta “quanto ao grau de formalidade, como você avalia o uso de -ste (s)?” e de S8 no que diz respeito à pergunta “você se sentiria confortável em fazer o uso do -ste(s) na sua fala do dia a dia? Por quê?”.

S11: *Informal, uma vez que além de me remeter a página Tal Qual Dublagens, me faz pensar no humor entrelaçado aos diálogos com homossexuais ou uma imitação deste diálogo, como acontece muitas vezes em conversas entre meninas também.*

S8: *Sim. Entre amigos funciona, ainda mais se entenderem que esse uso nada tem a ver com a tentativa de falar o português da forma mais correta ou prestigiada, mas sim de humor.*

A resposta de S8 toca em um ponto que, embora não tenhamos explorado nesta pesquisa, merece um destaque. Além de todos os traços socioidentitários que elucidamos ao longo do capítulo de análise, {-STE} parece estar fortemente associado a uma função humorística, a qual também pode estar correlacionada à emergência dos usos inovadores do item, incluindo seu uso variável. Entendemos que tal função pode estar relacionada com a persistência de alguns dos traços gramaticais que configuram o uso canônico de {-STE}, sobretudo o traço de segunda pessoa do singular, mesmo em contextos de uso não canônico, justamente porque esse recurso humorístico, a nosso ver, configura-se como mais uma marca de identificação desse grupo social (CP Tal Qual Dublagens).

Para finalizar, considerando todos os possíveis significados indexicalizados por {-STE}, os quais explicitamos ao longo desta seção, desenvolvemos um diagrama do tipo nuvem de palavras, como vemos na Figura 16.

Figura 16 – Nuvem de palavras associadas ao uso de {-STE}



Fonte: elaborado pela autora

A partir das respostas dos 21 sujeitos da amostra complementar, coletamos as principais palavras mencionadas por eles em relação ao uso de {-STE} e a partir disso elaboramos o diagrama da Figura 16. Note-se que as palavras *informal*, *divertido*, *humor*, *engraçada*, *cômico* e *riso*, apesar de não terem sido evidenciadas nesta análise, o diagrama evidencia que

tais palavras estão relacionadas ao uso do referido item e, inclusive são mais frequentes e salientes que aquelas que havíamos previsto, como por exemplo: (a) *complemento do tu*; (b) *culta*; (c) *escolarizada*; (d) *Região Norte*; (e) *amazonês*; (f) *Manaus*; (g) *comunidade LGBT*; (h) *homossexuais* e (i) *linguagem pajubá*, às quais remetem às camadas de significados que explicitamos ao longo desta seção – sendo (a) associada ao significado referencial; (b) e (c), ao de identidade macrosociológica; (d), (e) e (f), ao de identidade regional; e (g), (h) e (i), ao de identidade gay –, o que parece oferecer sustentação para nossos argumentos e hipóteses.

Chegamos ao entendimento que as palavras *divertido*, *humor*, *engraçado*, *cômico* e *riso* parecem corresponder a traços constitutivos de uma nova camada de significação, associada à função humorística (*expressão de humor*) que {-STE} também exerce na página. Como mencionamos anteriormente, não exploramos esse aspecto, mas acreditamos que essa camada configura-se como uma função socialmente simbólica exercida concomitantemente à função comunicativa. Diante disso, a *expressão de humor* atuaria no escopo do domínio funcional-simbólico assim como as outras camadas de significação e, juntas, expressariam o *significado de identidade de grupo social* (referente à CP Tal Qual Dublagens).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta dissertação foi discutir sobre as motivações gramaticais e socialmente simbólicas correlacionadas à emergência e expansão de novos usos do item {-STE} e sua realização variável na página Tal Qual Dublagens, o que, de um modo geral, acreditamos ter sido alcançado, trazendo importantes reflexões sobre o lugar do social simbólico nos processos de variação e gramaticalização.

A discussão que nos propusemos realizar foi mobilizada a partir de um entrelaçamento entre conceitos, métodos e pressupostos teóricos de diferentes abordagens. A partir da conjugação da abordagem da Sociolinguística Variacionista – sobretudo no que se refere à perspectiva dos estudos de terceira onda (ECKERT, 2006, 2008, 2012, 2016; SCHILLING, 2013, KIESLING, 2013, entre outros) – com a Teoria da Gramaticalização – mais especificamente a perspectiva de Traugott (1999 [2003], 2002, 2008, 2010a, 2010b) –, propusemos uma análise sincrônica de interface variação-gramaticalização, considerando como ponto de partida a proposta de Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017).

Além disso, acionamos o conceito de Etnografia Virtual (HINE, 2000, 2005) para dar suporte ao argumento de que esta pesquisa trata-se de um tipo de estudo etnográfico. E como um dos resultados dessa experiência “em campo”, acreditamos ser possível dizer que a Tal Qual Dublagens – entendida aqui como um grupo formado pela “titia Tal Qual” e seus seguidores – configura-se como algo situado entre comunidade de práticas (CP), nos termos de Eckert (2006); comunidade virtual, conforme Rheingold (1975); e comunidades de interesse e apego, com base em Wilmott (1986). A convergência desses três conceitos nos abriu ainda mais espaço para discutir sobre como os aspectos socialmente simbólicos, mais especificamente os de natureza identitária e ideológica, atravessam a formação das relações sociais e podem estar correlacionados à emergência de usos linguísticos inovadores tanto no mundo social físico, quanto no virtual.

Retomando informações sobre a pesquisa, a análise do objeto se deu a partir de uma amostra principal, que conta com 1.049 dados gerados de *posts* e comentários da página Tal Qual Dublagens no Instagram; e uma amostra complementar, que consiste em um conjunto de perguntas e respostas aplicado via Formulários Google a 21 sujeitos, podendo ou não ser seguidores da referida página.

A partir dos dados da amostra Tal Qual Dublagens, acreditamos que os três objetivos específicos a que nos propusemos – (1) *descrever os novos usos* de {-STE}, *identificando*

fatores gramaticais correlacionados à sua emergência e expansão; (2) investigar o uso das formas alternativas de realização de {-STE}, verificando (i) a atuação de fatores (linguísticos e extralinguísticos) correlacionados a seu funcionamento; (ii) a distribuição dessas formas nas bases contextuais a que se agregam; e (iii) os significados que elas indexalizam em cada um dessas bases”; e (3) delinear trajetórias de expansão de {-STE} – foram alcançados. E em relação a isso destacamos os principais resultados a seguir.

No que se refere ao objetivo específico (1), verificamos que (i) {-STE} possui nove novas configurações gramaticais de uso, que emergem a partir de sucessivas e gradativas quebras de restrição de seis traços gramaticais que caracterizam o uso canônico do item. São eles: base verbal; tema do verbo; P2; sujeito (tu); PP e DMT zero; (ii) essas configurações, também denominadas como TIPOS de uso, estão vinculadas às quatro diferentes bases contextuais a que {-STE} pode se agregar (base verbal canônica; base verbal não canônica; base não verbal e palavras de origem estrangeira); (iii) o referido item assume duas outras categorias morfológicas além de sufixo flexional (DNP standard), nomeadas como espécie de clítico e espécie de sufixo derivacional; e (iv) o objeto em estudo configura-se de um fenômeno em gramaticalização, entendida como expansão (TRAUGOTT, 2010a). Tal interpretação é respaldada pela frequência de uso, já que a forma/função fonte (TIPO 0), correspondente à configuração gramatical canônica, apresenta frequência bem menor (aproximadamente 30%) em relação às formas/funções de usos contextualmente expandidos, como a base verbal não canônica, por exemplo, em que {-STE} ocorre em 49,5% das ocorrências.

No que se refere ao objetivo específico (2), a análise sobre o uso variável de {-STE} mostrou que (i) a macroforma <-ste> (que recobre as formas *-ste*, *-stes*, *-stis*, *-stex*, *-stexz*, *-stexys*, *-stesh*) é a mais frequente em todas as bases contextuais a que se agrega; mas <-rte> (que recobre as formas *-rte*, *-rtes*, *-rtex*, *-rtis*, *-rtix*, *-rtyx*) tem marcado presença em relação a todos os fatores controlados, inclusive aqueles que remetem ao uso canônico do item, como P2, por exemplo; (ii) a alta frequência de <-ste> na maioria dos contextos se dá provavelmente porque tal macroforma ainda está fortemente relacionada ao uso de {-STE}, independente do TIPO – se mais canônico ou mais inovador; (iii) o aumento de recorrência da macroforma <-rte> ao longo dos quatro anos de publicação (2013, 2014, 2015 e 2018) possivelmente seja um indicativo de que os significados sociais vinculados a essa macroforma estejam se tornando mais evidentes, o que pode levá-los a serem convencionalizados na comunidade e o uso das diferentes formas de realização de <-rte> se tornar mais frequente;

(iv) na base verbal não canônica em alguns contextos a distribuição das duas macroformas se mostrou equilibrada, como havíamos previsto na hipótese específica (2); na base não verbal, por outro lado, o resultado foi de encontro a nossa previsão, uma vez que formas standard são usadas com maior recorrência e não as mais inovadoras; (v) cada uma das treze formas alternativas de realização do item expressa em maior ou menor saliência as quatro camadas de significação que constituem o significado macro de identidade de grupo social (referente à CP Tal Qual Dublagens) indexicalizado por {-STE}: camada de significado referencial; camada de significado de identidade macrossociológica; camada de significado de identidade regional; e camada de significado de identidade gay; (vi) a forma *-rtes* é a mais saliente na expressão de identidade de grupo social (referente à CP Tal Qual Dublagens), uma vez que carrega mais traços socioidentitários.

Retomamos ainda os dados da amostra complementar, os quais trazem importantes resultados em relação ao objetivo (2). Verificamos que os significados indexicalizados por {-STE} parecem estar no nível de consciência dos sujeitos, inclusive daqueles que não fazem parte da CP em questão. No caso daqueles que se afiliam à comunidade Tal Qual Dublagens, o uso de {-STE} adquire valor positivo independentemente de ser usado em contextos mais inovadores ou no canônico (e aqui inclua-se tanto as bases contextuais, quanto as formas de realização), uma vez que esse item expressa tanto uma identidade coletiva, relativa à comunidade, quanto traços mais individuais, específicos de alguns sujeitos. Além disso, tendo em vista as características da página, a natureza dos conteúdos produzidos e o papel social assumido por Gustavo Libório (“titia Tal Qual”), como comediante, o uso de {-STE} parece estar fortemente associado ainda a uma função humorística, a qual também pode estar correlacionada à emergência dos usos inovadores do item. Entendemos que tal função, que também se configura como uma função socialmente simbólica, pode estar relacionada com a persistência de alguns dos traços gramaticais que caracterizam o uso canônico de {-STE}, sobretudo o traço de segunda pessoa do discurso (P2) mesmo em contextos de uso não canônico, justamente porque esse recurso humorístico, a nosso ver, constitui-se como mais uma marca de identificação desse grupo social (CP Tal Qual Dublagens).

Diante dessas situações, acreditamos que as motivações socialmente simbólicas que citamos acima estão fortemente correlacionadas à disseminação dos novos usos de {-STE} na comunidade em questão e, por isso, podem ter conduzido o referido item a uma maior expansão e a uma maior variabilidade.

No que se refere ao objetivo específico (3), observamos que os resultados reiteram a previsão apresentada na hipótese correspondente. Nesse sentido verifica-se que os novos usos de {-STE} na página Tal Qual Dublagens indicam três tipos de expansão: (i) expansão da base contextual a que {-STE} se agrega/configurações gramaticais de uso, representada, de um modo geral, pela trajetória: *base verbal canônica* > *base não verbal* ou TIPO 0 > TIPO 7; (ii) expansão categorial, que percorre um percurso: *sufixo flexional* > *espécie de sufixo derivacional*; e (iii) expansão semântico-pragmática e socialmente simbólica, que se dá a partir do seguinte gradiente: [+ referência ao interlocutor], [- expressão de identidade] > [- referência ao interlocutor], [+ expressão de identidade].

Ao nosso ver, as discussões geradas a partir das observações iniciais e dos resultados quantitativos e qualitativos da análise, das hipóteses aventadas e do referencial teórico-metodológico que tomamos como base, trouxeram algumas contribuições significativas para os estudos sobre a linguagem, principalmente por termos buscado estabelecer alinhamentos interdisciplinares.

No que se refere à interface variação-gramaticalização, acreditamos que proposta de ampliação do conceito de DF, assumido por Tavares e Görski (2015) e Görski e Tavares (2017), para algo que denominamos como domínio funcional-simbólico, entendido como *uma área coberta por (macro)funções/significações gramaticais, sociais e expressivas que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos, exibindo as identidades pessoais e socioculturais, indexicalizando atitudes, ações, afiliação a grupos, e negociando relações entre si e os outros*. Essa proposta de ampliação trata-se de um delineamento inicial, que surgiu como uma demanda para dar conta do objeto desta pesquisa. Temos ciência de que ainda há muito a ser discutido sobre a aplicabilidade e replicabilidade desse conceito a outros fenômenos em interface variação-gramaticalização, ponto que pretendemos explorar em pesquisas futuras.

É importante deixar claro que as discussões sobre o objeto desta pesquisa não se esgotam aqui. Muitas outras questões poderiam ter sido melhor exploradas – como por exemplo, a função humorística; as situações de interação entre os membros da CP; o processo de construção de *personae* dos sujeitos que se afiliam a essa comunidade; a análise do capital social da página, sobretudo no que se refere ao valor de reputação; a elaboração e aplicação de testes de atitude e percepção, entre muitos outros – se não fossem as limitações de tempo e de espaço (extensão da pesquisa). Tais questões fazem parte dos nossos interesses, as quais deixamos como embrião de possíveis encaminhamentos para o doutorado.

REFERÊNCIAS

- AGHA, A. The social life of cultural value. *Language & Communication*. 23. p. 231-273, 2003.
- AMARAL, K. O. *Enfraquecimento das fricativas na fala manauara retratado na página Tal Qual Dublagens*. 2016. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras). Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2016.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A influência dos fatores sociais dos pronomes tu/você na fala manauara. *Revista Guavira Letras*. Três Lagoas, v. 13, p. 46-60, 2015.
- BARBUIO, E. *Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala*. 2016. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística (CCHLA/UFPB), João Pessoa, 2016.
- BARROSO, R. *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2017.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar. 2005.
- BENOR, S. The learned /t/: Phonological variation in Orthodox Jewish English. In SANCHEZ, T; JOHNSON, D. (Eds.) *Penn Working Papers in Linguistics: Selected Papers from NWAV 2000*. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Department of Linguistics, p.1–16. 2001.
- BERÇOT-RODRIGUES, S. *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014.
- BLOMMAERT, J. *Discourse: A Critical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press (Key Topics in Sociolinguistics), 2005.
- BRAGA, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *UNirevista*, vol. 1, nº 3, julho 2006.
- BRUBAKER, R.; COOPER, F. Beyond “identity”. *Theory and Society* 29. p. 1-47, 2000.
- BUCHOLTZ, M. The whiteness of nerds: Superstandard English and racial markedness. *Journal of Linguistic Anthropology* 11, p. 84–100, 2001.
- BUCHOLTZ, M. *White kids: Language, race, and styles of youth identity*. Cambridge, UK, and New York: Cambridge University Press, 2011.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind’s response to repetition. *Language*, v. 82, n. 4, p.711-733, 2006.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMACHO, R.; SALOMÃO-CONCHALO, M. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. In: *Todas as letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p46-63>.

CAMPELL-KIBLER, K. Accent, (ING) and the social logic of listener perceptions. *Am. Speech* 82, p. 32–64, 2007.

CASTELL; M. *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet*. Business and Society. Oxford: Oxford University Press, 2001.

COUPLAND, N. The Sociolinguistics of Style. In: MESTHRIE, R. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Sociolinguistics*. Cambridge: CUP, p. 138-156, 2011.

DAVIES, B. Communities of practice: Legitimacy not choice. *Journal of Sociolinguistics*, 9(4), p. 557-581, 2005.

DU BOIS, J. W. The Stance Triangle. In: ENGLEBRETSON, R. (Ed.) *Stancetaking in Discourse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 139–182, 2007.

ECKERT, P. *Jocks and burnouts: Social categories and identity in the high school*. New York, Teachers College Press, 1989.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Constructing meaning, constructing selves: Snapshots of language, gender and class from Belten High. In: HALL, K & BUCHOLTZ, M. (Eds.) *Gender Articulated: Language and the socially constructed self*. London: Routledge, p. 459-507, 1995.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. paper presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland, 2005.

ECKERT, P. Communities of Practice, In: BROWN, K.; ANDERSON, H. (Eds.) *Encyclopedia of Language and Linguistics*, Vol. 2, Oxford, Elsevier, p.683-685, 2006.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. *Third wave variationism*. 2016. Disponível em: <<http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb9780199935345-e-27>>.

ECKERT, P. *Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

EVANS, K. *The significance of virtual communities*. 2004. Disponível em: < www.whb.co.uk/socialissues/vol2ke.htm> . Acesso em 06/09/2019.

FELIX, R. A. *Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística*. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 2016.

FERREIRA, E. Metáfora e gramaticalização: um estudo do verbo chegar. *Veredas*, n.2, p. 168-178, 2011.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANCO, M.; MARTINS, S. Tá no meu coração, tá no meu linguajar” um estudo do léxico regional presente na música popular amazonense. In: *A fala manauara: documentação e análise linguística dos fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus* / Organizadores: Silvana Andrade Martins, Valteir Martins, Jussara Maria de Oliveira. – Manaus (AM): Editora UEA, 2019.

FREIRE, S. *Amazonês: Expressões e termos utilizados no Amazonas*. Manaus: Valer, 2011.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, T. *Compreendendo a gramática*. FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.); Tradução e adaptação: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mário Eduardo Martelotta; Filipe Albani. Natal: EDUFRN, 2011 [1979].

GIVÓN, T. *English Grammar: a function-based introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GONÇALVES, C. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. *Veredas, revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v.5, n. 2, p. 74-59, 2000.

GÖRSKI, E.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Org.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, p. 35-63, 2017.

GUTIERREZ, S. *A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line*. Rio de Janeiro: 32ª Reunião Anual da Anped, 2009.

GUY, G; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guarareira Lopes Louro, 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in english*. London: Longman, 1976.

HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conception framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HINE, C. *Etnografia Virtual*. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Disponível em: <<http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtualethnographys-e3-internet/>>. Acesso em: 29/09/2019.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.

HINE, C. *Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge*. Oxford: Berg, 2005.

HOPPER, P. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, n. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 1 e 2, p.7-35, 1991.

HOPPER, P.; BYBEE, J. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. John Benjamins Publishing, 2001.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HU, et. al. What we Instagram: a first analysis of Instagram photo content and user types. *Proceedings of the 8th International Conference on Weblogs and Social Media, ICWSM*. The AAAI Press, 2014.

IRVINE, J. Style as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. In ECKERT, P. & RICKFORD, J. (Eds.). *Stylistic variation in language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 21– 43, 2001.

IRVINE, J; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Ed.). *Regime of language: Ideologies, politics, and identities*. Santa Fe: School of American Research Press, p. 35-84, 2000.

JAFFE, A. Stance: Sociolinguistic perspectives. *Oxford Studies in Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, - Volume 46 Issue 2, p. vii+261, 2009.

JOHNSTONE et al. Mobility, Indexicality and the enregisterment of “pittsburghuese”. *Journal of English Linguistics*, 2006.

JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Reunidas e editadas por Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. (Eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. ed. Oxford, U.K.: Blackwell, p. 448-467, 2013.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. (2nd Ed.) New York: Oxford University Press, 2010.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 202-251, 1993.

LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Lingua e stile*, n.20, p. 303-318, 1985. Disponível em: <http://www.christianlehmann.eu/publ/syn_dia.pdf>.

LEHMANN, C. *Thought on grammaticalization*. 2. ed. Erfurt: Seminar für Sprachwissenschaft der Universität, 2002. Disponível em: <<file:///C:/Users/Admin/Downloads/Thoughts%20on%20grammaticalization.pdf>>.

LEHMANN, C. *Thoughts on Grammaticalization*. (LINCOS Studies in Theoretical Linguistics, 1.) Munich/Newcastle: LINCOS EUROPA, 1995 [1982].

LEMOS, A. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: Cunha, Paulo; Lemos, André. (org.) *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, p. 11-23, 2003.

LEVON, E. O que soa “gay”? Prosódia, interpretação e julgamento da fala masculina. *Todas as letras*, São Paulo, v. 18 n. 2 p. 165 -181, 2016.

LOPES, R. S. “A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização”. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

MARTINS, S.; MARTINS, V.; ARAÚJO, J. A fala manauara: documentação e análise do português falado em Manaus. In: *A fala manauara: documentação e análise linguística dos fenômenos variáveis do português falado/escrito em Manaus* / Organizadores: Silvana Andrade Martins, Valteir Martins, Jussara Maria de Oliveira. – Manaus (AM) : Editora UEA, 2019.

MARTINS, S; MARTINS, V. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, Vol. 3.1, p. 177-195, 2014.

- MARTINS, F. S; MARGOTTI, F. W. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. *Revista Investigações*. Vol 25, n. 2, 2012.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MATOS, H. *Capital social e comunicação: interfaces e articulações*. São Paulo: Summus, 2009.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion Éditeur, 1948 [1912].
- MENDES, R. B. *O que significa falar como “gay” em São Paulo*. Trabalho apresentado no I SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE A INTOLERÂNCIA, 2006.
- MENDES, R. B. What is ‘gay speech’ in São Paulo, Brazil. In: José Santaemilia; Patricia Bou; Sergio Maruenda; Gora Zaragoza (Orgs.). *International Perspectives on Gender and Language*. Valência: Universitat de València, 2007
- MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 8, número 1, 2012.
- MENDES, R. B. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and paulistanity. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, p. 425-444, 2016.
- MILLER, D.; SLATER, D. *The Internet: An Ethnographic Approach*. Paris: Berg, 2001
- MILROY, J. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].
- MILROY, J. *Regional accents of English*. Belfast. Belfast: Blackstaff, 1981.
- MILROY, J. Social networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING, N. (Eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. Ed. Oxford, U.K.: Blackwell, p. 409-427, 2002.
- PODESVA, R. *On constructing social meaning with stop release bursts*. Paper presented at Sociolinguistics Symposium 15, Newcastle upon Tyne, UK, 2004.
- PODESVA, R.; ROBERTS, S; CAMPBELL-KIBLER, K. Sharing resources and indexing meaning in the production of gay styles. In CAMPBELL-KIBLER, K; PODESVA, R; ROBERTS, S and WONG, A. Wong (eds.) *Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice*. Stanford, California: CSLI Publications, p.175–189, 2002.
- PODESVA, R. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistics*, 11(4), p. 478–504, 2007.
- POPLACK, S. Grammaticalization and Linguistic Variation. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: OUP, p. 209-224, 2011.

RAINIE, L.; BRENNER, J.; PURCELL, K. Photos and videos as social currency online. *Pew Internet & American Life Project*, 2012.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, H. *The Virtual Community: homesteading on the electronic frontier*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1993.

RHEINGOLD, H. *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.

RICKFORD, J. Concord and contrast in the characterization of the speech community. *Sheffield Working Papers in Language and Linguistics*. 3, p.87–119, 1986.

ROSA, N. G.; LUCENA, A. F.; CROSSETTI, M. G. O. Etnografia e etnoenfermagem: métodos de pesquisa em enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 14 – 22, 2003.

RUIZ DE MENDOZA, F. J. On the nature and scope of metonymy in linguistic description and explanation: towards settling some controversies. In J. Littlemore, & J. Taylor (Eds.), *Bloomsbury companion to Cognitive Linguistics (Forthcoming)*. London: Bloomsbury, 2014.

SALOMÃO-CONCHALO, M. H. *A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social*. 2014. 313 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. São José do Rio Preto, 2014.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>.

SCHERRE et al. Variação dos pronomes Tu e você. In: MARTINS, M.A; ABRAÇADO, J. (Org.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, p.133-172, 2015.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning and context. In: TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Eds.) *The handbook of discourse analysis*. Malden, MA: Blackwell, p. 54-75, 2001.

SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. (eds.). *The handbook of language variation and change*. 2a ed. Malden: Blackwell, 2013, p. 327-349.

SEVERO, C. G.; NUNES DE SOUZA, C. M. Identidade e língua na Ilha de Santa Catarina: sobre a relação entre o manezinho e o manezês. In: SAVEDRA, M. M. G.; MARTINS, M. A.; HORA, D. da. (Orgs.) *Identidade social e contato linguístico no português brasileiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ; EdUERJ, p. 13-36, 2015.

SILVA FILHO, M. R.; PALHETA, S. P. *Ser ou não ser? Os gays em questão: uma leitura antropológica das gírias utilizadas pelos homossexuais em Belém-PA*, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2028/milton%20ribeiro%20da%20silva%20filho.pdf. Acesso em 08/08/2019.

SILVERSTEIN, M. Pragmatic Indexing. In: MEY, J. L. *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. London: Elsevier, p. 756-759, 2009.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. *Language & communication*, University of Chicago, n.23, p.193-229, 2003.

STETS, J. E.; BURKE, P. J. Identity Theory and Social Identity Theory. *Social Psychology Quarterly*, 63, p.224-237, 2000.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAGLIAMONTE, S. A. Comparative sociolinguistics. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P., SHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The handbook of language variation and change*. Cambridge: Blackwell, 2003.

TAGLIAMONTE, S. A.; D'ARCY, A. Peaks beyond phonology: adolescence, incrementation, and language change. *Language*, v. 85, n. 1, p. 58-107, 2009.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 286 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: variação e mudança em uma perspectiva sociofuncionalista*. Natal: EDUFRN, 2013.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ARAÇADO, J. (Org.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, p. 249-270, 2015.

TORRES CACOULOS, R. Variation and grammaticalization. In: DÍAZ-CAMPOS, M. (ed.). *The handbook of Hispanic sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, p. 148-167, 2011.

TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W. P.; MALKIEL, Y. (Orgs.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 245-271, 1982.

TRAUGOTT, E. C. *Pragmatic strengthening and grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, p. 406-416, 1988.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*. Washington, v.65, n.1, p.31-55, 1989.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bern (Eds.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 1 e 2, p. 189-218, 1991.

TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford University, p.1-29, 1995.

TRAUGOTT, E. C. From subjectification to intersubjectification. Anais do *Workshop on Historical Pragmatics - Fourteenth International Conference on Historical Linguistics*: Vancouver, Canada, jul. 1999.

TRAUGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, p. 127-138, 2001.

TRAUGOTT, E. C. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, D.; STOCKWELL, R. (Eds.) *Studying the History of the English Language: Millennial perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 19-49, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.

TRAUGOTT, E. C. All that he endeavoured to prove was...": On the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Orgs.). *Language in Flux: Dialogue Coordination, Language Variation, Change and Evolution*. Londres: Kings College Publications, p. 143-177, 2008. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottCooperKempson.pdf>>.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: LURAGHI, S.; BUBENIK, V. (Orgs.) *Continuum companion to historical linguistics*. London/New York: Continuum International Publishing Group, p. 269-283, 2010a.

TRAUGOTT, E. C. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.) *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 29-70, 2010b. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfn.pdf>>.

TRAUGOTT, E. C. Intersubjectification and clause periphery. In: BREMS, L.; GHESQUIÈRE, L.; VELDE, F. (Eds.). *Intersections of intersubjectivity, special issue of English Text Construction*. n. 5:1, p. 7-28, 2012.

TRAUGOTT, E. C. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. [www.revel.inf.br].

TURKLE, S. *Life on the Screen: identity in the age of the Internet*. New York: Simon and Schuster, 1995.

VALLE, C. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*.

2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

VALLE, C. R; GORSKI, E. M. A entrevista sociolinguística como locus de significados socioestilísticos: categorias macrosociológicas, identidade local e individual. *Domínios da Linguagem*. Uberlândia. Vol.13, n. 3, 2019.

VASCONCELLOS, S. *A interferência dialetal na representação gráfica de fricativas na escrita de manauaras*. 2017. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

WELLMANN, B. 'Physical Place and Cyber-Place: The rise of Networked Individualism'. Paper presented to Community Informatics: *Connecting communities through the web*. University of Teeside, 2000.

WELLMANN, B. The Network Community: An Introduction to Networks in the Global Village. In: WELLMAN, B. *Networks in the Global Village*. Boulder, CO: Westview Press, p.1-47, 1999.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge University Press, 1998.

WILMOTT, P. *Social networks. Informal care and public policy*. Londres: Policy Studies Institute, 1986.

APÊNDICE I

FORMULÁRIO (AMOSTRA COMPLEMENTAR)

SEÇÃO 1 – A LÍNGUA E O MUNDO VIRTUAL

Convido você a responder algumas perguntas sobre os usos da língua no mundo virtual, sobretudo nas redes sociais.

SEÇÃO 2 – IDENTIFICAÇÃO (DADOS PESSOAIS)

Lugar de Nascimento

Lugar de Residência

Idade

Sexo/Gênero

Profissão ou Ocupação atual

Grau de Escolaridade

Nível Superior Completo

Nível Superior Incompleto

Não possui Nível Superior

SEÇÃO 3 – VOCÊ E O MUNDO VIRTUAL

Com que frequência você acessa a Internet?

Qual(is) redes sociais você mais acessa?

Que tipo de conteúdo você mais acessa/procura?

SEÇÃO 4 – AVALIANDO OS USOS DA LINGUAGEM

A seguir, apresentamos alguns posts e comentários adaptados de uma página no Instagram. Leia e depois responda as opções abaixo.

- (1) "Mana, tu arrasaste"
 (2) "Minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes"
 (3) "Eu ameistes titia, vou fazer"
 (4) "A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes... Morram de inveja"
 (5) "Tu é ignorante demais"
 (6) "Titia já déstes entrada no bolsa familiartes????"

Com base nos exemplos acima, há algo que chama sua atenção ou causa estranhamento? Liste as palavras

Quando você lê as frases (1), (2), (3), (4), (5) e (6) acima, o uso de -ste/-stes provoca em você o mesmo tipo de reação? Por quê?

Como você avalia a frase do exemplo (1): "Mana, tu arrasaste"?

Marque todas que se aplicam.

- Nunca usaria
- Usaria e acho legal/boa
- Usaria, mas acho ruim
- Não usaria e acho ruim

Como você avalia a frase do exemplo (2): "Minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes"?

Marque todas que se aplicam.

- Nunca usaria
- Usaria e acho legal/boa
- Usaria, mas acho ruim
- Não usaria e acho ruim

Como você avalia a frase do exemplo (3): "Eu ameistes titia, vou fazer"?

Marque todas que se aplicam.

- Nunca usaria
- Usaria e acho legal/boa
- Usaria, mas acho ruim
- Não usaria e acho ruim

Como você avalia a frase do exemplo (4): "A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes... morram de inveja"?

Marque todas que se aplicam.

Nunca usaria
 Usaria e acho legal/boa
 Usaria, mas acho ruim
 Não usaria e acho ruim

Como você avalia a frase do exemplo (5): "Tu é ignorante demais?"

Marque todas que se aplicam.

Nunca usaria
 Usaria e acho legal/boa
 Usaria, mas acho ruim
 Não usaria e acho ruim

Como você avalia a frase do exemplo (6): "Titia já déstes entrada no bolsa familiastes?????"

Marque todas que se aplicam.

Nunca usaria
 Usaria e acho legal/boa
 Usaria, mas acho ruim
 Não usaria e acho ruim

SEÇÃO 5 – CONTEXTOS DE USO DE -STE(S)

Considere o uso de -ste nas frases (1) "Mana, tu arrasaste"; (2) "Minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes"; (3) "Eu ameistes titia, vou fazer"; (4) "A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes... Morram de inveja"; (5) "Tu é ignorante demais"; (6) "Titia já déstes entrada no bolsa familiartes?????".

a) Quanto ao grau de formalidade, como você avalia o uso de -ste?

Marque todas que se aplicam.

Formal
 Informal

b) Esse tipo de uso só aparece na Internet?.

Sim
 Não

c) O uso do -ste é mais característico de algum sexo/gênero específico?

Sim

Não

Caso a resposta acima seja 'sim', qual o sexo/gênero.

d) O uso do -ste é característico de alguma região, estado ou cidade do Brasil?

Sim

Não

Caso a resposta seja 'sim', qual (is) regiões, estados ou cidade?

Se você usa ou já usou o -ste como na frases acima isso se deu em que situações (por exemplo: em que lugar, em que momento, para que pessoa etc.)?

SEÇÃO 6 – O USO DE -STE(S): IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

- (1) “Mana, tu arrasaste”
- (2) “Minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes”
- (3) “Eu ameistes titia, vou fazer”
- (4) “A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes... Morram de inveja”
- (5) “Tu é ignorante demaistes”
- (6) “Titia já déstes entrada no bolsa familiartes????”

Você acha que -ste(s) é ...

Marque todas que se aplicam.

Marca de um indivíduo

Marca de grupo social

Marca regional

Outras

Caso a resposta seja 'marca de grupo social', que grupo seria esse?

SEÇÃO 7 – CONSTRUINDO O PERFIL

Numa escala de 0 a 5 (onde zero é o menor valor e cinco é o maior), que características você atribuiria à pessoa que faz o uso do -stes e conforme os exemplos:

- (1) Eu ameistes titia, vou fazer
- (2) A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes... morram de inveja
- (3) Tu é ignorante demaistes
- (4) Pisei no bodostes pelo amor de deustes
- (5) Acho que me apaixonestes
- (6) Manaa, tu não quer prestastes !!!
Quando o vídeo vai ao ar?
- (7) Titia já déstes entrada no bolsa familiastes????
- (8) O sonho dela devia ser dançarinastes da Joelmastes

Feminilidade

0 1 2 3 4 5

Masculinidade

0 1 2 3 4 5

Sociável

0 1 2 3 4 5

Engraçada

0 1 2 3 4 5

Irônica

0 1 2 3 4 5

Séria

0 1 2 3 4 5

Rude

0 1 2 3 4 5

Exibida/Metida

0 1 2 3 4 5

Debochada

0 1 2 3 4 5

Extravagante

0 1 2 3 4 5

Escolarizada

0 1 2 3 4 5

Jovem

0 1 2 3 4 5

Conectada às redes sociais

0 1 2 3 4 5

Cabeça aberta

0 1 2 3 4 5

Há outras características que você listaria aqui? Quais?